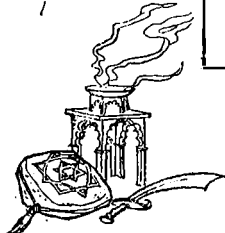
HISTÓRIA
DAS
CRUZADAS
POR
J. F. MICHAUD
EDITORA DAS AMÉRICAS

MATÉRIA CONTIDA NESTE VOLUME:

Livro I, Livro II, Continuação do Livro II,
Livro III, Continuação do Livro III, Livro IV.

JOSEPH-FRANÇOIS MICHAUD

18255

HISTÓRIA DAS CRUZADAS

ILUSTRAÇÕES DE GUSTAVO DORÉ

VOLUME PRIMEIRO

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 62/90 -- Tels. 34-6701 e 37-6342
Caixa Postal, 4468
SÃO PAULO

LIVRO PRIMEIRO

ORIGEM E PROGRESSO DO ESPÍRITO DAS CRUZADAS

300-1095.

Ruínas de Jerusalém; Constantino restaura o Templo; primeiras peregrinações; Cosroés II apodera-se de Jerusalém; triunfos de Heráclio; exaltação da Santa Cruz; Santo Antonino; Maomé; conquistas de seus sucessores; o califa Omar; Aaroun-al Raschid; expiação de Frontmond; Nicéforo Foca torna-se senhor de Antioquia; conquistas de Zimiscés; Jerusalém torna a cair nas mãos dos fatimitas; o califa Hakem; nova destruição do Templo; morte de Hackem; peregrinações de Foulque, conde de Anjou, de Roberto de Normandia, do Bispo de Cambrai; desgraças dos cristãos; Pedro, o Eremita em Jerusalém; sua pregação; Urbano convoca os concílios de Plaisance e de Clermont; a guerra santa é resolvida; partida dos primeiros cruzados.

As profecias tinham-se realizado; não restava em Jerusalém pedra sôbre pedra. Mas, no recinto deserto, visitava-se ainda um túmulo cavado na rocha, túmulo de um Deus-Salvador, que ficara vazio pelo milagre da ressurreição; havia também um monte onde o sangue de Cristo tinha corrido, onde se tinha consumado o mistério da redenção; o sepulcro de Jesus e o Calvário deviam naturalmente tornar-se os principais objetos da veneração e do amor dos cristãos; a Judéia era aos seus olhos a terra mais santa do universo; também, desde os primeiros tempos da Igreja os fiéis lá iam adorar os vestígios do Salvador. Os falsos deuses haviam aparecido, depois do Imperador Hélio Adriano, na cidade onde seu poder tinha sido vencido: Júpiter tinha-se apoderado do Gólgota, Adônis e Vênus eram adorados em Belém. Mas o reino profanador dessa mitologia que expirava, devia passar bem depressa; a piedade de Constantino fêz desaparecerem essas estátuas, que entristeciam os olhos dos cristãos; a cidade sagrada que, pouco a pouco reconstruída por Hélio Adriano, tinha tomado o nome de *Helia-Capitolina,* retomou seu primitivo nome, de Jerusalém; um templo cobriu e encerrou o túmulo do Redentor e alguns dos princi-

pais lugares da Paixão; Constantino celebrou o trigésimo-primeiro ano do seu reinado com a inauguração dessa Igreja e milhares de cristãos foram à solenidade, onde o sábio Bispo Eusébio pronunciou um discurso cheio da glória de Jesus Cristo.

Santa Helena, cujo nome ficou como uma das tradições cristãs da Palestina, fêz uma peregrinação a Jerusalém, numa idade muito avançada; por sua ordem e sob seus olhos, cavou-se a terra, perscrutaram-se as grutas dos arredores do Gólgota, para se encontrar a verdadeira cruz e quando se encontrou o sagrado lenho colocaram-no na nova basílica como o sinal precioso da salvação dos homens. Jerusalém, Belém, Nazaré, o Tabor e o Carmelo, as margens do Jordão e do lago de Genezaré, a maior parte dos lugares marcados com a passagem do Salvador, viram erguerem-se Igrejas e capelas, fundadas pelo zêlo de Santa Helena. O berço do cristianismo restaurado em sua honra, à voz de Constantino que se fizera cristão, o piedoso exemplo da princesa-mãe de um poderoso imperador, reanimaram e aumentaram o ardor das peregrinações à Palestina.

Quando o Imperador Juliano, para diminuir a autoridade das profecias, determinou reconstruir o Templo dos judeus, sobrevieram prodígios, pelos quais Deus confundiu seus intentos e Jerusalém, tornando-se ainda mais cara aos discípulos de Jesus Cristo, via acorrerem todos os anos novos fiéis para lá adorar a divindade do Evangelho. Entre os pere-

grinos dêsses tempos remotos, a história não pode esquecer os nomes de São Porfírio e de São Jerônimo; o primeiro, abandonou na idade de vinte anos, Tessalônica, sua pátria, passou vários anos nas solidões da Tebaida e dirigiu-se à Palestina: depois de se ter por muito tempo condenado à vida mais humilde e mais rude, tornou-se Bispo de Gaza; o segundo, acompanhado por seu amigo Euzébio de Cremona, deixou a Itália, percorreu o Egito, visitou várias vêzes Jerusalém e resolveu terminar seus dias em Belém. Paula e sua filha Eustóquia, da ilustre família dos Gracos, unidas a Jerônimo por uma santa amizade, renunciaram em Roma, às alegrias da vida, às grandezas humanas, para abraçar a pobreza de Jesus Cristo e para viver e morrer ao lado do presépio. São Jerônimo nos diz que os peregrinos chegavam então em massa à Judéia e que, em redor do santo sepulcro, ouviam-se cantar em várias línguas os louvores do Filho de Deus. Naquele tempo o mundo estava cheio de revoluções e de desgraças; o velho império romano desmoronava-se sob os golpes dos bárbaros; o mundo antigo caía como caem tôdas as coisas cujo destino terminou; um grande mal estar tinha-se apoderado das almas, no meio de tôdas essas calamidades e ruínas; todos se dirigiam ao lugar onde se erguia uma nova fé: a esperança estava então no deserto e era lá que iam procurá-la. Assim tinham feito Jerônimo e outros filhos do Ocidente. Jerônimo não se limitou a uma simples peregrinação, pois

Roma, com sua civilização corrompida e sua eternidade que ia terminar, nada tinha que pudesse encher seu coração: êle se tornou habitante da Judéia; lá quis ficar para prover às necessidades dos piedosos viajantes e dos cristãos pobres do lugar; permaneceu na sua querida Belém para se entregar a um estudo profundo dos livros santos e, para compor sob o cilício e sua túnica grosseira, tantos admiráveis comentários, oráculos da igreja latina. Hoje o viajante que vai ao presépio de Belém, saúda ao passar, os três túmulos, de São Jerônimo, de Paula e de Eustóquia.

Pelo fim do IV Século, as peregrinações a Jerusalém multiplicavam-se sem cessar e a piedade não era sempre sua regra invariável; êsses longos percursos, traziam por vêzes o relaxamento da disciplina cristã e o desregramento dos costumes; vários doutôres da Igreja fizeram ouvir palavras eloqüentes para estigmatizar os abusos e os perigos da peregrinação à Palestina. São Gregório de Nicéia digno irmão de São Basílio, foi um dos que se ergueram com mais entusiasmo contra as viagens a Jerusalém. Numa carta eloqüente que nos foi conservada, o Bispo de Nicéia fala dos perigos que a piedade e os costumes cristãos podiam encontrar nas hospedarias da estrada e nas cidades do Oriente; êle diz que a graça divina não se difunde em Jerusalém de uma maneira mais particular do que em outros países e cita como prova do que afirma, os crimes de tôda a natureza que, segundo êle, se cometiam então na cidade santa.

Gregório de Nicéia, querendo justificar-se de ter feito êle mesmo a peregrinação, que êle proíbe aos cristãos, declara que êle foi a Jerusalém por necessidade e para assistir a um concílio destinado a reformar a igreja da Arábia: a peregrinação não aumentou nem diminuiu sua fé; antes de visitar Belém êle sabia que o filho do homem tinha nascido de uma virgem; antes de ter visto o sepulcro de Cristo, êle sabia que Cristo tinha ressuscitado de entre os mortos; êle não tivera necessidade de subir ao monte das Oliveiras, para crer que Jesus tinha subido aos céus. "Vós que temeis o Senhor, dizia o santo prelado, louvai-o em qualquer lugar onde estiverdes; Deus vos virá encontrar, se lhe preparardes um tabernáculo digno dêle. Mas se tiverdes o coração cheio de pensamentos maus, estivésseis mesmo sôbre o Gólgota, no monte das Oliveiras ou em frente do santo sepulcro, estaríeis ainda tão longe do Cristo como aquêles que nunca professaram a fé evangélica." Santo Agostinho e São Jerônimo também se esforçaram por reter, com suas exortações, o ardor das peregrinações: o primeiro dizia que o Senhor não tinha prescrito ir-se ao Oriente para se buscar a justiça ou ao Ocidente para se receber o perdão; o segundo dizia que a porta do céu se abria para o longínquo país dos bretões como para Jerusalém. Mas os conselhos dos doutôres da igreja nada podiam contra o ímpeto apaixonado da multidão; já fôrça alguma, vontade algu-

ma, sôbre a terra podia fechar aos cristãos o caminho para Jerusalém.

À medida que os povos do Ocidente se convertiam ao evangelho voltavam seus olhos para o Oriente. Da longínqua Gália, das florestas da Germânia, de tôdas as regiões da Europa, viam-se chegar novos cristãos, impacientes por visitar o berço da fé que êles tinham abraçado. Um itinerário para uso dos peregrinos servia-lhes de guia desde as margens do Reno e da Dordonha, até o Jordão e os conduzia ao seu regresso desde Jerusalém até as principais cidades da Itália.

Quando o mundo foi devastado pelos gôdos, pelos hunos e pelos vândalos, as peregrinações à terra santa não se interromperam. Os piedosos viajantes eram protegidos pelas virtudes hospitaleiras dos bárbaros, que começavam a respeitar a cruz de Jesus Cristo e seguiam às vêzes os peregrinos até Jerusalém. Nesses tempos de perturbações e de desolações, um pobre peregrino que levava sua sacola e seu bordão, atravessava muitas vêzes os campos de carnificina e viajava sem temor no meio dos exércitos que ameaçavam os impérios do Oriente e do Ocidente.

Nos primeiros anos do século V, encontramos na estrada de Jerusalém a Imperatriz Eudóxia, espôsa de Teodósio, o Moço; a história louvou seu espírito de piedade. Ao seu regresso a Constantinopla, tristezas e inimizades domésticas fizeram-na sentir o nada das grandezas humanas. Ela tomou

então o caminho da Palestina onde terminou sua vida entre exercícios de devoção. Nesse mesmo tempo, Genserico apoderou-se de Cartago e das cidades cristãs da África; a maior parte dos habitantes, expulsos de suas moradias, dispersaram-se em várias regiões da Ásia e do Ocidente; um grande número foi procurar um asilo na terra santa. Quando a África foi reconquistada por Belizário, encontraram entre os despojos dos bárbaros os ornamentos do Templo de Salomão, tirados por Tito; êsses preciosos despojos que os destinos da guerra tinham levado a Roma, depois a Cartago, foram transportados a Constantinopla e em seguida a Jerusalém, onde aumentaram o esplendor da Igreja do Santo Sepulcro. Assim as guerras, as revoluções, os revezes do mundo cristão, contribuíam para aumentar o brilho da cidade de Jesus Cristo.

Sob o reinado de Heráclio, a segurança de que gozavam os habitantes da terra santa foi perturbada por uma guerra vinda da Pérsia. Os exércitos de Cosroés II, invadiram a Síria, a Palestina e o Egito; a Cidade Santa caiu em poder dos adoradores do fogo; os vencedores devastaram as cidades, saquearam as igrejas e levaram um grande número de escravos. As desgraças de Jerusalém excitaram a compaixão do mundo cristão; todos os fiéis derramaram lágrimas ao saberem que o Rei da Pérsia, tinha levado, com outros despojos, dos vencidos, a cruz do Salvador, conservada na Igreja da Ressurreição.

No entretanto o céu deixou-se comover pelas orações e pela aflição dos cristãos; depois de dez anos de reveses, Heráclio triunfou sôbre os inimigos do cristianismo e do império; quebrou os grilhões dos cristãos escravos e os reconduziu a Jerusalém. Viu-se então um imperador do Oriente, descalço, pelas ruas da cidade santa, a levar sôbre seus ombros até o Calvário a verdadeira cruz que êle considerava como o mais precioso troféu de suas vitórias. Essa imponente cerimônia foi uma festa para o povo de Jerusalém e para a Igreja cristã, que todos os anos celebra-lhe ainda a memória. Quando Heráclio voltou a Constantinopla, foi recebido como libertador dos cristãos e os reis do Ocidente enviaram-lhe embaixadores para felicitá-lo.

Os triunfos de Heráclio haviam revertido para a glória do nome cristão; haviam dado à Palestina e à Síria uma liberdade pacífica, uma feliz segurança, que favorecia as peregrinações. Nos últimos anos do VI século, algum tempo antes da invasão de Omar, Santo Antonino, de quem encontramos o nome entre os guerreiros cristãos daquela época, partiu de Plaisance com alguns companheiros e foi procurar, além dos mares, as pegadas do divino salvador. Uma interessante relação, que nos foi legada e escrita por um dos companheiros de Antonino, nos permitirá seguir em poucas palavras os peregrinos da Itália. Nossos piedosos viajantes, dirigindo-se à Síria passaram por Constantinopla e pela ilha de Chipre.

Visitaram os lugares principais das costas da Síria, a Galiléia e as margens do Jordão antes de chegar a Jerusalém, meta de sua peregrinação. Depois de alguns dias de oração junto do santo sepulcro e do Calvário, resolveram levar além a sua viagem e dirigiram-se para o deserto, visitando Ascalon e Gaza; longas caminhadas através das solidões levaram-nos aos montes de Oreb e do Sinai; atravessaram o Egito, sem se incomodar com as pirâmides, mas ùnicamente preocupados com as recordações de Maria, mãe de Jesus; depois, voltando a Jerusalém percorreram o norte da Síria, penetraram até às margens do Eufrates, para visitar o berço de Abraão e depois retomaram o caminho de sua pátria. Nossos peregrinos perderam um de seus companheiros, chamado João, na parte meridional da Galiléia, no lugar chamado *banhos de Elias.* O itinerário de Santo Antonino, do qual aqui sòmente podemos dar uns breves traços, é um precioso monumento para o estado religioso e político da Síria e da Judéia, no VI século. Vê-se por essa relação que a terra santa era então um país próspero; essas regiões, hoje quase tôdas tão desertas e tão tristes, eram florescentes pela religião, pela agricultura e pelo comércio: por tôda a parte havia mosteiros, cidades, aldeias; enquanto a Europa agitava-se no meio das calamidades da guerra e das revoluções, a Palestina era feliz à sombra do Calvário: havia-se tornado uma segunda vez à terra da promissão.

Mas essa doce paz devia desaparecer bem depressa sob uma imensa tempestade que já havia desabado do lado da Arábia. Os discípulos do Evangelho iam sustentar uma luta bem mais terrível que as até então travadas. O Oriente tinha então chegado a uma daquelas épocas de confusão e de decadência que favorecem a invasão de novas idéias, sobretudo quando elas se apresentam apoiadas pela espada. O culto dos magos caía no desprêzo; os judeus espalhados pela Ásia eram contrários aos sabeenses e estavam divididos entre si; os cristãos sob o nome de cutiquianos, de nestorianos, de jacobitas cobriam-se recìprocamente de anátemas. O império dos persas, retalhado pelas guerras civis, tinha perdido seu poder e seu brilho; o dos gregos, enfraquecido em seu interior e externamente, caminhava para uma ruína próxima: tudo perecia no Oriente, diz Bossuet. As tribos espalhadas na península Arábica, divididas entre si mesmas, em interêsses e crenças, não tinham nem paz, nem glória, nem caráter algum de nacionalidade. Por tôda a parte só se encontravam fraquezas e decomposição. Do meio dessas ruínas universais saiu um homem com um ousado projeto de uma nova religião e de um novo império.

Maomé, filho de Abdallah, da tribo dos korechitas, nascido em Meca em 469, a princípio havia sido um simples condutor de caravanas e os primeiros tempos de sua vida tinham-se passado na obscuri-

dade; foi talvez durante as marchas longas e monótonas através dos desertos, que o gênio da meditação lhe revelou todo um mundo a ser criado. O filho de Abdallah possuía em altíssimo grau as qualidades que melhor agem sôbre os povos do Oriente: tinha a imaginação ardente, a energia que arrasta, a gravidade que ordena o respeito; seu espírito firme e vivo sabia esperar e Deus mesmo, dizem os orientais, *é pelos pacientes*. Conhecia a fundo as populações da Arábia, que devia ser o instrumento de seus vastos pensamentos, e êle teve o cuidado de se dirigir aos seus pendores belicosos, ao seu gôsto pelo movimento e pela dominação; prometia o império do mundo a discípulos que saíam quase nus do deserto e a vitória foi o primeiro de seus milagres. O Corão, que desceu lentamente do céu, trazia um tríplice caráter: Maomé nêle mostrava-se poeta, moralista e homem político; trechos fabulosos, escutados àvidamente num país, onde dominava o amor do maravilhoso, recebiam um encanto supremo daquela língua árabe, de que Maomé, melhor que qualquer outro, conhecia os poderosos recursos e a harmoniosa abundância. Tudo o que a imagem poética pode ter de brilho e de sedução, servia para pintar um paraíso criado para os sentidos e que devia realizar todos os sonhos apaixonados do homem. O Corão, que materializava os sentimentos humanos, que, antes do mais, procurava mover o que há de mais violento no coração, pregava no entretanto em vários pontos uma moral nobre e

pura; essa moral, no meio da decomposição geral daquele tempo levava a razão a verdades desconhecidas e contribuía para dar a Maomé o caráter de um gênio reparador, de um enviado sublime. As leis que o Corão prescrevia estavam em plena harmonia com as necessidades e os costumes dos povos da Arábia; sua política nada oferecia de complicado, era como um hino ao deus da guerra e aquela brutal política da espada era mais ou menos a única que poderiam compreender tribos acostumadas a decidir tôdas as coisas por meio de um combate. Tal era Maomé, tal o caráter da missão que êle empreendeu; o filho de Abdallah tomou da Bíblia e do Evangelho o que podia melhor entrar no espírito e nos hábitos do seu país; tomou dos outros cultos esparsos pelo Oriente o que melhor poderia convir aos seus ousados projetos de renovação e dessa mistura de diversas doutrinas êle compôs o livro confuso e tenebroso que há mais de mil anos se tornou o oráculo de metade do mundo.

Maomé tinha quarenta anos quando começou sua obra apostólica em Meca. Depois de treze anos de pregação, foi obrigado a fugir para Medina para escapar à sua tribo, que o perseguia: essa fuga para Medina que teve lugar a 16 de julho de 622, inicia a era muçulmana. O profeta apóstolo de Deus, como êle mesmo se chamava, marchava à frente dos discípulos fanatizados por sua palavra, invadiu em poucos anos as três Arábias; êle sonhava em continuar suas

conquistas, quando de repente o veneno veio terminar seus dias em Medina, no ano 632. Abu-Beker, seu sogro, que tomou o título de lugar-tenente do apóstolo de Deus, continuou a obra da conquista durante um reinado de vinte e sete meses; Omar, sucessor de Abu-Beker, que se fêz primeiro chamar de *lugar-tenente do lugar-tenente do apóstolo de Deus* e mais tarde *Príncipe dos fiéis,* apoderou-se da Pérsia; a Síria e Egito bem depressa pertenceram ao islamismo, pelo poder da espada. A nova religião ameaçava tôdas as nações. Os batalhões do islamismo espalharam-se pela África, plantaram o estandarte do profeta sôbre as ruínas de Cartago e levaram o terror de suas armas até as praias do Atlântico. Desde a Índia até o estreito de Cadiz, desde o mar Cáspio até o Oceano, tudo mudou: língua, costumes, crenças; o que restava do paganismo foi aniquilado bem como o culto dos magos. O cristianismo subsistiu com dificuldades. Constantinopla que era o baluarte do Ocidente, viu diante de seus muros hordas inumeráveis de sarracenos; sitiada várias vêzes por terra e por mar, a cidade de Constantino deveu sua salvação apenas ao fogo grego, aos búlgaros que acorreram em seu auxílio, e à inexperiência dos árabes na arte da navegação.

Durante o primeiro século da héjira, as conquistas dos muçulmanos foram limitadas apenas pelo mar que os separava da Europa; mas depois que êles construíram navios, nenhum povo ficou a salvo de suas invasões; êles devastaram as ilhas do Mediter-

râneo, as costas da Itália e da Grécia; a fortuna ou a traição os fêz senhores da Espanha, onde derrubaram a monarquia dos gôdos; aproveitaram-se da fraqueza dos filhos de Clóvis para penetrar nas províncias meridionais da Gália e só foram detidos em sua marcha terrível, pela vitória de Carlos Martelo.

Depois das primeiras conquistas dos sarracenos, suas vistas se fixaram por primeiro, em Jerusalém. Segundo a fé dos muçulmanos, Maomé tinha honrado com sua presença a cidade de Davi e de Salomão; de lá êle partira para subir ao céu na sua viagem noturna. Os sarracenos consideravam Jerusalém como a casa de Deus, como a cidade dos santos e dos milagres. Dois lugar-tenentes de Omar, Amrou e Serdyil, sitiaram a cidade santa, que se defendeu corajosamente durante quatro meses; todos os dias os sarracenos davam assaltos, repetindo estas palavras do Corão: *Entremos na terra santa que Deus nos prometeu.* Os cristãos, em sua longa resistência, aguardavam socorro de Heráclio; mas o Imperador de Bizâncio nada ousou empreender para salvar Jerusalém. O califa Omar veio êle mesmo à Palestina receber as chaves e a submissão da cidade conquistada. Os cristãos tiveram a dor ingente de ver a Igreja do Santo Sepulcro profanada pela presença do chefe dos infiéis. O Patriarca Sofrônio que acompanhou o califa, não pôde deixar de repetir estas palavras de Daniel: *A abominação da desolação está no lugar santo.* Omar tinha deixado aos habi-

tantes uma espécie de liberdade religiosa, mas a pompa das cerimônias lhes havia sido proibida; os fiéis escondiam suas cruzes e objetos sagrados, o sino não chamava mais à oração. Jerusalém estava imersa no luto. Uma grande e magnífica mesquita, que o viajante pode encontrar ainda hoje foi construída pelo califa no lugar onde se havia erguido o Templo de Salomão. O aspecto do edifício consagrado ao culto dos infiéis aumentava a aflição dos cristãos. A história narra que o patriarca Sofrônio não pôde suportar a vista dessas profanações e morreu de desespêro.

No entretanto a presença de Omar, do qual todo o Oriente elogiava a moderação, detinha o fanatismo invejoso dos muçulmanos. Os cristãos sofreram muito mais depois de sua morte; foram expulsos de suas casas, insultados em seus santuários; aumentaram os tributos que êles deviam pagar aos novos senhores da Palestina; proibiram-lhes usar armas, montar a cavalo; um cinto de couro que êles não podiam deixar era o sinal de sua escravidão; os vencedores chegaram ao ponto de proibir aos cristãos o uso da língua árabe, porque era a língua do Corão; enfim, o povo que permanecera fiel a Jesus Cristo não teve a liberdade de escolher seus pastôres sem a intervenção dos sarracenos.

A invasão muçulmana não havia interrompido as peregrinações. Pelo comêço do VIII século, um Bispo das Gálias, São Arculfo, passou o mar e ficou nove meses em Jerusalém; a narração da sua pere-

grinação, redigida pelo abade de um mosteiro das ilhas britânicas, contém muitos particulares sôbre os santos lugares. Êle fala da mesquita de Omar sem nomeá-la e os têrmos que emprega não dão a idéia de um belo monumento; êle limita-se a dizer que aquela *vil construção sarracena,* podia conter três mil pessoas. Arculfo é mais interessante quando descreve a gruta sepulcral, onde o Salvador do mundo dormiu durante três dias o sono da morte e quando nos fala das diversas capelas do Gólgota e da invenção da cruz. Como se anima sua piedade quando êle nos mostra os instrumentos da Paixão conservados num santuário e aquela Igreja sem teto no alto do monte das Oliveiras, igreja, de oito janelas vidradas iluminadas por uma lâmpada, que apresenta, de noite, do lado de Jerusalém, como globos de ouro, coroando o monte, de onde o Messias retomou o caminho do céu! Arculfo nos diz que havia uma feira na cidade santa, todos os anos, a 15 de setembro; uma grande multidão de pessoas acorria então a Jerusalém; o piedoso bispo observa que a presença de camelos, de cavalos e de bois enchia de imundícies a cidade santa, mas que depois da feira, uma chuva milagrosa fazia desaparecer todos aquêles detritos.

Vinte ou trinta anos depois da peregrinação de Arculfo, vemos chegar à Síria outro bispo, Guillebaut, de nação saxônia, cujas excursões à terra santa nos foram narradas por uma religiosa de sua família. Feito prisioneiro em Emesa, Guillebaut deveu sua

libertação à intervenção de um negociante espanhol, que tinha um irmão a serviço do emir ou governador da cidade. Quando êle foi levado à presença do emir para ser julgado, êste pronunciou diante do auditório que o rodeava, estas palavras notáveis: "Vi muitas vêzes homens que vinham do seu país; êles não desejam o mal, mas querem cumprir sua lei." Essa opinião que então se tinha dos peregrinos vindos da Europa, nos explica como êsses piedosos viajantes passavam pelos caminhos do Oriente sem serem vítimas das menores insolências. Arculfo tinha visto doze lâmpadas acesas no interior do santo sepulcro; Guillebaut achou quinze. No tempo de Arculfo uma ponte sôbre o Jordão, no lugar onde Cristo foi batizado, ajudava os peregrinos, que se banhavam nas águas sagradas; Guillebaut não faz menção da ponte, mas fala de uma corda colocada nas duas margens do Jordão. Uma cruz de madeira estava colocada no meio do rio, na época da passagem dos dois peregrinos. As narrações de Arculfo e de Guillebaut nada dizem das mudanças trazidas à sorte dos cristãos da Palestina pela invasão do islamismo.

As guerras civis dos muçulmanos davam aos cristãos alguns intervalos de descanso. A dinastia dos omíadas, que tinha estabelecido a séde do império muçulmano em Damasco, era odiosa ao partido sempre temível dos abássidas; ela ocupou-se menos de perseguir o cristianismo do que em conservar seu poder, sempre ameaçado. Meruão II, último califa

dessa família, foi quem mais cruel se mostrou para com os discípulos de Jesus Cristo. Quando êle caíu com todos os seus irmãos sob os golpes dos inimigos, os cristãos e os infiéis se reuniram para agradecer a Deus por ter libertado o Oriente.

Os abássidas, estabelecidos na cidade de Bagdad, que tinham fundado, experimentaram várias vicissitudes, cujos efeitos se faziam sentir entre os cristãos: no meio das mudanças que causavam os caprichos da fortuna ou os do despotismo, o povo fiel era semelhante, diz Guilherme de Tiro, a um doente, cujas dores se acalmam ou aumentam, segundo o céu está sereno ou tempestuoso. Os cristãos, sempre postos entre o rigor da perseguição e a alegria de uma tranqüilidade passageira, viram por fim surgirem dias mais calmos sob o reinado de Arun-Al-Raschid o maior dos califas da dinastia de Abbas. Naquela época, a glória de Carlos Magno, que chegara até a Ásia, protegeu as igrejas do Oriente. Sua pródiga liberalidade aliviou a indigência dos cristãos de Alexandria, de Cartago e de Jerusalém. Os dois maiores príncipes de seu século demonstraram recìprocamente grande estima por meio de freqüentes embaixadas; trocaram magníficos presentes; nessas relações de amizade entre dois poderosos monarcas, o Ocidente e o Oriente, permutaram os mais ricos produtos de seu solo e de sua indústria. O califa mandou um elefante, incenso, marfim, um jôgo de xadrez, um relógio cujo mecanismo causou grande surprêsa na

côrte de Carlos Magno. Os presentes do Imperador dos francos consistiam em pano branco e verde da Frísia, em cães de caça do país dos saxões. Carlos Magno quis mostrar aos enviados do califa a magnificência das cerimônias religiosas. Testemunhas, em Aix-la Chapelle, de várias procissões onde o clero tinha exposto seus ornamentos mais preciosos, os embaixadores de Bagdad, voltaram à sua pátria, dizendo que tinham visto *homens de ouro*.

A política não foi sem dúvida estranha às demonstrações de estima que Arun prodigalizava ao Imperador do Ocidente: o califa fazia guerra aos senhores de Constantinopla e podia temer com razão que os gregos interessassem em sua causa os mais valorosos dentre os povos cristãos. As tradições populares de Bizâncio representavam os latinos como os futuros libertadores da Grécia; num dos primeiros assédios de Constantinopla, pelos sarracenos, sòmente o ruído do exército dos francos, reanimara a coragem dos sitiados e lançara o espanto nas linhas muçulmanas. No tempo de Arun, o nome de Jerusalém exercia já uma poderosa influência sôbre os cristãos do Ocidente, tanto que era suficiente pronunciar êsse nome sagrado para despertar seu entusiasmo bélico. A fim de tirar aos francos todo pretexto de uma guerra religiosa, que lhes teria podido fazer abraçar a causa dos gregos e atraí-los para a Ásia, o califa não perdeu nenhuma ocasião de conquistar a amizade de Carlos Magno e mandou apresentar-lhe as chaves

do Santo Sepulcro e da Cidade Santa. Essa homenagem prestada ao maior dos monarcas cristãos foi celebrada com entusiasmo pelas lendas contemporâneas e fêz crer em seguida que o Imperador do Ocidente tinha ido a Jerusalém.

Arun tinha tratado os cristãos da igreja latina como seus próprios súditos: os filhos do califa imitaram sua moderação; sob seu reinado, Bagdad foi a sede das ciências e das artes. O califa Almanon, diz um historiador árabe, bem sabia que aquêles que trabalham para o progresso da razão são os eleitos de Deus. As luzes poliram os costumes dos chefes do islamismo e inspiraram-lhes uma tolerância que os companheiros de Abu-Beker e de Omar desconheciam. Enquanto os árabes da África prosseguiam em suas conquistas para o Ocidente, apoderavam-se da Sicília e Roma mesma tinha visto seus arredores e a Igreja de S. Paulo invadidos e saqueados pelos infiéis, os servos de Jesus Cristo rezavam em paz nos muros de Jerusalém. Os peregrinos, que para lá iam, dos confins da Europa, eram recebidos numa estalagem cuja fundação se atribuía a Carlos Magno. Ante a relação do monge Bernardo, francês de origem, que, pelo fim do século IX viajou para a terra santa com dois outros religiosos, a hospedaria dos peregrinos da igreja latina compunha-se de doze casas ou edifícios. A êsse piedoso lugar estavam anexos campos, vinhas e jardins, situados no vale de Josafat. Essa hospedaria, como as que o Imperador do Oci-

dente fundou no norte da Europa, tinha uma biblioteca franqueada aos cristãos e aos viajantes. Desde o século VI via-se perto da fonte de Siloé, um cemitério no qual eram sepultados os peregrinos que morriam em Jerusalém. Entre os túmulos dos fiéis moravam os servos de Deus. Êsse lugar, diz uma narração, coberto de árvores frutíferas, semeado de sepulcros e de humildes celas, reunia os vivos e os mortos e apresentava um quadro, ao mesmo tempo, risonho e lúgubre.

À necessidade de visitar o túmulo de Jesus Cristo juntava-se o desejo de obter relíquias, procuradas então com ansiedade pela devoção dos fiéis. Todos os que vinham do Oriente, punham sua glória em levar para sua pátria algum resto precioso da antiguidade cristã e principalmente ossos de seus mártires, destinados a constituir o ornamento e a riqueza das igrejas; os príncipes e os reis juravam sôbre as relíquias respeitar a verdade e a justiça. Os produtos da Ásia atraíam também a atenção da Europa. Lemos em Gregório de Tours que o vinho de Gaza era célebre na França sob o reinado de Gontran, que as sêdas e as pedras preciosas do Oriente eram os adornos dos grandes reinos e que Santo Eloi, na côrte de Dagoberto, não desdenhava vestir-se com os ricos panos da Ásia. Os reis da França tinham junto de si um negociante judeu, encarregado de fazer todos os anos uma viagem ao Oriente para lhes comprar produtos de além-mar. As crônicas nos afirmam que,

na multidão dos cristãos europeus que chegavam ao Egito ou à Síria, havia um grande número dêles, que eram levados pelas especulações do comércio. Os venezianos, os pisanos, os genovezes, os negociantes de Amalfi, de Marselha, tinham escritórios em Alexandria, nas cidades marítimas da Fenícia e na Cidade Santa. Havia um mercado diante da Igreja de Santa Maria Latina em Jerusalém; todo negociante que ali se queria estabelecer era obrigado a pagar ao mosteiro latino duas peças de ouro por ano. Já dissemos de uma grande feira, que havia todos os anos em Jerusalém no dia 15 de setembro.

Não havia crime que não pudesse ser expiado pela peregrinação a Jerusalém e pelos atos de devoção junto do santo sepulcro de Jesus Cristo. Uma velha crônica conservada por um monge de Redon, nos diz que em 868 um senhor poderoso do ducado da Bretanha, de nome Frotmond, assassino de seu tio e do mais moço de seus irmãos, apresentou-se em vestes de penitente diante do Rei da França e de uma assembléia de bispos. O monarca e os prelados depois de tê-lo feito amarrar fortemente com cadeias de ferro, ordenaram-lhe, em expiação do sangue que êle havia derramado, que partisse para o Oriente e percorresse os santos lugares, com a fronte marcada de cinzas e o corpo cingido por um cilício. Frotmond acompanhado por seus servos e pelos cúmplices do seu crime partiu para a Palestina. Depois de ter passado algum tempo em Jerusalém atravessou o deserto e dirigiu-se

para as margens do Nilo, percorreu uma parte da África, foi até Cartago e voltou a Roma, onde o Papa Bento III aconselhou-o a fazer nova peregrinação para terminar sua penitência e obter inteira remissão dos seus pecados. Frotmond voltou pela segunda vez à Palestina, chegou até o Mar Vermelho, passou três anos no monte Sinai e veio à Armênia visitar o monte onde tinha parado a arca de Noé, depois do dilúvio. De volta à sua pátria, foi recebido como um santo, entrou para o mosteiro de Redon e morreu chorado pelos cenobitas que êle tinha edificado com a descrição de suas peregrinações.

Vários anos depois da morte de Frotmond, Câncio, Prefeito de Roma, que tinha ultrajado o Papa na Igreja de Santa Maria Maior, arrancando-o do altar e atirando-o a um cárcere, teve necessidade, para ser absolvido, dêsse grande sacrilégio, de fazer uma peregrinação à terra santa. O sexo frágil e tímido não se detinha pelas dificuldades e pelos perigos de uma longa viagem. Helena, de nobre família da Suécia, deixou seu país entregue à idolatria e foi a pé para o Oriente. Quando depois de ter visitado os santos lugares voltou à sua pátria, foi imolada ao ressentimento de seus pais e compatriotas. Alguns fiéis comovidos por sua piedade, elevaram em sua memória uma capela na ilha de Seeland, perto de uma fonte que ainda é chamada a Fonte de Santa Helena. Os cristãos do Norte foram por muito tempo em peregrinação a êsse lugar, onde veneravam uma gruta em

que Helena havia morado, antes de partir para Jerusalém.

Nos últimos anos do século IX, encontramos uma importante peça histórica, datada de 881, que nos descreve o estado da igreja latina de Jerusalém, nessa época e mostra-nos como já relações de fraternidade se haviam solenemente estabelecido entre os cristãos do Oriente e os da Europa. Essa peça é uma carta de Elias, Patriarca de Jerusalém, dirigida a Carlos, o Moço, *a todos os príncipes mui magníficos, mui piedosos e mui gloriosos da ilustre descendência do grande Imperador Carlos, aos reis de todos os países das Gálias, aos condes, aos mui santos arcebispos, metropolitanos, bispos, abades, padres, diáconos, subdiáconos e ministros da Santa Igreja; às santas irmãs, a todos os adoradores de Jesus Cristo, às mulheres ilustres, aos príncipes, aos duques, a todos os católicos e ortodoxos de todo o universo cristão.* Depois de ter falado das numerosas tribulações que os cristãos de Jerusalém tiveram que sofrer e *de que os peregrinos puderam fazer na Europa uma fiel narração,* o Patriarca diz, que, pela misericórdia da divina providência, o príncipe de Jerusalém tendo-se feito cristão, permitiu aos fiéis retomar seus santos edifícios e reconstruir seus santuários destruídos. Não tendo dinheiro suficiente para as despesas da restauração dos santos lugares, os fiéis foram obrigados a recorrer aos muçulmanos; como êsses não quiseram emprestar sem garantias, os cristãos lhes entregaram

suas oliveiras, suas vinhas, seus vasos sagrados; mas, por falta de dinheiro, êles não podem reaver os bens dados como penhor; nesse estado os pobres e os monges estão ameaçados de morrer de fome, os cristãos escravos não são resgatados e falta o óleo nas lâmpadas dos santuários. Como segundo a palavra do divino Apóstolo *quando um membro sofre, todos os membros sofrem também*, os cristãos de Jerusalém pensaram em implorar a piedade de seus irmãos da Europa. Outrora os filhos de Israel ofereceram êles mesmos seus bens para erguer um tabernáculo; foi-se obrigado a anunciar por meio de um pregoeiro público que os dons oferecidos já eram suficientes e êsse aviso não detinha o entusiasmo generoso do povo de Deus; o patriarca pergunta se os fiéis ocidentais, chamados em socorro da Igreja de Jesus Cristo se hão de mostrar menos zelosos que os israelitas". Êstes os trechos principais da carta patriarcal. Não sabemos o que a Europa cristã respondeu. Mas devemos crer que os dois monges encarregados da carta de Elias não voltaram de mãos vazias. Há um como pressentimento das cruzadas nessa voz de Jerusalém que, duzentos e quinze anos antes da pregação de Pedro, o Eremita, subia súplice do lado do Ocidente.

Os cristãos gregos e sírios se tinham estabelecido mesmo na cidade de Bagdad, onde se entregavam ao comércio, exerciam a medicina e cultivavam as ciências. Êles chegavam por seu saber aos cargos mais ilustres e algumas vêzes mesmo obtiveram o go-

vêrno das cidades e das províncias. Um dos califas abássidas, Maomé, tinha declarado que os discípulos de Cristo eram os que mereciam mais confiança para a administração da Pérsia. Por fim, os cristãos da Palestina e das províncias muçulmanas, os peregrinos e os viajantes vindos da Europa, pareciam não ter mais que temer perseguições, quando, de repente, novas tempestades desabaram sôbre o Oriente. Os filhos de Arun tiveram a sorte da posteridade de Carlos Magno e a Ásia, como o Ocidente, foi mergulhada no abismo das revoluções e das guerras civis.

Como o império fundado por Maomé, tinha por móvel o espírito de conquista; como o estado não era defendido por nenhuma instituição previdente e tudo ali corria sôbre o caráter pessoal do príncipe, notaram-se sintomas de decadência desde que não havia mais nada a conquistar e os chefes deixaram de se fazer temer e de inspirar respeito. Os califas de Bagdad, enervados pelo luxo e corrompidos por uma longa prosperidade abandonaram os cuidados do império, encerraram-se em seu harém e pareceram não se reservar outro direito que o de serem citados nas orações públicas. Os árabes não tinham mais aquêle zêlo cego e aquêle fanatismo ardente que haviam trazido do deserto. Debilitados, como seus chefes, não se pareciam mais com aquêles guerreiros, seus antepassados, que choraram por não ter assistido a uma batalha. A autoridade dos califas tinha perdido seus verdadeiros defensores e quando o despo-

tismo se rodeou de escravos comprados às margens do Oxo, aquela milícia estrangeira chamada para defender o trono, só fêz apressar-lhe a queda. Novos sectários, seduzidos pelo exemplo de Maomé e persuadidos de que o mundo devia obedecer aos que mudassem alguma coisa em seus costumes ou em suas opiniões, acrescentaram o perigo das perturbações religiosas ao das perturbações políticas. No meio da desordem geral, os emires ou lugar-tenentes, dos quais muitos governavam vastos reinos, prestavam apenas uma vã homenagem aos sucessores do profeta e recusavam-se mandar-lhe o dinheiro e as tropas. O império gigantesco dos abássidas desmoronava-se de todos os lados e o mundo, segundo a expressão de um autor árabe, ficou para aquêle que dêle se pôde apoderar. O poder espiritual foi também dividido: o islamismo teve ao mesmo tempo cinco califas que tomavam o título de governadores dos crentes e vigários de Maomé.

Os gregos pareceram então despertar de seu longo sono e procuraram aproveitar-se das divisões e do declínio dos sarracenos. Nicéforo Focas pôs-se em campo à frente de um poderoso exército, e retomou Antioquia dos muçulmanos. Já o povo de Constantinopla celebrava o triunfo e o chamava de *Estrêla do Oriente, a morte e o flagelo dos infiéis*. Êle teria talvez merecido êsses títulos pomposos se o clero grego tivesse secundado seus esforços.

Nicéforo queria dar a essa guerra um caráter religioso e pôr no número dos mártires todos os que morriam combatendo. Os prelados do seu império condenaram seu intento como sacrílego e opuseram-lhe um cânon de S. Basílio, cujo texto recomendava ao que tinha matado um inimigo de se abster durante três anos da participação aos santos mistérios. Privado do móvel poderoso do fanatismo Nicéforo encontrou entre os gregos mais panegiristas do que soldados e não pôde continuar suas vitórias contra os sarracenos, a quem, mesmo na decadência, a religião ordenava a resistência e a vitória. Seus triunfos, que eram celebrados com entusiasmo em Constantinopla, limitaram-se à tomada de Antioquia e só serviram para fazer serem perseguidos os cristãos da Palestina. O patriarca de Jerusalém, acusado de estar de entendimento com os gregos, morreu na fogueira e várias igrejas da cidade santa foram incendiadas.

Um exército grego, comandado por Temelico, tinha avançado até as portas de Amido, cidade situada às margens do Tigre: êsse exército foi surpreendido durante uma tempestade pelos sarracenos que fizeram um grande número de prisioneiros. Os soldados cristãos que caíram nas mãos dos infiéis souberam nas prisões de Bagdad, da morte de Nicéforo e como Zimiscés, seu sucessor, não se incomodasse com sua libertação, seu chefe escreveu-lhe nestes têrmos: "Vós, que nos deixais morrer numa terra maldita e que não nos julgais dignos de ser sepultados

segundo nossos usos cristãos, nos túmulos de nossos pais, não vos podemos reconhecer como chefe legítimo do santo império grego. Se não vingardes os que morreram em Amido e os que gemem em terras estrangeiras, Deus vos pedirá contas disso no dia terrível do juízo." Quando Zimiscés recebeu esta carta em Constantinopla, diz um historiador da Armênia, ficou tão sentido que resolveu vingar o ultraje feito à religião e ao império. De todos os lados começaram os preparativos para uma nova guerra contra os sarracenos. Os povos do Ocidente não ficaram estranhos a essa emprêsa, que precedeu de mais de um século às Cruzadas. Os venezianos, que tinham estendido seu comércio até o Oriente, proibiram, sob pena de morte ou de uma multa de cem libras de ouro, que se mandasse aos muçulmanos da África e da Ásia, ferro, madeira, ou qualquer espécie de armas. Os cristãos da Síria e vários príncipes armênios reuniram-se sob a bandeira de Zimiscés, que se pôs em campo e levou a guerra ao território dos sarracenos. Reinava então grande confusão entre as potências muçulmanas, as dinastias sucediam-se com tanta rapidez, que a história mal pôde conhecer que príncipe governava em Jerusalém. Depois de ter vencido os muçulmanos nas margens do Tigre e forçado o califa de Bagdad a pagar um tributo aos sucessores de Constantino, Zimiscés avançou para a Síria, apoderou-se de Damasco e atravessando o Líbano, submeteu tôdas as cidades da Judéia. Numa carta que êsse príncipe

escreveu então ao Rei da Armênia, êle lastima que os eventos da guerra não lhe tenham permitido ver a cidade santa, que tinha sido libertada da presença dos infiéis e à qual êle havia mandado uma guarnição cristã.

Zimiscés ocupava-se na continuação da guerra contra os muçulmanos e propunha-se arrebatar-lhes com novas vitórias tôdas as províncias da Síria e do Egito, quando morreu envenenado; essa morte foi a salvação do islamismo, que retomou em tôda a parte o seu império. Os gregos, levando a outros lugares a sua atenção esqueceram-se das conquistas; Jerusalém e todos os países arrancados ao jugo dos sarracenos, caíram então em poder dos califas fatimitas que se haviam estabelecido nas margens do Nilo e que se aproveitavam da desordem lançada entre as potências do Oriente, para estender seus domínios.

Os novos senhores da Judéia a princípio trataram os cristãos como aliados e auxiliares; na esperança de aumentar seus tesouros e de reparar aos males da guerra, êles favoreciam o comércio dos europeus e as peregrinações aos santos lugares. Os mercados dos francos foram restabelecidos na cidade de Jerusalém, os cristãos reconstruíram as hospedarias para os peregrinos e as igrejas destruídas; como o escravo, que encontra às vêzes alívio na mudança de senhor, êles se consolavam em terem que se submeter às leis do soberano do Cairo; mas principalmente julgaram que seus males iam terminar, quando viram subir ao trono

do Egito o califa Hakem, que tinha por mãe uma cristã e cujo tio materno era patriarca da cidade santa. Mas Deus, que, segundo a expressão dos autores contemporâneos, queria experimentar a virtude dos fiéis, não tardou em confundir suas esperanças e suscitou-lhes novas perseguições.

Hakem, o terceiro dos califas fatimitas, assinalou seu reinado por todos os excessos do fanatismo e da demência. Incerto nos seus projetos, hesitando entre tôdas as religiões, êle protegeu e perseguiu o Cristianismo. Não respeitou nem a política de seus predecessores, nem as leis que êle mesmo havia dado. Mudava no dia seguinte o que havia feito na véspera e lançava a desordem por tôda a parte, bem como a confusão. Na irresolução de seus pensamentos e na embriaguez do seu poder, êle levou a loucura até se considerar um deus. O terror que inspirou fê-lo encontrar adoradores; ergueram-lhe altares nas vizinhanças de Fostat (o antigo Cairo) que êle tinha mandado incendiar. Dezesseis mil de seus súditos prostraram-se diante dêle e o rogaram, como soberano dos vivos e dos mortos.

Hakem desprezava Maomé, mas não ousou perseguir os muçulmanos, muito numerosos em seus territórios. O deus tremeu pela autoridade do príncipe e fêz desabar tôda sua cólera sôbre os cristãos, que êle entregou ao furor de seus inimigos. Os lugares que os fiéis ocupavam na administração, os abusos introduzidos na arrecadação dos impostos de que eram

encarregados, haviam-lhes atraído o ódio de todos os muçulmanos. Quando o califa Hakem deu o sinal da perseguição, encontraram carrascos por tôda a parte. Perseguiam a princípio os que haviam abusado do poder, depois atacaram a religião cristã e os mais piedosos entre os fiéis foram os mais culpados. O sangue dos cristãos correu em tôdas as cidades do Egito e da Síria; sua coragem no meio dos tormentos só fazia aumentar o ódio de seus perseguidores. As queixas que lhes escapavam em sua miséria, as orações que êles dirigiam a Jesus Cristo para obter o fim de seus males, eram consideradas como uma revolta e castigadas como o mais culpado dos atentados.

É possível que os motivos da política se tenham reunido então aos do fanatismo, para fazer perseguir os cristãos. Gernert, Arcebispo de Ravena, que foi papa sob o nome de Silvestre II, tinha visto os males dos fiéis numa peregrinação que fêz a Jerusalém. Ao seu regresso, êle incitou os povos do Ocidente a tomar as armas contra os sarracenos. Em suas exortações, êle fazia a mesma Jerusalém falar, deplorando suas desgraças e conjurando seus filhos, os cristãos, a vir quebrar seus grilhões. Os povos comoveram-se com os gemidos de Sião. Os pisanos, os genoveses e o Rei de Arles, Boson, empreenderam uma expedição marítima contra os sarracenos e fizeram uma excursão até as costas da Síria. Essas hostilidades e o número dos peregrinos, que cada dia crescia mais, podiam dar justas desconfianças aos senhores do Oriente. Os

sarracenos, alarmados pelas sinistras predições e pelas imprudentes ameaças dos cristãos só viam inimigos nos discípulos de Cristo.

É impossível, diz Guilherme de Tiro, dar a conhecer tôdas as espécies de perseguição que então os fiéis sofreram. Entre os trechos de barbárie citados pelos historiadores, um houve que deu a Tasso a idéia do seu tocante episódio de Olindo e Sofrônia. Um dos mais acérrimos inimigos dos cristãos, para excitar ainda mais o ódio dos seus perseguidores, atirou durante a noite um cão morto numa das principais mesquitas da cidade. Os primeiros que vieram à oração da manhã, foram tomados de horror à vista daquela profanação; bem depressa clamores ameaçadores ecoaram por tôda a cidade. A multidão reune-se em tumulto, em redor da mesquita; acusam os discípulos de Cristo. Jura-se lavar em seu sangue o ultraje feito a Maomé. Todos os fiéis iam ser imolados à vingança dos muçulmanos; já êles se preparavam para a morte, quando um moço, cujo nome a história não conservou, apresenta-se no meio dêles. "O maior mal que pode acontecer, lhes diz êle, é que a igreja de Jerusalém venha a perecer: o exemplo do salvador nos diz que sòmente um deve se imolar para a salvação de todos. Prometeis bendizer todos os anos à minha memória, honrar sempre minha família, e eu irei, com o auxílio de Deus, afastar a morte que ameaça todo o povo cristão". Os fiéis aceitaram o sacrifício dêsse generoso mártir da

humanidade e juraram abençoar para sempre seu nome. Para honrar sua descendência, decidiram naquele mesmo instante, na procissão solene que se faz todos os anos na Páscoa, cada um dos seus parentes levaria, entre ramos de palmas, a oliveira consagrada a Jesus Cristo. Contente com a honra que obtinha em troca de sua vida mortal, o jovem cristão deixa a assembléia que chorava copiosamente e vai aos juízes muçulmanos, ante os quais êle se acusa do crime que era imputado a todos os discípulos do evangelho: os juízes pouco comovidos com essa dedicação heróica, pronunciaram contra êle a terrível sentença. Desde então não estêve mais a espada suspensa sôbre a cabeça dos fiéis e aquêle que por êles se havia imolado foi receber no céu o prêmio reservado aos que ardem no fogo da caridade.

No entretanto, outros males aguardavam os cristãos na Palestina: tôdas as cerimônias da religião foram proibidas, a maior parte das igrejas, convertidas em estábulos; a do santo sepulcro foi destruída até os alicerces. Os cristãos, expulsos de Jerusalém, dispersaram-se por tôdas as partes do Oriente. Os antigos historiadores narram que o mundo partilhou do luto da cidade santa e que foi tomado de ânsias e de temores. O inverno, com todos os seus rigores apresentou-se em regiões onde êle era desconhecido. O Bósforo e o Nilo rolaram montes de gêlo. Um tremor de terra foi notado na Síria, na Ásia Menor e seus abalos, que se repetiram durante dois meses,

destruíram várias grandes cidades. A notícia da destruição dos santos lugares, chegando ao Ocidente, arrancou lágrimas de todos os cristãos. Lemos na crônica do Monge Glaber que a Europa vira também sinais precursores de uma grande calamidade; uma chuva de pedras caíra na Borgonha; um cometa e meteoros ameaçadores haviam aparecido no céu. A agitação foi extrema entre todos os povos cristãos; todavia, êles não tomaram ainda as armas contra os infiéis e sua vingança caiu sôbre os judeus que a Europa inteira acusou de ter provocado o furor dos muçulmanos.

As calamidades da cidade santa tornaram-se ainda mais veneráveis aos olhos dos fiéis; a perseguição redobrou o piedoso desejo dos que iam à Ásia contemplar a cidade santa, coberta de ruínas. Era em Jerusalém, coberta de luto, que Deus distribuía mais particularmente suas graças, que êle se comprazia em manifestar sua vontade. Os impostôres, aproveitando-se dessa opinião dos povos cristãos, abusaram muitas vêzes da credulidade da multidão. A fim de fazer crer em suas palavras, era-lhes suficiente mostrar cartas que haviam caído dos céus de Jerusalém, diziam êles. Nessa época, uma predição que anunciava o fim do mundo e a próxima aparição de Jesus Cristo na Palestina, preocupava muito a Europa cristã e tôdas as mentes eram dirigidas a Jerusalém. O cronista Glaber nos diz que a afluência dos peregrinos nessa ocasião foi maior do que em

qualquer outra época. Todos se dirigiam aos santos lugares para lá esperar a vinda do soberano juiz. Os pobres e os homens do povo encheram por primeiros as estradas de Jerusalém; depois, os barões, os condes e os príncipes acompanharam o movimento geral. As sombrias inquietações que agitavam os fiéis à peregrinação, levavam-no também a legados piedosos; os ricos, não se incomodando mais com os bens da terra, procuravam sòmente amontoar riquezas para o céu. Mais de um documento de doação começa com estas interessantes palavras: *"Visto que está próximo o fim do mundo, temendo o dia do juízo, etc.* Essa crença no último dia do mundo é um fato bem digno de nota; ela despertou nos povos da Europa, no século X, aquelas profundas inquietações, aquelas tristezas, que, ordinàriamente se apoderam das gerações chamadas a produzir grandes coisas; tôdas as vêzes que uma época é perturbada pelo vago pressentimento de algum fato novo, como o que deve vir lhe é desconhecido, ela começa por se perturbar e aterrorizar-se, e parece-lhe que o mundo vai acabar. O século X estava de algum modo, enfêrmo, pela revolução que trazia em seu flanco: e que revolução como essas Cruzadas que iam se iniciar no século seguinte!

A aflição dos cristãos de Jerusalém foi de repente aliviada pela morte do califa Hakem, seu opressor: "O mau califa Hakem, diz Guilherme de Tiro, saiu dêste mundo. Daher, que o substituiu.

permitiu aos fiéis reconstruir a Igreja do Santo Sepulcro. O Imperador de Constantinopla, cuja caridade os fiéis haviam implorado, deu, de seu próprio tesouro, a soma necessária para essa restauração. Trinta e sete anos depois que o templo da ressurreição fora destruído, êle se reergueu de repente: imagem mesma de Jesus Cristo, que, vencedor da morte, saiu glorioso, da noite do túmulo".

Vimos pelo exemplo do senhor de Frotmond e de Cêncio, que a peregrinação a Jerusalém era às vêzes imposta como penitência canônica: no século XI êsses exemplos eram freqüentes. A viagem aos santos lugares era particularmente ordenada como expiação aos que se haviam manchado no sangue de seus irmãos, aos que haviam desviado as riquezas da Igreja e aos infratores da trégua de Deus. Os grandes pecadores eram condenados a deixar por algum tempo sua pátria e a levar uma vida errante, como Caim. Essa maneira de fazer penitência estava mais de acôrdo com o caráter ativo e inquieto dos povos do Ocidente; devemos acrescentar que a devoção das peregrinações foi recebida e mesmo encorajada em tôdas as religiões antigas e modernas, tanto ela se aproxima dos sentimentos mais naturais do homem. Se a vista de uma terra que foi habitada por heróis e sábios, quando mesmo sua história não se liga a nenhuma das nossas crenças, basta para despertar em nós nobres e comoventes recordações; se a alma do filósofo se comove à vista das ruínas profanas de Palmira, de Mênfis ou

de Atenas, que profundas emoções não deviam sentir os cristãos nos mesmos lugares santificados pela presença de seu Deus e que oferecia aos seus olhos como à sua imaginação o berço daquela fé viva de que estavam animados! Não podemos pensar, além disso, que essas peregrinações longínquas, estavam nas vistas gerais da providência que quer todos os povos afastados se aproximem uns dos outros e se comuniquem entre si para se civilizarem?

Os cristãos do Ocidente, quase todos infelizes em sua pátria, e que muitas vêzes esqueciam seus males nas viagens longínquas, pareciam só estar ocupados em procurar sôbre a terra as pegadas de uma divindade compassiva ou de algum santo personagem. Não havia província que não tivesse um mártir ou um apóstolo, de que iam implorar o auxílio; nenhuma cidade ou lugar solitário que não conservasse a tradição de um milagre e não tivesse uma capela aberta aos peregrinos. Os mais culpados dos pecadores ou os mais fervorosos dos fiéis se expunham aos mais graves perigos e se dirigiam aos lugares mais afastados. Ora êles dirigiam sua piedosa excursão à Apuglia ou à Calábria: visitam o monte Gargano, célebre pela aparição de S. Miguel, ou o monte Cassino, famoso pelos milagres de S. Bento; ora atravessavam os Pireneus e num país entregue aos sarracenos, iam rezar diante das relíquias de São Tiago, patrono da Galícia. Uns, como o Rei Roberto, iam a Roma, e prostravam-se diante do túmulo dos após-

tolos São Pedro e São Paulo; outros iam até o Egito, onde Jesus Cristo tinha passado sua infância e percorriam as solidões de Tebas e de Mênfis, habitadas pelos discípulos de Paulo e de Antônio.

Um grande número de peregrinos ia a Palestina, chegavam a Jerusalém pela porta de Efraim, onde pagavam tributo aos sarracenos. Depois de se terem preparado com jejum e oração, apresentavam-se na Igreja do Santo Sepulcro, cobertos de um pano mortuário que conservavam com cuidado tôda sua vida e no qual eram envolvidos para a sepultura, depois de mortos. Percorriam com santo respeito as montanhas de Sion, o monte das Oliveiras, o vale de Josafá, deixavam Jerusalém para visitar Belém, onde nasceu o Salvador do mundo, o monte Tabor, onde Êle se transfigurou e todos os lugares que haviam sido testemunhas de seus milagres. Os peregrinos iam depois banhar-se nas águas do Jordão e colhiam no território de Jericó, palmeiras que traziam para o Ocidente.

Tal era a devoção e o espírito dos séculos X e XI que a maior parte dos cristãos ter-se-ia julgado réu de uma indiferença culpável, para com a religião, se não tivesse tomado parte nalguma peregrinação. Aquêle que havia escapado de algum perigo ou triunfado sôbre seus inimigos, tomava o bordão de peregrino e se punha a caminho, para os santos lugares. O que tinha obtido por suas orações a vida de um pai ou de um filho, ia agradecer essa graça longe de seu

lar, nos lugares consagrados pelas tradições religiosas. Muitas vêzes um pai fazia votos de peregrinação ao filho mais novo e o primeiro dever de um filho, quando deixava a infância, era cumprir os votos dos pais. Mais de uma vez um sonho, uma aparição durante o sono, impunha a um cristão o dever de fazer uma peregrinação.

Assim, a idéia dessas piedosas viagens não se restringia a meros sentimentos religiosos, mas misturava-se a tôdas as virtudes, como a tôdas as fraquezas do coração do homem, a tôdas as tristezas, como a tôdas as alegrias da terra.

Os peregrinos eram recebidos em tôda parte e por paga da hospitalidade só lhes pediam suas orações: era na verdade muitas vêzes sòmente êsse o tesouro que êles haviam levado consigo. Um dêles, desejando embarcar em Alexandria, para a Palestina, apresentou-se num navio, com seu bordão e sua sacola, e para pagar a passagem ofereceu um *Livro do Evangelho*. Os peregrinos em seu caminho não tinham outra defesa contra os ataques dos maus que a cruz de Jesus Cristo e outro guia, que seus anjos, aos quais Deus disse *que velassem pelas crianças e as guiassem por todos os caminhos*.

As perseguições que padeciam em suas viagens aumentavam a reputação dos peregrinos e os recomendavam à veneração dos fiéis. O excesso de sua devoção inspirava-lhes muitas vêzes o desprêzo pelos perigos. A história cita um monge de nome Ricardo,

Hospitalidade dos bárbaros para com os peregrinos.

abade de São Vitor, em Verdun, que, chegando ao país dos infiéis, parava à porta das cidades para celebrar a Santa Missa, expondo-se aos ultrajes e às violências dos muçulmanos; mas punha sua glória em sofrer tôda sorte de males pela causa de Jesus Cristo.

O maior mérito aos olhos dos fiéis, depois do da peregrinação era devotar-se ao serviço dos peregrinos. Hospedarias eram construídas às margens dos rios, no alto dos montes, no meio das cidades, nos desertos, para receber êsses viajantes. Desde o século IX os peregrinos que vinham da Borgonha para a Itália, eram recebidos num mosteiro construído sôbre o monte Cenísio. No século seguinte dois mosteiros, onde se recebiam êsses viajantes desgarrados, substituíram os templos dos ídolos nos montes Joux, que desde então perderam o nome que haviam recebido do paganismo e tomaram o do piedoso fundador, São Bernardo de Menton. Os cristãos que partiam para a Judéia encontravam na fronteira da Hungria e nas províncias da Ásia Menor um grande número dêsses abrigos fundados pela caridade.

Cristãos estabelecidos em Jerusalém e em várias cidades da Palestina precediam os peregrinos e expunham-se a mil perigos para conduzi-los em seu caminho. A Cidade Santa tinha hospedarias para receber a todos os viajantes. Num dêsses abrigos, as mulheres que faziam a viagem da Palestina eram recebidas por religiosas consagradas às práticas da caridade. Os negociantes de Amalfi, de Veneza, de Gênova, os

mais ricos dentre os peregrinos, vários príncipes do Ocidente davam, com suas esmolas, o necessário para a manutenção dessas casas, abertas para os viajantes pobres. Todos os anos, monges do Oriente vinham à Europa recolher os tributos que lhes dava a piedade dos cristãos.

Um peregrino era como um ser privilegiado entre os fiéis. Quando havia terminado a viagem conquistava a reputação de santidade particular. Sua partida e sua volta eram celebradas com cerimônias religiosas. Quando ia se pôr em viagem, um padre apresentava-lhe com a sacola e o bordão, panos, marcados com uma cruz, aspergia-se água benta sôbre suas vestes e o clero o acompanhava em procissão até a próxima paróquia. Voltando à pátria, o peregrino dava graças a Deus por seu regresso e apresentava ao sacerdote uma palma para ser depositada sôbre o altar da Igreja, como um sinal de sua viagem felizmente terminada.

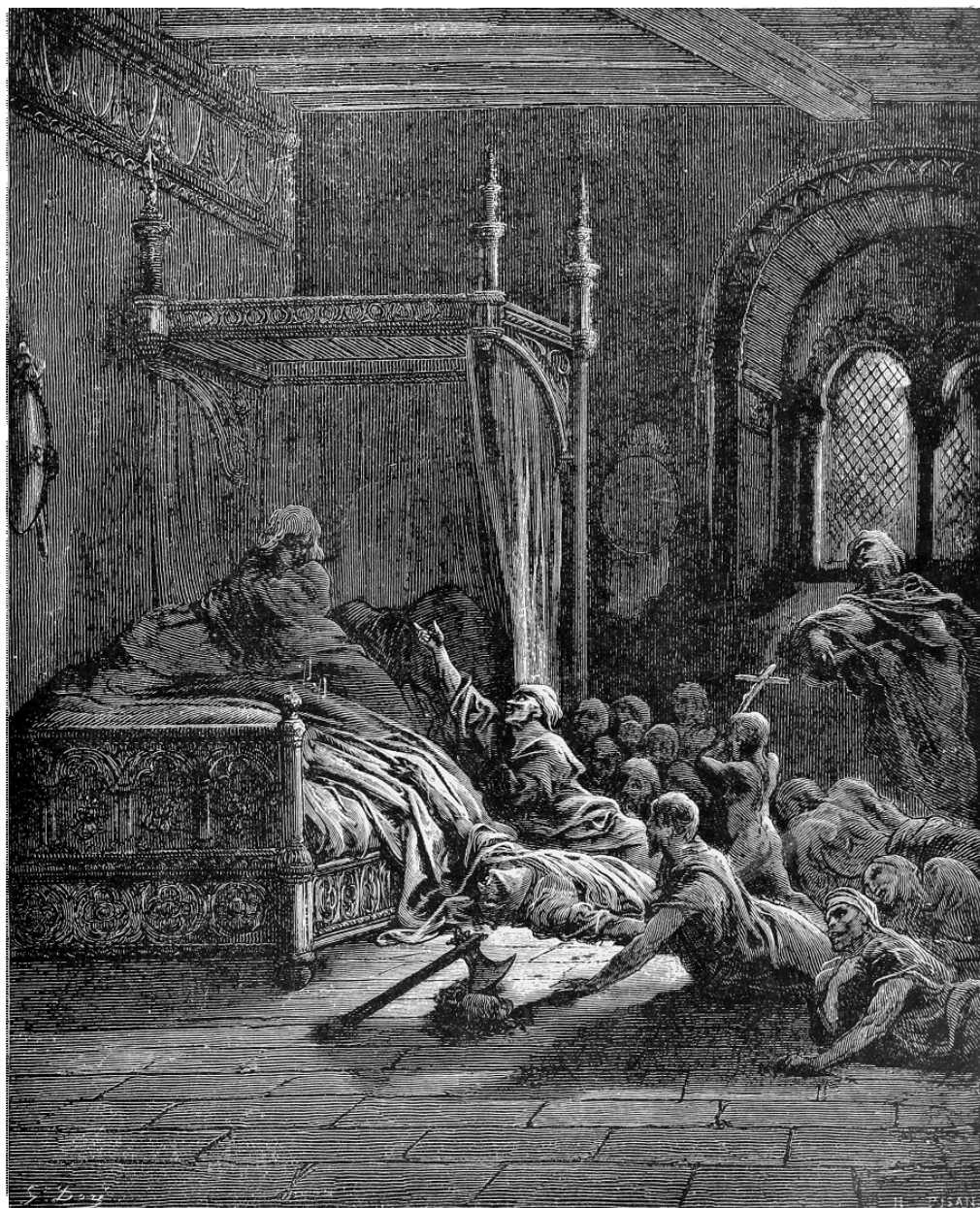
Os pobres, em sua peregrinação, encontravam socorros certos contra a miséria. Voltando ao seu país, recolhiam abundantes esmolas. A vaidade levava às vêzes os ricos a empreender essas longas viagens o que faz o monge Glaber dizer, que vários cristãos iam à Jerusalém para se mostrar e contar, ao seu regresso, coisas maravilhosas. Muitos eram levados pelo amor à ociosidade e às novidades, outros, pelo desejo de percorrer regiões desconhecidas ainda por êles. Não era raro encontrar-se um cristão que havia

passado a vida em santas peregrinações e que tinha visitado Jerusalém, várias vêzes.

Todos os peregrinos eram obrigados a levar consigo uma carta de seu príncipe ou do seu bispo: "Em nome de Deus, dizia-se, fazemos saber à V. grandeza (ou a vossa Santidade), que o portador desta, nosso irmão, nos pediu a licença para ir pacìficamente visitar em peregrinação (o nome do lugar) com intenção de reparar às suas faltas ou rezar pela nossa conservação; por isso nós lhe concedemos esta carta, na qual apresentando-vos nossas saudações, rogamos-vos, por amor de Deus e de S. Pedro, que o recebais como vosso hóspede e lhe sejais útil durante sua viagem, ou sua volta, de modo que êle chegue são e salvo ao seu lar. Como é vosso costume, fazei-o passar dias felizes e que Deus que eternamente reina, vos proteja e guarde em seu reino." Essa precaução para as peregrinações distantes devia prevenir muitas desordens; também a história não nos narra uma violência sequer feita por algum dêsses numerosos viajantes, cuja multidão enchia as estradas do Oriente.

Sabemos que os muçulmanos levavam muito mais além que os cristãos a devoção pela peregrinação. Essa disposição inspirou-lhes sentimentos de tolerância para com os piedosos viajantes vindos do Ocidente. Muitas vêzes as portas de Jerusalém abriram-se ora para os discípulos do Corão que iam visitar a mesquita de Omar, ora para os do evangelho, que

iam adorar Jesus Cristo no seu sepulcro; uns e outros encontravam na Cidade Santa igual proteção, quando a paz reinava no Oriente e as revoluções dos impérios ou os fatos da guerra não vinham despertar as desconfianças dos senhores da Síria e da Palestina. Todos os anos, na época da festa da Páscoa, multidões enormes de peregrinos chegavam à Judéia, para celebrar o mistério da redenção e para assistir ao milagre do fogo sagrado, que a multidão dos fiéis julgava ver descer do céu sôbre as lâmpadas do Santo Sepulcro.

Entre os peregrinos célebres do século XI, está, por primeiro o Conde de Anjou, Foulque, chamado Nerra, ou o Negro. A história o acusa de ter feito morrer sua primeira espôsa e de se ter várias vêzes manchado em sangue inocente. Perseguido pelo ódio público e pelo clamor de sua própria consciência, parecia-lhe que as inúmeras vítimas imoladas por sua vingança ou ambição saíam de seus túmulos para perturbar-lhe o sono e recriminar-lhe a barbárie. A fim de escapar a essas cruéis imagens, que o seguiam em tôda a parte, Foulque deixou seus territórios e dirigiu-se em vestes de peregrino à Palestina. As tempestades que suportou nos mares da Síria lembraram-lhe as ameaças da cólera divina e duplicaram o fervor de seus sentimentos piedosos. Quando êle chegou a Jerusalém, percorreu as ruas da Cidade Santa, com uma corda ao pescoço, açoitado com varas por seus servidores e repetindo em altas vozes estas palavras: *"Senhor! Tem piedade de um cristão*

Foulque assaltado pelos fantasmas de suas vítimas.

infiel e perjuro, de um pecador errante longe de seu país. Durante a sua permanência na Palestina, distribuiu numerosas esmolas, aliviou a miséria dos peregrinos e deixou por tôda a parte lembrança de sua devoção e de sua caridade.

As crônicas contemporâneas narram a fraude piedosa, com que Foulque enganou os sarracenos, para ser admitido à presença do Santo Sepulcro; mas a gravidade da história não nos permite repetir a relação muito singela das velhas crônicas. O conde de Anjou, voltando aos seus territórios, quis ter sob seus olhos uma imagem dos lugares que êle tinha visitado e mandou construir, perto do castelo de Loches, uma igreja, semelhante à do Santo Sepulcro. Lá êle implorava todos os dias a divina clemência; mas suas orações não tinham ainda comovido ao Deus de misericórdia. Mui depressa êle sentiu renascer em seu coração a perturbação que por tanto tempo o havia afligido. Foulque se pôs a caminho, uma segunda vez para Jerusalém, onde edificou novamente os fiéis com as expressões do seu arrependimento e as austeridades de sua penitência. Voltando à Europa, pela Itália, êle livrou o soberano Pontífice de um inimigo terrível, que devastava o estado romano. O Papa recompensou seu zêlo, elogiou sua devoção e deu-lhe a absolvição de todos os seus pecados. O nobre peregrino voltou por fim ao seu condado, trazendo muitas relíquias, com que adornou as Igrejas de Loche e de Angers.

Desde então, ocupou-se, no seio da paz, em construir mosteiros e cidades, o que lhe granjeou o apelido de *Grão Edificador,* como suas numerosas peregrinações o haviam feito apelidar de o *Palmeiro.* Seus serviços e benemerências mereceram-lhe as bênçãos da Igreja e as do seu povo, que agradecia ao céu por ter trazido seu príncipe à moderação e à virtude. Foulque parecia nada mais ter a temer da justiça divina, nem da dos homens, mas, tais eram os clamores de sua consciência e o tormento de sua alma agitada, que nada podia defendê-lo contra o remorso e dar-lhe a paz que êle tinha procurado por duas vêzes junto do túmulo de Jesus Cristo. O infeliz príncipe resolveu fazer uma terceira peregrinação a Jerusalém. A Palestina viu-o de novo molhando com suas lágrimas o sepulcro de Cristo e enchendo os santos lugares com seus gemidos. Depois de ter visitado a terra e recomendado sua alma às orações dos anacoretas encarregados de receber e de consolar os peregrinos, êle deixou Jerusalém, para voltar à pátria, que êle não devia mais rever. Adoeceu e morreu em Metz, em 1040. Seu corpo foi levado e sepultado no mosteiro do Santo Sepulcro, que êle tinha feito construir perto de Loches. Depositaram seu coração numa igreja de Metz, onde se via ainda, vários séculos depois de sua morte, um mausoléu que se chamava o túmulo de Foulque, Conde de Anjou.

Ao mesmo tempo, Roberto, duque da Normandia, pai de Guilherme o Conquistador, acusado de ter feito envenenar seu irmão Ricardo, partiu para a terra santa. Êle ia, diz a velha crônica da Normandia, descalço e com vestes humildes, acompanhado *por uma grande multidão de cavaleiros, de barões e de outras pessoas.* Passando por Roma, Roberto mandou cobrir com uma rica veste a estátua eqüestre de Constantino, *que era feita de bronze,* dizendo que os romanos, *prestavam pouca reverência ao seu senhor, pois que não lhe podiam dar um manto em todo o ano.* Chegando a Constantinopla, o duque de Normandia dispensou o luxo e os presentes do imperador e compareceu à côrte como o mais simples dos peregrinos. Roberto, que, segundo suas mesmas palavras, dava mais valor aos males que êle sofria por Jesus Cristo, do que à melhor cidade de seu ducado, suportou piedosamente as fadigas e as dificuldades da peregrinação. Caindo doente na Ásia Menor êle recusou os serviços dos cristãos do seu séquito, e se fêz levar numa liteira pelos sarracenos. Um peregrino da Normandia tendo-o encontrado, perguntou-lhe se êle tinha ordens a lhe dar, para o seu país: "Vai dizer ao meu povo, respondeu o duque, que se viu um príncipe cristão levado ao Paraíso por demônios." Roberto encontrou à porta de Jerusalém, uma multidão de peregrinos que não tinham com que pagar o tributo aos infiéis; os pobres peregrinos esperavam a chegada

de algum cristão rico, que com suas esmolas, lhes abrisse as portas da Cidade Santa. Roberto pagou uma peça de ouro, por cada um dêles. Durante sua estada em Jerusalém, êle se fêz notar por sua devoção e sobretudo por sua caridade que se estendia mesmo aos infiéis. Voltando à Europa, êle morreu em Nice, ocupando-se sòmente com as relíquias que havia trazido da Palestina e lastimando sòmente não ter morrido na santa cidade.

A maior graça, para os peregrinos, a que êles pediam ao céu como recompensa dos sofrimentos de uma longa viagem, era morrer na cidade em que Jesus tinha morrido. Quando se apresentavam diante do sepulcro do filho de Deus, costumavam fazer ao Senhor esta oração: "Vós, que morrestes por nós e que fôstes sepultado neste santo lugar, tende piedade de nossa miséria e levai-nos hoje dêste vale de lágrimas." As velhas crônicas falam de um cristão do país de Autun, de nome Lethbald, que, chegando a Jerusalém, procurou a morte com o excesso de jejum e de mortificações. Um dia êle ficou por muito tempo em oração no monte das Oliveiras, com os olhos e os braços erguidos para o céu, para onde Deus parecia chamá-lo. Quando êle voltou à hospedaria dos peregrinos, exclamou três vêzes: *Glória a ti, Senhor!* e morreu de repente, na presença dos companheiros, que não podiam deixar de admirar o milagre da sua morte.

O desejo de se santificar por meio da viagem à Jerusalém tornou-se por fim tão geral, que as multidões de peregrinos alarmavam com seu número as regiões por onde passavam. Embora êles não procurassem absolutamente as lutas e combates, já eram designados com o apelido de *exército do Senhor* e vários monumentos históricos nos dizem que os cristãos traziam freqüentemente, em suas peregrinações a Jerusalém, uma imagem da cruz como mais tarde se fazia nas guerras empreendidas para a libertação do Santo Sepulcro. No ano de 1054, Lietbert, Bispo de Cambrai, partiu para a terra santa, com mais de três mil peregrinos das províncias da Picardia e da Flandres. Quando êle se pôs em marcha, o povo e o clero acompanharam-no a três léguas da cidade, e, com os olhos marejados de lágrimas, pediram a Deus a volta de seu Bispo e de seus irmãos. Os peregrinos atravessaram a Alemanha sem encontrar inimigos; mas, na Bulgária, só encontraram homens selvagens, que moravam nas florestas e viviam de roubos e assaltos. Muitos foram massacrados por êsse povo bárbaro; alguns morreram de fome nos desertos. Lietbert com dificuldade chegou até a Laodicéia, na Síria, e embarcou com os que o seguiam, mas foi atirado às praias de Chipre, por uma tempestade. Êle viu perecer a maior parte de seus companheiros; os outros estavam prestes a sucumbir, ante a miséria. Voltaram a Laodicéia e souberam que os maiores perigos ainda os aguardavam na estrada de Jerusa-

lém. O Bispo de Cambrai sentiu então que a coragem o abandonava e julgou que o mesmo Deus se punha à sua peregrinação. Voltou no meio de mil perigos à sua diocese onde construiu uma igreja em honra do Santo Sepulcro que êle não havia podido ver.

Dez anos depois da viagem de Lietbert, sete mil cristãos, entre os quais estavam o Arcebispo de Mogúncia, os Bispos de Ratisbona, de Bamberg, de Utrecht, partiram juntos das margens do Reno, para a Palestina. Essa numerosa caravana, que prenunciava as Cruzadas, atravessou a Alemanha, a Hungria, a Bulgária, a Trácia, e foi recebida em Constantinopla, pelo Imperador Constantino Ducas. Depois de ter visitado as igrejas de Bizâncio e os numerosos objetos, relíquias dos gregos, os peregrinos do Ocidente atravessaram sem perigo a Ásia Menor e a Síria; mas, quando se aproximaram de Jerusalém, a vista de suas riquezas despertou a cobiça dos árabes beduínos que habitavam nos campos de Saron e de Ramla. Atacados por uma multidão ávida de seus despojos, os peregrinos defenderam-se durante três dias num edifício abandonado: consumidos pela fome e pelo cansaço, tendo como armas sòmente pedras, que lhes serviam de abrigo, propuseram, por fim, entregar-se. As discussões degeneraram, porém, numa violenta questão, que ia ter um fim funesto, quando o Emir de Ramla avisado por alguns fugitivos, veio em seu auxílio, protegeu-lhes a vida, salvou-lhes os tesouros, e, por

um módico tributo deu-lhes uma escolta que os acompanhou até às portas da Cidade Santa. A fama de seus combates e dos perigos os havia precedido em Jerusalém. Lá foram recebidos em triunfo pelo patriarca e levados ao som de tímbales, à luz de tochas, à Igreja do Santo Sepulcro. O monte Sião, o monte das Oliveiras, o vale de Josafá, foram testemunhas dos transportes de sua piedade. Não puderam visitar as margens do Jordão e os lugares mais célebres da Judéia, expostos então às incursões dos árabes. Depois de terem perdido mais de três mil de seus companheiros, voltaram à Europa para contar suas trágicas aventuras e os perigos da peregrinação à terra santa.

Entre as peregrinações daquela época, a história nos fala ainda da de Roberto de Frison, conde de Flandres, de Berengário II, conde de Barcelona. Berengário morreu na Ásia, não tendo podido suportar as rigorosas penitências que se havia imposto a si mesmo. Roberto voltou à sua terra, onde sua peregrinação fê-lo encontrar graça perante o clero, que êle tinha querido despojar. Êsses dois príncipes tinham sido precedidos na Palestina por Frederico, conde de Verdun. Frederico era da ilustre família, que devia um dia contar entre seus heróis, Godofredo de Bouillon. Partindo para o Oriente, Frederico tinha cedido seu condado ao Bispo de Verdun. De volta à Europa, êle entrou para um mosteiro e morreu como prior da abadia de São Wast, perto de Arras.

Grandes calamidades ameaçavam então o mundo cristão; uma nação bárbara, flagelo dos outros povos, *bigorna que devia pesar sôbre tôda a terra,* ia ser suscitada pela cólera divina; há vários séculos as ricas regiões do Oriente eram invadidas contìnuamente por hordas vindas da Tartária: à medida que as tribos vitoriosas se enfraqueciam pelo luxo e se enervavam pelos prazeres da paz, não tardavam a ser substituídas por outras, que tinham ainda tôda a rudeza e tôda a barbárie dos desertos. Os turcos, vindos das regiões situadas além do Oxo, tinham-se apoderado da Pérsia, onde a imprevidente política do sultão Mahmoud, tinha recebido e tolerado suas tribos errantes. O filho de Mahmoud deu-lhes combate no qual fêz prodígios de valor: mas a fortuna, diz Féristha, se havia declarado contra suas armas: *Êle olhou em redor de si durante o combate, e se excetuarmos o corpo que êle comandava, todo seu exército tinha tomado os caminhos da fuga".* No mesmo teatro de sua vitória os turcos procederam à eleição do rei. Uma multidão de dardos foram reunidos em feixes; e sôbre cada um dêsses dardos estava escrito o nome de uma tribo, de uma família, de um guerreiro. Um menino tirou três flechas na presença de todo o exército, e a sorte deu a coroa a Togrul-Bel, neto de Seldjouc. Togrul-Bel cuja ambição igualava à coragem e bravura abraçou com seus soldados a fé de Maomé e uniu

mui depressa ao título de conquistador da Pérsia, o de protetor da religião muçulmana.

As margens do Tigre e do Eufrates eram então perturbadas pela revolta dos emires que dividiam entre si os despojos do califa de Bagdad. O califa Cayen implorou o auxílio de Togrul-Bel e prometeu a conquista da Ásia ao novo senhor da Pérsia. Togrul, que êle tinha nomeado seu vigário temporal, pôs-se em marcha à frente de um exército, dispersou os facciosos e os rebeldes, devastou as províncias e chegou a Bagdad, prostrou-se aos pés do califa, que proclamou o triunfo dos seus libertadores e seus direitos sagrados ao Império. No meio de uma cerimônia imponente, Togrul foi revestido sucessivamente de sete vestes de honra, apresentaram-lhe sete escravos nascidos nos sete climas do Império dos Árabes; como emblema de seu poder sôbre o Oriente e o Ocidente, cingiram-no com duas cimitarras e duas coroas foram postas sôbre sua cabeça.

O Império que o vigário de Maomé mostrava à ambição dos novos conquistadores foi logo invadido por suas armas. Sob o reinado de Alp-Arslan e de Malek-Schah, sucessores de Togrul, os sete ramos da dinastia de Seldjouc dividiram entre si os mais vastos reinos da Ásia. Trinta anos se tinham passado depois que os turcos haviam conquistado a Pérsia e já suas colônias militares e pastorais estendiam-se do Oxo até o Eufrates e do Indo até o Helesponto.

Um lugar-tenente de Maleck-Schah levou o terror de suas armas até as margens do Nilo e apoderou-se da Síria, sujeita aos califas Fatimitas. A Palestina caiu em poder dos turcos, a bandeira negra dos Abássidas foi hasteada nos muros de Jerusalém. Os vencedores não pouparam nem os cristãos nem os filhos de Ali, que o califa de Bagdad representava como inimigos de Deus. A guarnição egípcia foi massacrada; as mesquitas e as igrejas foram entregues ao saque. A cidade santa nadou no sangue dos cristãos e dos muçulmanos.

É aqui que a história pode dizer com a Escritura que Deus tinha *entregue seus filhos aos que os odiavam*. Como a dominação dos novos conquistadores da Síria e da Judéia era recente e mal firmada, ela mostrou-se inquieta, invejosa e violenta. Os cristãos tiveram que sofrer grandes calamidades, que seus pais não haviam sofrido, sob o reinado dos califas de Bagdad e do Cairo.

Quando os peregrinos da Igreja latina, depois de terem atravessado regiões inimigas e corrido mil perigos, chegavam à Palestina, as portas da Cidade Santa só se abriam para os que podiam pagar uma moeda de ouro, e, como a maior parte era pobre e haviam já sido roubados durante a viagem, êles vagavam miseràvelmente em redor daquela Jerusalém, pela qual tudo haviam deixado. O maior número dêles morria de sêde, de fome, de nudez, ou pela espada dos bárbaros. Os que conseguiam

entrar na cidade não estavam a salvo dos maiores perigos; as ameaças e os ultrajes sangrentos dos muçulmanos perseguiam-nos até o Calvário, o monte Sião, e a todos os lugares que êles iam visitar. Quando estavam reunidos nas igrejas com seus irmãos da Cidade Santa, uma multidão furiosa vinha interromper com seus clamores o Ofício divino, espezinhava os vasos sagrados, subia aos altares mesmo do Deus vivo, ofendia e vergastava o clero revestido de paramentos pontificais e das túnicas dos levitas. Mais o povo fiel mostrava fervor na sua devoção e nas suas preces, mais os muçulmanos duplicavam sua violência; o excesso de sua barbárie se patenteava especialmente na ocasião das festas solenes e todos os anos, os dias mais festejados na Igreja cristã, o dia do nascimento do Salvador do mundo, o dia de sua morte e de sua ressurreição, eram marcados pela perseguição e pela morte de seus discípulos.

Os peregrinos que voltavam à Europa contavam o que tinham visto e o que tinham sofrido. Suas narrações, exageradas pela fama e voando de bôca em bôca, arrancavam lágrimas de todos os fiéis.

Enquanto os turcos, sob as ordens de Toutousch e de Ortock desolavam a Síria e a Palestina, outras tribos dessa nação comandadas por Solimão, sobrinho de Maleck-Schah tinham penetrado na Ásia Menor. Tinham-se apoderado de tôdas as províncias que os peregrinos do Ocidente atravessa-

vam, para chegar a Jerusalém. Essas regiões, onde os Apóstolos do Evangelho tinham começado a fazer ouvir a sua voz, onde a religião cristã tinha lançado seus primeiros clarões, a maior parte das cidades gregas cujos nomes se tinham gloriosamente misturado aos anais da Igreja nascente, tinham sofrido o jugo dos infiéis. O estandarte do profeta de Meca, estava desfraldado nos muros de Edessa, de Icônio, de Tarso, de Antioquia. Nicéia tinha-se tornado a sede de um império muçulmano; insultava-se a divindade de Jesus Cristo naquela cidade, onde o primeiro Concílio Ecumênico o tinha declarado artigo de fé. O pudor das virgens tinha sido imolado à brutalidade dos vencedores. Milhares de crianças haviam sido circuncidadas. Em tôda a parte o Corão substituía as leis da Grécia e do Evangelho. As tendas negras ou brancas dos turcos cobriam as planícies e os montes da Bitínia e da Capadócia e seus rebanhos erravam por entre as ruínas dos mosteiros e das igrejas.

Jamais os gregos haviam tido inimigos tão cruéis e mais temíveis que os turcos. Enquanto a côrte de Alp-Arslan e de Maleck-Schah ostentava a magnificência e recolhia o brilho dos antigos persas todo o resto da nação era bárbara e conservava, no meio dos povos vencidos, os costumes ferozes e selvagens da Tartária. Os filhos de Seldjouc preferiam viver nas tendas do que nas cidades, alimentavam-se com o leite dos seus rebanhos e não

queriam saber da agricultura e do comércio, persuadidos de que a guerra devia prover a tôdas as suas necessidades. Para êles a pátria era o lugar onde suas armas triunfavam, eram todos os lugares que lhes forneciam abundantes pastagens. Quando se moviam de um país para outro, todos os da mesma família caminhavam juntos; levavam consigo tudo o que estimavam, tudo o que possuíam. Uma vida sempre errante, de freqüentes questões que surgiam entre bandos rivais, mantinha seu espírito militar. Todo guerreiro tinha seu nome escrito num dardo e jurava fazê-lo respeitar pelos inimigos. Os turcos mostravam tanto ardor pelo combate que era suficiente a um chefe mandar sua flecha ou seu arco aos de sua tribo, para chamá-los à guerra. Êles suportavam a fome, a sêde e o cansaço com uma paciência que os tornava invencíveis. O Oriente não tinha povo algum que os sobrepujasse na arte de guiar um cavalo e de atirar um dardo; nada igualava à impetuosidade de seu ataque. Temíveis mesmo na fuga, mostravam-se implacáveis na vitória. Não eram impelidos em suas expedições, nem pela glória, nem pela honra, mas pelo amor à destruição e ao saque.

A notícia de suas invasões havia ecoado por todos os povoados que existiam além do Cáucaso e do mar Cáspio; novas emigrações vinham todos os dias fortificar seus exércitos. Como êles eram dóceis na guerra, turbulentos e rebeldes na paz, os

chefes os conduziam sem cessar a novos combates. Maleck-Schah, para se desembaraçar de seus lugar-tenentes, muito mais do que para recompensá-los, tinha-lhes permitido conquistar as terras dos gregos e dos egípcios. Organizaram fàcilmente exércitos aos quais prometiam os despojos dos inimigos do Profeta e de seu vigário legítimo. Todos os que não tinham tomado parte na divisão dos despojos das guerras precedentes, acorriam em massa sob suas bandeiras, e as riquezas da Grécia foram logo prêsa dos cavaleiros turcos, que haviam saído de seus desertos com um feltro de lã e um estribo de madeira. De todos os bandos sujeitos à dinastia de Seldjouc, os que invadiram a Síria e a Ásia Menor eram os mais pobres, os mais grosseiros e os mais intrépidos.

No excesso de sua miséria, os gregos das províncias conquistadas mal ousavam levantar suas vistas para os soberanos de Bizâncio que não tinham tido a coragem de os defender e que não lhes deixavam nenhuma esperança de ver terminarem seus males. O império grego precipitava-se para a ruína no meio das revoluções e das guerras civis. Desde o reinado de Heráclio, Constantinopla tinha visto onze de seus imperadores postos à morte em seus mesmos palácios. Seis dos senhores do mundo tinham terminado seus dias na obscuridade dos claustros; vários tinham sido mutilados, privados da vista, mandados ao exílio; a púrpura, amesquinhada por tantas revoluções só adornava maus príncipes ou homens sem caráter,

nem virtudes. Êles só se ocupavam de sua conservação pessoal e dividiam o poder com os cúmplices de seus crimes, que êles temiam sem cessar; muitas vêzes mesmo sacrificavam cidades e províncias, para comprar aos inimigos alguns momentos de segurança e pareciam nada ter a pedir à fortuna, se não que o império durasse tanto quanto sua própria vida.

Uma rápida decadência fazia-se sentir por tôda a parte. Nas dissertações e discussões teológicas os gregos tinham perdido o verdadeiro espírito do Evangelho e entre êles, tudo, até a religião, estava corrompido. Uma hipocrisia universal, diz Montesquieu, abatia a coragem e entorpecia o Império. Tôdas as virtudes que animam o patriotismo tinham desaparecido; a astúcia e a perfídia, o fingimento e a duplicidade eram decorados com o nome de política e recebiam os mesmos elogios que o valor; os gregos achavam tão glorioso enganar seus inimigos como vencê-los. Seus soldados faziam-se seguir na guerra por carros leves que levavam suas armas. Êles tinham aperfeiçoado tôdas as máquinas que podem suprir à bravura nos cercos e nas batalhas. Seus exércitos possuíam um grande aparato militar, mas sentiam falta de combatentes. Os gregos só haviam conservado de seus antepassados um caráter turbulento e sedicioso, que se misturava com seus costumes efeminados e que sobressaía principalmente no meio dos perigos de sua pátria. A discórdia agitava continuamente o exército e o povo; disputava-se ainda

encarniçadamente um Império ameaçado de todos os lados e cuja defesa era deixada aos bárbaros. O Império grego primeiramente tinha sido ameaçado pelos discípulos de Maomé; a conquista de Constantinopla era para os árabes como uma das promessas do Corão; desde os primeiros tempos da Héjira, a Síria, o Egito, e várias províncias caíram em poder dos novos conquistadores; mais tarde os sequazes do Profeta passaram a cadeia do Tauro e espalharam-se pela Ásia Menor sem que houvesse agitação na capital do Império. Desde então foi fácil ver que Constantinopla jamais se tornaria uma barreira contra o Islamismo e que seria um dia a porta por onde os defensores do Corão penetrariam na Europa cristã. Houve sucessores de Constantino que tentaram reter o progresso dos muçulmanos; jamais, porém, foram secundados por seus povos e vários morreram vítimas de seu patriotismo.

Enquanto o Império do Oriente tocava assim o seu declínio, e parecia minado pelo tempo e pela corrupção, o Ocidente estava na infância das sociedades; nada mais restava do Império e das leis de Carlos Magno. Os povos já quase não tinham relações entre si e só se aproximavam com o ferro e a espada na mão; a Igreja, a realeza, as nações, os reinos, tudo estava misturado e confundido; nenhum poder era bastante forte para deter o progresso da anarquia e os abusos do feudalismo. Embora a Europa estivesse cheia de soldados e coberta de

castelos fortes, as nações ficavam o mais das vêzes sem apoio contra os inimigos e não tinham exércitos para sua própria defesa. No meio da confusão geral, não havia segurança a não ser nos campos e nas fortalezas, alternativamente, a salvaguarda e o terror das aldeias e do campos. As maiores cidades não ofereciam asilo algum para a liberdade; a vida dos homens era tida em tão pouco que se podia com algumas moedas comprar a impunidade do assassino. Era de espada na mão que se invocava a justiça, era pela espada que se fazia a reparação dos erros e das injúrias. A língua dos barões e dos senhores não tinha palavras para exprimir o direito das gentes; a guerra era tôda sua ciência, era tôda a política dos príncipes e dos Estados.

No entretanto, essa barbárie dos povos do Ocidente não se assemelhava à dos turcos, cuja religião e costumes repelia tôda espécie de civilização e de luz; nem à dos gregos, que era apenas um povo corrompido. Enquanto uns tinham todos os vícios de um Estado quase selvagem e os outros, tôda a corrupção de um Estado em decadência, misturava-se aos costumes bárbaros dos francos algo de heróico e de generoso que parecia ter paixões da juventude. A barbárie grosseira dos turcos fazia desprezar tudo o que era nobre e grande; os gregos tinham uma barbárie sábia e polida, que os enchia de desdém pelo heroísmo e pelas virtudes militares. Os francos eram tão corajosos como os turcos e

davam mais valor à glória que os outros povos. O sentimento de honra que criou na Europa a cavalaria dirigia sua bravura e por vêzes ocupava-lhes o lugar da justiça e da virtude.

A religião cristã, que os gregos tinham reduzido a pequenas fórmulas e a vãs práticas de superstição, jamais lhes inspirava grandes projetos e nobres pensamentos. Entre os povos do Ocidente, como não se tinham ainda submetido a freqüentes discussões os dogmas do cristianismo, a doutrina do Evangelho conservava mais império sôbre os espíritos: dispunha melhor os corações ao entusiasmo, e formava por sua vez santos e heróis. Embora a religião não pregasse sempre sua moral com sucesso e se abusasse de sua influência, ela tendia no entretanto a amenizar os costumes dos povos bárbaros que tinham invadido a Europa; ela dava ao pobre sua autoridade santa, inspirava um temor salutar à fôrça e corrigia muitas vêzes as injustiças das leis humanas.

No meio das trevas que cobriam a Europa, a religião cristã conservava a língua latina; aquela língua, que já tinha conhecido uma civilização, guardava a memória dos tempos passados, e a única que podia ter o lugar de regra e de experiência para as sociedades nascentes. Enquanto o despotismo e a anarquia dividiam entre si os reinos e as cidades, os povos invocavam a religião contra a tirania, os príncipes a invocavam contra a licença e a revolta. Muitas vêzes, na perturbação das nações, o título

de cristão inspirou mais respeito e despertou mais entusiasmo que o título de cidadão romano na antiga Roma. No excesso mesmo de sua barbárie, as nações pareciam não reconhecer outros legisladores que os Padres dos Concílios, outro código que o Evangelho e as Sagradas Escrituras. A Europa podia ser considerada como uma sociedade religiosa onde a conservação da fé era o maior dos interêsses, onde os homens pertenciam mais à Igreja do que à Pátria. Nesse estado de coisas, é fácil inflamar os espíritos dos povos apresentando-lhes a causa da religião e dos cristãos para defender.

Dez anos antes da invasão da Ásia Menor pelos turcos, Miguel Ducas, sucessor de Romano Diógenes tinha implorado o socorro do Papa e dos príncipes do Ocidente. Êle tinha prometido fazer cair tôdas as barreiras que separavam a Igreja Grega da Romana, se os latinos tomassem as armas contra os infiéis. Gregório VII ocupava então o trono de São Pedro; seus talentos, sua inteligência, a coragem e a inflexibilidade de seu caráter tornavam-no capaz dos maiores empreendimentos. A esperança de estender o império da religião e o poder da Santa Sé no Oriente fê-lo acolher as humildes súplicas de Miguel Ducas; êle exortou os fiéis a tomar as armas contra os muçulmanos e os induziu a conduzi-los êle mesmo à Ásia. "Os males dos cristãos do Oriente, dizia êle em suas cartas, tinham-no impressionado, tanto, a fazê-lo até desejar a morte; êle preferia

expor a vida para libertar os santos lugares, a governar todo o mundo." Impelidos por suas exortações, cinqüenta mil cristãos determinaram seguir Gregório a Constantinopla e a Jerusalém. Mas o pontífice não manteve a promessa que havia feito e os negócios da Europa onde sua ambição estava mais interessada do que na Ásia, vieram suspender a execução dos seus projetos.

Cada dia o poder dos Papas aumentava pelo progresso do cristianismo e pela necessidade mesmo que tinham de sair da barbárie. Roma se tinha tornado uma segunda vez a capital do mundo e parecia ter retomado, sob Hildebrando, o império que tivera sob os Césares. Armado com a dupla espada de Pedro, Gregório afirmou com energia, que todos os reinos eram do domínio da Santa Sé e que sua autoridade devia ser universal como a Igreja, da qual êle era o chefe. Semelhantes pretensões, que a princípio tiveram como motivo a independência do santuário e a reforma do mundo cristão, levaram o Pontífice a violentas questões com o Imperador da Alemanha. Êle quis também ditar leis para a França, para a Espanha, para a Suécia, a Polônia, a Inglaterra e, não se ocupando senão em se fazer reconhecer como árbitro das Nações, lançou anátemas até sôbre o trono de Constantino, que êle queria defender e não pensou mais em libertar Jerusalém.

Depois da morte de Gregório, Vítor III, embora seguisse a política do seu predecessor e tivesse que combater ao mesmo tempo o imperador da Alemanha e o partido do antipapa Guiberto, não perdeu a ocasião de fazer guerra aos muçulmanos. Os Sarracenos que habitavam na África perturbavam a navegação do Mediterrâneo e ameaçavam as costas da Itália. Vítor convidou os cristãos a tomar as armas e prometeu-lhes a remissão de todos os pecados se fôssem combater contra os infiéis. Os habitantes de Pisa, de Gênova e de várias outras cidades levados pelo zêlo da religião e pelo desejo de defender o seu comércio, equiparam frotas, organizaram exércitos e fizeram uma expedição às costas da África, onde, se dermos crédito às crônicas do tempo, dizimaram um exército de cem mil sarracenos. Para que se ficasse certo, diz Barônio, de que Deus se interessava pela causa dos cristãos, no mesmo dia em que os italianos triunfaram sôbre os inimigos de Jesus Cristo, essa notícia foi milagrosamente levada para além dos mares. Depois de ter dado às chamas duas cidades, Al-Mahadia e Sibila, construídas no antigo território de Cartago e obrigado um rei da Mauritânia a pagar um tributo à Santa Sé, os genoveses e os pisanos voltaram à Itália, onde os despojos dos vencidos foram empregados para ornamentar as Igrejas.

No entretanto o papa Vítor morreu sem ter podido realizar o projeto de atacar os infiéis na Ásia.

A glória de libertar Jerusalém pertenceu a simples peregrino, que só tinha sua missão em seu zêlo e não tinha outro poder que a fôrça do seu caráter e de seu gênio. Alguns dão a Pedro, o Eremita, uma origem obscura; outros fazem-no descender de uma família nobre da Picardia; todos, porém, estão de acôrdo em dizer que êle tinha um exterior rude. Dotado de espírito ativo e irrequieto, êle procurou em tôdas as condições da vida, uma felicidade que não pôde encontrar. O estudo das letras, o ofício das armas, o celibato, o casamento, o estado eclesiástico, nada lhe haviam oferecido que lhe pudesse encher o coração e satisfazer-lhe à alma ardente.

Desgostoso com o mundo e com os homens, Pedro retirou-se para junto dos cenobitas mais austeros. O jejum, a oração, a meditação, o silêncio e a solidão exaltaram sua imaginação. Nas suas visões, êle mantinha um comércio habitual com o céu e julgava-se instrumento de seus desígnios, depositário de sua vontade. Tinha o fervor de um apóstolo, a coragem de um mártir. Seu zêlo não conhecia obstáculos e tudo o que êle desejava parecia-lhe fácil. Quando falava, as paixões que o agitavam animavam seus gestos e suas palavras e comunicavam-se aos seus ouvintes: nada resistia nem à fôrça de sua eloqüência, nem ao ímpeto de seu exemplo. Tal o homem extraordinário que deu o sinal das cruzadas e que, sem fortuna e sem fama, pelo único ascendente das lágrimas e das orações, conseguiu

Pedro, o Eremita, pregando a Cruzada.

abalar o Ocidente para fazê-lo precipitar-se inteiramente sôbre a Ásia.

A fama das peregrinações ao Oriente fêz Pedro sair de seu retiro. Êle seguiu a multidão dos cristãos à Palestina, para visitar os santos lugares. À vista de Jerusalém, ficou mais penalizado que todos os outros peregrinos: mil sentimentos contrários vieram agitar-lhe a alma ardente. Naquela cidade, que conservava por tôda a parte os sinais da misericórdia e da cólera divinas, tudo inflamou sua caridade, irritou sua devoção e seu zêlo e o encheu gradativamente de respeito, de terror e de indignação. Depois de ter seguido seus irmãos ao Calvário e ao sepulcro de Jesus Cristo, êle foi ter com o Patriarca de Jerusalém. Os cabelos brancos de Simeão, sua venerável figura e principalmente a perseguição que êle havia sofrido, mereceram-lhe tôda a confiança de Pedro: êles choraram juntos os males dos cristãos. O Eremita, com o coração ferido, o rosto banhado de lágrimas, perguntou se não se podia pôr um fim, dar um remédio, a tantas calamidades. "Oh! o mais fiel dos cristãos, disse-lhe o Patriarca, não vê que nossas iniqüidades nos fecharam o ingresso à misericórdia de Deus? A Ásia está em poder dos muçulmanos; todo o Oriente caiu na escravidão; nenhum poder da terra nos pode socorrer." A essas palavras, Pedro interrompeu Simeão e disse-lhe, que talvez um dia os guerreiros do Ocidente seriam os libertadores de Jerusalém.

"Sim, sem dúvida, replicou o Patriarca; quando nossa aflição chegar ao auge, quando Deus se comover, ante as nossas misérias, Êle moverá o coração dos Príncipes do Ocidente e os mandará em auxílio da cidade santa." A estas palavras, Pedro e Simeão abriram suas almas à esperança e abraçaram-se derramando lágrimas de alegria. O Patriarca resolveu implorar por meio de cartas o socorro do Papa e dos Príncipes da Europa. O Eremita jurou ser o intérprete dos cristãos do Oriente e armar o Ocidente para sua libertação.

Depois dessa entrevista, o entusiasmo de Pedro não teve mais limites; êle ficou persuadido de que o céu mesmo o havia encarregado de vingar sua causa. Um dia, quando êle estava prostrado diante do santo sepulcro, pareceu-lhe ouvir a voz de Jesus Cristo que lhe dizia: "Pedro, levanta-te, corre anunciar as tribulações de meu povo; é tempo de que meus servidores sejam socorridos e os lugares santos, libertados." Cheio do espírito dessas palavras que lhe ecoavam contìnuamente ao ouvido, com cartas do Patriarca, êle deixa a Palestina, atravessa os mares, desembarca nas costas da Itália e vem lançar-se aos pés do Papa. A cátedra de S. Pedro era então ocupada por Urbano II, que tinha sido discípulo e confidente de Gregório e de Vítor. Urbano abraçou com ardor um projeto de que seus predecessores haviam tido o primeiro pensamento; recebeu Pedro como um profeta, aplaudiu seus intentos e o

encarregou de anunciar a próxima libertação de Jerusalém.

O Eremita atravessou a Itália, passou os Alpes, percorreu a França e a maior parte da Europa, abrasando todos os corações cóm o zêlo que o devorava. Viajava montado sôbre uma mula, com um crucifixo na mão, descalço, e de cabeça descoberta, cingido por uma corda grosseira, usando um hábito rude e ordinário e uma capa também ordinária e grosseira. A singularidade de suas vestes era um espetáculo para o povo: a austeridade de seus costumes, sua caridade, a moral que êle pregava, faziam-no venerar como um santo.

O Eremita ia de cidade em cidade, de província em província, implorando a coragem de uns, a piedade de outros, às vêzes aparecia no púlpito das igrejas, ora pregava nos caminhos, nas praças públicas. Sua eloqüência era viva e arrebatada, cheia de veementes apóstrofes que arrastavam a multidão. Êle lembrava a profanação dos santos lugares e o sangue dos cristãos derramado em rios pelas ruas de Jerusalém: invocava o céu, os santos, os anjos, que êle tomava como testemunhas das suas afirmações e da veracidade de tudo o que dizia; dirigia-se ao monte Sião, à rocha do Calvário, ao monte das Oliveiras que êle fazia reboar de soluços e de gemidos. Quando não encontrava mais palavras para pintar a desgraça dos fiéis, mostrava aos presentes o crucifixo que trazia consigo; batia no peito e

feria-se a si mesmo ou derramava uma torrente de lágrimas.

O povo acorria em massa em seguimento de Pedro; o pregador da guerra santa era recebido por tôda a parte como um enviado de Deus: todos se julgavam felizes por lhe tocar as vestes; o pêlo que arrancavam da mula que êle montava era conservado como uma santa relíquia. À sua voz as questões se acomodavam nas famílias, os pobres eram socorridos, a devassidão envergonhava-se de seus excessos; só se falava das virtudes do eloqüente cenobita; narravam-se suas austeridades e seus milagres; repetiam-se seus discursos, aos que não os haviam podido escutar e que não haviam podido edificar-se com sua presença.

Muitas vêzes êle encontrava em suas excursões cristãos do Oriente, exilados de sua pátria, que percorriam a Europa pedindo esmola. O eremita Pedro os apresentava ao povo como testemunhas vivas da barbárie dos infiéis; e, mostrando os andrajos de que se cobriam, o santo orador atacava com violência os opressores e seus carrascos. A êsse espetáculo, os fiéis experimentavam por sua vez as mais vivas emoções da piedade e o furor da vingança; todos deploravam em seu coração a desgraça e a vergonha de Jerusalém. O povo elevava sua voz para o céu para pedir a Deus que Êle se dignasse lançar um olhar sôbre a cidade de sua predileção; uns ofereciam suas riquezas, outros, suas orações; todos pro-

metiam dar sua vida para a libertação dos santos lugares.

No meio dessa agitação geral, Alexis Comeno, ameaçado pelos turcos, mandou embaixadores ao Papa para pedir o auxílio dos latinos. Algum tempo antes dessa embaixada, êle tinha mandado cartas aos Príncipes do Ocidente, nas quais lhes contava de maneira lamentável as conquistas dos turcos na Ásia Menor. "Essas hordas selvagens, que, na devassidão e na embriaguez da vitória, tinham ultrajado a natureza e a humanidade, estavam às portas de Bizâncio, e, sem o pronto auxílio de todos os povos cristãos, a cidade de Constantino ia cair sob a mais espantosa dominação. Alexis lembrava aos Príncipes da cristandade as santas relíquias guardadas em Constantinopla, e rogava-lhes que salvassem da profanação dos infiéis aquêle sagrado depósito. Depois de ter louvado o esplendor e as riquezas de sua capital, êle exortava os cavaleiros e os barões a vir defendê-los; oferecia-lhes seus tesouros como prêmio de sua coragem, elogiava a beleza das mulheres gregas, cujo amor devia pagar os empreendimentos de seus libertadores. "Assim, nada foi esquecido que pudesse aliciar as paixões e despertar o entusiasmo dos guerreiros do Ocidente." A invasão dos turcos era, aos olhos de Alexis, o maior de todos os flagelos que tinha a temer o chefe de um reino cristão, e, para afastar semelhante perigo, tudo lhe parecia justo e conveniente. Êle podia suportar a

idéia de perder a coroa, não, porém, a vergonha de ver seus Estados sujeitos às leis de Maomé; se êle devia um dia perder o império, com isso já se consolava, contanto que a Grécia escapasse ao jugo dos muçulmanos e se tornasse partilha dos latinos.

Para responder aos pedidos de Alexis e aos votos dos fiéis, o soberano Pontífice convocou em Plaisance um concílio, a fim de expor os perigos da Igreja grega e da Igreja latina do Oriente. As pregações de Pedro tinham de tal modo preparado os espíritos, que mais de duzentos bispos e arcebispos, quatro mil eclesiásticos e trinta mil leigos obedeceram ao convite da Santa Sé. O concílio foi tão numeroso que tiveram de se reunir numa planície perto da cidade.

Nessa assembléia de fiéis, todos os olhares se voltaram para os embaixadores de Alexis; sua presença no meio de um concílio latino dava bem a entender os desastres do Oriente. Depois que êles exortaram os príncipes e os guerreiros a salvar Constantinopla e Jerusalém, Urbano apoiou seus discursos e seus pedidos com tôdas as razões que lhe podiam fornecer os interêsses da cristandade e a causa da religião. No entretanto, o Concílio de Plaisance não tomou resolução alguma sôbre a guerra contra os infiéis. Êle não tinha sòmente por objeto a libertação da Terra Santa: as declarações da Imperatriz Adelaide, que veio revelar sua própria vergonha e a de seu espôso, os anátemas contra o Imperador da

Alemanha e contra o antipapa Guiberto, ocuparam por vários dias a atenção de Urbano e dos Padres do concílio.

Outras razões explicariam o pouco efeito que produziu a pregação de Urbano no concílio de Plaisance. Os povos da Itália, aos quais o soberano Pontífice se dirigia, estavam entregues ao espírito de comércio, e as preocupações mercantis não vão de acôrdo com o entusiasmo religioso; além disso, a Itália estava fortemente dominada por um espírito de liberdade, que produzia perturbações e levava a negligência aos interêsses da religião. Podemos ainda acrescentar que o poder pontifical, por vêzes reduzido a duros extremos, tinha perdido algo de seu prestígio, algo de sua influência, para os povos de além dos Alpes. Enquanto o mundo cristão homenageava em Urbano o formidável sucessor de Gregório, os italianos, dos quais às vêzes êle havia implorado a caridade, só conheciam suas desgraças e infelicidades; sua presença não lhes inflamava o zêlo, e suas decisões nem sempre eram leis para os que o tinham visto, do seio da miséria e do exílio, forjar os raios lançados sôbre os tronos do Ocidente.

O prudente Urbano não quis despertar o ardor dos italianos; êle pensou, além disso, que seu exemplo não era próprio para incitar as outras nações. Para tomar um partido decisivo sôbre a guerra santa e para interessar todos os povos ao seu feliz êxito, êle resolveu reunir um segundo sínodo, numa nação

belicosa e, desde aquêles tempos remotos, acostumada a dar impulso à Europa. O novo concílio, reunido em Clermont, no Auvergne, não foi nem menos numeroso nem menos respeitável que o de Plaisance; os santos e os doutôres mais célebres vieram honrá-lo com sua presença e ilustrá-lo com seus conselhos. A cidade de Clermont pôde com dificuldade receber em seu recinto todos os príncipes, os embaixadores e os prelados que haviam ido ao concílio: "de sorte que, diz uma antiga crônica, pela metade do mês de novembro, as cidades e as aldeias dos arredores, ficaram cheias de povo, e vários foram obrigados a mandar erguer tendas e pavilhões no meio do campo e dos prados, embora a estação e o país estivessem sob o domínio de um intenso frio."

Antes de se ocupar da guerra santa, o concílio, por primeiro dirigiu sua atenção para a reforma do clero e a disciplina eclesiástica, ocupou-se depois, de pôr um freio à licença e às guerras entre particulares. Naqueles tempos bárbaros, os simples cavaleiros vingavam suas injúrias, por meio das armas. Pelo motivo mais leve, viam-se às vêzes famílias empreenderem uma guerra que durava várias gerações; a Europa estava cheia de perturbações e agitações causadas por essas hostilidades. Na impotência das leis e dos governos, a Igreja empregou muitas vêzes sua útil influência para restabelecer a tranqüilidade: vários concílios tinham proibido as guerras entre particulares, durante quatro dias na

semana e seus decretos tinham invocado as vinganças do céu, contra os perturbadores da tranqüilidade pública.

O concílio de Clermont renovou a trégua de Deus. Desde o domingo no comêço do jejum, até a segunda-feira ao despontar do sol, depois da oitava de Pentecostes, desde a quarta-feira que precede o Advento do Senhor, ao pôr do sol até a oitava da Epifania, era proibido a todos os homens provocar um outro, matá-lo, feri-lo, ou arrebatar-lhe bens ou gado. A mesma proibição era feita para tôdas as semanas do ano, desde a quarta-feira ao pôr do sol, até a segunda-feira ao nascer do sol, e para tôdas as festas do ano, as festas de Nossa Senhora e dos Apóstolos, com suas vigílias. O concílio decidiu, além disso, que tôdas as igrejas e seus átrios, as cruzes das estradas, os monges e os clérigos, as freiras e as mulheres, os peregrinos, os negociantes com seus familiares, os bois, os cavalos de tração, os homens, trabalhadores da charrua, os pastôres e seus rebanhos, gozariam de uma paz perpétua e ficariam sempre ao abrigo da violência e do banditismo. Todo o cristão, desde a idade de doze anos, devia jurar submeter-se à trégua de Deus e armar-se contra os que se recusassem ao juramento e sua submissão a essa lei. Todos os que não jurassem obedecer à trégua de Deus, seriam feridos com o anátema.

Assim proclamava-se ao mesmo tempo a trégua de Deus e a guerra de Deus. O concílio fêz muitas

regras para a disciplina eclesiástica e a reforma da Igreja, mas todos êsses decretos, mesmo a excomunhão lançada contra o Rei da França Felipe I, não puderam afastar a atenção geral de um assunto, que se considerava como muito mais importante: o cativeiro e as desgraças de Jerusalém.

O entusiasmo, o fanatismo, que sempre crescem nas reuniões numerosas, tinham sido levados ao auge. Urbano satisfez por fim à impaciência dos fiéis. O concílio teve sua décima reunião na grande praça de Clermont que logo se encheu de uma multidão enorme. Seguido por seus cardeais, o Papa subiu a uma espécie de trono, que haviam erguido para êle; ao seu lado estava Pedro, o Eremita, com o bordão de peregrino e a capa de lã, que por tôda a parte lhe havia atraído a atenção e o respeito da multidão. O apóstolo da guerra santa falou primeiro dos ultrajes feitos à fé de Cristo: recordou as profanações e os sacrilégios de que fôra testemunha, os tormentos e as perseguições que um povo sem Deus fazia sofrerem àqueles que iam visitar os santos lugares. Êle tinha visto cristãos carregados de grilhões, levados à escravidão, atrelados ao jugo, como animais de carga; êle tinha visto os opressores de Jerusalém vender aos filhos de Cristo a licença de saudar o túmulo de seu Deus, arrancar-lhes até o mesmo pão da miséria e atormentar a mesma pobreza, para conseguir tributos; êle tinha visto os ministros do Todo-Poderoso tirados do Santuário, vergasta-

dos, e condenados a uma morte ignominiosa. Narrando as desgraças e a vergonha dos cristãos, Pedro tinha o rosto abatido e consternado; sua voz era entrecortada de soluços, sua viva emoção penetrava todos os corações.

Urbano falou depois de Pedro, o Eremita, e fê-lo nestes têrmos: "Acabais de ouvir o enviado dos cristãos do Oriente. Êle vos disse da sorte lamentável de Jerusalém e do povo de Deus; êle vos disse de como a cidade do rei dos reis, que transmite aos outros os preceitos de uma fé pura, foi obrigada a servir às superstições dos pagãos; de como o túmulo milagroso, onde a morte não pôde conservar sua prêsa, êsse túmulo, fonte da vida futura, sôbre o qual surgiu o sol da ressurreição, foi manchado por aquêles que não devem ressuscitar, senão para *servir de palha ao fogo eterno.* A impiedade vitoriosa espalhou suas trevas nas mais ricas regiões da Ásia: Antioquia, Éfeso, Nicéia, tornaram-se cidades muçulmanas; as hordas bárbaras dos turcos chantaram seus estandartes nas margens do Helesponto, de onde ameaçam todos os países cristãos. Se Deus mesmo, armando contra elas seus filhos, não as detiver em sua marcha triunfante, que nação, que reino, poderá fechar-lhes as portas do Ocidente?"

O soberano Pontífice dirigia-se a tôdas as nações cristãs; êle dirigia-se principalmente aos franceses; na sua coragem a Igreja punha a sua esperança; porque conhecia sua bravura e sua pie-

dade, o Papa havia atravessado os Alpes e lhes trazia a palavra de Deus. À medida que o Pontífice pronunciava seu discurso, os ouvintes penetravam-se dos sentimentos de que êle estava animado; êle procurava ora excitar no coração dos cavaleiros e dos barões que o escutavam, o amor da glória, a ambição das conquistas, o entusiasmo religioso e principalmente a compaixão por seus irmãos, os cristãos. "O povo, digno de elogios, dizia-lhes êle, êsse povo que o Senhor, nosso Deus, abençoou, geme e sucumbe sob o pêso dos ultrajes e das exacções mais vergonhosas. A raça dos eleitos sofre indignas perseguições; a raiva ímpia dos sarracenos não respeitou nem as virgens do Senhor, nem o *colégio real dos sacerdotes.* Êles carregaram de ferros as mãos dos enfermos e dos velhos; crianças arrancadas aos braços maternos esquecem agora entre os bárbaros o nome do verdadeiro Deus; os asilos que esperavam os viajantes pobres na estrada dos santos lugares receberam sob seu teto profanado uma nação perversa; *o templo do Senhor foi tratado como um homem infame e os ornamentos do santuário foram arrebatados como escravos.* Que vos direi mais? No meio de tantos males, quem poderia reter em suas casas desoladas, os habitantes de Jerusalém, os guardas do Calvário, os servidores e os *concidadãos do Homem-Deus,* se não se tivesse impôsto a êles a lei de receber e de socorrer os peregrinos, se êles não tivessem receio de deixar sem sacerdotes, sem alta-

res, sem cerimônias religiosas uma terra tôda coberta ainda pelo sangue de Jesus Cristo?

"Ai! de nós, meus filhos e meus irmãos, que vivemos nestes dias de calamidades! Viemos então a êste século reprovado pelo céu para ver a desolação da cidade santa e para vivermos em paz, quando ela está entregue nas mãos de seus inimigos? Não é preferível morrer na guerra do que suportar por mais tempo êsse horrível espetáculo? Choremos todos juntos nossas faltas que armaram a cólera divina; choremos, mas que nossas lágrimas não sejam como a semente lançada sôbre a areia e a guerra santa se acenda ao fogo de nosso arrependimento; e o amor de nossos irmãos nos anime ao combate e seja *mais forte que a mesma morte,* contra os inimigos do povo cristão.

"Guerreiros que me escutais, prosseguia o eloqüente pontífice, vós que procurais sem cessar vãos pretextos de guerra, alegrai-vos pois eis aqui uma guerra legítima: chegou o momento de mostrar se estais animados por uma verdadeira coragem; chegou o momento de expiar tantas violências cometidas no seio da paz, tantas vitórias manchadas pela injustiça. Vós que fôstes tantas vêzes o terror de vossos concidadãos e que vendíeis por um vil salário vossos braços ao furor de outrém, armados pela espada dos Macabeus, ide defender *a casa de Israel, que é a vinha do Senhor dos exércitos.* Não se trata mais de vingar as injúrias dos homens, mas as da Divin-

dade; não se trata mais do ataque de uma cidade ou de um castelo, mas da conquista dos santos lugares. Se triunfardes, as bênçãos do céu e os reinos da Ásia serão vosso prêmio; se sucumbirdes, tereis a glória de morrer nos mesmos lugares onde Jesus Cristo morreu e Deus não se esquecerá de que vos viu em sua santa milícia. Que afeições fracas e covardes, sentimentos profanos não vos prendam em vossos lares; soldados do Deus vivo, escutai sòmente os gemidos de Sião; quebrai todos os liames da terra e lembrai-vos do que o Senhor disse: *Aquêle que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; todo aquêle que deixar sua casa, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua espôsa, ou seus filhos, ou sua propriedade, por meu nome, será recompensado com o cêntuplo e terá vida eterna.*"

Estas palavras de Urbano penetravam e abrasavam todos os corações e assemelhavam-se à chama ardente descida do céu. A assembléia dos fiéis, levados por um entusiasmo que jamais a eloqüência humana tinha inspirado, ergueu-se totalmente e fêz ouvir estas palavras: *Deus o quer!* Êsse brado unânime foi repetido várias vêzes; ecoou ao longe na cidade de Clermont e até nas montanhas da vizinhança. Quando se restabeleceu a calma: "Vêdes aqui, continuou o Pontífice, a realização da promessa divina: "Jesus Cristo declarou, que quando seus discípulos se reunissem em seu nome, Êle estaria no meio dêles; sim, o Salvador do mundo está

agora em nosso meio e é Êle mesmo que vos inspira os brados que acabo de ouvir. Que essas palavras: *Deus o quer!* sejam para o futuro vosso grito de guerra e anunciem por tôda a parte a presença do Deus dos exércitos." Terminando de falar, Urbano mostrou à assembléia dos cristãos o sinal da redenção. "É o mesmo Jesus Cristo, disse-lhe, que sai de seu túmulo e que vos apresenta sua cruz; ela será o sinal, erguido entre as nações, que deve reunir os filhos dispersos de Israel; levai-a em vossos ombros ou sôbre o vosso peito; que ela brilhe sôbre as vossas armas e sôbre os vossos estandartes; ela será para vós o penhor da vitória ou a palma do martírio; ela vos há de lembrar contìnuamente que Jesus Cristo morreu por vós e que deveis morrer por Êle."

Depois que Urbano acabou de falar, a agitação foi grande; só se ouviam êstes brados: *Deus o quer! Deus o quer!*, que era como a voz de todo o povo cristão. O cardeal Gregório, que depois subiu ao trono de S. Pedro, com o nome de Inocêncio, pronunciou em voz alta uma fórmula de confissão geral; todos prostraram-se de joelhos, batendo no peito e recebendo o perdão de seus pecados.

Ademar de Monteuil, Bispo de Puy, pediu por primeiro para ingressar no *caminho de Deus* e tomou a cruz das mãos do Papa. Vários Bispos seguiram-lhe o exemplo. Raimundo, conde de Tolosa, desculpou-se por meio de seus embaixadores por não ter podido assistir ao concílio de Clermont;

êle já tinha combatido contra os sarracenos, na Espanha. Prometia ir combatê-los também na Ásia, seguido por seus guerreiros mais fiéis. Os barões e os cavaleiros que tinham ouvido as exortações de Urbano fizeram o juramento de vingar a causa de Jesus Cristo; esqueceram-se de suas próprias questões e juraram combater juntos os inimigos da fé cristã. Todos os fiéis prometeram respeitar às decisões do concílio e ornaram suas vestes com uma cruz vermelha de pano ou de sêda. Tomaram desde então o nome de *cruzados* e foi dada à guerra o nome de *Cruzada,* isto é, à expedição que se ia empreender contra os sarracenos.

Os fiéis pediram a Urbano que se pusesse à sua frente, mas o Pontífice, que ainda não tinha triunfado sôbre o antipapa Guiberto, e que perseguia com seus anátemas o rei da França e o imperador da Alemanha, não podia deixar a Europa sem comprometer o poder e a política da Santa Sé. Recusou então a chefia da Cruzada, mas nomeou o Bispo de Puy, seu legado apostólico, junto do exército dos cristãos. Prometeu a todos os cruzados a remissão de seus pecados. Suas pessoas, suas famílias, seus bens, foram postos sob a proteção da Igreja e dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. O concílio declarou que tôda violência feita contra os soldados de Jesus Cristo seria castigada com o anátema e entregou seus decretos, em favor dos cruzados à vigilância dos Padres e dos Bispos. Regulou a disciplina,

fixou a época da partida dos que se tinham inscrito na sagrada milícia e de mêdo que a reflexão retivesse a alguns em seus lares, ameaçou de excomunhão aos que não cumprissem os juramentos.

As notícias divulgaram-se e espalharam por tôda a parte a guerra que se havia declarado contra os infiéis. Urbano percorreu êle mesmo várias províncias da França, para terminar sua obra tão felizmente começada. Nas cidades de Ruão, Angers, Nimes, reuniu concílios, onde a nobreza, o clero e o povo acorreram para ouvir o pai dos fiéis e chorar com êle as desgraças de Sião. Em tôdas as dioceses, em tôdas as paróquias, os Bispos e os simples pastôres, não paravam de benzer cruzes para os fiéis que prometiam armar-se para a libertação da terra santa. A Igreja conservou em seus anais as fórmulas de orações rezadas nessa cerimônia. O padre, depois de ter invocado o auxílio de Deus, que fêz o céu e a terra, rogava ao Senhor que abençoasse, em sua bondade paterna, a cruz dos peregrinos, como tinha outrora abençoado a vara de Aarão; rogava à misericórdia divina que não abandonasse nos perigos os que iam combater por Jesus Cristo e que lhes enviasse o anjo Gabriel que outrora tinha sido o fiel companheiro de Tobias. Dirigindo-se depois a cada peregrino prostrado diante dêle, o padre lhe dizia, depois de lhe ter prendido a cruz ao peito: "Recebe êste sinal, imagem da Paixão e da Morte do Salvador do mundo, a fim de que em tua viagem nem a infe-

licidade nem o pecado te possam ferir e voltes mais feliz e sobretudo, melhor, para junto dos teus." Os presentes respondiam: Amém. O santo entusiasmo que esta cerimônia inspirava, difundia-se entre os demais e abrasava todos os corações.

Ter-se-ia dito que os franceses não tinham outra pátria que a terra santa e que êles lhe deviam o sacrifício de sua tranqüilidade, de seus bens e de sua vida. Êsse sentimento, que não tinha mais limites, não tardou a se comunicar aos outros povos cristãos; chegou à Inglaterra, ainda abalada pela recente conquista dos normandos; à Alemanha, perturbada pelos anátemas de Gregório e de Urbano; à Itália agitada pelos partidos; à mesma Espanha, que combatia os sarracenos em seu próprio território. Tal o ascendente da religião ultrajada pelos infiéis, tal a influência do exemplo dado pelos franceses, que tôdas as nações cristãs logo esqueceram o que era objeto de sua ambição ou de seus temores e forneceram à cruzada os soldados de que precisavam para se defenderem. Todo o Ocidente reboava com estas palavras: *Aquêle que não traz sua cruz e não vem comigo, não é digno de mim.*

A situação em que se encontrava a Europa contribuiu sem dúvida para aumentar o número dos peregrinos: "Tôdas as coisas iam em tal desordem, diz Guilherme de Tiro, que parecia que o mundo caminhava para o seu declínio e a segunda vinda do Filho do homem devia estar próxima." Por tôda

a parte o povo, como já dissemos, gemia em horrível escravidão; uma carestia espantosa, que desolava há vários anos a França e a maior parte dos reinos do Ocidente, tinha dado origem a tôda espécie de calamidades, de crimes e de assaltos.

Aldeias, cidades mesmo, ficavam desabitadas e se desfaziam em ruínas. Os povos abandonaram sem pesar uma terra que não mais os podia nutrir e não lhes oferecia nem descanso nem tranqüilidade; o estandarte da cruz lhes parecia um asilo seguro contra a miséria e a opressão. Segundo os decretos do concílio de Clermont, os cruzados estavam dispensados de impostos, não podiam ser cobrados em suas dívidas, durante a viagem. Sòmente ao nome da cruz as leis suspendiam suas ameaças, a tirania não podia aferrar suas vítimas, nem a justiça, mesmo os culpados, entre os que a Igreja tomava como defensores. A garantia da impunidade, a esperança de uma melhor sorte, o amor mesmo da licença, o desejo de sacudir as cadeias mais sagradas, fizeram acorrer a multidão para as bandeiras da cruzada.

Muitos senhores que não tinham antes tomado a cruz e que viam partir seus navios sem poder detê-los, decidiram segui-los como chefes militares, para conservar alguma coisa de sua autoridade. A maior parte dos condes e dos barões não hesitaram além disso em deixar a Europa, que o concílio de Clermont acabava de declarar em estado de paz e que não lhes devia mais oferecer a ocasião de mos-

trar seu valor; todos êles tinham crimes a expiar: "Era-lhes prometido, diz Montesquieu, expiá-los seguindo sua paixão dominante; êles tomaram então a cruz e as armas."

A Igreja ainda não havia renunciado ao costume de impor penitências públicas. Muitos pecadores envergonhavam-se assim em reconhecer suas faltas diante de seus concidadãos e parentes; preferiam correr mundo e expor-se aos perigos e às fadigas de uma peregrinação a lugares longínquos. Por outro lado, o tribunal da penitência ordenava algumas vêzes aos fiéis, principalmente aos guerreiros que se sepultassem no retiro e que evitassem com escrúpulo a dissipação e os combates. Que se julgue da revolução que se deveu operar nos espíritos, quando a mesma Igreja tocou a trombeta guerreira e apresentou como agradável a Deus o amor das conquistas, a glória de vencer, o ardor pelos perigos, que antes eram tidos como pecados. Podemos crer que essas novidades na disciplina eclesiástica não favoreceram à melhoria dos costumes; mas é certo que serviram maravilhosamente à guerra santa e aumentaram muito o número dos peregrinos e de vingadores do santo sepulcro.

O clero mesmo deu o exemplo. A maior parte dos Bispos, que tinham o título de conde ou de barão e que fazia muitas vêzes a guerra para manter os direitos dos seus bispados, julgou dever armar-se para a causa de Jesus Cristo. Os padres, para dar

maior pêso à sua pregação, tomaram também a cruz; um grande número de pastôres resolveu seguir seu rebanho até Jerusalém; alguns dentre êles, como veremos em seguida, tinham sem dúvida presente ao pensamento, os bispados da Ásia, e cediam à esperança de ocupar um dia as sedes mais afamadas da Igreja do Oriente.

No meio da anarquia e das perturbações que desolavam a Europa desde o reinado de Carlos Magno, havia-se formado uma associação de nobres cavaleiros que percorria o mundo em busca de aventuras: êles tinham feito o juramento de proteger a inocência, socorrer os fracos oprimidos e combater os infiéis. A religião, que tinha consagrado sua instituição e abençoado sua espada, chamou-os em sua defesa e a ordem da cavalaria, que deveu uma grande parte de seu brilho e de seus progressos à guerra santa, contou um grande número de seus guerreiros que se reuniram sob o estandarte da cruz.

A ambição não foi talvez estranha ao seu devotamento pela causa de Jesus Cristo. Se a religião prometia suas recompensas aos que iam combater por ela, a fortuna prometia-lhes também as riquezas e os tronos da terra. Os que voltavam do Oriente falavam com entusiasmo das maravilhas que tinham visto, ricas províncias que tinham atravessado. Sabia-se que duzentos ou trezentos peregrinos normandos tinham conquistado a Apúlia e a Sicília, dos sarracenos. Tôdas as terras ocupadas pelos

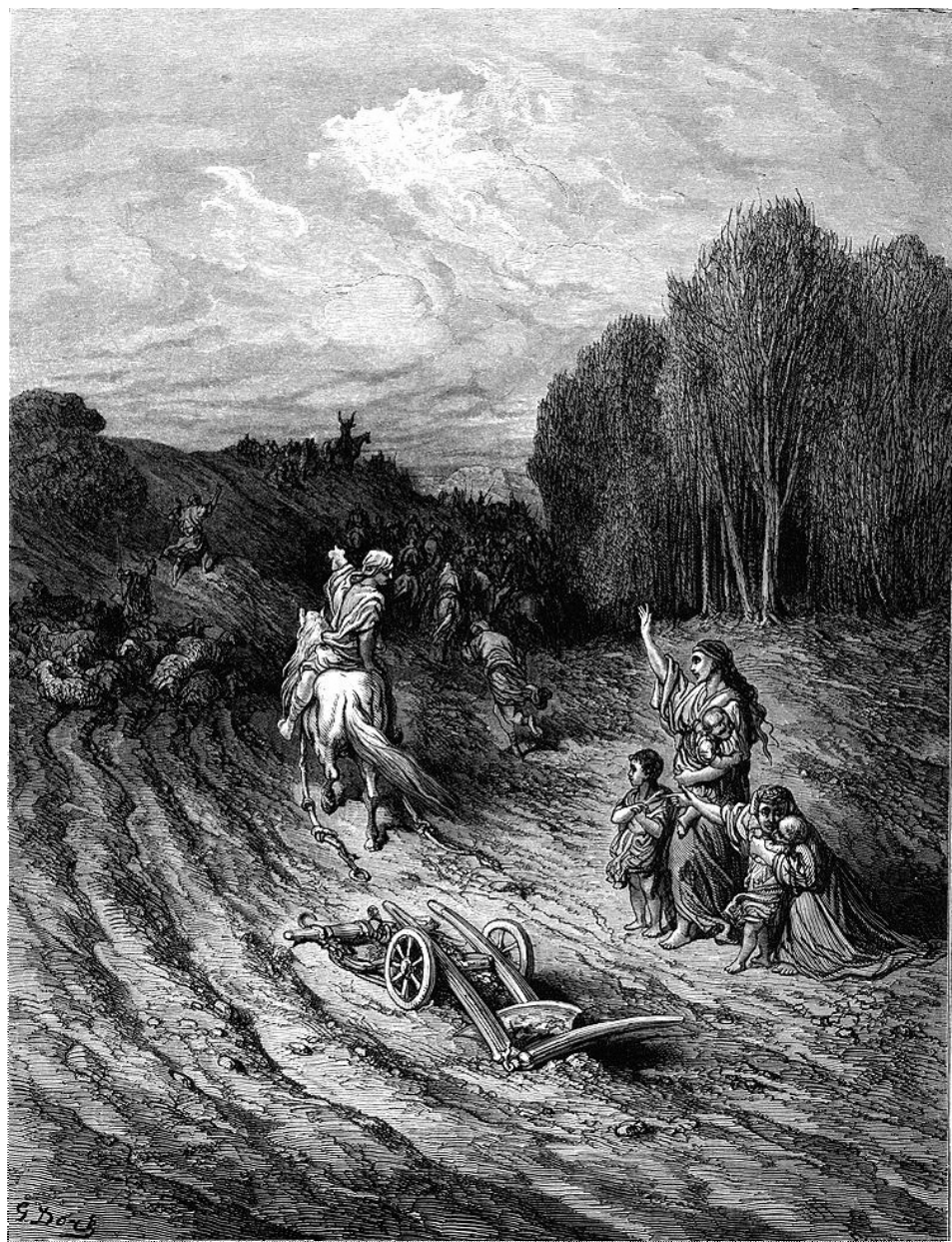
infiéis pareciam dever pertencer aos valentes cavaleiros que só tinham por riqueza apenas seu nascimento, sua bravura e sua espada.

Não nos devemos esquecer no entretanto, de que o entusiasmo religioso era o primeiro e principal móvel, que punha todo o mundo cristão em movimento. Nos tempos ordinários, os homens seguem suas inclinações naturais e não obedecem senão a elas; mas, no tempo de que falamos, a devoção da peregrinação, que se tornava mais viva, comunicando-se e que se podia chamar, segundo a expressão de S. Paulo, a loucura da cruz, era uma paixão ardente e que falava mais alto que tôdas as outras. Só se via a religião na guerra contra os sarracenos e a religião que assim se entendia, não permitia aos seus entusiastas defensores ver outra felicidade, outra glória que a que ela apresentava à sua imaginação exaltada. O amor da pátria, os liames da família, os mais ternos afetos do coração, foram sacrificados às idéias e às opiniões que dominavam então tôda a Europa. A moderação era fraqueza, a indiferença, uma traição, a oposição, um atentado sacrílego. O poder das leis era tido em pouca conta entre os que julgavam combater pela causa de Deus. Os súditos mal reconheciam a autoridade dos Príncipes e dos senhores em tudo o que se referia à guerra santa; o senhor e o escravo não tinham outro título que o de cristão, outro dever a cumprir, que defender a religião com as armas na mão.

A imaginação do povo via todos os dias tantos prodígios, que tôda a natureza parecia ter sido chamada a proclamar a vontade do céu. "Tomo a Deus por testemunha, diz o abade Guiberto, que morando naquela época em Beauvais, vi certa vez, em pleno meio-dia algumas nuvens dispostas umas sôbre as outras, um pouco oblìquamente, de modo que se poderia ver perfeitamente a forma de uma cegonha, ou de uma garça; quando, de repente, milhares de vozes, elevando-se de todos os lados, anunciaram que acabava de aparecer no céu a figura de uma cruz." O mesmo cronista, refere que uma *mulherzinha,* empreendera viagem a Jerusalém; um ganso, *instruído não sei em que nova escola,* diz Guiberto, e *fazendo muito mais do que comporta a sua natureza de irracional,* caminhava balançando-se, atrás dessa senhora. Logo a notícia, voando com rapidez, espalhou-se pelos castelos e nas aldeias, de que os gansos eram enviados para a conquista de Jerusalém.

Julgava-se uma vergonha, não ter recebido uma revelação particular para a guerra santa, de como Deus tinha chamado cada um dos fiéis à libertação de seu túmulo. Para fazer crer numa advertência milagrosa, um, tirando um pouco de sangue, riscava sôbre o corpo, traços em forma de cruz e os mostrava a todos; outro, mostrava a mancha que tinha na vista e que lhe escurecia a visão, como um oráculo divino que o advertia a empreender a santa viagem; um terceiro, empregava o suco das plantas

novas ou qualquer outra espécie de preparado colorido, para traçar sôbre o rosto o sinal da redenção; como se tinha o costume de pintar, abaixo dos olhos, como um adôrno, alguns pobres peregrinos, pintavam-se de verde ou de vermelho, a fim de se poderem apresentar, como testemunhos vivos dos milagres do céu. Os que recorriam a essas piedosas fraudes, esperavam que a caridade dos fiéis os ajudasse a seguir a cruzada. Os monges desertavam dos claustros nos quais haviam feito juramento de morrer e julgavam-se impelidos por uma inspiração divina; os eremitas deixavam as solidões e vinham misturar-se na multidão dos cruzados. O que mais difìcilmente se poderia crer, é que os ladrões, os assaltantes, deixavam seus covis escondidos, vinham confessar suas faltas, e prometiam, recebendo a cruz, ir expiá-las na Palestina.

Os artífices, os negociantes, os lavradores, abandonavam suas ocupações e sua profissão; não pensavam mais no futuro, nem para si mesmos, nem para suas famílias; os barões e os senhores renunciavam às suas propriedades, conquistadas pelo valor e pelos feitos de seus antepassados. As terras, as cidades, os castelos pelos quais haviam feito a guerra, perderam de repente todo valor aos olhos de seus proprietários e foram dados, por somas módicas, aos que a graça de Deus não tinha tocado e que não eram chamados para a felicidade de visitar os santos lugares e de conquistar o Oriente.

Um só grito retumbava: Deus o quer!

Os autores contemporâneos contam vários milagres que contribuíram para inflamar o espírito da multidão. Haviam-se visto estrêlas destacarem-se do firmamento e caírem sôbre a terra; mil fogos desconhecidos corriam pelo ar e davam à noite a claridade do dia; nuvens côr de sangue levantavam-se de repente no horizonte e no ocidente; um cometa ameaçador apareceu ao meio-dia; sua forma era a de uma espada. Viram-se nas altas esferas do céu cidades com suas tôrres e defesas, armadas, prestes a combater, seguindo o estandarte da cruz. O monge Roberto refere que, no mesmo dia em que no concílio de Clermont, se decidiu a cruzada, aquela deliberação foi proclamada além dos mares. "Essa notícia, diz êle, tinha reerguido a coragem dos cristãos no Oriente e levado de repente o desespêro aos povos da Arábia." Para cúmulo de prodígios, os santos e os reis das idades precedentes saíam de seus túmulos e vários franceses haviam visto a sombra de Carlos Magno exortando os cristãos a combater contra os infiéis.

Não referiremos todos os outros milagres, citados por vários cronistas, mas indicaremos o caráter magnìficamente poético dêsses presságios, que acompanhavam a vasta agitação da cruzada. A imaginação, sonhando sòmente com batalhas, tinha semeado nos céus as imagens da guerra; a natureza tinha sido associada aos interêsses, ao entusiasmo, às paixões da multidão; tôdas as coisas encontravam-se

em harmonia com os sentimentos de todos; e, para que o tempo passado também pudesse entrar, de algum modo, no movimento dessa época, o túmulo tinha permitido a ilustres mortos, misturarem-se com os vivos. Devemos reconhecer nessas maravilhosas visões todo o sublime da epopéia.

O concílio de Clermont, que se havia reunido no mês de novembro de 1095, tinha marcado a partida dos cruzados para a festa da Assunção, do ano seguinte. Durante o inverno todos se ocuparam com os preparativos da viagem para a terra santa; tôda outra preocupação, todo outro trabalho foi suspenso, nas cidades e nos campos. No meio da efervescência geral, a religião, que animava todos os corações velava pela ordem pública. Não se ouvia mais falar de roubos, de assaltos. O Ocidente calou-se e a Europa gozou, durante alguns meses, de uma paz que não conhecia mais.

Entre os preparativos da cruzada, não devemos esquecer do cuidado que os cruzados tomavam em mandar abençoar suas armas e suas bandeiras. Em cada paróquia, o Pontífice ou o pastor, depois de ter aspergido a água benta sôbre as armas colocadas diante dêle, rogava a Deus Todo Poderoso, que concedesse àquele ou aos que as deviam usar nos combates, a coragem e a fôrça que outrora Êle havia dado a Davi, vencedor do infiel Golias. Entregando ao cavaleiro sua espada, que êle tinha aben-

çoado, o padre dizia: "*Recebei esta espada em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo. Serví-vos dela para o triunfo da fé; que jamais ela derrame o sangue inocente.* A bênção dos estandartes fazia-se com a mesma solenidade: o ministro do Deus dos exércitos pedia ao céu que aquêle sinal da guerra fôsse para os inimigos do povo cristão um motivo de terror e para todos os que esperavam em Jesus Cristo, um penhor de sua vitória. O padre, depois de ter aspergido a água benta sôbre o estandarte, entregava-o aos guerreiros, de joelhos, diante dêle, dizendo: "Ide combater pela glória de Deus e que êsse sinal vos faça triunfar de todos os perigos." Essas cerimônias, desconhecidas até então, na Igreja, atraíam uma imensa multidão de fiéis e todos uniam suas orações às dos que partiam para implorar a proteção divina em favor dos soldados de Jesus Cristo.

Os que tinham tomado a cruz encorajavam-se uns aos outros e trocavam cartas e embaixadas para apressar a partida. As bênçãos do céu pareciam ser prometidas aos cruzados que por primeiros se pusessem em marcha, para Jerusalém. Aquêles mesmos que, nos primeiros momentos, tinham censurado o delírio da cruzada, reconheceram sua indiferença pela causa da religião e não mostraram menor fervor do que aquêles que lhes haviam dado exemplo. Todos estavam ansiosos por vender suas proprieda-

des e não encontravam mais compradores. Os cruzados desprezavam tudo o que não podiam levar consigo. Os produtos da terra eram vendidos a baixo preço, o que levou, de repente, a abundância ao meio da carestia. Um dos nossos antigos cronistas, o abade Guiberto, querendo pintar a indiferença universal por tudo que não era cruzada, nos diz que se desprezavam, como coisa vil, as mais belas das espôsas e as pedras preciosas não tinham mais encantos.

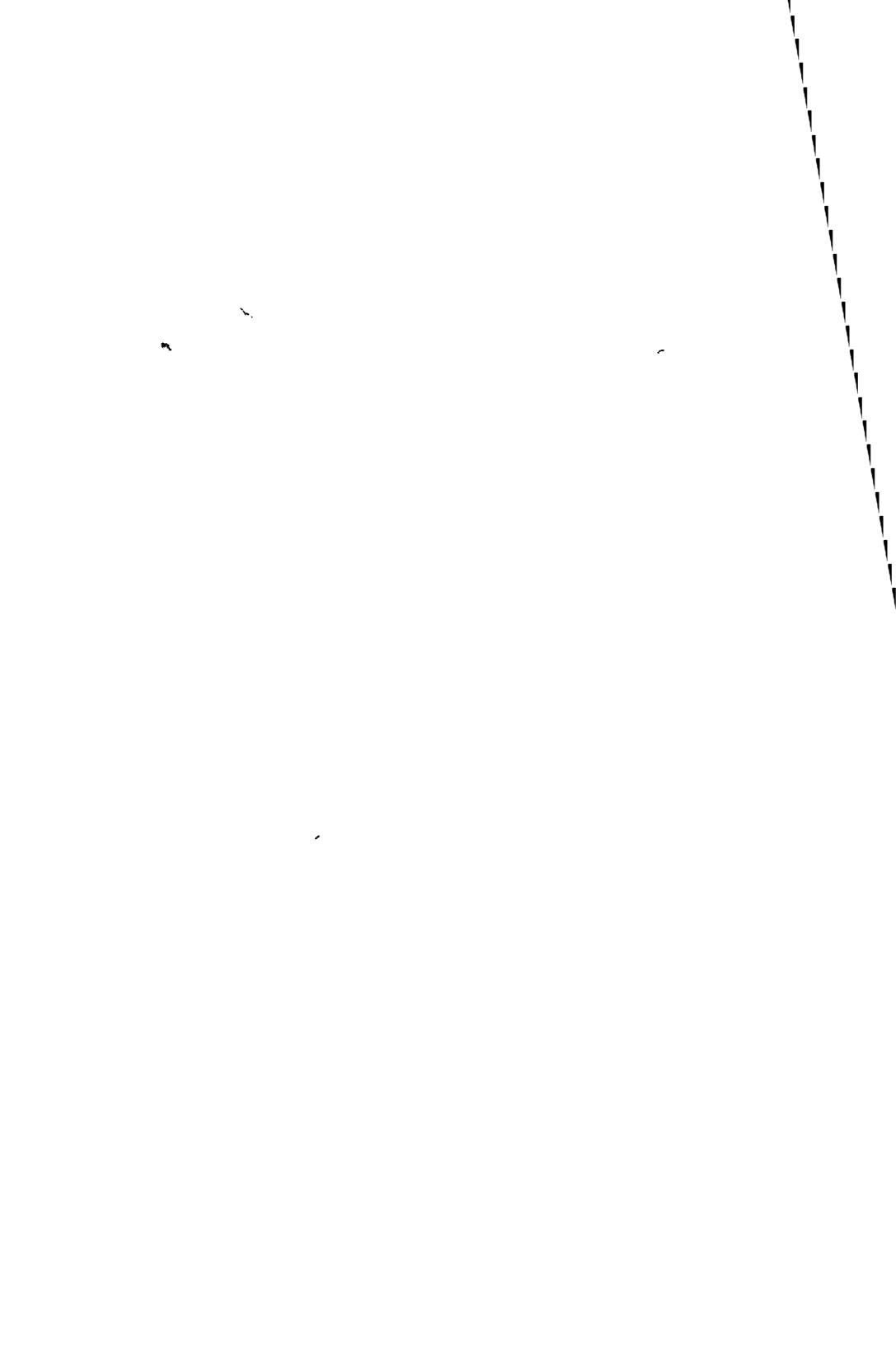
Quando veio a primavera, nada pôde conter a impaciência dos cruzados; puseram-se em marcha para os lugares onde se deveriam reunir. A maior parte ia a pé; havia alguns cavaleiros no meio da multidão, outros viajavam em carros puxados por bois ferrados, outros costeavam o mar, desciam os rios, em barcas. Estavam vestidos de diversas maneiras, armados de lanças, de espadas, de dardos, de ferros, etc. A multidão dos cruzados oferecia uma mistura bizarra e confusa de tôdas as condições e de tôdas as classes: havia mulheres armadas no meio dos guerreiros; a prostituição e as alegrias profanas apareciam no meio das austeridades da penitência e da piedade. Via-se a velhice ao lado da adolescência, a opulência ao lado da miséria, o capacete confundia-se com o capucho, a mitra com a espada, o senhor com o servo, o patrão com os empregados. Perto das cidades, perto das fortalezas,

nas planícies, nas montanhas, erguiam-se tendas, pavilhões para todos os cavaleiros, altares, levantados às pressas, para o ofício divino. Por tôda a parte exibia-se um aparato guerreiro e de festa solene. De um lado um chefe militar exercitava seus soldados; de outro, um pregador chamava a atenção de seus ouvintes sôbre as verdades eternas; aqui, o ruído de clarins, de trombetas, mais além o canto dos salmos e de outras melodias. Desde o Tibre até o Oceano e desde o Reno até além dos Pireneus só se viam grupos de homens marcados com a cruz, jurando exterminar os sarracenos e antecipadamente celebrando suas conquistas. De todos os lados ressoava o grito de guerra dos cruzados: *Deus o quer! Deus o quer!*

Os pais levavam seus filhos, fazendo-os jurar vencer ou morrer por Jesus Cristo. Os guerreiros separavam-se do braço de suas espôsas e de suas famílias e prometiam voltar vitoriosos. As mulheres e os anciãos cuja fraqueza ficava sem apoio, acompanhavam seus filhos ou esposos à cidade mais próxima e não podendo separar-se dos objetos de seu afeto tomavam a deliberação de seguí-los até Jerusalém. Os que ficavam na Europa invejavam a sorte dos cruzados e não podiam reter as lágrimas; os que iam buscar a morte na Ásia estavam cheios de esperança e de alegria.

Entre os peregrinos que haviam partido do lado do mar, notava-se uma multidão de homens que tinha deixado as ilhas do Oceano. Suas vestes e armas, que jamais haviam sido vistas, excitaram a curiosidade e a admiração. Êles falavam uma língua que ninguém entendia e para indicar que êles tinham vindo para defender os interêsses da cruz, êles cruzavam dois dedos da mão, um sôbre o outro. Levados por seu exemplo e pelo espírito de entusiasmo espalhado por tôda a parte, famílias e aldeias inteiras partiam para a Palestina; eram seguidos por seus humildes familiares, levavam suas provisões, seus trastes, seus móveis. Os mais pobres caminhavam sem nenhuma precaução ou previdência e não podiam crer que Aquêle que alimenta os passarinhos, deixasse perecer na miséria os peregrinos, revestidos de sua cruz. Sua ignorância aumentava-lhes a ilusão e dava a tudo o que êles viam um ar de encantamento e de prodígio; êles julgavam a todo momento chegar ao têrmo da peregrinação. Os filhos dos aldeões, quando uma cidade ou um castelo se apresentava aos seus olhos, perguntavam *se era ali Jerusalém.* Muitos grandes senhores que tinham passado sua vida em seus torreões rústicos e sabiam muito pouco, mais que seus vassalos, levavam com êles sua bagagem de pesca e caça e caminhavam precedidos por uma matilha, levando também seu falcão no pulso, esperavam chegar a Jerusalém

depois de um passeio e mostrar à Ásia o luxo grosseiro de seus castelos.

No meio dêsse movimento universal, nenhum homem sensato fêz ouvir a voz da razão; ninguém se admirava daquilo que hoje nos causa surprêsa. Essas cenas tão estranhas, nas quais todos eram atores, devia ser um espetáculo só para a posteridade.

LIVRO SEGUNDO

PARTIDA E MARCHA DOS CRUZADOS NO IMPÉRIO GREGO ATRAVÉS DA ÁSIA MENOR

1096-1097

Partida dos primeiros cruzados; sua marcha pela Alemanha, Hungria e Bulgária; sua indisciplina, excessos e infortúnios; Pedro, o Eremita e Gotschalk; o padre Volkmar e o conde Émicon; cêrco de Moseburg; a vanguarda chega a Constantinopla; Alexis Comeno a faz transportar para além do Bósforo; primeiras hostilidades com os Turcos; essa vanguarda é aniquilada; Godofredo de Bouillon; composição de seu exército; caracteres dos principais chefes; o imperador grego assusta-se com o número dos cruzados; o conde de Vermandois; política cautelosa de Alexis; os príncipes latinos prestam-lhe homenagem para suas futuras conquistas; sua liberalidade.

A multidão dos cristãos que tinha tomado a cruz na maior das regiões da Europa, era suficiente para se formarem vários corpos de exército. Os príncipes e os generais que os deviam guiar e comandar, combinaram entre si que não partiriam todos ao mesmo tempo, seguiriam caminhos diferentes e reunir-se-iam em Constantinopla.

(1096) Enquanto os príncipes se ocupavam com os preparativos da partida, a multidão que seguia Pedro, o Eremita, nas suas pregações mostrou-se impaciente por preceder os outros cruzados. Como não tinha chefe, lançou suas vistas sôbre aquêle que considerava como um enviado do céu e escolheu Pedro, o Eremita, para guiá-la à Ásia. O cenobita, enganado pelo excesso de seu zêlo, julgou que só o entusiasmo podia responder por todos os resultados da guerra e que lhe seria fácil guiar uma tropa indisciplinada que tinha tomado as armas à sua voz. Acedeu aos pedidos da multidão, e, coberto com seu manto de lã, um capucho na cabeça, sandálias nos pés, montando ainda a mesma mula em que havia percorrido a Europa, assumiu o comando. Sua tropa, que partiu das margens do Mosa e do Mosela, dirigiu-se pela Alemanha e

aumentou de número em caminho, com uma multidão de peregrinos que vinham da Champanha, da Borgonha e das províncias vizinhas. Pedro viu bem depressa oitenta ou cem mil homens sob sua bandeira. Êsses primeiros cruzados, levando consigo suas espôsas e filhos, velhos e doentes, punham-se em marcha, ante as promessas milagrosas de seu chefe. Na persuasão de que Deus os chamava para defender a Sua causa, esperavam que os rios se abrissem diante de seus batalhões e que o mesmo maná caísse do céu para alimentá-los.

O exército de Pedro, o Eremita, estava dividido em dois corpos: a vanguarda marchava sob as ordens de Gauthier, *sem posses,* cujo apelido, conservado pela história, prova que os chefes eram tão miseráveis como os soldados. Essa vanguarda contava com oito cavaleiros; todos os demais iam à conquista do Oriente pedindo esmolas. Enquanto os cruzados estavam em território francês, a caridade dos fiéis, que acorriam à sua passagem, proveu às suas necessidades. Êles inflamaram o zêlo dos alemães, entre os quais não se havia ainda pregado a cruzada. Sua tropa, que por tôda a parte era tida como o povo de Deus, não encontrou inimigos nas margens do Reno. Mas, novos amalecitas, os húngaros e os búlgaros os esperavam às margens do Save e do Danúbio.

Os húngaros, saindo da Cítia, como todos os povos de raça eslava, tinham origem comum com os

turcos, e, como êles, se haviam tornado temíveis aos cristãos. No décimo sexto século, êles haviam invadido a Panônia e levado os danos da guerra às mais ricas regiões da Europa. Os povos assustados com o progresso de suas armas, consideravam-nos como um flagelo precursor do fim do mundo. Pelo comêço do século décimo primeiro, êles abraçaram o cristianismo, que haviam perseguido. Sujeitos à fé do Evangelho, começaram a construir cidades e a cultivar as terras, tiveram uma pátria e deixaram de ser o terror dos povos vizinhos. Na época da primeira cruzada os húngaros gloriavam-se de ter um santo entre seus monarcas, Santo Estêvão. Pedro, o Eremita, tendo se detido na Hungria, ao seu regresso da Palestina, tinha tocado vivamente o rei Ladislau I, pela descrição dos sofrimentos dos cristãos na terra santa: êsse príncipe fêz voto de ir em pessoa socorrê-los; mas morreu em 1095 com a mágoa de não ter podido cumprir seu piedoso juramento. As crônicas húngaras dizem, que depois do concílio de Plaisance, enviados da França, da Inglaterra e da Espanha ofereceram a Ladislau o comando da cruzada. Essa asserção é pouco verossímil, e nós pensamos que o Rei da Hungria, cujos estados deveriam ser atravessados pelo exército da cruz, foi sòmente convidado a tomar parte na expedição. Coloman, sucessor de Ladislau, manteve com Urbano II relações amigáveis, todavia, êle não mos-

trava, nem êle, nem seu povo, entusiasmo algum pela guerra santa.

Os búlgaros, vindos das margens do Volga ou Bolga, tinham, ora protegido, ora devastado o Império de Constantinopla. Seus guerreiros tinham morto Nicéforo numa batalha, e o crânio do Imperador, encastoado de ouro, serviu por muito tempo de taça, para seus chefes nas orgias das vitórias. Foram depois vencidos por Basílio, que mandou vasar os olhos a quinze mil prisioneiros e por êsse ato de barbárie levou tôda a nação contra a Grécia. No tempo da cruzada, a Bulgária estava sujeita ao Império grego, mas ela desprezava as leis e o poder de seus senhores. O povo búlgaro, espalhado pelas margens meridionais do Danúbio, no meio de florestas inacessíveis, conservava sua independência selvagem e só reconhecia os Imperadores do Oriente à vista de suas armas. Embora tivessem abraçado o cristianismo, os búlgaros não consideravam os cristãos como irmãos; não respeitavam nem os direitos das gentes nem as leis da hospitalidade, e, durante os dois séculos precedentes às cruzadas, foram o terror dos peregrinos do Ocidente que se dirigiam a Jerusalém.

Assim eram os povos cujos territórios os cruzados iam atravessar. Quando a vanguarda de Pedro entrou na Hungria, foi obstaculada sua marcha, por alguns entraves, que Gauthier suportou com resignação e de que deixou o castigo ao Deus que êle

adorava e servia; mas, à medida que os cruzados avançavam no país desconhecido, a miséria aumentava, e com ela, a licença e o esquecimento das virtudes pacíficas. Chegando à Bulgária, os peregrinos tinham absoluta falta de víveres, e o govêrno de Belgrado recusou fornecer-lhos, e êles, então, espalharam-se pelos campos, roubaram rebanhos, queimaram as casas, massacraram alguns dos habitantes, que se opunham às violências praticadas. Os búlgaros irritados, recorreram também às armas, e caíram sôbre os soldados de Gauthier, carregados de despojos. Sessenta cruzados pereceram no meio das chamas, numa igreja onde haviam buscado asilo; os outros procuraram salvar-se, fugindo. Depois dessa derrota, que êle não procurou reparar, Gauthier apressou a marcha pelas florestas e pelos desertos, perseguido pela fome e levando consigo restos do que fôra seu exército. Apresentou-se, suplicante, ao governador de Nissa, que ficou comovido com a miséria dos cruzados e mandou dar-lhe víveres, armas e vestes.

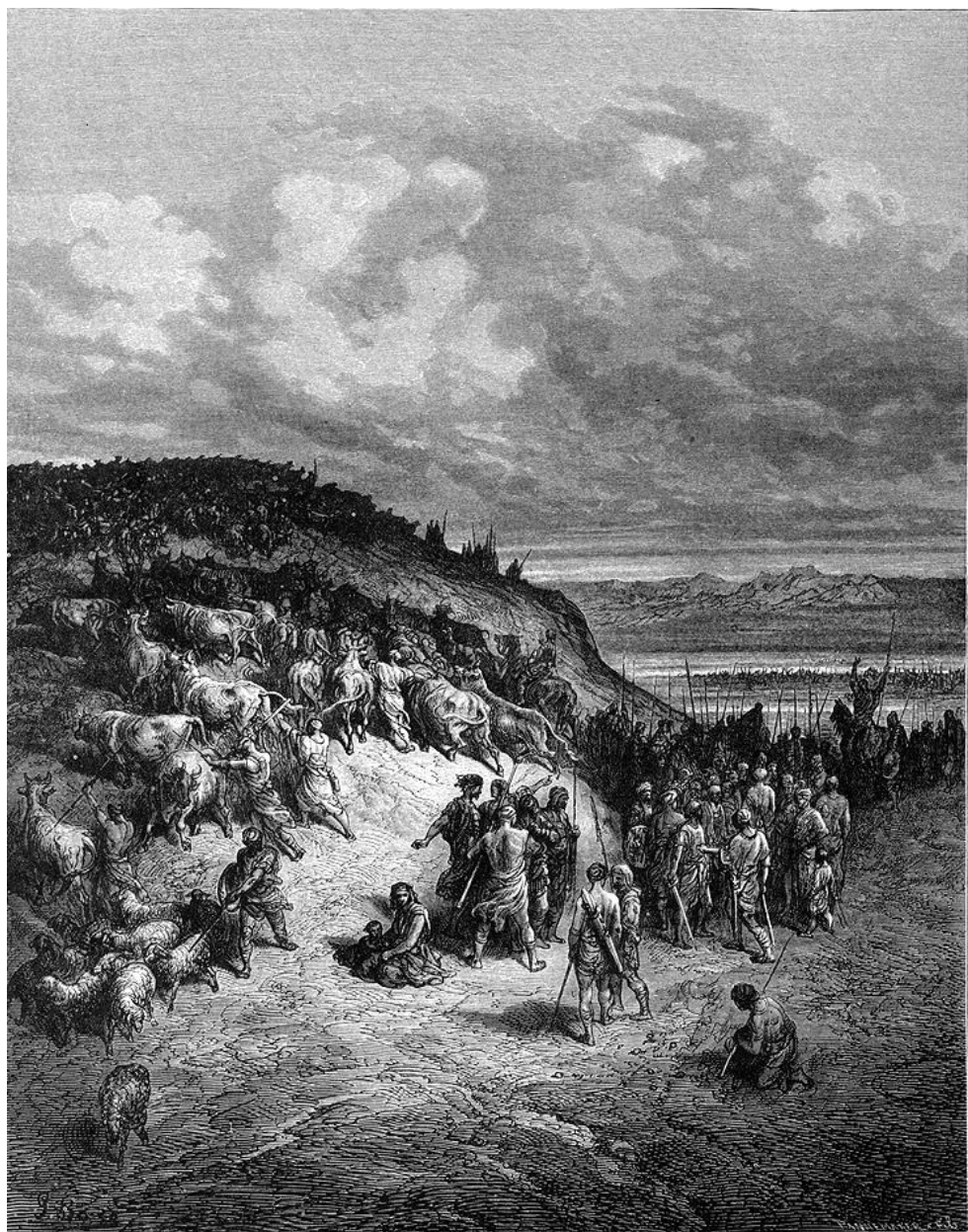
Os soldados de Gauthier, persuadidos de que seus reveses eram um castigo do céu, voltaram à disciplina pelo temor de Deus. Passaram o monte Hémus, atravessaram Filípolis e Andrinopla sem fazer desordens e sem experimentar novas desgraças. Depois de dois meses de fadigas, de misérias, chegaram às muralhas de Constantinopla, onde o

Imperador Alexis permitiu-lhes esperar o exército de Pedro, o Eremita.

Êsse exército, que tinha atravessado a Baviera e a Áustria, devia ser muito mais maltratado que sua vanguarda. Deteve-se às portas da cidade chamada Semprônio, pelos romanos, e Soprony, pelos húngaros. Nossos cronistas dizem *Ciperon;* essa cidade chamada hoje Oedemburgo, capital da região dêsse nome, limítrofe com a Áustria, eleva-se numa planície rodeada de colinas, coroada de vinhas, perto do lago de Neusiedler, o maior da Hungria, depois do Batalon. A cidade, cuja população atual é de dezoito mil habitantes, é bem construída e muito comercial; seus mercados têm gado em abundância e de bela raça. Foi de lá que Pedro, o Eremita, mandou ao rei Coloman os embaixadores para pedir passagem livre pela Hungria; obteve-a, com a condição de que a tropa cristã seguiria pacìficamente seu caminho e compraria os víveres de que viesse a precisar. O exército de Pedro, o Eremita, continuou a marcha para a ponta ocidental do grande lago Batalon, desceu para o vale do Dravo, e depois, caminhando ao longo do Danúbio, chegou sem obstáculo a Semlin. Nossos velhos cronistas chamaram de *Malla villa,* àquela cidade, (cidade da desgraça) primeiro, porque não lhe sabiam o nome, depois, porque foi funesta para os cruzados. Semlim tomou, desde o comêço do último século, uma importância que não tinha na ocasião da passagem do exército

de Pedro, o Eremita. Sua posição na confluência do Danúbio com o Save, fêz dela o principal centro do comércio entre a Áustria, os turcos e os sérvios.

Em vez de procurar conservar a disciplina em sua tropa, único meio de salvação, Pedro, contra o qual boatos sinistros haviam anunciado uma trama sinistra, bem como contra seu exército, não temeu inflamar as paixões daquela multidão e, impaciente por vingar desgraças passadas, provocou novos perigos. As armas e os despojos de dezesseis cruzados tinham sido suspensos às portas de Semlin. Diante disso, o cenobita não pôde conter sua indignação e deu o sinal da guerra. Soa a trombeta; os soldados correm ao ataque; o terror precedeu-os na cidade; ao primeiro assalto todo o povo fugiu e foi refugiar-se numa colina defendida de um lado por bosques e rochedos, e do outro pelo Danúbio; foi perseguido e atacado neste último abrigo pela multidão furiosa dos cruzados; mais de quatro mil dos habitantes de Semlin caem sob os golpes do vencedor; os cadáveres levados pelo rio vão anunciar essa horrível vitória até em Belgrado.

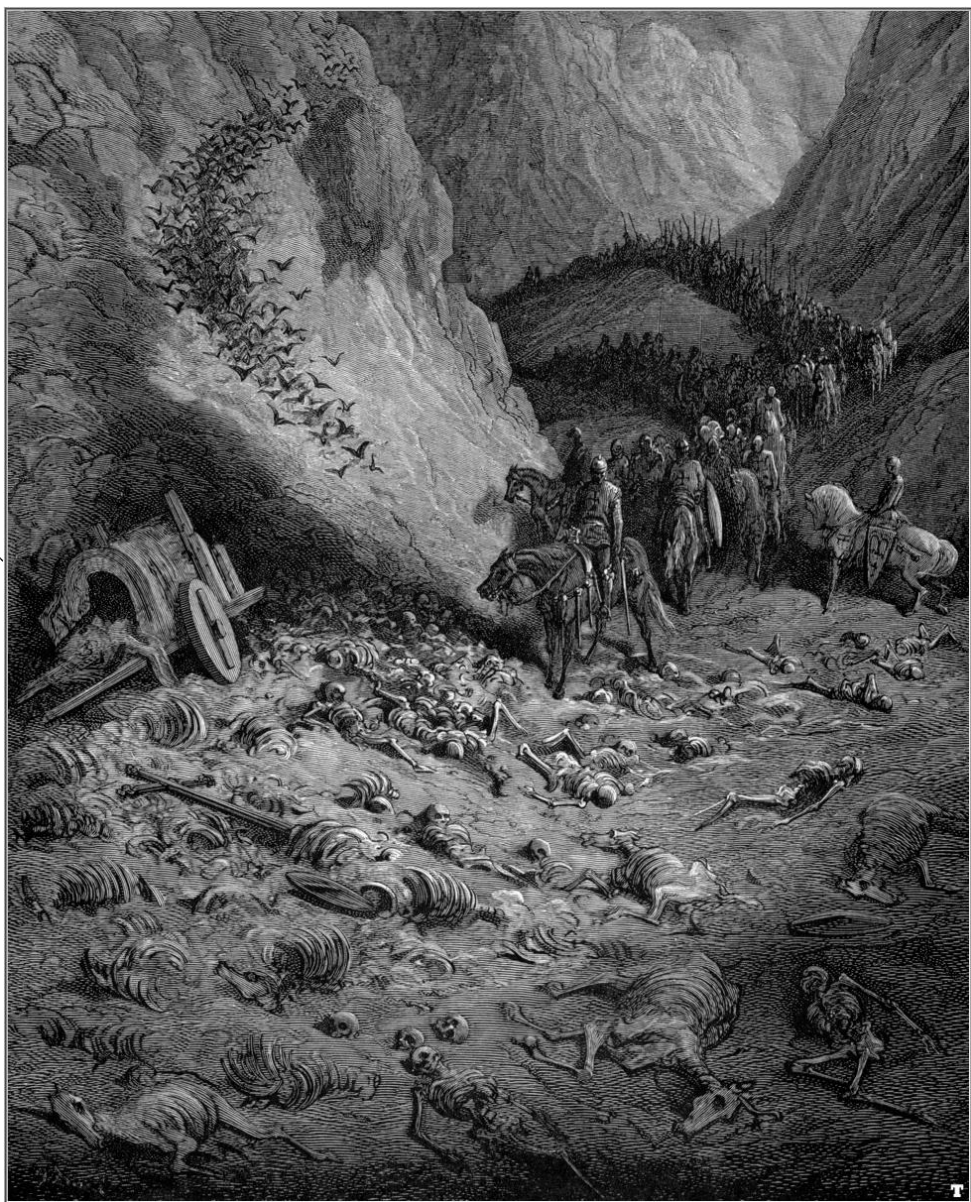
A essa notícia, os húngaros irritados reúnem-se e armam-se; os cruzados estavam em Semlin entregues à alegria do triunfo e apoderando-se de tôdas as riquezas dos habitantes, quando lhes anunciaram a chegada de Coloman, rei da Hungria e de cem mil de seus súditos, impacientes por vingar o massacre de uma população desarmada. Os soldados da cruz,

Os húngaros, irritados, levantam-se em armas.

que um furor cego animava, não possuíam a verdadeira coragem e seu chefe tinha mais entusiasmo que virtudes guerreiras. Não ousando esperar o exército de Coloman, deixaram imediatamente Semlin, *a cidade da desgraça,* chegaram a passar o Savo, não obstante sua largura e dirigiram-se a Belgrado.

Chegando às terras da Bulgária, os cruzados encontraram as cidades e as aldeias abandonadas; Belgrado, a capital, ficara sem habitantes; todo o povo tinha fugido para as florestas e para as montanhas. Os soldados de Pedro, depois de uma marcha difícil, não tinham mais víveres e encontrando apenas guias para conduzí-los, chegaram por fim às portas de Nissa, praça muito bem fortificada, para estar ao abrigo de um primeiro assalto. Os búlgaros apareceram sôbre as defesas e os cruzados, apoiados em suas armas, inspiraram-se um temor mútuo. Êsse temor precedeu as hostilidades; mas a harmonia não podia durar muito tempo entre um exército sem disciplina e um povo que a violência dos cruzados tinha irritado.

Os peregrinos, depois de terem conseguido víveres, puseram-se em marcha, quando uma questão entre alguns habitantes e os soldados fêz explodir a guerra. Cem cruzados alemães, que Guilherme de Tiro chama de *filhos de Belial* e que tinham questões com alguns mercadores, quiseram vingar-se e incendiaram sete moinhos à margem do Nissava. Ante as chamas do incêndio, os habitantes de Nissa

precipitaram-se, fora de suas defesas, atacaram a vanguarda de Pedro, massacraram a todos os que encontraram à sua passagem, levaram dois mil carros e fizeram um grande número de prisioneiros. Pedro que já tinha deixado o território de Nissa, avisado do desastre de seus companheiros, voltou atrás com o exército. Os cruzados, ao voltar para a cidade, ouvem as queixas dos que haviam escapado da carnificina; vêem por tôda a parte os cadáveres de seus amigos e de seus irmãos; sua tropa então, irritada, só pensa na vingança, mas o cenobita Pedro, temendo novos reveses, recorre às negociações; alguns enviados vão a Nissa reclamar os prisioneiros e a bagagem do exército, arrebatados pelos búlgaros. Êsses embaixadores dizem ao Governador que os peregrinos tomaram a cruz e que vão combater no Oriente, os inimigos de Jesus Cristo. O Governador lembra-lhes com cólera, que êles faltaram à palavra, suas violências e principalmente o massacre dos habitantes de Semlin e mostra-se inexorável ante seus pedidos.

Ao regresso dos embaixadores, os cruzados não escutam que a sua indignação e seu desespêro. Em vão o cenobita quer acalmar os espíritos e tentar novos meios de conciliação; os mais ardentes pegam as armas, de todos os lados só se ouvem queixas e ameaças; os cruzados só fazem o que querem. Enquanto Pedro procurava trazer o Governador de Nissa a sentimentos mais pacíficos, dois mil pere-

A Vanguarda.

grinos armados de espadas, aproximam-se das defesas e procuram escalá-las; são repelidos pelos búlgaros e sustentados por um grande número de seus companheiros. O combate generaliza-se e o ardor da matança inflama-se em redor dos chefes, que falavam ainda das condições da paz. Inùtilmente êle se coloca entre os combatentes; sua voz, tão conhecida dos cruzados, perde-se no ruído das armas. Os peregrinos, que combatiam em desordem, são postos em fuga; uns perecem nos pântanos, outros caem sob o ferro dos búlgaros. As mulheres, as crianças que os seguiam, seus cavalos, suas bêstas de carga, a caixa do exército, que continha numerosas esmolas dos fiéis, tudo ficou em poder de um inimigo embriagado com a vitória.

Pedro, o Eremita refugiou-se com os restos do exército numa colina da vizinhança. Passou a noite no meio de apreensões, deplorando sua derrota e as conseqüências funestas da violência de que êle mesmo tinha dado o sinal e o exemplo entre os húngaros. Só tinha com êle quinhentos homens. As trombetas e os clarins não deixaram de ressoar para chamar os que haviam escapado da carnificina e que se haviam extraviado na fuga. Quer porque os cruzados não pudessem encontrar a salvação senão sob sua bandeira, quer porque ainda se lembrassem de seu juramento, nenhum dêles pensou em regressar ao seu país. No dia seguinte à derrota, sete mil fugitivos vieram juntar-se ao seu chefe. Poucos dias depois, Pedro

viu ainda às suas ordens, trinta mil combatentes. Dez mil haviam morrido junto dos muros de Nissa. O exército dos cruzados, reduzido a um estado tão deplorável, avançou tristemente para as fronteiras da Trácia; estava sem meios de subsistência e de combate. Temiam uma nova derrota, se encontrassem os búlgaros e todos os horrores da carestia, se encontrassem um país deserto. Os soldados de Pedro arrependeram-se então de seus excessos. A infelicidade tornou-os mais dóceis e inspirou-lhes sentimento de moderação. A piedade que se sentiu por sua miséria serviu-lhes muito mais que o terror que tinham querido espalhar. Quando deixaram de temê-los, vieram em seu auxílio. Entrando no território da Trácia, o Imperador grego mandou-lhes embaixadores para lamentar-se de suas desordens e anunciar-lhes ao mesmo tempo sua clemência. Pedro, que temia novos desastres, chorou de alegria, sabendo que havia encontrado graça perante Alexis. Cheio de confiança e de esperança, prosseguiu sua marcha e os cruzados que êle comandava, levando palmas nas mãos, chegaram sem obstáculo aos muros de Constantinopla.

Os gregos, que não apreciavam os latinos, aplaudiam em segrêdo a coragem dos búlgaros e contemplavam com alegria os guerreiros do Ocidente, cobertos dos farrapos da indigência. O imperador quis ver o homem extraordinário que tinha movimentado o mundo cristão com sua eloqüência. Pedro foi levado à presença de Alexis, e narrou-lhe sua

missão e seus reveses. Diante de tôda sua côrte, o imperador louvou o zêlo do pregador da cruzada e como êle nada tinha a temer da ambição de um eremita, cumulou-o de presentes, mandou distribuir dinheiro e víveres a todo o exército e aconselhou-o a esperar, para começar a guerra, a chegada dos príncipes e dos ilustres comandantes que tinham tomado a cruz.

Êsse conselho era salutar; mas os heróis mais afamados da cruzada ainda não estavam prontos para deixar a Europa; êles deviam ser precedidos por outras tropas de cruzados, que marchando sem previdência e sem disciplina, nas pegadas do exército de Pedro, iam cometer os mesmos excessos e expor-se aos mesmos reveses.

Um padre do Palatinado tinha pregado a cruzada em várias províncias da Alemanha. À sua voz, quinze ou vinte mil homens tinham feito o juramento de combater os infiéis e se haviam reunido num corpo de exército. Como os pregadores da guerra santa passavam por homens inspirados por Deus o povo julgava obedecer à voz do céu, tomando-os por chefes da cruzada. Gotschalk obteve a mesma honra que Pedro, o Eremita e foi escolhido para comandante por aquêles que êle havia levado a tomar as armas. Êsse exército chegou à Hungria pelos fins do verão. A colheita que era abundante deu aos alemães uma ocasião fácil de se entregarem à intemperança. No meio das cenas tumultuosas da devassi-

dão, êles esqueceram Constantinopla, Jerusalém e mesmo Jesus Cristo, de quem iam defender o culto e as leis. Coloman, que num corpo frágil e defeituoso, sob uma aparência serena, escondia uma alma forte, reuniu tropas para castigar a licença dos cruzados e para lembrar-lhes as máximas da justiça e as leis da hospitalidade. Os soldados de Gotschalk eram muito valorosos; a princípio êles defenderam-se com coragem. Sua resistência inspirou mesmo sérios temores aos húngaros, que resolveram empregar a astúcia para vencê-los. O general de Coloman fingiu querer a paz. Os chefes dos húngaros apresentaram-se no acampamento dos cruzados, não mais como inimigos, mas como irmãos. À fôrça de afirmações e de atos de amizade persuadiram-nos a deixar as armas. Os alemães, entregues às paixões mais brutais, mas, simples e crédulos, abandonaram-se às promessas de um povo cristão e mostraram uma confiança cega, de que foram logo as vítimas. Apenas haviam deixado as armas o chefe dos húngaros deu o sinal da matança. Os rogos, as lágrimas dos cruzados, o sinal sagrado que êles tinham sôbre o peito, não puderam reter os golpes de um inimigo pérfido e bárbaro. Sua sorte foi digna de piedade e a história os teria chorado se êles houvessem respeitado as leis da humanidade.

Certamente menos nos admiramos dos excessos dêstes primeiros cruzados, quando sabemos que êles pertenciam à última classe do povo, sempre cego e

sempre pronto a abusar dos nomes e das coisas mais santas, se não fôr retido pela autoridade de seus chefes e de suas leis. As guerras civis, que por muito tempo perturbaram a Europa tinham aumentado o número dos vagabundos e dos aventureiros. A Alemanha, mais perturbada que os outros países do Ocidente, estava cheia dêsses homens acostumados à vida de salteadores e que eram o flagelo da sociedade. Quase todos se inscreveram no exército dos cruzados e levaram consigo, na nova expedição, o espírito de licença e de revolta de que viviam animados.

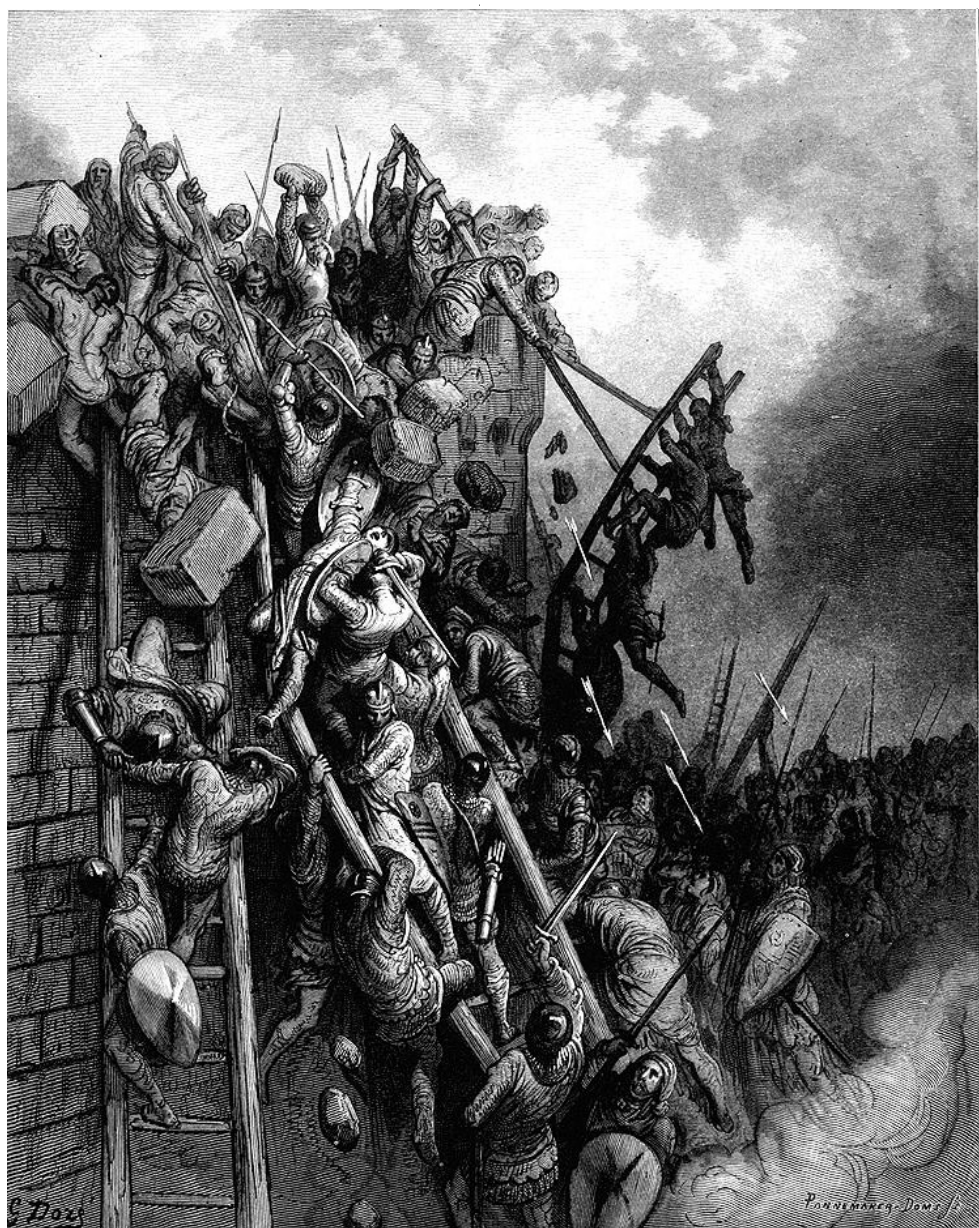
Reuniu-se às margens do Reno e do Mosela um novo grupo de cruzados, mais sediciosos, mais indisciplinados que os de Pedro e de Gotschalk. Haviam-lhes dito que a cruzada devia resgatar todos os pecados, e, com essa persuasão, êles cometiam os maiores crimes. Animados por um orgulho fanático êles se julgaram com direito de desprezar todos os que não os seguiam na santa expedição. A guerra que iam fazer parecia-lhes tão agradável a Deus, êles julgavam prestar um tão grande serviço à igreja, que todos os bens da terra mal podiam ser suficientes para pagar seu devotamento. Tudo o que caía em suas mãos parecia-lhes uma conquista sôbre os infiéis e devia ser o prêmio justo de seus esforços.

Nenhum comandante ousava pôr-se à frente daquela tropa furiosa, que errava em desordem e só obedecia aos que compartilhavam do seu delírio. Um

padre chamado Volkmar e um conde Emicon, que julgavam expiar os erros da juventude exagerando os sentimentos e as opiniões da multidão, atraíram por suas palavras a atenção e a confiança dos novos cruzados. Êsses dois chefes admiraram-se de que se ia fazer guerra aos muçulmanos, que tinham sob suas leis o túmulo de Jesus Cristo, enquanto se deixava em paz um povo que tinha crucificado seu Deus. Para inflamar as paixões, êles tiveram o cuidado de fazer falar o céu e de apoiar sua opinião em visões milagrosas. O povo, para quem os judeus eram por tôda parte objeto de horror e de ódio, já se mostrava muito propenso a persegui-los. O comércio que êles faziam, quase sòzinhos, tinha pôsto em suas mãos uma grande parte do ouro que circulava na Europa. A vista de suas riquezas devia irritar os cruzados, que na maior parte tinham sido reduzidos a implorar a caridade dos fiéis, para realizar a sua peregrinação. É também provável que os judeus tenham insultado com suas zombarias o entusiasmo dos cristãos pela cruzada. Todos êsses motivos, reunidos à sêde do saque, acenderam o fogo da perseguição. Emicon e Volkmar deram o sinal e o exemplo. À sua voz uma multidão furiosa espalhou-se pelas cidades vizinhas do Reno e do Mosela; massacrou impiedosamente a todos os judeus que encontrou em sua passagem. No seu desespêro, um grande número dessas vítimas preferia suicidar-se, antes que receber a morte das mãos dos inimigos. Muitos encerraram-se em suas casas

e morreram no meio das chamas, que haviam mesmo ateado; alguns amarravam grandes pedras às vestes e precipitavam-se com seus haveres no Reno e no Mosela. As mães sufocavam seus filhos ao seio, dizendo que preferiam mandá-los ao seio de Abraão, do que vê-los entregues ao furor dos cristãos. As mulheres, os velhos, solicitavam a piedade para ajudá-los a morrer. Todos êsses infelizes imploravam a morte, como os outros homens pediam a vida. No meio daquelas cenas de desolação, a história se compraz em celebrar o zêlo esclarecido dos bispos de Worms, de Trèves, de Maiença, de Spira, que fizeram ouvir a sua voz, a voz da religião e da humanidade e cujos palácios foram asilos abertos aos judeus, contra a perseguição dos assassinos e dos carrascos.

Os soldados de Emicon vangloriavam-se com suas proezas e as cenas de carnificina embriagavam-nos de orgulho. Altivos, como se tivessem vencido os sarracenos, puseram-se em marcha carregados de despojos, invocando o céu que tinham tão cruelmente ultrajado. Tinham-se entregue à mais brutal superstição e faziam-se preceder por uma cabra ou um ganso, aos quais atribuíam algo de divino. Êsses animais, à frente dos batalhões, eram como seus chefes e participavam do respeito e da confiança da multidão e dos que davam exemplo dos mais horríveis excessos. O povo fugia à aproximação dos temíveis campeões da cruz. Os cristãos, que êles encontravam pelo caminho eram obrigados a aplaudir

o seu zêlo e temiam também ser suas vítimas. Essa multidão desenfreada, sem conhecer os povos e as regiões que tinha de atravessar, desconhecendo mesmo os desastres dos que a tinham precedido naquela perigosa carreira, avançava como uma violenta tempestade, para as planícies da Hungria. Moseburgo fechou-lhes as portas e recusou-lhes víveres. Êles indignaram-se de que se tivesse tão pouca consideração pelos soldados de Jesus Cristo e decidiram tratar os húngaros, como tinham tratado os judeus. Moseburgo, e não Merseburgo, como os cronistas a chamaram, e todos os historiadores franceses, sem dúvida, pela semelhança do nome com a cidade saxônia, está construída na embocadura do Leytha, no Danúbio, perto da grande ilha de Schütt; vastos pântanos formados pelos dois rios, rodeiam e defendem o lugar. Conhecida pelos romanos, com o nome de *Ad flexum,* chama-se hoje em alemão *Altenbur,* em húngaro, *Ovar,* em eslavo, *Stare-Hrady.* Alguns dos nossos cronistas chamaram a essa cidade de *Moisson,* nome que se encontra ainda na denominação húngara de *Mosoms,* dada a Wieselbourg a principal cidade da região, muito próxima de Altemburgo ou Moseburgo. Não é mais que uma aldeia de mil e oitocentos habitantes. Os cruzados lançaram sôbre Leytha uma ponte que os levou até quase os muros da praça. Depois de alguns preparativos, foi dado o sinal; as escadas são postas contra os muros de defesa; dá-se um assalto geral. Os sitiados opõem

Assalto de Moseburgo.

viva resistência e fazem chover sôbre os inimigos uma enorme quantidade de dardos e de flechas, de pedras e de outros projéteis, bem como torrentes de óleo fervente. Os cruzados redobram o furor, animam-se recìprocamente. A vitória ia declarar-se por êles, quando de repente algumas escadas quebram-se ao pêso dos assaltantes e arrastam em sua queda as ameias e os restos das tôrres que os aríetes haviam abalado. Os gritos dos feridos, o barulho da queda, espalham um terror pânico entre os cruzados. Êles abandonam as muralhas já meio destruídas, atrás das quais seus inimigos tremiam e retiram-se na maior desordem.

Deus mesmo, diz Guilherme de Tiro, espalhou o terror em suas fileiras para castigar-lhes os crimes e para que se cumprisse a palavra do sábio: *"O ímpio foge sem ser perseguido."* Os habitantes de Moseburgo, espantados com a vitória saem de seus abrigos e encontram os campos cheios de fugitivos que tinham deixado as armas. Um grande número dêsses valentes aos quais nada até então tinha podido resistir, deixam-se matar sem esboçar defesa. Muitos morrem atolados nos pântanos. As águas do Danúbio e do Leytha tornam-se vermelhas com seu sangue e repletas de seus cadáveres. Emicon escapa para a Alemanha, onde terminou seus dias. As antigas lendas do país narram que depois de sua morte Emicon e vários de seus companheiros, vinham, à noite, perto de Worms, teatro de seus excessos, revestidos

de armaduras de ferro, soltando pavorosos gemidos e pedindo orações para o alívio de suas almas.

A vanguarda dêsse exército teve a mesma sorte entre os búlgaros, em cujo território tinha chegado. Nas cidades, nos campos, êsses indignos cruzados encontraram por tôda a parte, homens como êles, ferozes e implacáveis que pareciam, para lembrar aqui o espírito dos historiadores do tempo, terem sido postos à passagem dos peregrinos, como instrumentos da cólera divina. Entre o pequeno número dos que encontraram a salvação na fuga, uns voltaram para seu país, onde foram recebidos com zombarias por seus compatriotas; outros, chegaram até Constantinopla, onde os gregos souberam dos novos desastres dos latinos, com tanta maior alegria quanta tinha sofrido os excessos, a que se havia entregue o exército de Pedro, o Eremita.

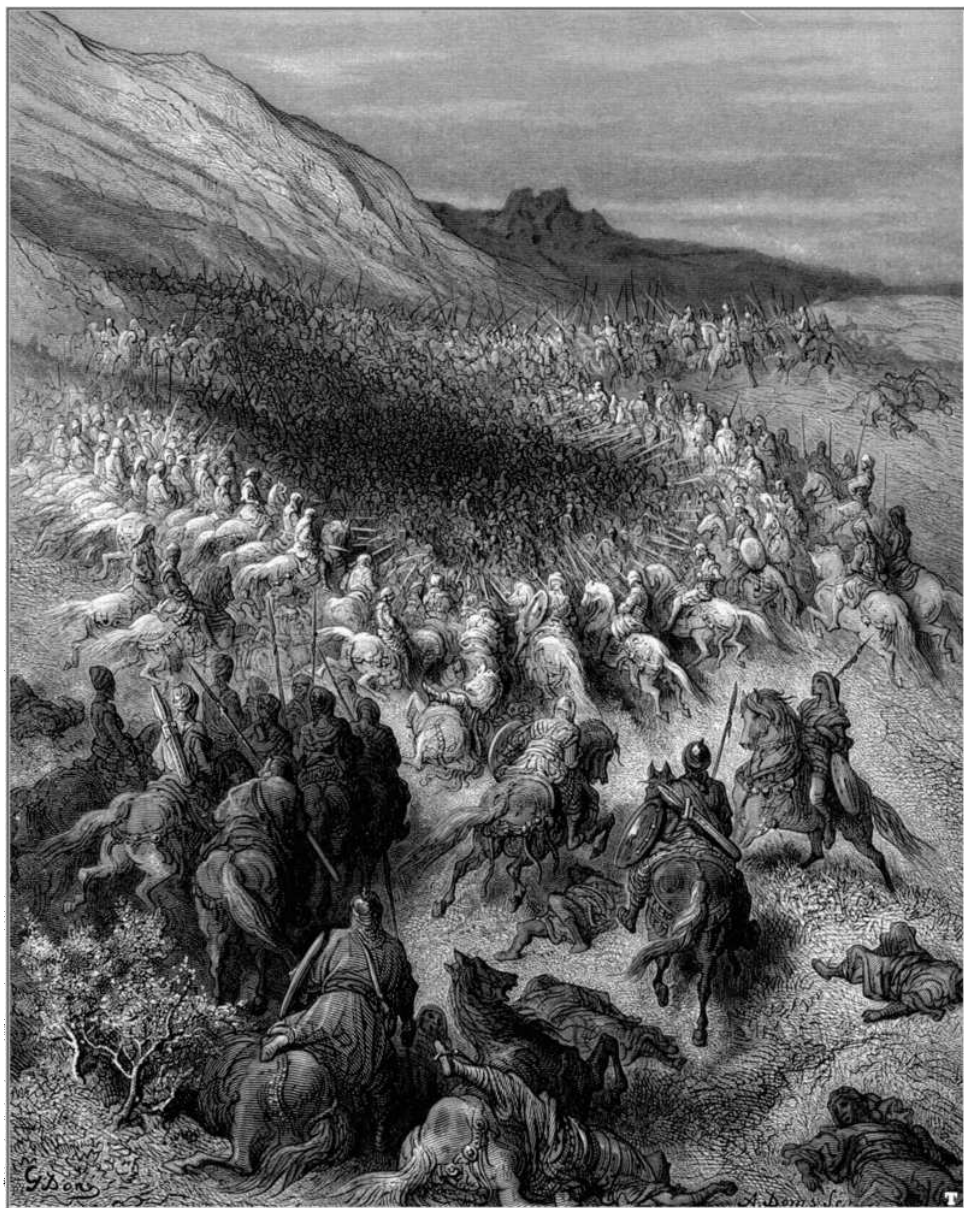
Êsse exército, reunido às tropas de Gauthier, tinha recebido sob suas bandeiras pisanos, venezianos e genoveses; podia contar com cem mil combatentes. A lembrança de sua miséria fê-los respeitar por algum tempo as ordens do imperador e as leis da hospitalidade; mas a abundância, a ociosidade, a vista das riquezas de Constantinopla, trouxeram de novo a licença ao seu acampamento, bem como a indisciplina e a sêde do roubo. Impacientes por receber o sinal para a guerra, saquearam as casas, os palácios e até mesmo as igrejas dos arrabaldes de Bizâncio. Para livrar sua capital dêsses hóspedes

destruidores, Alexis deu-lhes navios e os transportou para lá do Bósforo.

Nada se devia esperar de uma tropa, mistura confusa de tôdas as nações e dos restos de vários exércitos indisciplinados. Um grande número de cruzados, deixando a pátria, só tinha pensado em cumprir o voto e só suspiravam pela felicidade de ver Jerusalém; mas êsses piedosos desejos se tinham esvaído durante a viagem. Seja qual fôr o motivo que os reúne, quando os homens não são retidos por algum freio, os mais corrompidos são os que têm maior domínio e os maus exemplos fazem a lei. Logo que os soldados de Pedro atravessaram o estreito, encontraram sòmente inimigos em sua marcha e os súditos do imperador grego tiveram que sofrer mais que os turcos em seus primeiros feitos. Em sua cegueira aliavam a superstição à licença, e, sob o estandarte da cruz, cometiam crimes que faziam premir a natureza. Logo a discórdia surgiu entre êles, e lhes devolveu todos os males que êles tinham feito aos cristãos.

Os peregrinos foram acampar no gôlfo de Moundania, nos arredores de Civitot, antiga Cio. Essa cidade acabava de ser reconstruída por Alexis Comeno, para receber os inglêses que, depois da conquista da Inglaterra, diz Orderic Vital, não puderam *suportar a face de Guilherme* e fugiram para o Oriente. Civitot nos tempos modernos foi substituída por *Ghemlik*, habitada por gregos e turcos e um dos

principais estaleiros da marinha otomana. Ghemlik está situada na extremidade oriental das montanhas de Arganthon que se estendem ao longo do mar até Nicomédia; por trás da aldeia há um vale que se estende também por umas duas léguas e chega até o lago Ascânio. Foi nesse vale, coberto de oliveiras, de laranjeiras e de carvalhos verdes, que se ergueram as tendas dos peregrinos. Havia lhes sido recomendado que respeitassem a hospitalidade para com os gregos e principalmente, que não começassem a guerra com os turcos; êles procederam pacìficamente durante algumas semanas; mas a ociosidade dos acampamentos e a vista de um país fértil fizeram-nos pouco a pouco esquecer a disciplina e desprezar os conselhos de seus chefes. Os mais impacientes fizeram algumas incursões nas vizinhanças e voltaram carregados de despojos; a inveja, a discórdia, a licença, entraram no acampamento com os despojos dos gregos; todos os dias eram marcados por novas desordens.

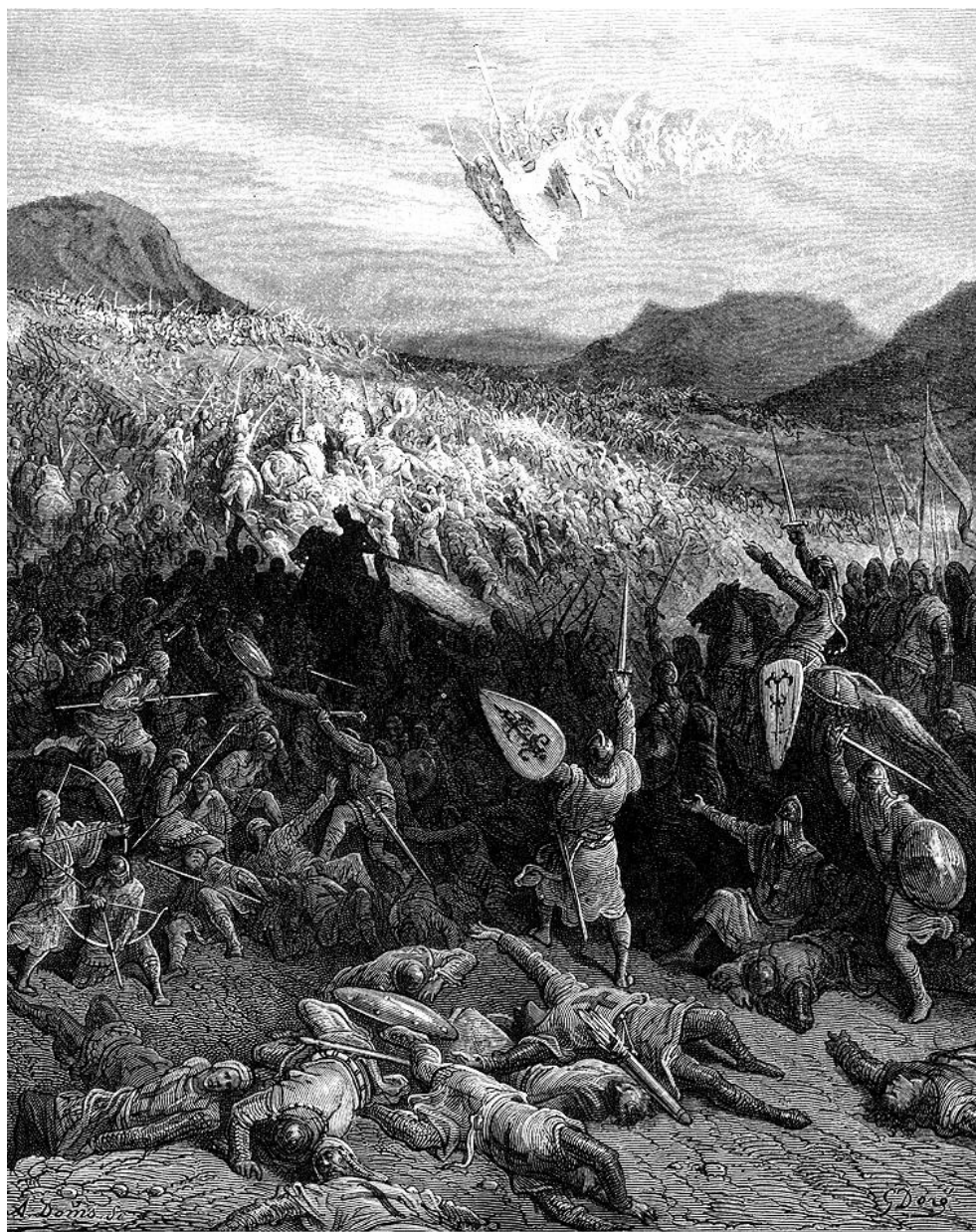
Aquela multidão presunçosa mui depressa se admirou de que se deixassem em paz os turcos; três mil cruzados alemães, lombardos e lígures, sob o comando de um certo Renaud, separaram-se do exército e marcharam para o castelo de *Exerogorgon*, a algumas léguas de Civitot, no declive oriental do Arcanthon; de lá expulsaram primeiro a guarnição muçulmana, mas mui depressa se viram cercados por um exército dos turcos, vindos de Nicéia. Como

Os Cruzados cercados pelos muçulmanos.

não tinham mais víveres e como lhes haviam interceptado a água, viram-se logo reduzidos aos extremos, pela fome e pela sêde; para acalmar o ardor que os devorava, cederam à necessidade espantosa de beber a própria urina e o sangue de seus cavalos e de seus burros. Sua bravura não os podia defender e êsses infelizes se entregaram a um inimigo desapiedado; uns foram decapitados e outros mandados como escravos a Korazan. Renaud, seu chefe, resgatou a vida entregando seus companheiros e renegando à fé de Cristo.

Quando esta notícia chegou ao acampamento dos cruzados, suscitou ali uma horrível confusão. Todo o exército saiu do acampamento, uns vinte e cinco mil homens de infantaria e quinhentos de cavalaria, cobertos de couraça. Avançaram do lado de Nicéia, seguindo o flanco arborizado das montanhas. Ao mesmo tempo, o sultão de Nicéia à frente de um numeroso exército, se pusera em marcha para atacar os peregrinos em seu acampamento. Apenas os cruzados haviam feito três ou quatro milhas de estrada, o sultão foi avisado disso; voltou então atrás, deixou a floresta onde havia entrado e foi reunir seu exército pondo-o em ordem de batalha na planície, por onde o exército cristão devia passar. Os cruzados seguiam seu caminho sem suspeitar de que o inimigo estava tão perto dêles. Logo que os dois exércitos se defrontaram, travou-se o combate. Os cristãos, porém, não tinham podido reunir seu batalhões e

foram esmagados pelo número. Jamais os soldados da cruz, dizem as crônicas, combateram com tanto valor; nenhum dêles olhou para trás e nem pensou em fugir. Desde os primeiros momentos da luta, perderam seus principais chefes; Gauthier sem posses, caiu ferido por sete flechas; a matança foi espantosa. Êsse sangrento combate travou-se a seis léguas a oeste de Nicéia, no espaço compreendido hoje entre a cidade turca de Basar-Koui e o lago Ascânio; êsse espaço de uma légua de extensão está coberto de vinhas, de oliveiras e de romeiras. O sultão de Nicéia, depois dessa vitória, marcha para o acampamento dos cruzados, onde haviam ficado sòmente monges, mulheres, crianças e enfermos; o vencedor poupou sòmente os moços e moças, que foram levados como escravos. Com exceção de três mil fugitivos, libertados pelos gregos, todo o exército cristão desapareceu num dia: eram sòmente montes de ossos no vale de Civitot, e na estrada de Nicéia: deplorável monumento que devia mostrar aos outros cruzados o caminho da terra santa.

Esta foi a sorte dessa multidão de peregrinos que ameaçavam a Ásia e não puderam ver os lugares que iam conquistar. Por seus excessos, êles tinham prevenido tôda a Grécia contra a emprêsa dos cruzados e, por sua maneira de combater, tinham ensinado aos turcos a desprezar as armas dos cristãos do Ocidente.

Pedro, que tinha ficado em Constantinopla antes da batalha e que há muito tempo tinha perdido

Batalha de Nicéia.

a autoridade entre os cruzados, falou contra sua indocilidade e orgulho; via nêles uns bandoleiros, que Deus tinha julgado indignos de contemplar e de adorar o túmulo de seu filho. Desde então, todos puderam ver que o apóstolo apaixonado da guerra santa, não tinha os predicados que se exigem para ser o chefe. O sangue frio, a prudência, a firmeza, sòmente podiam guiar uma multidão, que tantas paixões faziam agir e que antes só havia obedecido ao entusiasmo. O cenobita Pedro, depois de ter preparado os grandes acontecimentos da cruzada, com sua eloqüência, perdido na multidão dos peregrinos, teve um papel ordinário, e mal era percebido numa guerra que era obra sua.

A Europa soube, sem dúvida, com espanto o fim infeliz de trezentos mil cruzados, que tinha visto partir; mas os que deveriam seguí-los não se intimidaram e resolveram aproveitar as lições que os desastres de seus companheiros lhes haviam dado. O Ocidente viu logo organizados exércitos mais regulares e mais temíveis, do que os que tinham sido dispersados há pouco e destruídos nas margens do Danúbio e nas planícies da Bitínia.

Narrando a marcha e os feitos dêsses novos exércitos iremos descrever os mais nobres quadros. É aqui que se vai mostrar em todo o seu brilho, o espírito heróico da cavalaria e que começa a época brilhante da guerra santa.

Os chefes dos exércitos cristãos que iam deixar o Ocidente, já eram célebres por seu valor e por seus feitos. À sua frente, a história como a poesia, devem colocar Godofredo de Bouillon, Duque da Baixa Lorena. Era da ilustre família dos condes de Bolonha, e era descendente, por lado materno, de Carlos Magno. Desde sua juventude êle se havia distinguido na guerra declarada entre a Santa Sé e o Imperador da Alemanha. Matou no campo de batalha, Rodolfo de Rhinfeld, Duque da Suábia, a quem Gregório tinha mandado a coroa Imperial. Quando a guerra se ateou na Itália por causa do antipapa Anacleto, Godofredo entrou por primeiro na cidade de Roma, sitiada e tomada pelas tropas de Henrique. Arrependeu-se em seguida de ter abraçado um partido que a mesma vitória não pôde fazer triunfar e que a maior parte dos cristãos considerava como sacrílego. Para expiar feitos inúteis e condenados pelo espírito do seu século, êle fêz voto de ir a Jerusalém, não como um simples peregrino, mas como um libertador.

A história contemporânea, que nos trouxe seu perfil, nos diz que êle unia a bravura e as virtudes de um herói à simplicidade de um cenobita. Sua habilidade nos combates e uma fôrça física extraordinária, faziam-no admirar no ardor das pelejas. A prudência e a moderação temperavam-lhe o valor e jamais no campo de batalha comprometeu ou desonrou a vitória com uma carnificina inútil ou com um entu-

siasmo temerário. Animado por uma dedicação sincera e vendo a glória sòmente no triunfo da justiça, êle mostrava-se sempre pronto a se dedicar à causa da infelicidade e da inocência. Os príncipes e os cavaleiros consideravam-no como modêlo, os soldados, como seu pai, os povos, como seu sustentáculo. Se êle não foi chefe da cruzada, como o disseram alguns historiadores, obteve pelo menos o poder que outorgam o mérito e a virtude. Nas suas divergências e questões, os príncipes e os barões imploraram freqüentemente a sabedoria de Godofredo; e nos perigos da guerra, sempre dóceis à sua voz obedeciam aos seus conselhos como a ordens supremas.

Ao sinal do Duque da Lorena, a nobreza da França e das margens do Reno abriu mão de seus tesouros, para os preparativos da cruzada. Tôdas as coisas que servem para a guerra tomaram um valor tão grande, que o preço de um fundo de terra, mal bastava para se comprar o equipamento de um cavaleiro. As mulheres despojaram-se de seus adereços mais preciosos, para prover à viagem de seus filhos ou de seus maridos. Êstes mesmos, dizem os historiadores, que em outros tempos teriam suportado mil mortes, antes que renunciar às suas propriedades, cediam-nas por uma soma módica ou trocavam-nas por armas. O ouro e o ferro pareciam as únicas coisas desejáveis.

Viram-se então surgir as riquezas, desaparecidas pelo temor ou pela avareza. Barras de ouro,

moedas, diz o Abade Guiberto, viam-se aos montes nas tendas dos principais cruzados, como os frutos mais comuns nas cabanas dos aldeões.

Muitos barões não tinham nem terras nem castelos para vender: imploravam então a caridade dos fiéis, que não tomavam a cruz e que julgavam participar dos méritos da guerra santa, provendo à manutenção dos cruzados. Alguns arruinaram seus vassalos; outros, como Guilherme, Visconde de Melun, saquearam as aldeias e as vilas, para se porem em condições de ir combater os infiéis. Godofredo de Bouillon, levado por uma piedade esclarecida, contentou-se de alienar suas propriedades. Lemos em Roberto Gaguin, que êle permitiu aos habitantes de Metz resgatar sua cidade, da qual êle era suserano. Vendeu o principado de Stetay, ao Bispo de Liège, pela soma módica de quatro mil marcos de prata e uma libra de ouro: o que fêz um historiador dizer dos cruzados, que os príncipes seculares arruinavam-se pela causa de Jesus Cristo, enquanto os Príncipes da Igreja aproveitavam-se da piedade dos cristãos, para enriquecer.

O Duque de Bouillon tinha reunido sob suas bandeiras oitenta mil soldados de infantaria e dez mil de cavalaria. Êle se pôs em marcha, oito meses depois do concílio de Clermont, acompanhado por um grande número de senhores alemães ou franceses. Levava seu irmão Eustáquio de Bolonha, um outro irmão, Baudouin, e seu primo, Baudouin de Bourg.

Êstes dois últimos que deviam ser um dia, como Godofredo de Bouillon, reis de Jerusalém, então eram simples cavaleiros, no exército cristão. Êles eram menos animados por uma sincera piedade do que pela esperança de fazer grande fortuna na Ásia e deixavam, sem pesar, as terras que possuíam na Europa. Viam-se ainda no séquito do Duque da Lorena Baudouin, Conde de Hainaut; Garnier, Conde de Grai, Conon de Montaigu, Dudon de Contz, tão famoso na *Jerusalém libertada;* os dois irmãos, Henrique e Godofredo de Hache, Gérard de Cherisi, Renaud e Pierre de Toul, Hugues de Saint Paul e seu filho Engelran. Êsses chefes levavam consigo uma multidão de outros cavaleiros, menos conhecidos, todos, porém, impacientes por aumentar sua fortuna e ilustrar seu nome, na guerra declarada aos povos do Oriente.

O exército que o Duque da Lorena comandava, composto de soldados formados à disciplina, experimentados nos combates, ofereceu à Alemanha outro espetáculo que não o da tropa de Pedro, o Eremita e restaurou a honra dos cruzados em todos os países por onde passou. Encontrou auxílio e aliados em tôda a parte, onde os primeiros campeões da cruz só tinham encontrado obstáculos e inimigos. Godofredo deplorou a sorte dos que o haviam precedido, sem procurar vingar a sua causa. Chegando a Tollenbourgo, (hoje *Bruck an der Leytha*) o Duque da Lorena escreveu ao Rei Coloman para pedir-lhe livre

passagem por seu território e recebeu do príncipe húngaro respostas cheias de amizade. Godofredo e Coloman entrevistaram-se em Cyperon, (*Oedenburgo*). Os húngaros e os búlgaros esqueceram por sua vez os assaltos e roubalheiras cometidas pelos soldados de Pedro, de Gotschalk e de Emicon; admiraram a moderação de Godofredo e fizeram votos pelo feliz êxito de suas armas.

Enquanto o Duque de Lorena avançava para Constantinopla, a França preparava outros exércitos para a guerra santa. Poucos meses depois do concílio de Clermont, os grandes do reino reuniram-se para deliberar sôbre os assuntos da cruzada. Naquela assembléia, reunida na presença de Filipe I, que o Papa acabava de excomungar, ninguém se opôs à guerra, pregada sob os auspícios da Santa Sé, ninguém se ocupou de moderar ou de dirigir as paixões religiosas e guerreiras que agitavam a França e a Europa.

Pela metade do século X, o chefe da terceira dinastia tinha consagrado a usurpação dos senhores, e, para obter o título de rei, tinha quase abandonado o que restava dos direitos da coroa. Filipe I, neto de Hugo Capeto, mal via seu território estender-se além de Paris e de Orleans; o resto da França era governado por grandes vassalos muitos dos quais eram superiores, ao monarca, em poder. A realeza, única esperança dos povos contra o poder dos grandes e do clero, era tão fraca, que hoje nos admiramos de

que não tenha sucumbido no meio das dificuldades e dos inimigos que o rodeavam de todos os lados. Como o monarca se encontrava exposto às censuras da igreja, era fácil levar os súditos à desobediência e legitimar de algum modo a revolta, disfarçando-a com algum pretexto sagrado.

A cruzada, levando para longe da Europa todos os que se teriam podido aproveitar da circunstância infeliz em que se encontrava o reino, salvava a pátria de uma guerra civil e impedia as sangrentas discórdias que haviam surgido na Alemanha sob o reinado de Henrique e o pontificado de Gregório.

Tais as considerações que se teriam podido apresentar ao espírito dos homens mais esclarecidos. Mas, seria difícil acreditar que os conselheiros do Rei da França, percebessem então, em tôda a sua extensão, êsses salutares resultados da cruzada que muito mais tarde foram conhecidos e que só foram verdadeiramente apreciados no século em que vivemos. Por outro lado, não se pensou nas desordens, nas desgraças inseparáveis de uma guerra à qual as paixões mais poderosas deviam concorrer. Não se pensou que a ambição, licença, o espírito de exaltação, tão temíveis para os Estados, podiam arrastar também à ruína os exércitos organizados para a guerra santa. Nenhum daqueles que tinha tomado a cruz ou que ficava em seu lar, fêz esta reflexão e foi tão previdente para perceber no futuro, outra coisa, que combates e vitórias. Os grandes vassalos precipitavam-se numa

guerra longínqua, sem saber que ela devia enfraquecer seu poder e destruir suas famílias; os reis e os povos estavam longe de encontrar nessas grandes expedições a esperança de aumentar um dia, seu poder, uns e outros, sua liberdade: os partidários da Santa Sé, como os partidários da realeza, os que um zêlo ardente inflamava pela causa da Igreja, como o pequeno número dos que animava o amor esclarecido da humanidade e da pátria; todos, numa palavra, deixavam-se levar aos empreendimentos sem lhes conhecer as causas, sem lhes prever os efeitos. Os conselheiros dos príncipes eram arrastados como a multidão, e os mais sensatos obedeciam cegamente àquela suprema vontade que ordena as coisas da terra, como lhe apraz, e serve-se das paixões dos homens como de um instrumento, para realizar seus desígnios.

Num século supersticioso, a vista de um prodígio, de um fenômeno extraordinário, tinha mais influência nos espíritos que os oráculos da sabedoria e da razão. Os historiadores nos afirmam que no tempo em que os barões estavam reunidos, a lua, durante um eclipse, apareceu coberta por um véu ensangüentado; êsse sinistro espetáculo prolongou-se durante tôda a noite. Ao despontar do dia, a lua, que enormes manchas de sangue pareciam ainda ocultar, apareceu de repente rodeada de um brilho estranho. Algumas semanas depois, diz o abade Guiberto, viu-se o horizonte afogueado do lado do aquilão, e o povo, tomado de terror, saiu das cidades e das casas,

julgando que o inimigo avançava com ferro e fogo nas mãos. Êsse fenômeno e vários outros foram tidos como sinais da vontade do céu, como presságios da guerra terrível que se ia travar em seu nome; duplicaram por tôda a parte o entusiasmo, pela cruzada. Os que até então haviam ficado indiferentes participaram do sentimento geral. A maior parte dos franceses chamados às armas e que ainda não tinham feito juramento de combater contra os infiéis, apressaram-se em tomar a cruz.

Os de Vermandois marcharam com os súditos de Felipe, sob o estandarte do Conde Hugo. Entre os senhores e os altos barões que tinham tomado a cruz, muitos tinham grande fama como chefes militares; mas, sua qualidade de irmão do Rei da França, tinha já levado seu nome aos gregos e às cidades do Oriente. O Conde de Vermandois fazia-se notar por sua magnificência e pela ostentação de suas maneiras. De caráter indolente e leviano, fêz muitas vêzes admirar sua coragem nos campos de batalha, mas não teve constância nos reveses; tomou duas vêzes a estrada dos peregrinos, à frente de seus cavaleiros e morreu sem ter visto Jerusalém. Embora a fortuna o tivesse tão mal favorecido nenhum dos heróis da cruzada jamais mostrou intenções mais nobres e mais desinteressadas do que êle. Se não merecera por seus feitos, o cognome de *Grande*, que a história lhe deu, êle poderia tê-lo obtido apenas escutando seu zêlo e procurando sòmente a glória,

numa guerra que oferecia reinos à ambição dos príncipes e dos simples cavaleiros.

Roberto, cognominado *Courte-Heuze*, Duque da Normandia, que levava seus vassalos à guerra santa, era o filho mais velho de Guilherme, o Conquistador. Unia a nobres qualidades, os defeitos mais reprováveis num príncipe. Na sua juventude não pôde suportar a autoridade paterna; mais dominado, porém, pelo amor da independência, do que por uma verdadeira ambição, depois de ter feito a guerra a seu pai, para reinar na Normandia, perdeu a ocasião de subir ao trono da Inglaterra, à morte de Guilherme. Nem a paz nem as leis floresceram no seu reinado, pois a indolência e a fraqueza do príncipe dão sempre origem à insubordinação e à licença. Sua liberalidade arruinou seu povo e o levou, êle mesmo, a uma profunda miséria. Orderico Vital narra que o Duque Roberto estava reduzido a tal pobreza, que várias vêzes faltava-lhe o pão, no meio das riquezas de um grande ducado. "Sem vestes, acrescenta o historiador Normando, *êle ficava no leito até a hora de sexta,* e não podia assistir ao ofício divino, porque estava nu; os cortesãos e os bufões que conheciam sua largueza, tiravam-lhe impunemente botas, sapatos e outras vestes."

Não foi a ambição de conquistar reinos na Ásia, mas seu humor inconstante e cavaleiresco que o fêz tomar a cruz e as armas. Os normandos, povo irrequieto e belicoso, tinha-se feito notar entre tôdas as

nações da Europa, pela devoção às peregrinações; acorreram em massa para se porem sob os estandartes da cruzada. Como o Duque Roberto não tinha o dinheiro necessário para manter um exército, êle entregou a Normandia ao domínio de seu irmão Guilherme, o Ruivo. Guilherme, que seu século acusou de impiedade, e que zombava da cavalaria errante dos cruzados, aceitou com alegria a ocasião de governar uma província, que êle esperava um dia reunir ao seu reino. Lançou impostos sôbre o clero, que êle não apreciava, mandou fundir os metais preciosos das igrejas, para pagar a soma de dez mil marcos de prata a Roberto, que partiu para a terra santa, seguido por quase tôda a nobreza do seu ducado.

Outro Roberto, Conde de Flandres, colocou-se à frente dos frisões e dos flamengos. Era filho de Roberto, cognominado o Frisão, que tinha usurpado o principado de Flandres, de seus próprios sobrinhos, e que, para expiar suas vitórias, tinha feito, algum tempo antes da cruzada, uma peregrinação a Jerusalém. O jovem Roberto encontrou fàcilmente soldados para sua emprêsa, num país onde todos tinham tomado as armas durante as guerras civis, onde o povo estava entusiasmado pelas narrações de um grande número de peregrinos, chegados da terra santa. Êle acabou de arruinar seu pai, com uma expedição, que lhe devia dar a reputação de um intrépido cavaleiro e fazê-lo cognominar a *lança e a espada dos cristãos*. Quinhentos cavaleiros mandados

por Roberto, o Frisão, ao Imperador Alexis tinham-no já precedido em Constantinopla.

Estêvão, Conde de Blois e de Chartres, também tinha tomado a cruz; êle passava pelo mais rico senhor do seu tempo. Para se dar uma idéia dos seus domínios, dizia-se que o número de seus castelos igualava o dos dias do ano. Hildeberto, Bispo de Mans, comparava-o a César pela guerra, a Virgílio pela poesia. A história fala pouco dos feitos do Conde Estêvão. Só nos restam dêle duas cartas escritas à sua espôsa, Adélia, durante a santa expedição. Sabemos que seu espírito foi cuidadosamente cultivado, e que êle manteve comércio com as musas, o que era muito mais raro, então do que atos de valor. No comêço da cruzada, êle foi a alma dos conselhos, por suas luzes e seu saber; mais tarde, seus companheiros de armas acusaram-no de os ter abandonado no perigo, e a morte que êle teve combatendo os infiéis, mal pôde expiar êsse abandono, aos olhos dos seus contemporâneos. Êsses quatro chefes eram acompanhados por uma multidão de cavaleiros e de senhores, entre os quais a história cita Roberto de Paris, Everardo de Puisaye, Acardo de Montemerlo, Isouard de Muson, Estêvão, Conde de Abermale; Gauthier de Saint-Valery, Roger de Barneville, Fergant e Conan, dois ilustres bretões; Gui de Trusselle, Miles de Braïe, Raoul de Beaugency, Rotrou, filho do Conde de Perche, Odon, Bispo de Bayeu, tio do Duque de Normandia, Raoul de Gader, Yves e

Alberico, filhos de Hugo de Grandménil. A maior parte dos condes e dos barões, levava consigo suas mulheres e filhos e tôda a sua equipagem de guerra. Êles atravessaram os Alpes e dirigiram sua marcha para as costas da Itália, com o fim de embarcar para a Grécia. Encontraram nas vizinhanças de Lucques, o Papa Urbano, que lhes deu a bênção, louvou-lhes o zêlo e fêz orações pelo bom êxito de seu empreendimento. O Conde de Vermandois, depois de ter recebido o estandarte da igreja das mãos do soberano pontífice, foi a Roma com os outros príncipes para visitar os túmulos dos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. A capital do mundo cristão era então o teatro de uma guerra civil. Os soldados de Urbano e os do antipapa Guiberto disputavam com armas na mão, a Igreja de S. Pedro, e cada um por sua vez, tirava as ofertas dos fiéis. Embora alguns historiadores modernos o tenham dito, os cruzados não se declararam por nenhum partido, no meio das perturbações que dividiam a cidade de Roma; e, o que nos deve causar admiração, Urbano não chamou para defesa de sua própria causa guerreiros aos quais êle mesmo acabava de fazer tomar as armas. De resto, o espetáculo que a cidade de S. Pedro apresentava, devia ser um grande motivo de escândalo para a maior parte dos cruzados franceses. "Que há de extraordinário, exclama Foucher de Chartres, em que o mundo seja sem cessar agitado, quando a igreja romana, na qual estão tôda a correção e tôda

vigilância, também é atormentada pelas guerras civis?" Alguns, satisfeitos por terem visitado o túmulo dos apóstolos arrefeceram seu entusiasmo, à vista das violências que profanavam o santuário, abandonaram os estandartes da cruzada e voltaram para sua terra. Os outros continuaram sua marcha para a Apúlia; mas quando chegaram a Bari, o inverno começava a tornar perigosa a navegação; foram então obrigados a esperar vários meses, o momento favorável para embarcar.

No entretanto, a passagem dos cruzados franceses tinha despertado o zêlo dos povos da Itália. Bohémond, príncipe de Tarento, resolveu, por primeiro, associar-se à sua sorte e participar da glória da santa expedição. Êle era da família daqueles cavaleiros normandos que tinham conquistado a Apúlia e a Calábria. Cinqüenta anos antes da cruzada, seu pai, Roberto Guiscardo, (o Astuto) tinha deixado o castelo de Hauteville, na Normandia, com trinta soldados de infantaria e cinco cavaleiros. Secundado por alguns dos seus parentes e compatriotas, que a esperança de enriquecer tinha atraído, como êle, à Itália, combateu com vantagem contra os gregos, os lombardos e os sarracenos, senhores da Sicília e do país de Nápoles. Tornou-se muito poderoso, e era às vêzes protetor, às vêzes inimigo dos papas. Venceu os exércitos dos imperadores do Oriente e do Ocidente e, quando morreu, estava ocupado com a conquista da Grécia.

Bohémond não tinha menos coragem nem menos gênio que seu pai, Roberto Guiscardo. Os autores contemporâneos, que jamais deixam de falar das qualidades físicas dos heróis, nos dizem que sua estatura era tão avantajada que êle superava de um côvado, os homens de estatura ordinária; seus olhos eram azuis e indicavam uma alma altiva e ardente. Sua presença, diz Ana Comena, atraía tanto os olhares, quanto sua fama, deixava atônitos os espíritos. Quando êle falava, dir-se-ia que tinha estudado eloqüência; quando aparecia nos combates, poder-se-ia julgar que êle sempre havia manejado a lança e a espada. Educado na escola dos heróis normandos, êle ocultava as frias combinações da política, sob as aparências da fôrça e embora fôsse de caráter altivo e soberbo, sabia dissimular uma injúria, quando a vingança não lhe era útil. Seu pai havia-lhe ensinado a considerar como inimigos todos, aos quais êle invejava os territórios ou as riquezas; nem o temor de Deus, nem a opinião dos homens, nem a santidade dos juramentos, podiam-no deter na consecução dos seus intentos. Êle tinha seguido a Roberto na guerra contra o Imperador Alexis e tinha-se distinguido nas batalhas de Durazzo e de Larissa; mas deserdado por testamento, nada mais lhe restava à morte de seu pai, que a recordação de seus feitos e o exemplo de sua família. Êle tinha declarado guerra ao irmão Roger e acabava de o obrigar a lhe ceder o principado de Tarento, quando se falou na Europa da

expedição do Oriente. A libertação do túmulo de Jesus Cristo não lhe inflamava o zêlo nem o levava a abraçar a cruz. Como êle tinha votado ódio eterno aos imperadores gregos, sorria à idéia de atravessar seu império à frente de um exército; e cheio de confiança na sua fortuna, esperava conquistar um reino antes de chegar a Jerusalém.

O pequeno principado de Tarento não lhe podia fornecer um exército; mas, em nome da religião, um chefe tinha então o poder de recrutar tropas em todos os territórios. O entusiasmo pela cruzada veio logo secundar seus projetos e êle pôde reunir um grande número de guerreiros sob suas bandeiras.

Bohémond tinha acompanhado seu irmão e seu tio Roger no cêrco de Amalfi, cidade florescente que rejeitava com desprêzo a proteção dos novos senhores da Apúlia e da Sicília. Ninguém como êle sabia falar mais a propósito a linguagem do entusiasmo e encobrir sua ambição com côres de fanatismo religioso; êle mesmo pregou a cruzada no exército dos sitiantes. Percorreu as fileiras, citando os príncipes e os grandes capitães que tinham tomado a cruz. Falava aos guerreiros mais piedosos da religião que deviam defender; fazia valer entre outros, a glória e a fortuna que iriam coroar os seus feitos. O exército foi arrastado por suas palavras; por todo o acampamento bem depressa ressoavam estas palavras: *Deus o quer! Deus o quer!* Bohémond aplaude secretamente o êxito de sua eloqüência, rasga sua

cota de armas, para fazer cruzes que distribui aos oficiais e soldados. Só lhes faltava um chefe para a santa expedição; os novos cruzados vêm pedir ao Príncipe de Tarento, que se ponha à sua frente. Bohémond a princípio parece hesitar, recusa, o que deseja com ardor; os soldados reunidos em redor dêle duplicam seus pedidos. Por fim, êle mostra querer obedecer e render-se à sua vontade. Então o rebuliço e o entusiasmo tornam-se mais ardentes; num momento todo o exército jurou seguí-lo à Palestina. Roger é obrigado a levantar o cêrco de Amalfi e o feliz Bohémond só se preocupa com os preparativos para a viagem.

Embarcou, pouco depois, para as costas da Grécia, com dez mil soldados de cavalaria e vinte mil de infantaria. Tudo o que a Calábria, a Apúlia e a Sicília tinham de cavaleiros ilustres, seguiu o Príncipe de Tarento. Com êle marchavam também Richard, Príncipe de Salerno e Ranulfo, seu irmão; Hermano de Cani, Roberto de Hause, Roberto de Sourdeval, Roberto, filho de Tristão, Boile de Chartres, Homfroy de Montaigu. Todos êsses guerreiros já eram célebres por seus feitos; mas nenhum dêles merecia mais os olhares da posteridade, que o bravo Tancredo. Embora êle pertencesse a uma família, em que a ambição era hereditária, não tinha paixão que combater contra os infiéis. A piedade, a glória e talvez sua amizade por Bohémond, sòmente o poderiam levar à Ásia. Sua altivez cheia de rudeza,

jamais se abaixava ante as grandezas da terra e êle resistiu por vêzes aos seus mesmos companheiros de armas. Raoul de Caen, seu panegirista e amigo, não fala, na sua história, dos amôres de Clorinda nem das amarguras de Hermínia. Essas coisas, na verdade, não se casavam muito bem com os costumes da cruzada, nem com os do Oriente; o século de Tancredo não conheceu êsses hábitos belicosos e galantes, essas aventuras e cenas românticas, que depois se admiraram em Tasso. O primo de Bohémond não foi menos como exemplo dos nobres sentimentos da cavalaria e modêlo das virtudes guerreiras, do seu tempo.

Os cruzados das províncias meridionais da França tinham-se pôsto em marcha, sob o comando de Ademar de Monteil e de Raimundo, Conde de Saint-Gilles e de Tolosa. O Bispo Ademar era o chefe espiritual da cruzada; seu título de legado apostólico e suas qualidades pessoais mereceram-lhe na guerra santa a confiança e o respeito dos peregrinos. Suas exortações e seus conselhos contribuíram muito para manter a ordem e a disciplina. Êle consolava os cruzados em seus reveses, encorajava-os nos perigos. Revestido às vêzes dos distintivos pontificais e da armadura dos cavaleiros, êle era, sob as tendas, modêlo das virtudes cristãs e nos combates dava freqüentemente exemplo de bravura.

Raimundo, companheiro de Ademar, tivera a glória de combater na Espanha, ao lado do Cid e

de vencer várias vêzes os mouros, sob Afonso, o Grande, que lhe deu sua filha Elvira em casamento. Suas vastas possessões às margens do Ródano e do Dordogne, e principalmente seus feitos contra os sarracenos, faziam-no notar entre os principais chefes da cruzada. A idade não tinha extinguido no Conde de Tolosa o ardor e as paixões da juventude; ardoroso e impetuoso, de um caráter altivo e inflexível, êle punha menos sua ambição em conquistar reinos, do que em fazer dobrar tôdas as vontades sob a sua. Os gregos e os sarracenos louvaram seu valor. Seus súditos e companheiros de armas odiavam-no, por sua obstinação e violência. Infeliz príncipe, êle despediu-se para sempre de sua pátria que devia ser um dia, teatro de uma cruzada contra sua própria família!

Tôda a nobreza da Gasconha, do Languedoc, da Provença, do Limousin e da Auvergne, acompanhava Raimundo e Ademar, nos quais o Papa tinha visto a imagem viva de Moisés e de Aarão. Os historiadores contemporâneos citam entre os cavaleiros e os senhores que tinham tomado a cruz, Heráclio, Conde de Polignac, Pons de Balazun, Guilherme de Sabran, Eleazaro de Montrédon, Pedro Bernardo de Montagnac, Eleazaro de Castries, Raimundo de Lisle, Pedro Raymond d'Hautpout, Gouffiers de Lastours, Guilherme V, senhor de Montpellier, Roger, Conde de Foix, Raimundo Pelet, senhor de Alais, Isard, Conde de Die, Raimbaud, Conde de

Orange, Guilherme, Conde de Forez, Guilherme, Conde de Clermont, Gerardo, filho de Guillabert, Conde de Roussillon, Gastão, Visconde de Béarn, Guilherme Amanjeu d'Albret, Raimundo, Visconde de Turenne, Raimundo, Visconde de Castillon, Guilherme d'Urgel, Conde de Forcalquier. Ao exemplo de Ademar, os Bispos de Apt, Lodève, Orange, o Arcebispo de Toledo, tinham tomado a cruz e levavam uma parte de seus vassalos à guerra santa.

Raimundo, Conde de Tolosa, seguido por seu filho e por sua espôsa Elvira, pôs-se à frente de um exército de cem mil cruzados e avançou até Lião, onde passou o Ródano, atravessou os Alpes, a Lombardia, o Friul, e dirigiu sua marcha para o território do império grego, através das montanhas e dos povos da Esclavônia. É provável que nossos cronistas tenham vagamente designado sob o nome de Esclavônia os países habitados por populações eslavas. Raimundo d'Agiles, o historiador particular da marcha do Conde de Tolosa, nos narra que, durante três semanas, os cristãos só encontraram desertos montanhosos, sem animais, nem pássaros. Depois, foi necessário defenderem-se contra agressões contínuas. O Conde Raimundo apoderou-se de Scodra, situada entre dois rios, o Clausula e o Barbana. Os retscheneyes, chamados pincenates, por nossos cronistas, os quais pertencem à grande família eslava, surpreenderam o Bispo Ademar de Monteil e fizeram-no correr grande

perigo. Raimundo d'Agiles, na sua simplicidade piedosa, pensa que a passagem do exército da cruz através a Esclavônia, foi obra de uma permissão divina, a fim de que *os selvagens habitantes dêsses países testemunhas da virtude e da paciência dos cristãos, se despojassem de sua ferocidade ou se tornassem inexcusáveis no dia do juízo.* Hoje a Esclavônia, chamada em húngaro *Toth-Orszay,* forma um pequeno reino, composto de três condados, de Poséga, de Verts e de Syrmie e de três distritos tributários; faz parte dos estados da coroa da Hungria, nos quais está encravada. O Save, o Dravo e o Danúbio servem-lhe de limites.

Alexis que tinha chamado os latinos para sua defesa, ficou admirado do número de seus libertadores. Os chefes da cruzada eram apenas príncipes de segunda ordem, mas levavam consigo tôdas as fôrças do Ocidente. Ana Comena compara a multidão dos cruzados às areias do mar, às estrêlas do firmamento e seus inumeráveis grupos a torrentes que se reúnem para formarem um grande rio. Alexis tinha aprendido a temer Bohémond nas planícies de Durazzo e de Larissa. Embora êle conhecesse menos a coragem e a habilidade dos outros príncipes latinos, arrependia-se de lhes ter revelado o segrêdo de sua fraqueza, implorando-lhes o auxílio. Seus temores, acrescidos ainda pelas predições dos astrólogos e pelas opiniões divulgadas entre o povo, tornavam-se mais

vivos à medida que os cruzados avançavam para a capital.

Sentado num trono do qual havia expulso seu senhor e seu benfeitor, não podia crer na virtude e sabia melhor que qualquer outro o que a ambição pode aconselhar. Êle tinha mostrado certa coragem para conseguir a púrpura e governava sòmente pela dissimulação, política ordinária dos gregos e dos estados fracos. Sua filha Ana Comena fêz dêle um príncipe perfeito; os latinos representaram-no como um príncipe pérfido e cruel. A história imparcial, que rejeita o exagêro dos elogios e das sátiras, vê em Alexis um monarca fraco, de espírito supersticioso, mais movido pelo amor de uma vã representação do que por amor à glória. Êle poderia ter-se pôsto à frente da cruzada e reconquistado a Ásia Menor marchando com os latinos para Jerusalém. Êsse empreendimento alarmou sua fraqueza. Sua tímida prudência julgou que era suficiente enganar os cruzados para nada mais ter que temer e receber dêles uma vã homenagem, aproveitando-se de suas vitórias. Tudo lhe pareceu bom e justo para sair de uma posição, da qual, sua política aumentava os perigos e a incerteza de seus projetos tornava cada vez mais embaraçosa. Mais êle se esforçava por inspirar confiança, mais fazia desconfiar da sua boa fé. Procurando inspirar temor, êle manifestava todo o receio que êle mesmo tinha. Logo que foi avisado da marcha dos príncipes cruzados, mandou-lhes embai-

xadores encarregados de os cumprimentar e de indagar de suas intenções. Ao mesmo tempo mandou distribuir tropas para atacá-los durante a sua passagem.

O Conde de Vermandois, atirado pela tempestade às costas do Épiro recebeu as maiores honras do Governador de Durazzo e foi levado prisioneiro a Constantinopla, por ordem de Alexis, com o Visconde de Melun, Clerembault de Vendeuil e os principais senhores do seu séquito. O imperador grego esperava que o irmão do Rei da França tornar-se-ia nas suas mãos um refém, que o poderia pôr a salvo dos empreendimentos dos latinos, mas essa política pérfida da qual êle esperava a sua salvação, só serviu para despertar a desconfiança e provocar o ódio dos chefes da cruzada. Godofredo de Bouillon tinha chegado a Filipópolis, quando soube da prisão do Conde de Vermandois, mandou pedir ao imperador a reparação dêsse ultraje; como os deputados lhe haviam trazido uma resposta pouco favorável, êle não pôde reter sua indignação e o furor de seu exército. As terras que êle atravessava eram tratadas como um país inimigo e durante oito dias, os férteis campos da Trácia tornaram-se teatro da guerra. A multidão de gregos que fugia para a capital disse logo ao imperador da terrível vingança dos latinos. Alexis assustado com sua política implorou a clemência de seu prisioneiro e prometeu-lhe dar a liberdade, quando os franceses tivessem chegado às portas de Constanti-

nopla. Essa promessa aplacou Godofredo que mandou terminar a guerra e continuou a marcha, tratando sempre e por tôda a parte os gregos, como amigos e aliados.

Durante êsse tempo, Alexis redobrava seus esforços para obter do Conde de Vermandois o juramento de obediência e de fidelidade; êle esperava ainda, que a submissão dêsse príncipe francês traria a dos outros príncipes cruzados e que êle teria menos que temer sua ambição, se pudesse contá-los no número de seus vassalos. O irmão do Rei da França, que chegando ao território do império, tinha escrito cartas cheias de grandezas e de ostentação, não pôde resistir às homenagens e aos presentes do imperador, e fêz todos os juramentos que lhe pediram. À chegada de Godofredo, êle veio ao acampamento dos cruzados que se regozijaram com sua libertação, mas que não lhe puderam perdoar o ter-se submetido a um monarca estrangeiro. Gritos de indignação ergueram-se contra êle, quando êle quis forçar Godofredo a seguir seu exemplo. Mais êle havia mostrado mansidão e submissão em seu cativeiro, mais seus companheiros, que haviam puxado da espada para vingar os ultrajes, mostraram oposição e resistência à vontade do imperador.

Alexis recusou-lhes víveres e julgou poder submetê-los pela fome; mas os latinos estavam acostumados a tudo obter pela violência e pela vitória. Ao sinal de seus chefes, espalharam-se pelos campos,

saquearam as aldeias e as casas vizinhas da capital e a abundância voltou ao seu acampamento, com a guerra. Essa desordem durou vários dias; mas, como se aproximava a festa do Natal, a época do nascimento de Jesus Cristo inspirou sentimentos generosos aos soldados cristãos e ao piedoso Godofredo. Aproveitaram essas felizes disposições para fazer a paz. O imperador mandou dar-lhes víveres e os cruzados cessaram as hostilidades.

A harmonia, porém, não podia subsistir por muito tempo entre gregos e latinos. Os francos vangloriavam-se de ter vindo em socorro do império. Em tôdas as circunstâncias êles falavam como vencedores. Os gregos desprezavam a rude coragem dos latinos, punham tôda sua glória na delicadeza de suas maneiras e julgavam fazer ultraje à língua da Grécia, pronunciando os nomes de seus heróis, do Oriente. A separação, declarada há muito tempo, entre o clero de Roma e o de Constantinopla, aumentava ainda mais a antipatia que a diferença dos costumes e dos usos havia feito nascer. De ambos os lados lançavam-se anátemas e os teólogos da Grécia e da Itália detestavam-se mais, entre si mesmos, do que odiavam os sarracenos. Os gregos, que se ocupavam sòmente de vãs sutilezas, jamais haviam querido pôr, no número dos mártires, os que morriam combatendo contra os infiéis. Aborreciam o humor marcial do clero latino, vangloriavam-se de ter em sua capital tôdas as relíquias do Oriente e não podiam compreen-

der o que se ia fazer em Jerusalém. Por seu lado, os francos não perdoavam aos súditos de Alexis o não compartilhar de seu entusiasmo pela cruzada e censuravam-lhes uma culposa indiferença pela causa de Deus. Todos êsses motivos de ódio e discórdia, provocaram freqüentemente debates e questões, onde os gregos mostraram mais perfídia do que coragem, e os latinos, mais valor do que moderação.

No meio dessas divergências, Alexis procurava sempre obter de Godofredo o juramento de fidelidade e de obediência. Ora empregava protestos de amizade, ora ameaçava empregar fôrças que não possuía. Godofredo desprezava suas ameaças e não podia crer nas suas promessas. As tropas imperiais e as dos latinos foram duas vêzes chamadas para tomar as armas e Constantinopla, mal defendida por seus soldados, teve receio de ver baloiçar-se sôbre os muros o estandarte dos cruzados.

A notícia dessas sangrentas escaramuças, trazia alegria à alma de Bohémond, que acabava de chegar a Durazzo. Julgou que era chegado o momento de atacar o império grego e de dividir seus despojos. Mandou embaixadores a Godofredo para convidá-lo a se apoderar de Bizâncio, prometendo unir-se a êle com tôdas as suas fôrças para aquêle grande empreendimento; mas Godofredo não se esqueceu de que havia tomado as armas para a defesa do santo sepulcro: rejeitou por isso as propostas de Bohémond,

lembrando-lhe o juramento que tinham feito de combater os infiéis.

Essa embaixada de Bohémond, cujo objetivo não podia ser desconhecido, duplicou o temor de Alexis, e não lhe permitiu mais descuidar-se de usar de todos os meios para dobrar a Godofredo de Bouillon. Mandou seu próprio filho como refém ao exército dos cruzados. Desde então tôdas as desconfianças se dissiparam; os príncipes do Ocidente juraram respeitar as leis da hospitalidade e se dirigiram ao palácio de Alexis. Encontraram o imperador rodeado de uma côrte brilhante e ocupado em ocultar sua fraqueza sob uma vã magnificência. O chefe dos cruzados, os príncipes e os cavaleiros que o acompanhavam, num aparato em que brilhava o luxo marcial do Ocidente, inclinaram-se diante do trono do imperador e saudaram de joelhos, uma majestade muda e imóvel. Depois dessa cerimônia, em que os gregos e os latinos foram, uns para os outros, um estranho espetáculo, Alexis adotou Godofredo por filho e pôs o império sob a proteção de suas armas. Os cruzados prometeram restituir ao imperador as cidades que tinham pertencido ao império e prestar-lhe homenagem pelas outras conquistas que poderiam fazer. Alexis, por seu lado, prometeu ajudá-los por terra e por mar, fornecer-lhes víveres e condividir com êles os perigos e a glória de sua expedição.

Alexis considerou essa homenagem dos príncipes, como uma vitória. Os chefes dos cruzados volta-

ram para suas tendas, onde a gratidão do imperador cumulou-os de presentes. Enquanto Godofredo fazia publicar, ao som de trombeta, em seu exército a ordem de guardar o mais profundo respeito pelo imperador e pelas leis de Constantinopla, Alexis ordenava a todos os seus súditos que fornecessem víveres aos francos e respeitassem as leis da hospitalidade. A aliança que se acabava de concluir parecia ter sido jurada em boa fé de parte a parte; mas Alexis não podia destruir as prevenções dos gregos contra os latinos; por outro lado, não estava em poder do piedoso Godofredo conter a multidão turbulenta dos seus soldados. Além disso o soberano de Bizâncio, embora estivesse tranqüilo quanto às intenções do Duque de Lorena, temia ainda a chegada de Bohémond e a reunião de grandes exércitos nas vizinhanças da capital; persuadiu a Godofredo que passasse com suas tropas para a margem asiática do Bósforo; e êle então só se ocupou dos meios que lhe sugeria sua política para abaixar a altivez, ou então para diminuir as fôrças dos outros príncipes latinos, que marcharam para Constantinopla.

(1097) O Príncipe de Tarento avançava através da Macedônia, ora ouvindo as arengas dos embaixadores de Alexis, ora combatendo as tropas que se opunham à sua passagem. Muitas províncias e cidades tinham sido devastadas pelos cruzados italianos e normandos, quando seu chefe recebeu do imperador

um convite para se antecipar ao exército e ir a Constantinopla. Alexis fêz a Bohémond protestos de amizade, nos quais êle não podia crer, mas de que esperava tirar alguma vantagem. Por sua vez, afirmou seu acatamento e dirigiu-se a Alexis. O imperador recebeu-o com magnificência proporcionada ao temor que tinha de sua chegada. Êstes dois príncipes eram igualmente hábeis na arte de seduzir e de enganar. Mais êles julgavam ter motivo de queixas, um do outro, mais demonstravam-se recìprocamente amizade. Cumprimentaram-se pùblicamente por suas vitórias e ocultaram suas suspeitas e talvez, mesmo o desprêzo sob a aparência de uma admiração recíproca. Pouco escrupulosos, um e outro, a respeito dos juramentos, Alexis prometeu vastos domínios a Bohémond, e o herói normando, jurou sem dificuldade, ser o mais fiel dos vassalos do imperador.

Roberto, Conde de Flandres, o Duque da Normandia, Estêvão, Conde de Chartres e de Blois, à medida que chegavam a Constantinopla, prestavam sua homenagem ao imperador grego e recebiam como os outros, o prêmio da submissão. O Conde de Tolosa, que chegou por último, respondeu antes, aos enviados de Alexis, que não tinha vindo ao Oriente para procurar um senhor e até ameaçou destruir Constantinopla. O imperador, para dobrar o orgulho de Raimundo e de seus provençais foi obrigado a se prostrar diante dêles. Louvou, ora sua vaidade, ora sua avareza, e preocupou-se mais em lhes mostrar

seus tesouros do que os exércitos. Nos estados em decadência, é muito comum tomar-se riqueza como poder, e o príncipe julga sempre reinar sôbre os corações, enquanto lhe restar com que corrompê-los. O cerimonial era, além disso, na côrte de Constantinopla a coisa mais séria e mais importante; mas qualquer que seja o preço que se possa dar a fórmulas vãs, admiramo-nos por ver guerreiros tão altivos, que iam conquistar impérios, ajoelharem-se diante de um príncipe que tremia de mêdo de perder o seu. Fizeram-no pagar bem cara a submissão incerta e passageira e muitas vêzes o desprêzo surgia através sinais aparentes de respeito.

Numa cerimônia em que Alexis recebia a homenagem de vários príncipes franceses, o Conde Roberto de Paris, foi se sentar ao lado do imperador. Baudoin de Hainaut puxou-o então pelo braço e disse-lhe: "Deveis saber, que quando se está num país, devem-se observar os seus costumes." — "Na verdade — respondeu Roberto, — ali está um rústico vilão sentado, enquanto ilustres capitães estão de pé!" Alexis, então, pediu que lhe explicassem aquelas palavras e depois que os condes se retiraram, êle reteve Roberto e perguntou-lhe qual a sua pátria e sua origem. "Eu sou francês, disse-lhe Roberto, da nobreza mais ilustre. Só sei de uma coisa, é que no meu país, há perto de uma igreja, uma praça, para onde vão todos os que estão ansiosos por mostrar o seu valor. Lá estive várias vêzes, sem que alguém

se houvesse ousado apresentar diante de mim." O imperador evitou aceitar aquela espécie de desafio e esforçou-se por ocultar a sua surprêsa e seu despeito, dando úteis conselhos ao guerreiro temerário. "Se esperáveis, então, disse-lhe êle, inimigos, sem os encontrar, tereis agora com que vos satisfazer. Não vos ponhais, porém, jamais, nem à frente, nem à retaguarda do exército; ficai no centro: eu já sei como é que se faz para se combater contra os turcos. É o melhor lugar que poderíeis encontrar."

No entretanto a política do imperador não ficou sem efeito. A altivez de um grande número de condes e de barões não resistiu à sua amabilidade e aos seus presentes. Temos ainda uma carta que Estêvão de Blois escreveu a Adélia, sua espôsa, e na qual êle se felicita pela acolhida que teve na côrte de Bizâncio. Depois de ter lembrado tôdas as honras de que foi cumulado, êle exclama, falando de Alexis: "Na verdade, não há hoje um homem como êle sôbre a face da terra." Bohémond não deveu sentir menos a liberalidade do imperador. À vista de uma sala cheia de riquezas, êle disse: "Há muito com o que conquistar reinos." Alexis mandou imediatamente levar aquêles tesouros para a casa do ambicioso Bohémond, que os recusou, a princípio, por uma espécie de vergonha, mas terminou por aceitá-los com alegria. Chegou mesmo a pedir-lhe o título de grão-doméstico ou de general do império do Oriente. Alexis que tivera aquela dignidade e que sabia que ela

Espanto dos Cruzados à vista do luxo oriental.

era o caminho do trono, teve a coragem de lha recusar e contentou-se de lhe prometer, aos serviços futuros do Príncipe de Tarento.

Assim, as promessas do imperador mantinham sob suas leis os príncipes latinos. Com seus favores, com seus elogios, distribuídos com retidão, tinha feito nascer a inveja entre os chefes dos cruzados. Raimundo de Saint-Gilles se havia declarado contra Bohémond, de quem revelava os projetos a Alexis, e, enquanto êsse príncipe se abaixava perante um monarca estrangeiro, os cortesãos de Bizâncio repetiam com ênfase, que êle se elevava acima de todos os outros chefes da cruzada, como o sol se eleva acima das estrêlas.

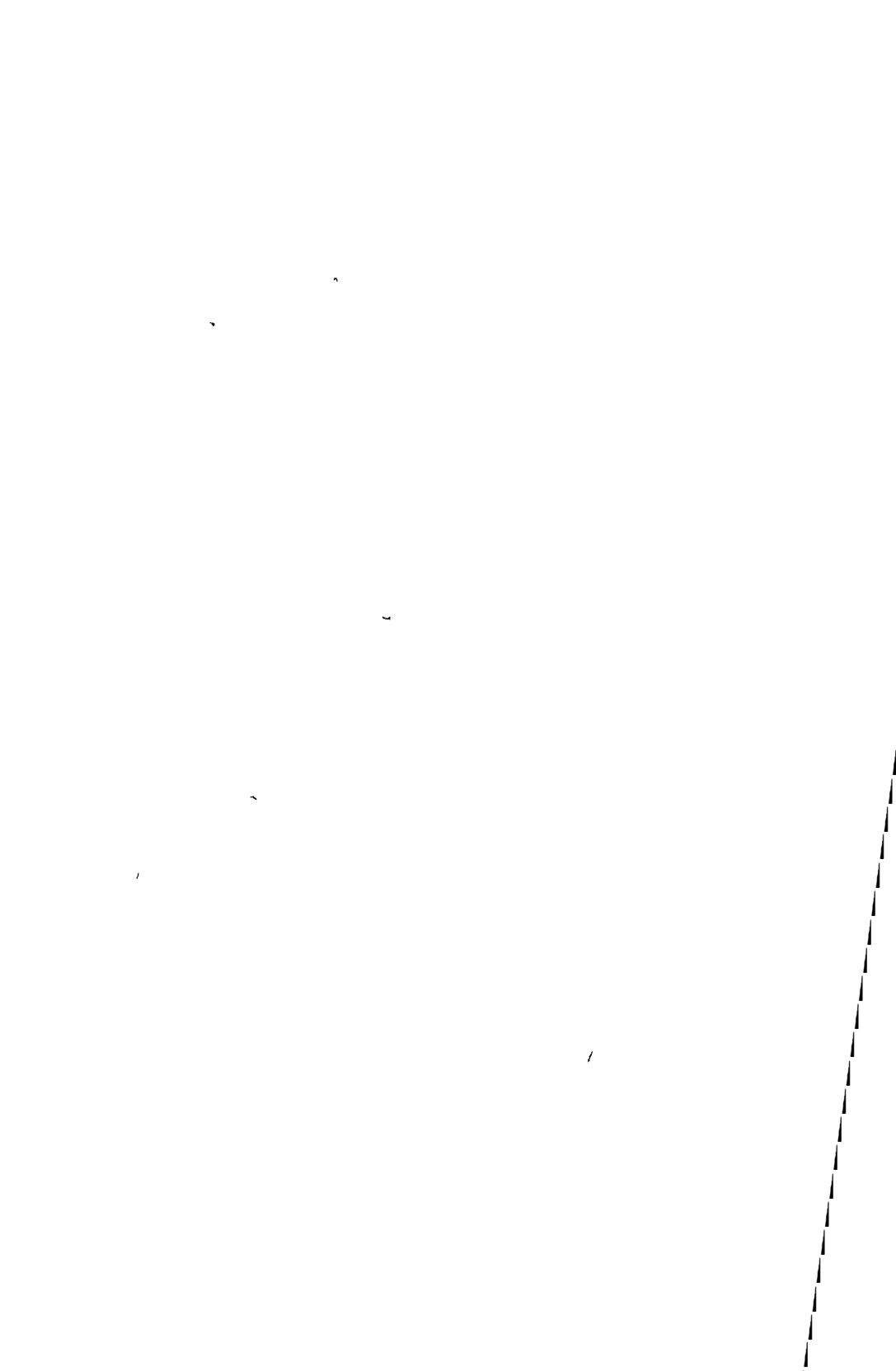
Os francos, tão temíveis nos campos de batalha, não tinham fôrça contra a habilidade e a astúcia de Alexis e não podiam conservar suas vantagens no meio das intrigas de uma côrte dissoluta. A permanência em Bizâncio podia, além disso, tornar-se perigosa para os cruzados e o espetáculo do luxo do Oriente que êles viam pela primeira vez, tinha sido organizado para corrompê-los. Os cavaleiros, segundo dizem os historiadores do tempo, não se cansavam de admirar os palácios, os belos edifícios, as riquezas da capital, e talvez também as belas mulheres gregas, de que Alexis tinha falado em suas cartas aos príncipes do Ocidente. Tancredo foi o único, insensível a tôdas as solicitações; não quis expor sua virtude, no meio das seduções de Bizâncio. Deplorou a fra-

queza de seus companheiros e, seguido por um pequeno número de cavaleiros, apressou-se em deixar Constantinopla, sem ter prestado juramento de fidelidade ao imperador.

Alexis não tinha menos a temer a indisciplina e a insubordinação dos peregrinos, do que os projetos ambiciosos de seus chefes. À medida que chegavam novos cruzados, faziam-nos acampar à margem ocidental do Bósforo. Suas tendas cobriam o planalto que se estende desde Pera até às aldeias que hoje se chamam Belgrado e Pyrgos; êles ocupavam também tôdas as casas e os edifícios que margeavam o estreito. Cada chefe tinha seu acampamento separado; o de Godofredo ocupava o vale de Buyuk-Déré, perto da vila do mesmo nome, a quatro léguas ao norte de Constantinopla. Dando um passeio a Buyuk-Déré sentamo-nos várias vêzes à sombra de um velho plátano, que as tradições populares chamam de a árvore de Godofredo de Bouillon.

O imperador grego espalhou sua liberalidade também sôbre a multidão dos peregrinos, bem como sôbre os príncipes; mas não obteve o mesmo resultado. Tôdas as semanas, quatro homens robustos saíam do palácio de Blaquernes, carregados de peças de ouro e de vários alqueires cheios de outras moedas; êsse dinheiro era distribuído entre os soldados de Godofredo. Semelhantes distribuições faziam-se também nos acampamentos de vários outros chefes. Coisa

singular, diz, a êste respeito Alberto d'Aix, tanto dinheiro dado dêsse modo voltava imediatamente ao tesouro imperial, pois, em todo o império, nenhum outro, que Alexis, podia vender as provisões de que os cruzados precisavam: o óleo, o vinho, o trigo, e as outras mercadorias eram vendidas a preço tão alto, que o dinheiro distribuído aos peregrinos não era suficiente e êles eram muitas vêzes obrigados a acrescentar o que tinham trazido de seu país. Essa enganadora generosidade do imperador excitava violentas queixas; a multidão atacava as regiões vizinhas e as devastava; não poupava nem mesmo as casas imperiais e a capital, não obstante suas defesas, temia os horrores do saque.

O que havia de mais aflitivo, é que todos pareciam ter esquecido os turcos. Os guerreiros latinos teriam preferido fazer guerra aos gregos, por causa dos despojos; Alexis estava ocupado sòmente em submeter ao seu império, os príncipes da cruz, e não pensava mais que as bandeiras muçulmanas flutuavam em Nicéia. No entretanto Godofredo e os mais sensatos dentre os chefes não perdiam a cruzada de vista; êles mesmos pediram que se lhes fornecessem barcas para atravessar o Bósforo, para retomar o caminho de Jerusalém. Godofredo deu o exemplo e embarcou com seus cavaleiros no gôlfo de Buyuk-Déré; os outros cruzados levantaram também acampamento e passaram às costas da Ásia.

Continuação do

LIVRO SEGUNDO

O exército cristão na Ásia Menor; avança contra Nicéia e a cerca; sangrenta batalha; a praça é tomada de assalto; os cruzados dirigem-se para a Síria; a vanguarda semidestruída pelos turcos é salva por Godofredo de Bouillon; marchas difíceis; Tancredo, senhor de Tarso, submete a Cilícia; os cruzados em Heracléia; entram na Síria; Balduino conquista a Armênia e funda um Estado independente.

Depois que os cruzados passaram o estreito do Bósforo, só pensaram em fazer guerra aos muçulmanos. Lembremo-nos de que os turcos seldjúcidas, no reinado de Miguel Ducas, tinham invadido a Ásia Menor; o império que êles tinham fundado estendia-se desde o Oronte e o Eufrates, até Nicéia. Essa nação era a mais bárbara das nações muçulmanas; ela tinha se descuidado de conquistar as costas marítimas, porque não tinha marinha; mas sob sua dominação conservava as mais ricas províncias, cuja cultura deixava aos gregos, seus escravos e tributários.

Os turcos da Ásia Menor viviam em tendas, não conheciam outro ofício que a guerra, outra riqueza, que os despojos. Tinham por chefe o filho de Solimão, que, por suas conquistas sôbre os cristãos, tinha sido cognominado de *Campeão Sagrado*. Davi, cognominado *Kilidj-Arslan*, ou Espada do leão, educado nas perturbações das guerras civis, e por muito tempo encerrado numa fortaleza do Korasan, por ordem de Maleck-Schah, tinha subido ao trono de seu pai, e nêle mantinha-se com bravura. Tinha um gênio fecundo em recursos, um caráter firme nos reveses. À aproximação dos cruzados, êle chamou seus súditos e

aliados para ajudá-lo a se defender; de tôdas as províncias da Ásia Menor, mesmo da Pérsia, os mais corajosos defensores do islamismo, vieram se reunir sob suas bandeiras.

Não contente de organizar um exército, êle tinha, por primeiro, pôsto todos os seus cuidados, em fortificar a cidade de Nicéia, sôbre a qual deviam cair os primeiros ataques dos cristãos. Essa cidade, capital da Bitínia, célebre por ter sido a sede de dois concílios, era a capital do Império ou do país de *Roum;* foi ali que os turcos, como num pôsto avançado, esperaram a ocasião de atacar Constantinopla e de se precipitar sôbre o Ocidente.

Foi em Calcedônia que se reuniu o exército cristão. Os chefes agruparam seus batalhões e se puseram em marcha contra Nicéia. O exército da cruz tinha à sua direita a Propôntida e as ilhas dos príncipes; à esquerda, estavam as ruínas da antiga *Pandicapium* e os restos de Libissa, famosa pelo túmulo de Aníbal, (hoje é uma pobre aldeia muçulmana). Depois de alguns dias de marcha, os cruzados chegaram a Nicomédia, onde ficaram três dias. Nicomédia, construída ao fundo do gôlfo ao qual dá seu nome, ao pé de uma grande colina, conservava então algo de seu antigo esplendor; agora é apenas uma aldeia, que os turcos chamam de Ismid. Ao sair de Nicomédia o exército da cruz avançou para *Helenópolis,* tendo ao Ocidente o gôlfo, ao Oriente a imensa cadeia do Arganthon: Helenópolis, que to-

mou o nome de *Hersek*, está a onze léguas de Nicomédia e a quatro ou cinco léguas de Civitot ou *Ghemlik*. Foi nas vizinhanças de Helenópolis que os cruzados viram a correr para suas tendas vários soldados do exército de Pedro, que tendo fugido à matança, tinham se escondido nas montanhas e nas florestas vizinhas. Uns estavam cobertos de andrajos, outros, nus, muitos, feridos. Mortos de fome, sustentavam difìcilmente os restos de uma vida miserável, que tinham disputado por sua vez, às estações do ano e à barbárie dos turcos. O aspecto dêsses infelizes fugitivos, a narração de suas misérias, espalharam a tristeza no exército cristão; correram lágrimas de todos os olhos, quando souberam dos desastres dos primeiros soldados da cruz. Ao Oriente, êles mostraram a fortaleza onde os companheiros de Renaud, impelidos pela fome e pela sêde, se haviam entregado aos turcos, que os haviam massacrado; perto dali, mostraram ainda as montanhas, junto das quais o exército de Gauthier tinha perecido sob o comando de seu chefe. Os cruzados avançavam em silêncio, encontrando por tôda a parte ossadas humanas, trapos de bandeiras, lanças quebradas, armas cobertas de poeira e de ferrugem, tristes restos de um exército vencido. No meio dêsses quadros sinistros, não puderam ver, sem estremecer de dor, o acampamento onde Gauthier tinha deixado as mulheres e as crianças, bem como os enfermos, quando fôra arrastado pelos soldados à cidade de Nicéia; lá os cristãos

Godofredo encontra os restos do exército de Pedro.

tinham sido surpreendidos pelos muçulmanos, mesmo no momento em que seus sacerdotes celebravam o sacrifício da Missa. As mulheres, as crianças, os velhos, todos os que a fraqueza ou a doença conservava sob as tendas, perseguidos até os altares, tinham sido levados para a escravidão ou imolados por um inimigo cruel. A multidão dos cristãos, massacrados naquele lugar, tinha ficado sem sepultura; viam-se ainda os vossos cavalos em redor do acampamento e a pedra que tinha servido de altar aos peregrinos.

A lembrança de tão grande desastre sufocou a discórdia, impôs silêncio à ambição, inflamou de novo o zêlo para a libertação dos santos lugares. Os chefes aproveitaram essa terrível lição e fizeram úteis determinações para manter a disciplina. Estava-se então nos primeiros dias da primavera, os campos, cobertos de ervas e de flôres, as messes começavam a surgir, o clima fértil e o belo céu da Bitínia, a garantia de não haver falta de víveres, a harmonia dos chefes, o ardor dos soldados, tudo fazia prever aos cruzados, que Deus abençoaria suas armas e que êles seriam mais felizes que seus companheiros, cujos restos deploráveis êles calcavam aos pés.

Os cruzados, partindo de Hersek, tiveram que atravessar o *Draco* várias vêzes, rio célebre entre os peregrinos. As numerosas curvas dêsse rio deram-lhe o nome de *Draco* (serpente); os turcos chamam-no de *rio de quarenta vaus*. Não longe da nascente do Draco, que tinha de atravessar o Arganthon, os pere-

grinos encontraram apenas passagens estreitas, entre precipícios e rochedos, talhados a pique. Godofredo mandou na frente do exército quarenta mil operários armados de machados e de enxadões para abrir caminho; cruzes de madeira foram erguidas de espaço a espaço, para marcar a passagem dos soldados de Jesus Cristo. Saindo dêsses caminhos difíceis, os peregrinos viram as planícies de Nicéia.

Os cruzados avançavam cheios de confiança em suas fôrças e sem conhecer as que lhes seriam opostas. Jamais os campos da Bitínia haviam oferecido espetáculo mais imponente e mais terrível: o número dos peregrinos superava a população de muitas grandes cidades do Ocidente; sua multidão cobria um imenso espaço; os turcos, do vértice das montanhas onde estavam acampados, contemplaram, talvez, com espanto, um exército composto de cem mil cavaleiros e de um número infinito de soldados de infantaria, a elite dos povos belicosos da Europa, que lhes vinha disputar a posse da Ásia.

Guilherme de Tiro faz uma bela descrição de Nicéia e de suas defesas. Os viajantes podem ver hoje essas fortificações, ainda de pé, como elas eram, suficientes para dar uma idéia do que foram nos tempos da primeira cruzada. Contentar-nos-emos de descrever o que vimos.

Nicéia está situada na extremidade oriental do lago Ascânio, ao pé de uma montanha cheia de bosques, que tem a forma de um semicírculo. As

defesas da antiga cidade têm uma légua e meia de circunferência; sôbre os muros elevam-se tôrres redondas, muito próximas umas das outras, umas também, quadradas, outras ovais; outrora eram em número de trezentas e setenta. A espessura das muralhas é de dez pés; Guilherme de Tiro nos diz que ali se poderia fazer rolar um carro; tem trinta pés de altura. Estão em perfeito estado de conservação, por tôda a parte, exceto do lado que dá para o lago. Podem-se ver suas formas e julgar de sua solidez, através da hera que as cobre. Nicéia tem três portas: a do sul está inteiramente deteriorada; a do Oriente, é formada de três arcos de mármore; no muro da parte exterior, vê-se um baixo-relêvo representando soldados romanos com lanças e escudos; por fora dessa porta, a pouca distância, estão os restos de um aqueduto que trazia a Nicéia a água das montanhas. A porta ao norte, é grande e bela; compõe-se, como as duas outras, de três arcos de mármore cinzento. Aí vemos nos muros sòmente uma enorme cabeça de Gorgônio, que aparece através um bloco de hera, e de outras vegetações. Fossos, semi-entulhados cercam a praça. Quando se chega a Nicéia pela estrada de Civitot, entra-se na cidade por uma larga brecha, feita numa grande tôrre de tijolos. Que surprêsa para o viajante quando na praça de Nicéia, cujas tôrres ainda estão de pé, êle vê, de todos os lados, campos cultivados, plantações de amoreiras e de oliveiras! Depois de ter caminhado

através longas alamêdas de ciprestes e de plátanos, chega-se a uma humilde e pobre aldeia: *Isnid,* habitada por gregos e turcos.

Depois que os cruzados chegaram diante da cidade, cada um dos chefes tomou a posição que devia ocupar durante o cêrco. Godofredo e seus dois irmãos colocaram-se ao Oriente; daquele lado as defesas pareciam ainda inexpugnáveis. Bohémond, Roberto, Conde de Flandres, Roberto, Duque de Normandia, o Conde de Blois, ergueram suas tendas do lado do Ocidente e do Norte; o sul da cidade foi indicado ao Bispo Ademar e ao Conde Raimundo de Tolosa, que por último chegou ao acampamento. A cidade ficou livre do lado do lago.

Godofredo e Raimundo tinham as montanhas atrás de si; de todos os lados do acampamento dos cristãos, estendia-se uma vasta planície cortada por regatos; desde o princípio do cêrco, frotas vindas da Grécia e da Itália trouxeram víveres e tôda a sorte de munições de guerra aos cruzados.

O historiador Foulcher de Chartres contava, no acampamento dos cristãos, nada menos que dezoito nações, diferentes em costumes e línguas. "Se um inglês, um alemão, queria falar-me, diz êle, eu não sabia o que responder. Mas embora divididos pela língua, nós parecíamos um único povo, por nosso amor a Deus." Cada nação tinha seu quarteirão que era cercado de muros e de paliçadas, e como não havia pedras e madeira, para a construção das defesas,

empregavam-se os ossos dos cruzados que haviam ficado sem sepultura nas vizinhanças de Nicéia; de modo que, diz Ana Comena, se fazia ao mesmo tempo um túmulo para os mortos e uma morada para os vivos. Em todo quarteirão haviam-se erguido às pressas tendas magníficas que serviam de igrejas e onde os chefes e os soldados se reuniam para as cerimônias religiosas. Diferentes gritos de guerra, os tambores, de que os sarracenos haviam introduzido o uso na Europa, e cornos sonoros com vários buracos, chamavam os cruzados aos exercícios militares.

Os barões e os cavaleiros traziam uma cota de malha, espécie de túnica feita de pequenos anéis de ferro e de aço. Sôbre a cota de armas de cada escudeiro, havia um pano azul, vermelho, verde ou branco. Os guerreiros tinham um capacete, prateado para os príncipes, de aço para os gentis-homens, de ferro para os outros. Os cavaleiros tinham escudos redondos ou quadrados; escudos longos defendiam os soldados de infantaria. Os cruzados serviam-se, para os combates, da lança, da espada, de uma espécie de faca ou punhal, chamado *misericórdia;* da maça e da clava, com a qual um guerreiro podia com um só golpe derrubar o inimigo; da funda, que lançava pedras ou bolas de chumbo; do arco, da arbaleta, arma mortífera desconhecida então no Oriente. Os guerreiros do Ocidente não usavam ainda aquela pesada armadura de ferro descrita pelos historiadores

da Idade Média e que receberam em seguida dos sarracenos.

Os príncipes e os cavaleiros tinham imagens em suas bandeiras, sinais, de côres diferentes, que serviam de ponto de reunião para os soldados. Viam-se pintados nos escudos e nos estandartes, leopardos, leões; também estrêlas, tôrres, cruzes, árvores da Ásia e do Ocidente. Muitos tinham feito pintar em suas armas, uma ave, que encontraram pelo caminho e que, mudando, todos os anos, de clima, dava aos cruzados a idéia de um símbolo de sua peregrinação. Êsses sinais distintivos animavam a coragem no campo de batalha e deviam ser um dia um dos atributos da nobreza, entre os povos do Ocidente.

Em circunstâncias importantes o conselho dos chefes dirigia os empreendimentos da guerra: nas ocasiões ordinárias, cada conde, cada senhor, só recebia ordens de si mesmo. O exército cristão apresentava a imagem de uma república em armas. Essa formidável república onde todos os bens pareciam ser comuns, só reconhecia a honra por lei, e único liame, a religião. O zêlo era tão grande que os chefes faziam o serviço dos soldados e êstes jamais faltavam à disciplina. Os padres percorriam sem cessar as fileiras para lembrar aos cruzados as máximas da moral evangélica. Suas pregações não foram inúteis e, se dermos crédito aos autores contemporâneos, que não pouparam os campeões da cruz em suas narrações, o procedimento dos cristãos, durante o cêrco

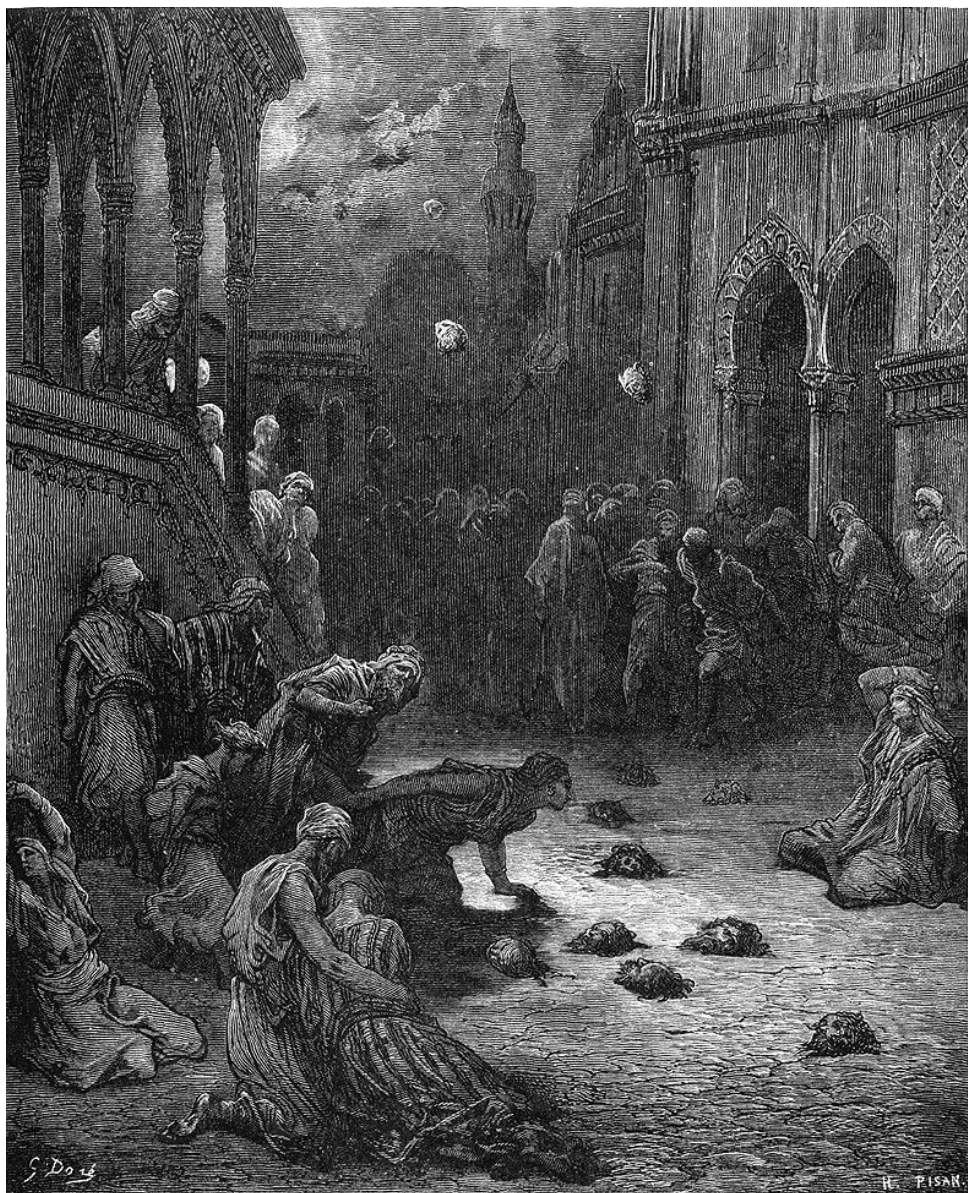
Os padres percorrem as fileiras dos Cruzados.

de Nicéia só ofereceu exemplos de virtudes guerreiras e motivos de edificação. "Aquela santa milícia, diz um cronista, era a imagem da Igreja de Deus e Salomão teria podido dizer: *"Como és bela, minha amiga! És semelhante ao tabernáculo de Cedar!"* "Ó França!" continua o mesmo cronista, "país que deve ser colocado acima de todos os outros, como eram belas as tendas de teus soldados na Rumânia!"

Desde os primeiros dias do cêrco, os cristãos deram alguns assaltos nos quais fizeram inùtilmente prodígios de valor. Kilidj-Arslan, que tinha deixado em Nicéia sua família e seus tesouros, animou por suas mensagens a coragem da guarnição e reuniu todos os guerreiros que pôde encontrar na Rumânia, para ir em auxílio dos sitiados. Dez mil cavaleiros muçulmanos, vindos através das montanhas, armados com arcos de chifre e recobertos de armaduras de ferro, precipitaram-se de uma vez no vale de Nicéia e penetraram até o lugar, onde o Conde de Tolosa, chegando por último ao acampamento, havia acabado de erguer suas tendas. Os cruzados, avisados de sua chegada, esperavam-nos com armas na mão. Todos os chefes estavam à frente de seus batalhões; o Bispo de Puy, montado em seu cavalo de batalha, estava nas primeiras fileiras, invocando, ora a proteção do céu, ora a piedade belicosa dos peregrinos. Apenas se travou o combate, cinqüenta mil cavaleiros muçulmanos vieram ajudar a sua vanguarda que começava a se desfazer. O sultão de Nicéia vinha-

lhes à frente e procurava excitar-lhes a coragem, com seu exemplo e com suas palavras. "Os dois exércitos, diz Mateus de Edessa, atracaram-se com igual fúria; viam-se brilhar por tôda a parte os capacetes, os escudos, as espadas nuas; ouvia-se ao longe o rumor das couraças e das lanças, que se chocavam na luta; o ar ecoava de gritos espantosos, os cavalos recuavam ao ruído das armas, ao sibilar das flechas; a terra tremia sob os pés dos combatentes e a planície estava coberta de dardos e de destroços." Ora os turcos precipitavam-se com furor sôbre as fileiras dos cruzados, ora combatiam de longe e atiravam uma nuvem de dardos; às vêzes fingiam fugir e voltavam à carga com impetuosidade. Godofredo, seu irmão Balduino, Roberto, conde de Flandres, o duque da Normandia, Bohémond e o bravo Tancredo, estavam em tôda parte, onde o perigo os chamava e por tôda a parte o inimigo caía sob seus golpes ou fugia à sua presença. Os turcos deviam ter percebido, desde o comêço do combate, que tinham diante de si inimigos mais temíveis do que a multidão indisciplinada de Pedro, o Eremita, e de Gauthier. Essa batalha na qual os muçulmanos mostraram a coragem do desespêro unida a todos os estratagemas da guerra, durou desde a manhã até à noite. A vitória custou a vida a dois mil cristãos. Os infiéis fugiram para as montanhas e deixaram quatro mil mortos na planície onde haviam combatido.

Os cruzados imitaram nessa circunstância o uso bárbaro dos guerreiros muçulmanos. Cortaram a cabeça dos inimigos que haviam ficado no campo da luta e amarrando-as à sela de seus cavalos levaram-nos ao acampamento, que, ante, aquêle espetáculo explodiu em gritos de alegria. Suas máquinas lançaram mais de mil daquelas cabeças para a cidade, onde se espalhou a consternação. Mil outros foram encerrados em sacos e levados a Constantinopla, para serem apresentados ao imperador, que aplaudiu o triunfo dos francos: era o primeiro tributo que lhe ofereciam os senhores e os barões que se tinham declarado seus vassalos.

Os cruzados, não tendo mais que temer a vizinhança de um exército inimigo, levaram o cêrco adiante com mais vigor. Ora aproximavam-se da praça, protegidos por galerias recobertas por um duplo teto de pranchas e de telhas; ora levavam até às muralhas, tôrres montadas sôbre rodas, de onde se podia ver tudo o que se passava na cidade. Deram vários assaltos, nos quais pereceram o conde de Forez, Balduino de Gaud e vários cavaleiros que o povo de Deus sepultou, dizem os cronistas, com sentimentos de piedade e de amor, *como convém a homens nobres e ilustres.* Animados pelo desejo de vingar a morte de seus companheiros de armas, os cruzados redobraram o ardor e os mais intrépidos, formando uma tartaruga com seus escudos impenetráveis, erguendo por cima de seus batalhões cerra-

Mais de mil cabeças foram lançadas em Nicéia.

dos, vastas cobertas de vimes, desciam nos fossos, aproximavam-se do pé das fortificações, batiam nas muralhas com aríetes revestidos de ferro ou procuravam arrancar as pedras com pontas de ferro recurvadas, em forma de ganchos. Os sitiados, do alto das tôrres, atiravam pixe incandescente sôbre os atacantes, óleo fervente e tôda espécie de matéria combustível. Muitas vêzes as máquinas dos cruzados e suas armas defensivas eram devoradas pelas chamas e os soldados desarmados, eram alvo dos dardos e das pedras que caíam sôbre êles como uma terrível tempestade. O exército cristão rodeava Nicéia, mas tôdas as nações tinham um só ponto de ataque, que lhe era marcado e não se ocupava com o resto do cêrco. Quer porque faltassem o espaço ou as máquinas para os combatentes, via-se sòmente um pequeno número de guerreiros aproximar-se das muralhas e os ataques dirigidos contra a cidade eram como um espetáculo, ao qual a multidão ociosa dos peregrinos assistia, esparsa sôbre as elevações e as colinas da vizinhança. Num dos assaltos levado a efeito pelos soldados de Godofredo, um muçulmano, que a história nos apresenta como um guerreiro de estatura e de fôrça extraordinárias, tinha-se feito notar por atos de bravura. Não cessava de desafiar os cristãos e embora seu corpo estivesse crivado de flechas, nada podia arrefecer o seu ardor; os soldados da cruz pareciam ter um só homem contra quem combater. Por fim, como se quisesse mostrar que nada temia, o

guerreiro muçulmano lança para longe seu escudo, descobre o peito e começa a atirar grande quantidade de pedras sôbre os cruzados amontoados ao pé das muralhas. Os peregrinos, assustados, caíam-lhe sob os golpes, sem se poderem defender. Por fim o duque de Bouillon, avança, armado de uma arbaleta e precedido por dois escudeiros que mantinham seus escudos elevados diante dêle; um dardo parte vibrado por mão vigorosa e em seguida o guerreiro, ferido no coração, cai morto sôbre a muralha, à vista de todos os cruzados que aplaudem a habilidade e o valor de Godofredo. Os sitiados ficaram imóveis de espanto e as muralhas, semidestruídas, pareciam ter ficado sem defensores.

No entretanto a noite, que veio suspender o combate, reanimou a coragem dos sitiados. No dia seguinte, ao nascer do sol, tôdas as brechas feitas na véspera haviam desaparecido; novos muros se haviam elevado por trás das defesas em ruínas. Vendo a resistência do inimigo e os seus aparatos bélicos, expostos diante dêles, os cruzados sentiram sua coragem arrefecer; e, para avançarem, no combate, diz Alberto d'Aix, cada um dêles esperava o exemplo do vizinho. Um único cavaleiro normando ousou sair das fileiras e atravessar os fossos; mas foi logo atacado a golpes de dardos e de pedras; mal defendido pelo capacete e pela couraça, morreu à vista de todos os peregrinos, que se contentaram em implorar por êle o poder divino. Os sitiados apa-

nharam seu corpo inanimado com ganchos de ferro e o expuseram sôbre as muralhas como um troféu de vitória; lançaram-no em seguida, por meio de uma máquina, ao acampamento dos cristãos, onde seus companheiros de armas prestaram-lhe a honra da sepultura, consolando-se de tê-lo deixado morrer sem recursos, com o pensamento de que êle havia recebido a palma do martírio e tinha entrado assim na vida eterna.

Os sitiados, para reparar as suas perdas, recebiam todos os dias socorros pelo lago Ascânio, que lhes banhava as muralhas e sòmente depois de sete semanas de cêrco, os cruzados perceberam-no. Os chefes reuniram-se e mandaram ao pôrto de Civitot um grande número de cavaleiros e de soldados de infantaria, com ordem de transportar para as margens do lago barcos e navios fornecidos pelos gregos. Êsses navios, vários dos quais podiam transportar até cem combatentes, foram colocados sôbre carros, aos quais se atrelaram cavalos e homens robustos. Uma só noite foi suficiente para transportá-los, desde o mar até o lago Ascânio, e para lançá-los nas águas. Ao despontar do dia, o lago ficou coberto de embarcações cheias de soldados intrépidos. As insígnias dos cristãos estavam desfraldadas e baloiçavam sôbre as ondas; tôda a margem vibrava com gritos guerreiros e com o som das trombetas. A êsse espetáculo, os defensores de Nicéia ficaram alarmados e toma-

dos de grande espanto, deixaram-se levar pelo desânimo.

Ao mesmo tempo, uma tôrre ou galeria de madeira, construída por um guerreiro lombardo, veio redobrar a coragem e o ardor dos peregrinos; ela resistia à ação do ferro, ao choque das pedras, a todos os ataques do inimigo. Empurraram-na até perto de uma tôrre enorme, atacada há vários dias, por guerreiros de Raimundo de Saint-Gilles; os operários que ela levava, cavavam a terra sob as muralhas e a fortaleza inimiga caiu sôbre seus alicerces. Desmoronou-se de repente, no meio das trevas da noite e ruiu com um fragor tão espantoso que sitiantes e sitiados despertaram sobressaltados, julgando que a terra tinha estremecido. No dia seguinte, a mulher do sultão com dois filhos pequenos, quis fugir pelo lago e caiu nas mãos dos cristãos; essa notícia, levada à cidade, lançou-lhe grande consternação e os turcos perderam a esperança de poder defender Nicéia; mas a política de Alexis veio arrebatar essa conquista às armas dos cruzados.

Êsse príncipe, comparado ao pássaro que busca seu alimento nas pegadas do leão, tinha avançado até Pelecane. Havia mandado ao exército dos cruzados um pequeno destacamento de tropas gregas e dois generais de sua confiança, menos para combater que para aproveitar a ocasião de se apoderar de Nicéia, por um hábil estratagema. Um de seus oficiais, de nome Butumita, penetrou na cidade, fêz os

habitantes acreditar na horrível vingança dos latinos e os levou a se entregar ao imperador de Constantinopla. Suas propostas foram aceitas e, quando os cruzados se dispunham a um último ataque, os estandartes de Alexis apareceram de repente nas muralhas e nas tôrres de Nicéia.

Êsse espetáculo deixou alarmados e surpresos os exércitos dos cristãos; a maior parte dos chefes não pôde conter a indignação; os soldados, prestes a combater, voltaram às suas tendas, fremindo de raiva. Seu furor aumentou ainda mais, quando lhes proibiram entrar em número superior a dez, na cidade, que êles haviam conquistado com o preço do próprio sangue e que continha as riquezas que lhes haviam sido prometidas. Em vão os gregos alegaram os tratados feitos com Alexis e os serviços que êle tinha prestado aos latinos, durante o cêrco; as murmurações continuaram e os soldados não se acalmaram no momento que pela liberalidade do imperador.

Êsse príncipe recebeu a maior parte dos chefes da cruzada em Pelecane, louvou-lhes a bravura e os cumulou de presentes. Depois de se ter apoderado de Nicéia, quis vencer o orgulho de Tancredo, que não tinha ainda prestado juramento de obediência e de fidelidade. Tancredo, cedendo aos rogos de Bohémond e dos outros chefes, prometeu ser fiel ao imperador contanto que o imperador mesmo fôsse fiel aos cruzados: essa homenagem, que era ao

mesmo tempo um ato de submissão e uma ameaça, não devia satisfazer a Alexis e mostrava assaz que êle não tinha nem a estima nem a confiança dos peregrinos do Ocidente. A liberdade que êle deu à espôsa e aos filhos do sultão, a maneira generosa com que tratou os prisioneiros turcos, fizeram os latinos crer que êle procurava poupar os inimigos dos cristãos. Não foi necessário mais nada para renovar todo o ódio: desde então acusaram-se e ameaçaram-se reciprocamente e o menor pretexto teria sido bastante para acender a guerra entre os gregos e os cruzados.

Havia-se passado um ano desde que os cristãos tinham deixado o Ocidente. Depois de terem descansado um pouco nas vizinhanças de Nicéia, prepararam-se para se pôr em marcha para a Síria e a Palestina. As províncias da Ásia Menor que êles iam atravessar ainda estavam ocupadas pelos turcos que o fanatismo e o desespêro animavam e que formavam menos uma nação do que um exército sempre pronto a combater e a se transportar de um lugar para outro. Num país há tanto tempo devastado pela guerra, os caminhos estavam apenas traçados, tôda comunicação, interrompida entre as cidades. Os desfiladeiros, as torrentes, os precipícios deviam sem cessar deter um exército numeroso em sua marcha pelas montanhas; nas planícies, a maior parte incultas e desertas, a penúria, a falta de água, o ardor do clima, muito quente, eram flagelos inevitáveis. Os

cruzados julgavam ter vencido todos os seus inimigos em Nicéia e, sem tomar precaução alguma, sem outros guias que os gregos, de que muito se tinham a queixar, êles avançavam em um país que não conheciam. Não tinham nenhuma idéia dos obstáculos que iam encontrar em sua marcha e sua ignorância era-lhes a mesma segurança.

O exército cristão tinha partido de Nicéia a 25 de junho. Marchou durante dois dias: na tarde do segundo dia, chegou perto de uma ponte e aí estabeleceu o acampamento. Essa ponte, que ainda hoje se vê, está construída no mesmo lugar onde o Gallo se lança no Sângaro, chamado em língua turca, Sakarié. Os cruzados estavam então perto da antiga Leuca, ora substituída pela aldeia de *Lefké*. Há apenas seis horas de caminho entre Nicéia e Lefké, mas os caminhos eram difíceis, principalmente para uma grande multidão de homens, que um grande volume de bagagens e de carros embaraçava; não nos devemos admirar de que o exército tenha empregado dois dias para fazer êsse curto trajeto. Atraídos pela abundância de água e de pastagens, os cruzados descansaram dois dias na confluência do Gallo com o Sângaro. Como iam entrar num país deserto, sem água, os cristãos julgaram bem dividir-se em dois grupos; uma única terra não era bastante para tantos homens, tantos cavalos, tantas cabeças de gado. O maior dos dois corpos do exército, era comandado por Godofredo, Raimundo,

Ademar, Hugo, o Grande, e o conde de Flandres: o outro era chefiado por Bohémond, Tancredo e o duque de Normandia. Os dois grupos deviam marchar, quanto possível, à pequena distância um do outro. O exército de Godofredo dirigiu-se para a direita e o de Bohémond para a esquerda. Êste, depois de três dias de marcha, no princípio do quarto, chegou ao vale chamado, *Dogorganhi*, depois *Gorgoni* e por fim *Ozellis*. Há vinte léguas de Lefké ao vale de Gorgoni, o que corresponde perfeitamente aos dias de marcha de que acabamos de falar, segundo o monge Roberto, testemunha ocular; êle prova outrossim, o êrro de alguns cronistas, como Guilherme de Tiro, que contaram apenas um dia de marcha; êstes últimos cronistas não haviam visto os lugares. O exército de Bohémond, partindo do ponto onde os cristãos tinham feito alto, teve que seguir o Sângaro mais ou menos durante três horas; deixando em seguida o rio à esquerda, êle avançou para um vale, que o levava a Gorgoni; o vale que antes o príncipe de Tarento seguira, chamado pelos turcos de *Vizir-Kan*, é atravessado por um pequeno rio chamado agora *Kara-Sou*. O vale de Gorgoni, cujo nome vem da lembrança de uma grande batalha, confina com a planície de Doriléia, chamada pelos turcos de *Eski-Cher;* está situada a quatro horas ao norte dessa cidade. Um rio chamado *Sareh-Sou*, (água amarela) Béthis, dos antigos, irriga êsse vale, coberto de planícies e vai lançar-se

no Timbris. Do lado do norte há uma aldeia turca chamada *Dogorganleh;* êsse nome é evidentemente uma corrupção de *Dogorganhi,* o antigo nome citado pelos nossos cronistas. O vale que viu realizar-se o fato militar que decidiu da sorte da primeira cruzada, chama-se hoje *Yneu-Nu,* (as cavernas) assim denominado pelas numerosas grutas sepulcrais, cavadas nos flancos das colinas da vizinhança. Nós somos felizes, de poder citar tantos particulares e com precisão, lugares tão célebres na história da primeira expedição da cruz.

Foi na manhã de 1.º de julho que o exército de Bohémond, tendo chegado ao vale de Gorgoni, viu de repente aparecer uma imensa multidão de muçulmanos. Kilidj-Arslan, depois da derrota de Nicéia, tinha reunido novas fôrças. À frente de um exército que os cronistas latinos dizem ser de trezentos mil homens, o sultão de Nicéia seguia os cruzados, esperando a ocasião de os surpreender e de fazê-los pagar caro a conquista da sua capital. A divisão do exército cristão em dois corpos, tinha-lhe parecido propícia para um ataque; êle havia escolhido a tropa menos numerosa, como a mais fácil de vencer. O exército de Kilidj-Asrlan estendia-se ameaçador nas alturas de Gorgoni. A êsse espetáculo, os cristãos surpreendidos, hesitam, a princípio; mas Bohémond e o duque de Normandia ordenam a todos os cavaleiros que desçam dos cavalos e levantem as tendas. Em poucos instantes, o

acampamento se estabelece à margem do pequeno rio que corre pelo vale; ficava êle assim defendido de um lado, pelo rio e do outro, pelo pântano coberto de juncos. Carros, paliçadas feitas com estacas que serviam para se levantarem as tendas, rodeavam o acampamento. Bohémond manda colocar as mulheres no centro, bem como as crianças e os enfermos. Determina aos da infantaria e aos cavaleiros os postos que devem defender. A cavalaria, dividida em três corpos, avança à frente do acampamento e prepara-se para disputar a passagem do rio. Um dêsses corpos era comandado por Tancredo e Guilherme, seu irmão; o outro, pelo duque da Normandia e pelo conde de Chartres. Bohémond, que comandava o corpo de reserva, coloca-se com os cavaleiros numa elevação, de onde pode observar fàcilmente tudo e seguir os movimentos do combate.

Antes de levantar as tendas, uma tropa de muçulmanos, descendo das montanhas, lançara sôbre os cruzados uma chuva de flechas. Êsse primeiro ataque foi corajosamente reprimido. Perseguidos pelos cavaleiros latinos, os turcos encontraram na fuga o seu costumeiro recurso. Tinham que subir elevações e os cristãos alcançaram-nos sem dificuldade; assim êsse destacamento pereceu pela lança e pela espada; os arcos e as flechas tinham-se tornado inúteis nas mãos daqueles fugitivos, acuados ao pé do monte. "Oh! Quantos corpos cairam sem cabeça! — exclama uma testemunha muçulmana

ocular. Quantos corpos caíram mutilados de diversas maneiras! Os inimigos que estavam atrás empurravam os da frente, sob a espada mortífera dos nossos." Mas, enquanto êsse destacamento dos turcos sucumbia, uma multidão de muçulmanos, soltando grandes gritos havia-se precipitado do alto dos montes ao acampamento dos cristãos; o rio tinha sido vencido; as mulheres e as crianças, os velhos e os enfermos, os homens desarmados tinham caído sem resistência; naquela espantosa desordem, os gritos e os gemidos dos peregrinos misturavam-se com o clamor dos bárbaros. Os turcos massacram tudo o que cai ao seu alcance; poupam sòmente as mulheres belas e jovens, que destinam aos haréns. Se dermos crédito a Alberto d'Aix, as moças e as mulheres dos barões e dos cavaleiros preferiram nessa ocasião a escravidão à morte; foram vistas no meio do tumulto, adornarem-se com suas vestes mais belas para se apresentarem aos turcos, procurando com seus encantos tocar o coração dos inimigos.

No entretanto, Bohémond veio socorrer os cristãos em seu acampamento e forçou o sultão a voltar ao seu exército. Vendo tantos cadáveres por terra, o Príncipe de Tarento, diz-nos uma crônica, *começou a lamentar-se e a pedir a Deus pela salvação dos vivos e dos mortos.* Depois de ter deixado os cavaleiros em redor do acampamento para guardá-lo e defendê-lo, Bohémond foi reunir-se aos cristãos em luta com o inimigo. Alarmados pelo

número os cristãos estavam prestes a se entregar. O duque da Normandia tinha precedido Bohémond ao lugar do combate; arrancando das mãos do que o levava, o seu estandarte branco com bordados de ouro, êle lançou-se ao meio dos muçulmanos, gritando: *Deus o quer! Deus o quer! Venham comigo! Normandia!* A presença daqueles dois chefes, os esforços de Tancredo, de Ricardo, príncipe de Salerno, de Estevam, conde de Blois, reanimam os guerreiros latinos; a enérgica coragem dos campeões da cruz resiste ao numeroso e potente exército de Kilidj-Arslan. As flechas dos turcos que caíam como chuva sôbre os cristãos vinham muitas vêzes morrer impotentes contra a couraça, e o escudo ou o capacete dos cavaleiros; mas as flechas atingiam os cavalos e espalhavam a desordem no meio da tropa cristã. Essa maneira de combater dos muçulmanos era de todo nova para os cruzados. Os cronistas falam-nos da dor fremente dos cavaleiros impotentes para se defender contra um inimigo que combatia só de longe e como em fuga. Também os latinos procuravam aproximar-se dos turcos, para poderem se servir de suas lanças e espadas. A tática dos inimigos consistia em evitar a confusão e em lançar nuvens de flechas. À medida que os cruzados apareciam diante dêles, êles abriam suas fileiras, dispersavam-se para se reunir de novo, à distância, e lançar novos dardos. A rapidez de seus cavalos

secundava-os em suas evoluções e impedia a perseguição dos cruzados.

Nesse combate onde a desigualdade das fôrças era tão grande, a bravura dos companheiros de Bohémond fêz milagres. Tiveram que renunciar aos planos feitos antes da batalha; cada chefe, cada guerreiro, tomava conselho de si mesmo e abandonava-se ao seu ardor. As mulheres, que haviam fugido dos muçulmanos, percorriam as fileiras cristãs, traziam água aos soldados, sufocados pelos ardentes raios do sol e os exortavam a reanimar a coragem, para salvá-las da escravidão. Ninguém ficava inativo, diz-nos um cronista: os cavaleiros e todos os que eram aptos para a guerra, iam combater; os padres e os clérigos choravam e rezavam; as mulheres que não estavam ocupadas em levar água aos combatentes, andavam pelas tendas, chorando e lamentando os mortos e os moribundos. No fim dêsse combate, um número incalculável de muçulmanos tinha envolvido a tropa cristã, de maneira a não lhe deixar nem um pequeno espaço para a fuga. Os cruzados estavam cercados, oprimidos de todos os lados, presos, como num círculo, diz-nos um cronista; a matança era horrível de ambos os lados. Roberto de Paris, o mesmo que tinha ousado tomar assento no trono de Alexis, foi mortalmente ferido, depois de ter visto perecer, em redor de si, quarenta dos seus companheiros. Guilherme, irmão de Tancredo, jovem de uma impetuosa bravura e de grande beleza,

caiu varado de flechas, Tancredo mesmo, cuja lança estava quebrada, e só tinha a espada como defesa, terminaria sua carreira no vale de Gorgoni, sem o auxílio de Bohémond.

A admirável coragem dos guerreiros da cruz, lutando contra fôrças superiores tornava ainda a vitória muito incerta. Mas, tantos generosos esforços iam-se tornar inúteis. Os cruzados, esgotados pelo cansaço, não podiam resistir por muito tempo a um inimigo que se renovava sem cessar. De repente, mil gritos de alegria anunciam Godofredo que avançava com o segundo corpo do exército cristão. Desde o comêço da batalha, Bohémond o havia notificado do ataque dos turcos. Arnoul, capelão do duque de Normandia fôra avisar Godofredo, montando um cavalo veloz. O mensageiro tinha encontrado as tropas do duque da Lorena, a duas milhas ao sul do vale de Gorgoni. Os fiéis correram ao combate, diz Alberto d'Aix, como se tivessem sido chamados ao mais saboroso banquete. Quando Godofredo, o conde de Vermandois, o conde de Flandres, à frente de seu corpo de exército, apareceram nas montanhas, o sol estava na metade do seu curso e sua luz refletia-se nos escudos, nos capacetes e nas espadas nuas; os estandartes estavam desfraldados; o ruído dos tambores e dos clarins repercutia ao longe; quarenta mil guerreiros, recobertos de armaduras, empunhando suas armas, avançaram em ordem. Aquêle espetáculo reanimou os cruzados, comandados por Bohé-

mond e lançou o terror no meio dos infiéis. Havia cinco horas que os companheiros do Príncipe de Tarento sustentavam todo o pêso de uma batalha desigual.

Godofredo, Hugo, Balduino e Eustáquio, irmãos do duque de Lorena, seguidos por seus quarenta mil cavaleiros de elite, voam ao campo cristão, rodeado de inimigos; Roberto, o monge, compara-os à águia precipitando-se sôbre a prêsa, excitada pelos gritos de seus filhotes esfomeados. Os batalhões muçulmanos que receberam o primeiro ataque do duque de Lorena foram como atingidos por um raio; os cadáveres amontoavam-se sob a espada dos francos; os vales e as montanhas repercutiam com eco dos moribundos e os gritos de alegria dos latinos. "Ai! daqueles que os francos encontraram por primeiros! — diz a testemunha ocular, o monge Roberto; num momento os homens se tornavam cadáveres, a couraça e o escudo não puderam protegê-los e os arcos e as flechas de nada lhes serviram. Os moribundos gemem, pisam a terra com suas botas ou mordem a erva caindo de bruços." Enquanto a tropa de Godofredo unida à de Bohémond espalhava a confusão e a morte nas fileiras turcas, êstes foram tomados de um repentino terror à vista de dez mil homens da vanguarda, que desciam da montanha, comandados por Raimundo e pelo Bispo Ademar; um estremecimento perpassou a multidão, diz um cronista, que citamos muitas vêzes, porque estêve

Os batalhões muçulmanos desbaratados pelo duque de Lorena.

presente à batalha; os infiéis julgaram que os guerreiros choviam sôbre êles do alto do céu, ou que saíam dos flancos da montanha, de armas na mão. O sultão Kilidj-Arslan havia-se refugiado no alto do monte, com seus homens, esperando que os cruzados não ousassem perseguí-los. Vã esperança! Godofredo, Hugo, Raimundo, Ademar, Tancredo, Bohémond e os dois Robertos, envolveram os montes onde o sultão se havia refugiado. Não foi sòmente nos vales que correu o sangue dos turcos; os flancos e os vértices dos montes e das colinas enrubesceram-se empapados em seu sangue. Por tôda a parte os cadáveres juncavam o chão: um cavalo, correndo, mal podia ter um lugar onde colocar as patas.

O combate durou até à noite e as últimas cenas dessa jornada foram uma espantosa matança. Senhores do campo inimigo, situado do lado do norte do vale de Gorgoni, os cruzados ali encontraram muitos víveres, tendas magnìficamente adornadas, tôda espécie de animais de carga e principalmente um grande número de camelos. Êsses animais, que não eram conhecidos no Ocidente, causaram tanta admiração, como alegria. Os cristãos montaram nos cavalos dos inimigos para perseguir os restos do exército vencido. As trevas começavam a cair sôbre as colinas e o vale, quando os cruzados voltaram ao acampamento, carregados de prêsas e precedidos por seus sacerdotes que cantavam hinos e loas em ação de graças. Os chefes e os soldados tinham-se coberto

de glória naquele dia, 1.º de julho de 1097. Nomeamos os principais chefes do exército, mas os cronistas citam ainda vários outros, como Balduino de Beauvais, Galon de Calmon, Gastão de Béarn, Geraldo de Chérisi; todos mostraram sua bravura por feitos, que lhes merecerão, diz Guilherme de Tiro, uma glória eterna. O número de muçulmanos mortos na batalha ou na fuga, é calculado em mais de vinte mil, nas crônicas. Os cruzados perderam quatro mil de seus combatentes nos diversos grupos de combate.

No dia seguinte à vitória, os cristãos foram ao campo de batalha para sepultar seus mortos; os cantos dos sacerdotes e dos clérigos acompanharam aquêles funerais; ouviam-se os gemidos das mães que choravam seus filhos, e dos amigos, seus amigos. O monge Roberto nos diz que *os homens, capazes de julgar sensatamente as coisas,* honraram a todos aquêles mortos como mártires de Cristo. Passaram, porém mui depressa, dessas cerimônias fúnebres, aos transportes de uma louca alegria. Despojando os cadáveres dos turcos, disputavam seus hábitos manchados de sangue. No tripúdio do triunfo, ora os cristãos vestiam as armaduras dos inimigos, e revestiam-se das amplas túnicas dos muçulmanos, ora entravam e sentavam-se nas tendas dos vencidos, zombando do luxo e dos usos da Ásia. Os que não tinham armas tomaram as espadas e os sabres recurvados dos turcos e os archeiros encheram as aljavas com flechas que recobriam a terra.

Funerais dos cruzados após a batalha de Doriléia,

A embriaguez da vitória não lhes impediu de fazer justiça à coragem e bravura dos vencidos que se vangloriavam de ter a origem comum com os francos. Os historiadores contemporâneos que louvaram o valor dos turcos, dizem que só lhes faltava serem cristãos, para serem em tudo, comparados aos cristãos. "Se os muçulmanos tivessem sido firmes na fé de Cristo, diz singelamente o cronista Tudebode, se êles tivessem reconhecido que uma das três pessoas da SS. Trindade tinha nascido de uma Virgem, tinha sofrido a Paixão e havia ressuscitado, e que, reinando igualmente no céu e na terra, tinha em seguida mandado o Consolador, o Espírito Santo, êles teriam sido os mais valentes, os mais prudentes e os mais hábeis na guerra, e nenhum povo se lhes poderia comparar." O que vem provar que os cruzados tinham um alto conceito de seus inimigos, além de êles atribuirem a vitória a um milagre. Quem quiser considerar êsse fato aos olhos da inteligência, diz Roberto, aí verá com sublimes elogios, Deus, sempre admirável nas suas obras. Dois dias após a batalha, diz Alberto d'Aix, os infiéis fugiam ainda, sem que ninguém os perseguisse, *a não ser o mesmo Deus*. Tinham visto, acrescentava-se, São Jorge e São Demétrio, combater nas fileiras dos cristãos. Por seu lado, os muçulmanos não ficaram menos admirados da bravura dos cristãos latinos. "Vós não conheceis os francos, dizia o sultão Kilidj-Arslan, aos árabes, que lhe censuravam a fuga, vós não lhes experimen-

tastes a coragem; essa fôrça não é humana, mas celeste ou diabólica."

Enquanto os cruzados se regozijavam com a vitória que lhes abria as estradas para a Ásia Menor, o sultão de Nicéia, não ousando mais medir-se com êles, começou a devastar o país que não podia defender. À frente dos restos de seu exército e seguido por dez mil árabes que tinham vindo em seu auxílio, êle precedeu os cruzados e devastou suas províncias. Os turcos queimavam as casas, saqueavam as cidades, as aldeias e as igrejas. Levavam consigo as mulheres e os filhos dos gregos que conservavam como reféns. Foi assim que tudo foi incendiado e transformado num vasto deserto.

A 3 de julho, quando os cruzados retomaram a marcha, resolveram não se separarem mais. Essa resolução os mantinha salvos de qualquer surprêsa, mas expunha um exército muito numeroso a morrer de fome e de miséria, num país devastado pelos turcos. Deixando o vale de Gorgoni, os cristãos entraram na planície de Doriléia, hoje chamada *Esky-Cher (cidade antiga)*. Só encontraram campos desertos e só tinham como alimento as raízes das árvores, e das plantas selvagens e algumas espigas poupadas pelo fogo. A falta de água e de forragem fêz perecer a maior parte dos cavalos do exército. Muitos cavaleiros, que desprezavam os soldados de infantaria, foram obrigados, como êles, a andar a pé, e a levar suas armas, cujo pêso os oprimia. O

exército cristão oferecia então um estranho espetáculo: viam-se cavaleiros, montados em burros ou bois, marchando à frente de seus soldados. Carneiros, cabras, porcos, cães, todos os animais que se podiam encontrar, estavam carregados de bagagens, que na maior parte ficaram abandonadas pelo caminho.

Os cruzados atravessavam então a parte da Frígia chamada pelos antigos de *Frígia incendiada.* Haviam deixado à direita a antiga cidade de Cotileum, hoje Koutayé, e a antiga Esanos ou Azadia, das quais os viajantes modernos nos descreveram as interessantes ruínas. O exército cristão passou pelo antigo país da Isauria *(Isauria Trachea),* antes de chegar a Antiochette, capital da Pisídia. As crônicas estão cheias de particulares a respeito dos sofrimentos e das misérias dos cruzados, de Doriléia a Antiochette. Os cristãos experimentaram nessa marcha todos os horrores da sêde; os soldados mais robustos não podiam resistir a êsse flagelo horrível. Guilherme de Tiro nos diz que quinhentas pessoas morreram num dia. Viram-se então, dizem os historiadores, mulheres dar à luz antes do tempo, no meio de um campo ardente, outras desesperarem-se junto dos filhos que não podiam mais amamentar, e implorar a morte com gritos e no auge da dor, rolar por terra, nuas, diante de todo o exército. Os cronistas não esquecem em suas narrações, os falcões e os pássaros de caça que os cavaleiros levavam para a

Ásia e que morreram quase todos, sob um céu abrasador. Em vão os cruzados pediram o milagre que Deus havia outrora operado no deserto para seu povo escolhido. Os vales estéreis da Frígia reboaram durante vários dias com suas orações, com suas lamentações e também, talvez com suas blasfêmias.

Nesse país ardente, os cristãos fizeram uma descoberta que poderia salvar o exército, mas que estêve a pique de lhes ser tão funesta como os horrores da sêde. Os cães que seguiam os cruzados tinham abandonado seus donos, e se espalharam pelas planícies e pelas montanhas em busca de uma nascente. Um dia, viram alguns dêles entrar no acampamento, ter o pêlo coberto de uma poeira úmida; pensaram que êles tinham achado água; alguns soldados seguiram-nos e encontraram um rio. Todo o exército para lá se precipitou em massa; os cruzados mortos de calor e de sêde lançaram-se à água e beberam sem precaução. Mais de trezentos dêles morreram quase repentinamente, vários outros caíram gravemente doentes e não puderam continuar o caminho.

Faltam-nos documentos para darmos a êsse rio seu verdadeiro nome. Alberto d'Aix, descrevendo a marcha do exército cristão, fala de montanhas chamadas *montanhas negras*, no vértice das quais os cruzados passaram uma noite. O mesmo cronista cita um vale chamado *Malabyumas*, cheio de desfiladeiros estreitos, que os cristãos atravessa-

ram depois de ter vencido as *montanhas negras.* A distância de Doriléia a Antiochette é de quarenta léguas mais ou menos, do norte ao sul; os cronistas não dizem o número de dias que os cruzados empregaram para fazer êsse trajeto, mas certamente tal viagem penosa e difícil não se fêz ràpidamente.

Por fim o exército chegou a Antiochette, que lhe abriu as portas. Essa cidade está situada no meio de um território cortado de planícies, de regatos e de florestas. A paisagem da flórida região, tão fértil ao mesmo tempo, convidou os cristãos a descausar alguns dias e fê-los, outrossim, esquecer todos os males que tinham sofrido. A região de *Ak-Cher* (nome turco da antiga Antiochette) ainda está hoje coberta de florestas, como no tempo dos cruzados.

A notícia da marcha e das vitórias dos cruzados tinha-se espalhado por todos os países vizinhos. Mandavam-se a êles embaixadores, para lhes oferecer auxílio e jurar-lhe obediência. Tornaram-se então senhores de várias regiões, cujos nomes ignoravam, bem como a posição geográfica. A maior parte dos cruzados estava longe de saber que as províncias que acabavam de submeter tinham visto os exércitos de Alexandre e de Roma, e que os gregos, habitantes dessas províncias, eram descendentes dos gauleses, que, no tempo do segundo Breno, tinham partido da Ilíria e das margens do Danúbio, tinham atravessado o Bósforo, saqueado a cidade de Heracléia e fundado uma colônia nas margens do

Halys. Sem indagar dos vestígios da antigüidade, os novos conquistadores só pensavam em vencer os inimigos do Cristo e não tinham outra idéia. A população da Ásia Menor, quase tôda cristã, por tôda a parte favorecia o progresso de suas armas; a maior parte das cidades, libertadas à sua aproximação, do jugo dos muçulmanos, saudava-os como libertadores.

Durante sua permanência em Antiochette, a alegria de sua conquista foi por um momento perturbada pelo temor que tiveram de perder dois de seus mais ilustres chefes. Raimundo, conde de Tolosa, caiu gravemente enfêrmo. Como não se tinha mais esperança de que sobrevivesse, já o tinham depositado sôbre a cinza, e o Bispo de Orange rezava a ladainha dos agonizantes, quando um conde saxão veio anunciar que Raimundo não morreria daquela doença e que as orações de Saint-Gilles tinham obtido para êle, *uma trégua com a morte.* Estas palavras, diz Guilherme de Tiro, restituíram a esperança a todos os presentes e bem depressa Raimundo pôde apresentar-se diante de todo o exército, que teve a sua cura, como um milagre.

Ao mesmo tempo, Godofredo, que um dia se afastara, numa floresta, correu grave perigo, defendendo um soldado atacado por um urso. Vencendo o animal feroz, mas ferido na coxa, perdendo muito sangue, foi levado moribundo ao acampamento dos cruzados. A perda de uma batalha teria causado

menos consternação que o doloroso espetáculo que então se ofereceu aos olhos dos cristãos. Todos os cruzados derramavam lágrimas e faziam orações ao céu pela vida de Godofredo. A ferida não era perigosa, mas, enfraquecido pela perda de sangue, o duque de Bouillon, ficou muito tempo sem poder recobrar as fôrças. O conde de Tolosa, teve, como êle, uma longa convalescença, e ambos foram, durante várias semanas, obrigados a se fazer transportar numa liteira, atrás do exército.

Maiores desgraças ameaçavam o exército dos cristãos. Até então a paz havia reinado entre êles e sua união fazia a fôrça. Mas, de repente, a discórdia surgiu entre alguns chefes e estêve a ponto de ganhar todo o exército. Balduino, irmão de Godofredo, e Tancredo, um comandando uma tropa de guerreiros flamengos e o outro um corpo de tropas italianas, foram mandados, sem defesa, para dispersar bandos de inimigos e proteger os cristãos da região, obtendo dêles, auxílio e víveres. Avançaram a princípio até a cidade de Icônio, mas, não tendo encontrado inimigos e achando o país abandonado, dirigiram-se para as bandas do mar, pelas montanhas do Tauro. Tancredo, que marchava na frente, chegou sem obstáculos até perto dos muros da cidade de Tarso, pátria de S. Paulo, hoje chamada *Tarsous,* situada numa planície à margem do Cidno, a três horas do mar. Êle saiu provàvelmente do Tauro pela passagem conhecida pelo nome de

Gealek-Bogaz, situada a dezesseis horas de Tarso; Alberto d'Aix chama essa passagem de *porta de Judas;* dá o nome de Butrente ao vale que leva a essa porta do Tauro. Os turcos encarregados de defender a cidade de Tarso consentiram em hastear a bandeira dos cristãos em suas muralhas e prometeram entregar-se, se não fôssem auxiliados. Tancredo, que tinha recebido as promessas dos habitantes e da guarnição, acampou às portas da cidade, quando viu chegar a tropa comandada por Balduino. O irmão de Godofredo e seus soldados tinham-se extraviado nas solidões do Tauro e depois de três dias de uma marcha incerta e penosa, o acaso os tinha levado ao vértice de um monte, de onde os guerreiros tinham podido avistar as tendas levantadas diante dos muros de Tarso: êsse monte só pode ser uma ramificação da cadeia do Tauro, correndo de este para oeste, situada ao norte de Tarso, a pequena distância. Os dois destacamentos de cruzados felicitaram-se por essa reunião e abraçaram-se com tanto maior alegria, quanto, de longe, se tinham tomado recìprocamente por inimigos.

Os cruzados flamengos repararam suas fôrças com uma refeição frugal e passaram a noite em paz; mas, ao despontar do dia, a vista dos estandartes de Tancredo, arvorados nas tôrres da cidade, excitou a inveja de Balduino e de seus companheiros. Balduino achou que sua tropa, sendo mais numerosa, a cidade devia pertencer-lhe. Como seus direitos

não fôssem reconhecidos, êle se enfureceu e assacou violentas injúrias contra Tancredo, contra Bohémond e tôda a *raça de aventureiros normandos*. Depois de longas discussões, resolvem mandar embaixadores aos habitantes, para saber dêles mesmos ao qual dos dois príncipes se queriam submeter; êstes preferiram Tancredo. A essa resposta Balduino ameaçou os turcos e os armênos com sua vingança e a de Godofredo; prometeu-lhes ao mesmo tempo sua proteção e a dos príncipes cruzados, se a bandeira de Tancredo fôsse substituída pela sua. Os habitantes assustados pelas ameaças e seduzidos pelas promessas, resolvem por fim obedecer a êle e seu estandarte substitui, na tôrre, o de Tancredo, que é lançado vergonhosamente abaixo das muralhas.

O sangue ia correr para vingar aquêle ultraje; mas os cruzados italianos e normandos, acalmados por seus chefes, escutam a voz da moderação e deixam a cidade que se lhes disputava, para empreender outras conquistas. À fôrça de protestos e mesmo de rogos Balduino conseguiu que lhe abrissem as portas da cidade, da qual a fortaleza e várias tôrres, ainda estavam em poder dos turcos. Senhor assim da praça e temendo sempre os rivais, êle recusou receber trezentos cruzados, que Bohémond mandou nas pegadas de Tancredo e que pediam um asilo para passar a noite. Em vão os soldados de Balduino imploraram êles mesmos piedade para com os peregrinos oprimidos pelo cansaço

e perseguidos pela fome; êle rejeitou-lhes os pedidos; os guerreiros de Bohémond, obrigados assim a acampar no meio de um campo aberto, foram surpreendidos e massacrados pelos turcos que se aproveitaram do momento em que todos os cristãos estavam dormindo, para sair da cidade de Tarso, que já não esperavam conservar. No dia seguinte, a notícia dessa horrível catástrofe espalhou-se pela cidade; os cruzados foram procurar seus irmãos e os encontraram sem vida, estendidos por terra e despojados de suas armas e vestes. A planície e a cidade ouviram seus gemidos e lamentos; os mais ardentes tomam as armas, ameaçam os turcos ainda em pequeno número na cidade, ameaçam seu chefe, que acusam da morte trágica de seus companheiros. Balduino perseguido a golpes de flechas é obrigado a fugir e a se refugiar numa tôrre. Pouco tempo depois, êle volta para o meio dos seus, chora com êles a desgraça que acabara de suceder e desculpa-se, alegando os tratados feitos com os habitantes. Assim falando, êle mostra aos seus soldados as tôrres que ainda estavam ocupadas pelos turcos. No meio do tumulto, mulheres cristãs, às quais os turcos haviam cortado o nariz e as orelhas, vêm com sua presença redobrar o furor dos guerreiros da cruz. Êstes, esquecendo de repente os agravos que tinham contra seu chefe, juram exterminar os turcos; escalam as tôrres onde ainda flutuavam os estandartes dos infiéis. Nada resiste à sua fúria. Todos os

turcos que encontram são imolados às almas dos soldados cristãos.

Os cruzados, depois de terem vingado a morte de seus irmãos, pensaram em sepultá-los e enquanto os acompanhavam ao túmulo, a sorte veio em auxílio de Balduino e trouxe-lhe um refôrço, que êle não esperava: viram no mar, junto à costa, uma frota que avançava à tôda velocidade. Os soldados de Balduino, que julgavam ter que se haver com infiéis, correram com armas para a praia. Quando a frota aproxima-se bastante, êles interrogam a equipagem do primeiro navio. Os homens respondem na língua dos francos. Os cruzados perguntam aos estrangeiros, como êles assim se encontram no mar de Tarso e a que nação pertencem; respondem que são cristãos vindos da Flandres, da Suiça e das províncias da França; os homens da frota interrogam os peregrinos sôbre os motivos que os trouxeram tão longe de sua pátria. "Quem vos fêz vir, dizem êles, para êste longínquo exílio, entre nações bárbaras?" — "Nós somos peregrinos de Jesus Cristo, respondem os cruzados, e vamos à Jerusalém para libertar o túmulo de Cristo." A essas palavras, os estrangeiros descem à praia e aproximam-se dos cruzados; abraçam-se, cumprimentam-se e reconhecem-se como irmãos. Os homens que ocupavam o navio eram corsários que percorriam o Mediterrâneo há oito anos. A convite dos soldados da cruz, os piratas entram no pôrto de Tarso; seu chefe, Guinemer, que

era da Bolonha, reconhece a Balduino e a seu irmão Eustáquio, filho de seu antigo senhor, e promete servi-lo com seus companheiros. Todos tomam a cruz e fazem o juramento de condividir a glória e os trabalhos da guerra santa.

Ajudado por êsse novo refôrço e deixando em Tarso uma guarnição, Balduino recomeçou a marcha e seguiu o caminho que Tancredo tinha tomado. Êste tinha-se dirigido à Adana, lugar situado a oito horas a leste de Tarso; tendo encontrado a cidade de Adana ocupada por um cavaleiro borgonhês, de nome Guelfo, êle dirigiu-se para Malmistra, de onde havia expulsado os turcos. Malmistra, a antiga Mopsuestia, chamada agora *Messissé,* estava situada a seis horas ao sudeste de Adana, a três horas do mar, nas margens do rio Pirámo, hoje Djihan. Tancredo e seus fiéis guerreiros não haviam esquecido as ofensas de Balduino e deploravam ainda o massacre de seus irmãos, abandonados à fúria dos turcos, quando lhe anunciaram que os soldados de Balduino acabavam de erguer suas tendas numa planície, perto da cidade. A essa notícia, seu vivo ressentimento explode em palavras ameaçadoras; todos pensam que Balduino ainda vem insultar suas armas e disputar-lhes a posse de Malmistra. Os cavaleiros que acompanhavam Tancredo lembram-lhe com ardor os ultrajes que êle recebeu, dizendo-lhe que a honra da cavalaria, que sua glória e a de seus companheiros exigia uma vingança bri-

lhante. Ouvindo falar de sua glória ultrajada, Tancredo não pode mais conter a cólera; reúne seus guerreiros e marcha-lhes à frente, contra as tropas de Balduino. Um combate feroz trava-se entre os soldados cristãos: nem a presença da cruz, que êles trazem sôbre suas vestes, nem a lembrança dos males que sofreram juntos, podem conter a animosidade cruel dos combatentes. No entretanto a tropa de Tancredo, inferior em número, é obrigada a abandonar o campo de batalha, e volta desordenadamente para a cidade, deixando vários prisioneiros nas mãos dos vencedores, deplorando em silêncio sua derrota. A noite restituiu a calma aos espíritos. Os soldados de Tancredo reconheceram a superioridade dos flamengos e julgaram não ter mais nenhum ultraje a vingar, pois o sangue havia corrido. Os soldados de Balduino lembraram-se de que os que êles tinham vencido eram cristãos. No dia seguinte, só se ouvia de ambos os lados a voz da humanidade e da religião. Os dois chefes mandaram ao mesmo tempo embaixadores e para não ter a aparência de pedir a paz, um e outro atribuiram sua resolução à inspiração do céu. Juraram esquecer suas divergências, abraçaram-se na presença dos seus soldados, que lamentavam recìprocamente os tristes efeitos de sua animosidade e ardiam no desejo de expiar o sangue de seus irmãos com novos feitos contra os turcos.

Em pouco tempo, a Cilícia foi submetida às armas de Tancredo. No número das praças ocupa-

das pelo primo de Balduino, Alberto d'Aix cita *o castelo des Bergers, o castelo des Adolescents,* ou *castelo de Bakeler,* situados nas montanhas de Amano, o *castelo des Jeunes Filles;* êste último castelo deve ser Harene, chamado hoje pelos árabes, *Kirliz-Kalessi, castelo das Jeunes Filles.* A fortaleza de Harene, construída sôbre uma elevação, estava situada a duas horas a leste de Pont-de-Fer, construída sôbre o Oronte. Tancredo apoderou-se também de Alexandrette, chamado pelos árabes *Scanderoun,* à beira-mar. Êle passou a fio de espada todos os turcos que encontrou naquela cidade. O herói da Itália era seguido sòmente por duzentos ou trezentos cavaleiros e tinha triunfado, ràpidamente sôbre tôda a Cilícia. A bravura do chefe e de seus companheiros não basta para explicar a rapidez dessas conquistas; havia alguma coisa de mais poderoso que as armas de Tancredo: era o imenso terror que tinha espalhado a vitória de Doriléia e a aproximação do grande exército dos francos.

Êsse exército, que deixamos diante de Antiochette, tinha continuado a marcha para a cidade de Icônio, chamada agora Koniah; os cronistas falam de *uma via real,* que o exército cristão seguiu: a região de Koniah é, com efeito, atravessada por uma antiga estrada, larga e cômoda. Nossos velhos autores não entraram em longos detalhes sôbre a metrópole da Licaônia; segundo uns, a cidade estava deserta, e o exército não encontrou recurso algum;

segundo outros, o exército, *ali foi cumulado de todos os bens da terra pela inspiração do Senhor*. Afastando-se de Icônio, os cruzados, seguindo o conselho dos seus habitantes, levaram água nos vasos e odres, porque deviam marchar um dia todo sem encontrar regato ou riacho. No dia seguinte, à tarde, chegaram a um rio; o exército aí se deteve dois dias; os batedores que precediam as falanges da cruz tinham chegado à cidade de *Erecli*, situada a trinta horas mais ou menos de Koniah, chamada Heracléia, pelos cronistas da primeira cruzada. Os turcos reunidos nessa cidade fugiram ao aparecer dos estandartes dos francos. Um cronista compara-os ao jovem gamo que escapou dos lagos, que o retinham, à cerva que uma flecha feriu. Os peregrinos passaram quatro dias em Eracli. Alguns dias de marcha através do Tauro levaram o exército cristão a *Cosor* ou *Cocson*, antiga Cucuso, célebre pelo exílio de S. João Crisóstomo. Os cruzados, encontrando em Cocson abundantes recursos, alí ficaram três dias. Grandes dificuldades esperavam-nos no trajeto de Cocson abundantes recursos, ali ficaram três dias. lá, a sudoeste; tinham que vencer os desfiladeiros mais impraticáveis do Tauro. Os cronistas narram-nos os sofrimentos do exército nessas montanhas, onde não havia caminho algum, a não ser para animais ferozes e serpentes, onde as passagens mal ofereciam o espaço para se pôr o pé e onde os rochedos, as moitas e os abrolhos, detinham a cada passo

Os Cruzados nas escarpas do Tauro.

os peregrinos. Os cavaleiros tinham as armas penduradas ao pescoço, vários, esgotados pelo cansaço, lançavam-se nos precipícios. Os cavalos não podiam suster a carga e muitas vêzes os mesmos homens eram obrigados a levar os fardos e os utensílios. "Ninguém podia parar ou sentar-se, diz Roberto, ninguém podia ajudar o companheiro, sòmente aquêle que vinha atrás, podia ajudar o que estava na frente; êste, mal podia voltar-se para o que o seguia". Nossos autores chamam a êsse lugar, *Montanha do Diabo,* nome que êles sempre dão às montanhas difíceis de se escalar.

A cidade de Maresia foi o têrmo dessas horríveis misérias. Vastas regiões da Síria estendiam-se diante do exército cristão; os turcos que ocupavam a cidadela, tinham fugido à aproximação dos cruzados. Maresia tinha víveres e pastagens; acamparam em redor da cidade. A mulher de Balduino morreu nesse lugar, e aí foi sepultada. Foi ali também que Balduino se reuniu ao exército cristão. Êle soube do perigo que Godofredo, seu irmão, havia corrido nos arredores de Antiochette da Pisidia e procurou assegurar o seu completo restabelecimento. Seu proceder junto dos muros de Tarso, foi censurado por todos os chefes e por todos os cavaleiros. Só se ouviam, no acampamento, censuras contra êle. Godofredo, *fiel servo de Deus,* como diz Guilherme de Tiro, fêz-lhe severas reprimendas; o mesmo historiador acrescenta que Balduino reconheceu sua

falta com *tôda a humildade;* mas, quer porque a censura geral que merecera o pusera indisposto com os outros chefes, quer porque a libertação do Santo Sepulcro já não ocupava ùnicamente os seus pensamentos, êle não permaneceu fiel aos juramentos e aos deveres de cavaleiro da cruz. O Oriente, onde a vitória distribuía impérios, pareceu oferecer à sua ambição, conquistas mais desejáveis que a de Jerusalém.

As modificações, que transformam a face das nações, vinham empós do exército vitorioso dos cristãos. Uma multidão de aventureiros acorria de tôda a parte para se aproveitar dos acontecimentos da guerra. Um certo Simeão, obteve a pequena Armênia; uma cidade rica da Cilícia foi dada a Pedro dos Alpes, simples cavaleiro; várias outras regiões tornaram-se assim de propriedade dos peregrinos, que a história não menciona, apenas com a condição de que as defendessem contra os turcos. Entre os que a esperança de se enriquecer tinha atraído aos exércitos cristãos, havia um príncipe armênio de nome Pancrácio. Êle tinha reinado, na sua juventude, na Ibéria setentrional; expulso de seu pequeno reino por seus mesmos súditos, havia se retirado à Constantinopla, onde suas intrigas o levaram à prisão. Quando os cruzados dispersaram as fôrças do sultão de Nicéia, êle escapou da prisão e veio oferecer seus serviços aos chefes do exército dos francos, persuadido de que o terror das armas cristãs o reconduziria

aos seus Estados ou lhe daria novas possessões. Pancrácio tinha-se particularmente unido à sorte de Balduino, cujo caráter empreendedor êle conhecia. Reduzido à mais profunda miséria, nada tinha que dar ao seu protetor, mas, mantinha na alma do irmão de Godofredo a paixão da conquista de reinos. Semelhante ao anjo das trevas de que fala o Evangelho, que transportou o Filho de Deus ao alto de um monte, e, mostrando-lhe vastos reinos da terra, lhe dissera: *"Tudo isso é teu, se me quiseres servir"*, Pancrácio ocupava-se em seduzir Balduino, mostrando-lhe do alto do monte Tauro, as mais ricas províncias da Ásia, e as prometia à sua ambição. "Vêde, ao sul, dizia-lhe êle, as férteis campinas da Cilícia, e mais ao longe, os belos países da Síria e da Palestina. Ao oriente, as opulentas regiões regadas pelo Eufrates e pelo Tigre, e, entre êsses dois rios, a Mesopotâmia, onde a tradição coloca o paraíso terrestre; a Armênia tôda povoada de cristãos, só espera um sinal para se entregar a vós; todos os ricos países da Ásia, cansados do jugo dos turcos, querem pertencer-vos, se lhes quebrardes os ferros."

Balduino, abandonando-se a êstes devaneios de glória, escutara as palavras do aventureiro ibero. Êle tinha necessidade, para executar seus desígnios, de levar consigo um grande número de soldados: dirigiu-se pois secretamente a alguns barões e cavaleiros do exército cristão, rogando-lhes que se unissem aos seus empreendimentos. Nenhum dêles quis

deixar os estandartes da cruzada e desviar-se do caminho de Jerusalém. Dirigiu-se aos soldados, aos quais prometeu ricas recompensas. Como êle não era amado e ainda não lhe haviam perdoado o proceder para com Tancredo, a maior parte dos guerreiros, que êle quis seduzir, rejeitou suas propostas e não deu ouvido às suas palavras; vários mesmo de seus próprios soldados recusaram-se acompanhá-lo; êle então só pôde conseguir uns mil homens de infantaria e duzentos cavaleiros, animados pela sêde dos despojos.

Quando seu projeto de deixar o exército se tornou conhecido de vários chefes, fizeram êles todos os esforços para dissuadi-lo de tal emprêsa. Balduino foi surdo aos rogos de seus companheiros. Resolveram, numa assembléia, empregar, para conservá-lo sob as suas bandeiras, a autoridade dos bispos e dos príncipes, que comandavam o exército dos peregrinos. Nada pôde mudar os intentos de Balduino, que só pensou em apressar sua partida. Aproveitou as trevas da noite e afastou-se do acampamento com os soldados que se tinham engajado. À frente de seu pequeno exército avançou para a Armênia e não encontrou inimigos capazes de detê-lo em sua marcha. A consternação reinava entre os turcos e por tôda a parte os cristãos, prestes a sacudir o jugo muçulmano, tornavam-se poderosos auxiliares dos cruzados.

Balduino tinha partido de *Malmistra,* a antiga Mopsuestia. Êle tomara o caminho do Oriente, atravessara um vale de uma légua de comprimento, e, depois de ter escalado um alto monte, assaz escarpado, havia descido a uma planície vasta, habitada hoje por turcomanos, povo pastor, que provàvelmente lá estava no tempo de Balduino. Afastando-se dessa planície, o irmão de Godofredo penetrara nos sombrios desfiladeiros Amânicos, chamados *Kara-Capoussi* (Portos Negros), pelos turcos. Depois prosseguira a marcha num país deserto e árido, cortado por pequenas torrentes, que se vão perder no grande lago de Antioquia. Antes de descer à planície de Turbessel, (hoje Tel-Bescher), o príncipe franco teve que vencer uma cadeia escarpada, habitada agora pelos curdos.

As cidades de Turbessel e de Ravenel, situadas à margem direita do Eufrates, foram as primeiras que abriram as portas a êsse feliz aventureiro. Tal conquista, porém, não tardou em incompatibilizar Balduino com Pancrácio, pois ambos tinham os mesmos projetos ambiciosos; mas, essa divisão não deteve a marcha do irmão de Godofredo. O príncipe cruzado opôs a violência à astúcia; ameaçou seu rival de tratá-lo como inimigo e o afastou assim do teatro de suas vitórias.

Pancrácio, que antes tivera tanta influência nas decisões de Balduino, reuniu alguns aventureiros e procurou aproveitar as disposições dos espíritos,

para estabelecer pontos de apoio nas aldeias e cidades ou mesmo na Província, pois parecia que tôdas estavam esperando um conquistador e um senhor. A história contemporânea não se dignou seguir estas pegadas; suas expedições, como as de uma multidão de outros aventureiros que se aproveitavam da desordem geral, foram apagadas da lembrança dos homens, como as torrentes nascidas de improviso depois de uma tempestade e que se precipitam das alturas do Tauro nos campos desolados e desaparecem sem deixar um nome na geografia.

Balduino não ficou sem guias nem sem auxílio num país cujos habitantes todos corriam à sua presença. Em dez horas êle se dirigiu de Turbessel à antiga Birtha, chamada pelos árabes *El-bir,* e foi aí que o conquistador cruzado passou o Eufrates: êsse caminho é o das caravanas e é o mais curto. Uma distância de dezesseis horas separava ainda Balduino da cidade de Edessa; êle atravessou regiões cujo aspecto ordinário é de uma palidez estéril. Antes de chegar a Edessa, êle seguiu durante quatro horas um caminho romano, feito através de montanhas rochosas. A fama de suas vitórias tinha-o precedido além do Eufrates e seu nome ressoara na metrópole da Mesopotâmia.

Edessa, que os talmudistas dizem tão antiga como Nínive e cuja fundação atribuem a Nemrod, tinha sido chamada *Antioquia* em honra de Antíoco: para distingui-la da capital da Síria, tinham-lhe dado

o apelido de a fonte de Callirhoé. Nossos cronistas chamam-na de *Roha,* corruptela da palavra grega *rhoé,* que significa fonte. Edessa chama-se hoje *Orfa.* A opinião comum dos eruditos, dá-lhe como fundador Seleuco, o Grande, mais ou menos quatrocentos anos antes de Jesus Cristo. Orfa está situada num grande vale entre duas colinas rochosas e peladas, completamente separadas da cadeia do Tauro. A cidade tem quatro milhas de perímetro. Muros flanqueados de tôrres redondas ou quadradas rodeiam-na. Fossos profundos aumentavam a defesa da praça. Uma cidadela elevava-se à ponta meridional da colina que domina Orfa do lado do oeste. O viajante encontra ainda muralhas, tôrres e fossos. O castelo está em ruínas e nas suas redondezas aparecem casebres e uma mesquita abandonada. Essa cidadela era outrora como uma segunda cidade, com bazares, igrejas e palácios. Orfa, a grande passagem das caravanas que vão da Síria para a Pérsia, tem uma população de quinze mil habitantes, todos muçulmanos, exceto uns mil armênios e uma centena de jacobitas. No meio da cidade está uma antiga igreja com um campanário, contemporâneo dos cruzados e que há muito tempo foi convertida em mesquita. Os muçulmanos têm quinze santuários, os cristãos, dois. A oeste de Orfa, podemos admirar a natureza, encantadora e rica; ao espetáculo daqueles belos campos semeados de oliveiras, de amendoeiras, de laranjeiras, de romeiras, e amoreiras,

lembramos a tradição que lá colocou as delícias do Éden primitivo.

Orfa tinha escapado à invasão dos turcos e todos os cristãos das vizinhanças lá se haviam refugiado com suas riquezas. Um príncipe grego, chamado Thoros ou Teodoro, mandado pelo imperador de Constantinopla, era o governador e lá se mantinha, pagando tributo aos sarracenos. A aproximação e as vitórias dos cruzados tinham produzido a mais viva sensação na cidade de Edessa. O povo e o governador haviam-se reunido para chamar Balduino em seu auxílio. O Bispo e doze dos principais habitantes foram enviados ao príncipe cruzado. Falaram-lhe das riquezas da Mesopotâmia, do devotamento de seus cidadãos à causa de Jesus Cristo e rogaram-no que salvasse uma cidade cristã do domínio dos infiéis. Balduino cedeu fàcilmente aos seus rogos.

Êle tivera a felicidade de evitar os turcos que o esperavam nas margens do Eufrates, e, sem ter travado batalha, havia chegado a Edessa. Como tinha colocado suas guarnições nas cidades que caíam em seu poder, só tinha consigo apenas uns cem cavaleiros. Ao se aproximarem da cidade, todo o povo veio ao seu encontro, trazendo ramos de oliveira e cantando loas. Era um espetáculo singular: um número tão pequeno de guerreiros, rodeados por uma multidão imensa que lhes implorava o auxílio, e os proclamava seus libertadores. Foram recebidos com

tanto entusiasmo, que o príncipe ou governador de Edessa, que não era estimado pelo povo, começou a sentir ciúmes e os considerou como inimigos, mais temíveis para êle que os mesmos turcos. Para lhes conquistar o chefe e persuadi-lo a defender a sua autoridade, ofereceu-lhe ricos presentes. Mas o ambicioso Balduino, quer porque esperava obter mais da devoção do povo e da sorte de suas armas, quer porque considerava coisa vergonhosa pôr-se a serviço de um príncipe estrangeiro, recusou com desprêzo os presentes do governador de Edessa; ameaçou mesmo retirar-se e abandonar a cidade. Os habitantes, que temiam sua partida, reunem-se tumultuosamente e rogam-no com grandes gritos que fique com êles; o mesmo governador faz novos esforços para conservar os cruzados e interessá-los na sua causa. Como Balduino tinha feito compreender assaz claramente que jamais defenderia territórios que não fôssem seus, o príncipe de Edessa, que era velho e sem filhos, determinou adotá-lo como tal e designá-lo para seu sucessor. A cerimônia da adoção fêz-se na presença dos cruzados e dos habitantes. Segundo o costume dos orientais, o príncipe grego fêz Balduino passar entre sua camisa e sua carne nua um beijo em sinal de aliança e de parentela. A velha espôsa do governador repetiu a mesma cerimônia e desde então Balduino, considerado seu filho e herdeiro, tudo fêz para defender uma cidade que lhe devia pertencer.

Um príncipe da Armênia, Constantino, que governava uma província nas vizinhanças do monte Tauro, também tinha vindo em auxílio de Edessa. À vista dos soldados da cruz, tôda a população da região tornara-se guerreira e os cristãos, que até então só tinham pensado em dominar os turcos, tratavam de combatê-los. Ao noroeste de Edessa, a doze léguas sôbre a margem direita do Eufrates, estava a cidade de Samosata, hoje Semisat, habitada por muçulmanos. O emir que governava a cidade devastava contìnuamente as terras dos edessianos, e, impondo-lhes tributos, tinha exigido que lhe entregassem seus filhos como reféns. Há muito tempo os habitantes de Edessa mostravam a resignação dos vencidos; agora, a esperança da vitória e o ardor da vingança animava-os. Tomam as armas e rogam a Balduino que lhes seja o chefe. Mui depressa Samosata os viu às suas portas. Êles saqueiam as aldeias e os arredores, bem como os campos vizinhos; mas a praça opunha uma viva resistência. Balduino temendo perder tempo precioso em esforços inúteis, voltou a Edessa, onde sua ausência poderia ser prejudicial aos seus interêsses. Ao seu regresso, rumores sinistros se haviam espalhado entre os habitantes. Julgava-se um crime, Thoros ficar inativo em seu palácio, enquanto os cristãos combatiam contra os muçulmanos. Acusavam-no de estar de acôrdo com os turcos. Organizou-se contra sua vida, se dermos crédito a Mateus

de Edessa, uma conjuração cujo segrêdo não foi ocultado a Balduino. Avisado do perigo que corria, Thoros refugiou-se numa cidadela que dominava a cidade, implorando a misericórdia do povo e o auxílio das armas dos cruzados. No entretanto o tumulto crescia: uma multidão furiosa espalha-se pelas ruas e saqueia as casas dos partidários de Thoros. Correm à cidadela; uns forçam-lhe as portas, outros escalam as muralhas. Thoros, ficando quase sòzinho, não procura mais defender-se e propõe a capitulação. Promete abandonar a praça, renunciar ao govêrno de Edessa e pede licença para se retirar com sua família à cidade de Mitilene, hoje Malácia. Essa proposta é aceita com alegria; firma-se a paz e os habitantes de Edessa juram sôbre a cruz e o Evangelho respeitar-lhe as condições.

No dia seguinte, quando o governador preparava a sua partida, uma nova sedição irrompe na cidade. Os chefes da rebelião arrependem-se de ter deixado a vida a um príncipe que êles tão cruelmente ultrajaram. Novas acusações são feitas contra êle. Supõe-se que êle assinou a paz sòmente para ter tempo de preparar a guerra e garantir sua vingança. Em seguida o furor do povo não conhece mais limites; mil vozes erguem-se e pedem a morte de Thoros. Os mais exaltados penetram em tumulto na cidadela, agarram o governador no meio de seus servidores atônitos e o atiram do alto das muralhas. Seu corpo ensangüentado é arrastado pelas ruas por

uma multidão furiosa, que se rejubila com o assassínio de um velho, como de uma vitória obtida contra os infiéis.

Balduino, que podemos acusar de não ter defendido seu pai adotivo, foi logo rodeado por todo o povo, que lhe ofereceu o govêrno da cidade. A princípio êle o recusou; mas, por fim, cedendo às instâncias da multidão impaciente e sem dúvida também aos impulsos de uma ambição mal disfarçada, foi proclamado libertador e senhor de Edessa. Sentado num trono ensangüentado, temendo o caráter inconstante do povo, êle inspirou logo tanto temor aos seus súditos, como aos inimigos. Enquanto os sediciosos tremiam diante dêle, êle estendeu os limites do seu território: comprou, com os tesouros de seu predecessor, a cidade de Samosata e várias outras que não tinha podido conquistar pelas armas. Como a sorte o favorecia em tudo, mesmo a perda que sofreu de sua espôsa Gundeschilde, veio servir aos seus projetos de exaltação. Desposou a sobrinha de um príncipe armênio e com essa nova aliança estendeu seu território e seu poder até o monte Tauro. Uma parte da Mesopotâmia, as duas margens do Eufrates reconheceram sua autoridade, e a Ásia viu então um cavaleiro francês reinar sem obstáculo sôbre as mais ricas províncias do antigo reino da Assíria.

Balduino não pensou mais em libertar Jerusalém e só cuidava em defender e aumentar seus ter-

ritórios. Muitos cavaleiros, incitados por tão rápida fortuna, correram a Edessa para aumentar o exército e a côrte do novo príncipe.

As vantagens que os cruzados obtiveram com a fundação dêsse novo Estado, fizeram seus historiadores esquecer que êle foi fruto de injustiça e de violência. O principado de Edessa serviu para conter os turcos e os sarracenos e, até a segunda Cruzada, foi um dos mais temíveis baluartes do Império dos francos, do lado do Eufrates.

LIVRO TERCEIRO

MARCHA DOS CRUZADOS PARA ANTIOQUIA E CÊRCO DE ANTIOQUIA.

1097-1098.

Entrada na Síria; Roberto de Flandres ocupa Artésia; marcha sôbre Antioquia; combate em Pont-de-Fer; o exército diante de Antioquia: entusiasmo; hesitação dos chefes; decide-se o cêrco; certeza cega dos cruzados; desregramentos; choques sucessivos; desânimo; deserções; feitos de Tancredo; carestia no acampamento; o frio, a fome, as doenças dizimam os cruzados; desespêro; castigos decretados contra os ímpios, os adúlteros, etc.; crueldade de Bohémond; restabelecida a ordem, renasce a esperança; embaixada do califa do Egito; vantagem obtida pelos turcos; o terror apodera-se dos sitiados; os cristãos tornam-se senhores do exterior da praça onde reina a miséria; tréguas concedidas ao governador; espalha-se a discórdia entre os cruzados; o armênio Firous; Bohémond leva os chefes a violar as tréguas; Firous entrega-lhe uma das tôrres; no momento de escalá-la, os soldados hesitam; os cruzados em Antioquia; saques, massacres, crueldades de tôda espécie.

O Tauro tinha sido escalado. A Síria estava aberta ao exército cristão. Deixando Maresia, os cruzados se haviam dirigido a Artésia, antiga Chalcis, situada a cinco ou seis léguas de lá, do lado do sul. Roberto, conde de Flandres, seguido por alguns nobres companheiros e por mil soldados de infantaria, tinha tomado a dianteira e se havia apoderado de Artésia, cuja população cristã o havia ajudado a expulsar os turcos. Quando o exército dos cruzados chegou perto dos muros da cidade, os muçulmanos de Antioquia, que tinham vindo sitiar e libertar a praça, fugiram a tôda pressa; tinham resolvido reunir as fôrças perto de Pont-de-Fer, construída sôbre o Oronte, para cortar o caminho de Antioquia ao exército dos cruzados. Foi em Artésia que Tancredo alcançou o exército cristão; aí foi êle objeto de grandes elogios pelo desinterêsse e moderação que tinha mostrado junto dos muros de Tarso. Os chefes do exército convidaram o conde de Flandres, senhor de Artésia, a deixar uma guarnição na cidade e a vir juntar-se aos cruzados. Os diversos destacamentos espalhados pelo país receberam também ordem de se reunirem às bandeiras do exército. Iam marchar contra a capital da Síria e os guerreiros da

cruz deviam formar então um único exército. Foi publicado um decreto para proibir a quem quer que fôsse afastar-se do exército. Assim, então, à partida de Artésia, todos os chefes e cavaleiros estavam reunidos, exceto Balduino, cuja ausência era notada e ao qual a fortuna tinha levado para longe do caminho de Jerusalém.

O Bispo de Puy, Ademar, à aproximação dos perigos e das dificuldades que aguardavam o exército cristão, tomara a palavra para advertir os cruzados a reanimar-lhes a coragem. "Irmãos e filhos queridos, disse êle, agora, que Antioquia está tão perto de nós, deveis saber que ela está bem defendida por fortes muralhas, construídas com pedras de enormes dimensões, ligadas entre si por um cimento desconhecido e indissolúvel. Nós soubemos, de maneira a não restar dúvida, que todos os inimigos do nome cristão, turcos, sarracenos e árabes, fugindo diante de nós, das montanhas da Rumânia e de todos os outros lugares, reuniram-se em Antioquia. Devemos então estar muito alertas, não nos separarmos uns dos outros, não avançarmos sem cuidado e por conseguinte, muito sàbiamente deliberamos marchar, desde amanhã, de comum acôrdo e com tôdas as nossas fôrças, para a Pont-de-Fer."

A vanguarda do exército cristão, comandada por Roberto da Normandia, chegou por primeiro à Pont-de-Fer e não conseguiu abrir passagem. Duas tôrres, revestidas de ferro, defendiam a cabeça da

ponte. Essas duas tôrres estavam ocupadas por guerreiros turcos. Batalhões inimigos cobriam tôda a margem esquerda do rio. Trava-se um combate entre a tropa de Roberto de Normandia e os muçulmanos, que defendiam a ponte; a luta ficou indecisa. Mas eis que avança o grosso do exército cristão. Os cruzados, recobertos por seus capacetes, escudos e couraças, *fazem uma tartaruga,* segundo a expressão militar de Alberto d'Aix, precipitam-se para a ponte e repelem vigorosamente os inimigos. Bem depressa os diferentes corpos do exército da cruz são vencedores em ambas as margens do Oronte, e os turcos, fugindo da espada, escapam em seus cavalos para Antioquia. A ponte, que foi teatro dêsse importante triunfo, conserva ainda seu antigo nome: os árabes chamam-na de *Gessr-il-Haddir,* (Ponte de ferro).

Os cruzados estavam a quatro horas de Antioquia. "Avancemos, com prudência e em ordem, dizia-lhe o pontífice Ademar, sabeis que combatemos ontem até tarde, estamos, pois cansados, as fôrças de nossos cavalos estão esgotadas." Depois o bispo determinou aos príncipes e aos cavaleiros a ordem que deviam observar na marcha. Os cristãos avançaram numa planície, tendo à direita o Oronte, um pouco mais além, o lago de Antioquia, chamado hoje *Bahr-el-Abbiad,* (Mar branco); à esquerda, uma pequena cadeia de colinas, que confina com as montanhas da capital da Síria. Essa planície, que hoje é apenas atravessada por um cavaleiro turco-

mano ou pela caravana de Alep, foi então abalada pelos passos das fôrças mais poderosas do Ocidente. Vindo pelo caminho de Alep (o que o exército cristão seguia) só se vê Antioquia, à chegada; sòmente, a uma distância de três quartos de hora, os cristãos puderam ver a ponta das tôrres e das muralhas, coroando as montanhas da cidade. O aspecto de Antioquia, tão célebre nos anais do cristianismo, reanimou o entusiasmo religioso dos cruzados. Foi ali que os discípulos do Evangelho tiveram pela primeira vez o título de cristãos e que o apóstolo Pedro foi feito primeiro Pastor da Igreja nascente. Durante vários séculos os fiéis vinham, a uma das aldeias da cidade, rezar sôbre o túmulo de São Babilas, que, no reinado de Juliano, tinha feito oráculos de Apolo. Antioquia tivera durante algum tempo o nome de *Theópolis* (cidade de Deus); era uma das cidades que os peregrinos visitavam com mais respeito. Antioquia era tão célebre nos anais do Império romano como nos da Igreja. A magnificência de seus edifícios, e a permanência de vários imperadores ali, tinham-lhe merecido o apelido de Rainha do Oriente. Sua posição no meio de uma região muito fértil e à beira de um rio, sempre haviam atraído os estrangeiros. A pouca distância, para o Oriente, estende-se um lago rico de peixes; a oeste, está o subúrbio, a fonte e os jardins de Dafné, tão afamados no paganismo. Em frente de Antioquia, eleva-se o monte Piércio, rico de fontes e de pastagens,

coberto de florestas. O Piério chamado pelos nossos cronistas de *Montanha Negra,* foi habitado por muitos eremitas e monges nos primeiros séculos do Cristianismo e na Idade Média; entre os anacoretas dêsse monte, a história cita o nome de S. João Crisóstomo, o maior orador da Igreja.

As muralhas de Antioquia encerravam, do lado do sul, quatro picos de montes, os quais dominam grandes distâncias e grande altura do perímetro da cidade. Uma fortaleza defendida por catorze tôrres eleva-se sôbre o terceiro pico do lado leste. A cidade é inexpugnável na sua parte meridional. Do lado do norte, o Oronte é como uma defesa natural, para Antioquia; também, as muralhas nessa direção, não tinham as temíveis proporções das partes de leste e oeste. O perímetro das muralhas abrangia um espaço de três léguas e formava como uma grande figura oval. "Essa praça, diz Guilherme de Tiro, causava espanto aos que a contemplavam, pelo número de suas amplas e fortes tôrres, que eram cêrca de trezentas e sessenta."

As defesas de Antioquia, apesar do tempo, das vicissitudes e dos tremores de terra, ainda estão de pé, principalmente, do lado do sul. Contam-se ainda cinqüenta e duas tôrres em muito bom estado. Em algumas das tôrres da linha setentrional, nas margens do Oronte, vêem-se cruzes latinas, lembrança das nossas guerras santas. A parte oriental da vasta defesa de Antioquia, está coberta de figueiras, aço-

feiras, amoreiras e nogueiras. A cidade moderna, chamada *Antaki*, ocupa apenas uma sexta parte da cidade cercada do lado ocidental. Tem uma população de quatro mil habitantes, turcos, cristãos e ansarianos. Os cristãos dessa cidade de Antioquia que tinha trezentos e sessenta mosteiros e as mais belas igrejas do mundo, não possuía santuários; aquêles iam celebrar seus santos mistérios numa antiga gruta sepulcral.

Antioquia tinha caído em poder dos sarracenos, no primeiro século da héjira; tinha sido reconquistada pelos gregos, sob Nicéforo Focas, e, quando os cruzados apareceram diante de seus muros, fazia catorze anos que os turcos dela se haviam apoderado. À aproximação dos cristãos, a maior parte dos muçulmanos das cidades e das províncias vizinhas se tinha refugiado em Antioquia com suas famílias e seus tesouros. Baghisiano ou Aciano, emir turcomano, que obtivera o govêrno da cidade, lá se havia estabelecido com sete mil homens de cavalaria e vinte mil de infantaria.

O cêrco de Antioquia apresentava muitos obstáculos e perigos. Os chefes dos cruzados reuniram-se para resolver se deviam iniciá-lo. Os primeiros que falaram na assembléia pensaram que seria imprudente começar um cêrco, à aproximação do inverno. Não temiam as armas dos inimigos, mas as chuvas, o gêlo, a neve, as doenças e a carestia. Aconselharam aos cruzados que esperassem nas

cidades e províncias vizinhas a chegada do auxílio prometido por Alexis, a volta da primavera, época em que o exército teria reparado às suas perdas e recebido sob suas bandeiras, novos reforços vindos do Ocidente. Êste aviso foi ouvido com impaciência pela maior parte dos chefes, dentre os quais se fazia notar o legado Ademar, e o duque da Lorena. "Não devemos, diziam êles, aproveitar o terror espalhado entre os inimigos? Deveríamos deixar-lhes o tempo de se reunir e de se preparar para a defesa? Não sabemos que êles pediram o auxílio do califa de Bagdad e do sultão da Pérsia? Tôda espécie de dilação poderia fortalecer os exércitos dos muçulmanos e fazer os cristãos perder o fruto de suas vitórias. Fala-se da chegada dos gregos; mas teríamos necessidade dos gregos para atacar um inimigo já vencido várias vêzes? Seria necessário mesmo esperarem-se os novos cruzados do Ocidente, que viriam partilhar da glória e das conquistas do exército cristão, sem ter partilhado dos perigos e das dificuldades? Quanto aos rigores do inverno, que se parecia temer, era fazer injúria aos soldados de Jesus Cristo, julgá-los incapazes de suportar o frio e a chuva. Seria de algum modo compará-los às aves de arribação, que fogem, escondendo-se em lugares afastados, quando vêem se aproximar a má estação. Era, além disso, impossível, pensar que um cêrco pudesse se prolongar por muito tempo, com um exército cheio de ardor e de bravura. Os cruzados

deviam lembrar-se do cêrco de Nicéia, da batalha de Doriléia e de mil outros feitos. Por que então pareciam tomados de temor da carestia e da fome? Até então não haviam encontrado na guerra os recursos da guerra? Todos sabiam que a vitória sempre tinha fornecido o necessário a tôdas as necessidades dos cristãos. Numa palavra, a abundância, a segurança, a glória estavam para êles nos muros de Antioquia; por tôda a parte, fora dali, a miséria, e principalmente a vergonha, a maior das calamidades para os cavaleiros e os barões."

Estas palavras arrastaram os mais entusiastas e os mais valorosos. Os que eram do parecer contrário temeram ser acusados de timidez e conservaram-se em silêncio. O conselho deliberou que se começaria o cêrco de Antioquia. Imediatamente o exército aproximou-se dos muros da cidade. Os cruzados, segundo as palavras de Alberto d'Aix, estavam defendidos por seus escudos verdes, dourados, vermelhos, de diversas côres, e revestidos de couraças que rebrilhavam em suas escamas de ferro e de aço. À frente dos batalhões esvoaçavam as bandeiras refulgentes de ouro e de púrpura; o ruído dos clarins e dos tambores, o nitrir dos cavalos, o clamor dos soldados ecoavam ao longe. As margens do Oronte viram então seiscentos mil peregrinos, revestidos da cruz; trezentos mil levavam armas.

Desde o primeiro dia de sua chegada, o exército cristão estabeleceu seu acampamento e ergueu

suas tendas. Bohémond e Tancredo tomaram posição ao oriente, em frente à porta de S. Paulo, sôbre montículos sem árvores, e sem vegetação; à direita dos italianos, na planície que rodeia a margem esquerda do Oronte, até à porta do Cão, acamparam os dois Robertos, Estêvão e Hugo, com seus normandos, flamengos, e bretões; depois vinham o conde de Tolosa e o bispo de Puy, com seus provençais; a tropa de Raimundo ocupava todo o intervalo desde a porta do Cão até a porta seguinte, chamada mais tarde a porta do duque. Ali começava a linha de Godofredo que limitava com a porta da Ponte. A cidade achava-se assim cercada em três pontos: à leste, ao norte e ao nordeste; os cruzados não podiam atacar do lado do sul, porque êsse lado é inexpugnável por causa das montanhas, dos desfiladeiros e dos precipícios. Uma posição a oeste de Antioquia, por onde os turcos faziam arremetidas ou recebiam socorro, teria servido bem aos sitiantes, pois as muralhas e as tôrres ocidentais eram aos menos temíveis; nessa direção o terreno presta-se para um acampamento, mas nesse lugar teria êle ficado muito exposto aos ataques do inimigo.

Os turcos se haviam encerrado dentro das muralhas; ninguém aparecia nas defesas e anteparos; não se ouvia ruído algum na cidade. Os cruzados julgaram aquela aparente inação e aquêle profundo silêncio como desânimo e terror. Cegos pela esperança de uma conquista fácil, não tomaram precau-

ção alguma e se espalharam em desordem pelos campos vizinhos. As árvores estavam ainda cobertas de frutos, as vinhas, de uvas; fossos cavados no meio dos campos estavam cheios de produtos da messe; numerosos rebanhos que os habitantes não tinham podido levar consigo, vagavam pelas férteis campinas e pastagens. A abundância de víveres, o belo céu da Síria, a fonte e os bosques de Dafné, as margens do Oronte, famoso na antigüidade pagã pelo culto de Vênus e de Adônis, bem depressa fizeram os peregrinos esquecer o objetivo e o espírito de sua piedosa emprêsa e trouxeram a licença e a corrupção para o meio dos soldados de Jesus Cristo.

A confiança cega na vitória e a ociosidade dos cruzados não tardaram a despertar a esperança e a reanimar a coragem dos defensores de Antioquia. Os turcos fizeram arremetidas e surpreenderam os inimigos, uns ocupados na guarda dos campos, outros dispersos pelos arredores. Todos os que a esperança do saque ou o atrativo dos prazeres tinha atraído para as aldeias e vergéis vizinhos do Oronte, foram escravizados ou mortos. O jovem Alberon, Arquidiácono de Metz e filho de Conrado, conde de Lounebourg, pagou com a vida os divertimentos, que estavam bem pouco de acôrdo com a austeridade de sua profissão. Estendido na erva espêssa, jogava dados com uma senhora síria, *de rara beleza e de ótima família;* os turcos, vindos de Antioquia e avançando através das árvores, sem serem vistos, apare-

ceram de repente armados de flechas. Vários peregrinos que rodeavam o arquidiácono e aos quais o temor, diz Alberto d'Aix, *fêz esquecer os dados,* foram dispersados e postos em fuga. Os bárbaros cortaram a cabeça do infeliz Alberon e a levaram para a cidade; levaram a dama síria, sem lhe fazer mal algum; mas depois de terem saciado sua brutal paixão, a infeliz foi morta cruelmente; sua cabeça e a do arquidiácono foram atiradas por meio de uma máquina para o acampamento dos cristãos.

A êsse espetáculo, os cruzados deploraram suas desordens e juraram vingar a morte de seus companheiros de surprêsa e massacrados pelos turcos. Mas o exército cristão não tinha escadas nem máquinas de guerra para dar o assalto; construíram uma ponte sôbre barcas no Oronte, a fim de deter os ataques dos muçulmanos, na margem oposta. Redobraram-se os esforços para fechar tôdas as passagens para os sitiados e impedi-los de transpor as portas da cidade. Os turcos tinham o costume de sair por uma ponte de pedra construída sôbre um pantanal, diante da porta do Cão; os cruzados, reunindo enxadões, martelos e todos os utensílios de ferro que havia nos campos, em vão tentaram demolir a ponte. Colocaram ali uma enorme tôrre de madeira, na qual, diz o monge Roberto, os peregrinos acorriam como *abelhas à colmeia;* essa tôrre foi destruída pelo fogo. Por fim, os cruzados não encontraram outro meio para deter, nesse ponto, as saídas do ini-

migo, do que levar, à fôrça de braços, e amontoar diante da porta, enormes pedaços de pedra e as maiores árvores das florestas vizinhas.

Enquanto assim se fechava uma das portas de Antioquia, os mais valentes dos cavaleiros vigiavam sem cessar em tôrno da cidade. Tancredo, achando-se um dia de emboscada, na montanha do ocidente, surpreendeu um grupo de turcos que haviam saído da praça, para buscar forragem: matou a todos os que se puseram ao alcance de suas armas e setenta cabeças de infiéis foram mandadas ao bispo de Puy, como *dízimos da matança e da vitória.* Numa outra ocasião, o mesmo Tancredo percorrendo os campos, seguido por um só escudeiro, encontrou vários muçulmanos; todos os que o esperaram, experimentaram a fôrça invencível de sua espada. No meio dêsse combate glorioso, o herói mandou seu escudeiro deter-se e ordenou-lhe que jurasse diante de Deus, que jamais contaria os feitos que havia presenciado; exemplo assaz novo entre os guerreiros, que nossos velhos cronistas contam, com surprêsa e que a história deve colocar entre os fatos mais admiráveis da cavalaria cristã.

Desde então os ataques dos turcos tornaram-se menos freqüentes: por outro lado, como não tinham máquinas de guerra, não podiam atacar os inimigos em suas defesas inacessíveis. Os chefes do exército cristão não tiveram outro partido a tomar, que rodear a cidade e esperar que o desânimo dos turcos ou o

favor do céu lhes viesse abrir as portas de Antioquia. A demora de um assédio estava pouco de acôrdo com o valor e impaciência dos cruzados; aquela maneira de fazer a guerra não convinha aos cavaleiros e aos barões, que só sabiam triunfar sôbre os inimigos de espada na mão e só se mostravam temíveis, nos campos de batalha.

Durante os primeiros dias do cêrco, o exército cristão consumiu as provisões de vários meses; assim, aquêles que queriam dobrar os inimigos pela fome, viam-se êles mesmos tomados dos horrores da fome. Quando começou o inverno, caíam fortes aguaceiros todos os dias; as planícies, onde os soldados se haviam debilitado, estavam tôdas imersas na água, o acampamento dos cristãos, principalmente nos vales, foi várias vêzes alagado; as tempestades e a inundação levavam os pavilhões e as tendas; a umidade afrouxava os arcos; a ferrugem roía as lanças e as espadas. A maior parte dos soldados estava quase sem roupa, os mais pobres dos peregrinos tinham cortado árvores para construir cabanas, semelhantes às dos lenhadores; mas a água e o vento penetravam pelas frestas dos frágeis abrigos e o povo não tinha onde se refugiar contra os rigores da estação. Cada dia a situação dos cruzados tornava-se mais aflitiva; os peregrinos, reunidos em bandos de duzentos ou trezentos, percorriam as planícies e as montanhas, levando tudo o que podia preservá-los do frio e da fome; mas, cada qual retinha para si o que havia

encontrado e o exército ficava sempre entregue à mais horrível penúria. No meio da miséria geral, os chefes reuniram-se em conselho e decidiram tentar uma nova expedição às províncias, para obter víveres. Depois de ter assistido à Missa de Natal e recebido as despedidas do exército, quinze ou vinte mil peregrinos, comandados pelo príncipe de Tarento e pelo conde de Flandres, afastaram-se do acampamento e dirigiram-se para o território de Harene. Essa tropa escolhida venceu vários destacamentos dos turcos que encontrou, e voltou aos muros de Antioquia, com um grande número de cavalos e de burros carregados de provisões. Durante essa expedição dos cruzados, os turcos tinham feito uma arremetida e dado, ao exército cristão, que ficara no acampamento, uma obstinada batalha, na qual o bispo de Puy perdeu seu estandarte. O historiador Raimundo de Agiles, testemunha da luta que os cristãos haviam sustentado, desculpa-se *perante os servos de Deus*, pela aflitiva fidelidade de sua narração e justifica-se, dizendo que Deus quis então chamar os cristãos ao arrependimento por uma derrota que os devia tornar melhores e mostrar-lhes ao mesmo tempo sua bondade, por uma vitória que os livraria da carestia.

No entretanto as provisões que o conde de Flandres e Bohémond haviam trazido, não puderam durar por muito tempo, para uma grande multidão de peregrinos. Todos os dias faziam-se novas incur-

sões, mas eram menos felizes. Todos os campos da alta Síria tinham sido devastados pelos turcos e pelos cristãos; os cruzados, mandados em explorações, punham quase sempre os turcos em fuga, mas a vitória, seu último recurso, não podia mais trazer a abundância ao seu acampamento. Para cúmulo de miséria, tôda comunicação estava interrompida com Constantinopla; as frotas dos pisanos e dos genoveses não costeavam mais os países ocupados pelos cruzados. O pôrto de S. Simeão, hoje Souedié, situado a sete horas de Antioquia, não via chegar navios da Grécia e do Ocidente. Os piratas flamengos que tinham tomado a cruz em Tarso, depois de se terem apoderado de Laodicéia, tinham sido surpreendidos pelos gregos e depois de várias semanas, haviam sido feito prisioneiros. Os cruzados não ficavam mais no acampamento, por tantos prejuízos sofridos e por outros males que ainda os ameaçavam.

O arquidiácono de Toul, que, seguido por trezentos peregrinos se havia retirado a um vale a três milhas de Antioquia, foi surpreendido pelos turcos e pereceu miseràvelmente com todos os seus companheiros. Ao mesmo tempo, soube-se da morte trágica de Suénon, filho do Rei da Dinamarca. O jovem príncipe tinha tomado a cruz e levava à terra santa mil e quinhentos peregrinos dinamarqueses. Tendo erguido suas tendas no meio dos caniços que cobrem as margens do lado das Salinas, no caminho de Filomélio, os turcos, avisados por pérfidos gregos,

desceram das montanhas e os atacaram no meio das trevas da noite. Por muito tempo êles se defenderam e sua espada destruiu um grande número de inimigos; mas, por fim, consumido pelo cansaço e pela multidão de bárbaros, êle pereceu, coberto de feridas. Os cronistas acrescentam que uma filha do Duque da Borgonha, de nome *Florina,* acompanhava o infeliz Suénon na sua peregrinação. A princesa se tinha tomado de um casto amor pelo herói dinamarquês e devia desposá-lo, depois da tomada de Jerusalém. Mas o céu não permitiu que tão cara esperança se realizasse e sòmente a morte cruel pôde unir os dois namorados, que tinham tomado a cruz e se dirigiam juntos para a cidade santa, animados pela mesma devoção e enfrentando os mesmos perigos, tinham caído no mesmo campo de batalha, depois de terem visto perecer ao seu lado, todos os seus cavaleiros, não restando um só de seus servidores que pudesse recolher suas últimas palavras e dar-lhes a sepultura cristã.

"Chegaram ao acampamento dos cristãos, diz Guilherme de Tiro, estas notícias cheias de tristeza e de dor e aumentaram o sentimento de tôdas as calamidades que êles sofriam." Todos os dias, o frio, a penúria, a epidemia, faziam novas devastações no acampamento dos cristãos. Se dermos crédito a um historiador, que sofreu também essas misérias, o excesso de seus males arrancava-lhes lamentações e blasfêmias, Bohémond, cuja eloqüência era popu-

lar, determinou reconduzi-los à paciência e à resignação evangélica. "Ó cristãos pusilânimes! diziam-lhes êle, por que murmurais assim? Quando Deus vos estende a mão, estais cheios de orgulho; quando Êle a retira, tôda fôrça da alma vos abandona. Não é então o Senhor, mas a sorte e a vitória que vós adorais, pois que o Senhor que, nos dias felizes chamais de pai, torna-se para vós um estranho, nos dias de desgraça." Por mais singular que nos pareça hoje essa linguagem de Bohémond, devemos crer que ela tinha alguma relação com o espírito do tempo e os sentimentos dos cruzados. Mas, que podiam as palavras, mesmo as mais persuasivas, contra a fome, a doença e o desespêro? A mortalidade era tão grande no acampamento, que, à narração de testemunhas oculares, os padres não eram suficientes para rezar as preces dos moribundos e faltava já espaço para as sepulturas.

O acampamento, cheio de funerais, não apresentava mais o aspecto de um exército. Muitos cruzados não tendo mais roupas, agasalhos, definhavam por terra, expostos aos rigores da estação, enchendo o ar com seus gemidos. Outros, pálidos e magros, cobertos de miseráveis andrajos, erravam pelos campos, como espectros ou fantasmas, arrancando com um ferro pontudo as raízes das plantas, arrebatando dos campos recém-semeados as sementes ali lançadas, disputando aos mesmos animais as ervas selvagens que *êles comiam sem sal, cardos, que lhes picavam*

a língua, porque não tinham lenha com que cozê-los. Cães mortos, insetos, os animais mais imundos, saciavam a fome aos que, ainda há pouco, desdenhavam o pão dos povos da Síria e haviam sido vistos, em banquetes, rejeitar com desprazer as partes menos saborosas dos bois e dos carneiros. Um espetáculo não menos aflitivo para os barões e cavaleiros, era ver perecer os cavalos de batalha, que êles não podiam alimentar. No comêço do cêrco, contavam-se no exército cêrca de setenta mil cavalos: restavam sòmente dois mil, arrastando-se com dificuldade, incapazes de servir para os combates.

A deserção veio logo juntar-se aos demais flagelados. A maior parte dos cruzados tinha perdido a esperança de se apoderar de Antioquia e de chegar à terra santa. Uns iam buscar asilo contra a miséria na Mesopotâmia, submetendo-se a Balduino; outros, dirigiam-se às cidades da Cilícia que estavam em poder dos cristãos. O Duque da Normandia retirou-se para Laodicéia, e só voltou depois de três intimações que lhe foram feitas pelo exército em nome da religião de Jesus Cristo. Tático, general de Alexis, deixou o acampamento dos cruzados com as tropas que comandava, prometendo voltar com reforços e víveres. Sua partida deixou pouca tristeza e suas promessas, nas quais se tinha pouca confiança, não acalmaram o desespêro dos cruzados. Êsse desespêro chegou mui depressa ao auge, quando os peregrinos viram afastar-se aquêles que lhes deviam

dar exemplo de paciência e de coragem. Guilherme, visconde de Melun, ao qual os vigorosos golpes de seu machado de armas, tinham-no feito apelidar de *Charpentier* (carpinteiro), não pôde suportar as misérias do cêrco e desertou do exército de Jesus Cristo. "Que haveria de estraordinário, exclama Roberto, o Monge, de que os pobres, os fracos se sentissem sem coragem, se aquêles que eram como as colunas da expedição, arrefeciam?" O pregador da cruzada, Pedro, o Eremita, ao qual os cruzados atribuíam sem dúvida, as desgraças que sofriam, não ouviu suas queixas nem partilhou de suas desgraças. Êle perdeu a esperança de um feliz êxito e fugiu, secretamente, do acampamento dos cristãos. Sua deserção causou grande escândalo entre os cruzados, e "não os encheu mais de admiração, diz o abade Guiberto, do que se as estrêlas tivessem caído do firmamento". Perseguido e alcançado por Tancredo, foi trazido vergonhosamente com Guilherme, o Carpinteiro. O exército censurou-lhe o covarde abandono e fê-lo jurar sôbre o Evangelho de não mais desertar de uma causa que êle mesmo havia pregado. Ameaçaram com o suplício reservado aos homicidas todos os que seguissem o exemplo que êle acabava de dar aos seus companheiros e irmãos.

Mas no meio da corrupção que reinava no exército cristão a mesma virtude devia pensar em fugir e podia desculpar a deserção. Se acreditarmos nos escritos dos contemporâneos, todos os vícios da in-

fame Babilônia reinavam entre os libertadores de Sião. Espetáculo estranho e inaudito! Sob as tendas dos cruzados, viam-se juntas a miséria e a voluptuosidade: o amor impuro, turva-se com as imagens da morte. Na desgraça, a maior parte dos peregrinos parecia desprezar as consolações que dão a piedade e a virtude.

No entretanto o bispo de Puy e a parte mais sã do clero reuniram seus esforços para reformar os costumes dos cruzados. Fizeram reboar a voz da religião contra os excessos da libertinagem e da licença; lembraram todos os males que tinham assolado o exército cristão e os atribuiram aos vícios e aos excessos dos defensores da cruz. Um terremoto que então se sentiu, uma aurora boreal que ofereceu um fenômeno desconhecido à maior parte dos peregrinos, foram-lhe apresentados como um aviso de cólera do céu. Ordenaram-se jejuns e orações para acalmar a ira divina. Os cruzados fizeram procissões em redor do acampamento; de tôdas as partes ouviam-se hinos de penitência. Os sacerdotes invocaram os castigos da Igreja contra os que traíram a causa de Jesus Cristo, por seus pecados. Para aumentar o temor que as ameaças da religião inspiravam, um tribunal composto de principais do exército e do clero, foi encarregado de prender e castigar os culpados.

Os homens apanhados na sua embriaguez tinham os cabelos cortados, os blasfemos, os que se entregavam à paixão do jôgo, eram marcados com

ferro em brasa. Um monge, acusado de adultério e declarado culpado pela prova do fogo, foi açoitado com varas e levado nu para fora do acampamento. À medida que os juízes condenavam os culpados, admiravam-se com seu número. Os castigos mais severos não puderam conter totalmente a prostituição, que se tinha tornado quase geral. Resolveram encerrar tôdas as mulheres num campo separado; medida extrema e imprudente que confundia o vício com a virtude e que fêz cometerem-se crimes mais vergonhosos do que os que se queriam evitar.

No meio de tôdas essas calamidades, o acampamento dos cruzados estava cheio de sírios, que cada dia iam contar nas cidades os projetos, a miséria e o desespêro dos cristãos. Bohémond a fim de afastá-los do exército, empregou um estratagema, para castigar os mesmos bárbaros. Minha pena recusa-se traçar semelhantes quadros e deixo aqui que fale Guilherme de Tiro, ou melhor, seu velho tradutor: "Bohémond, diz êle, ordenou que alguns turcos que êle tinha sob guarda severa lhe fôssem levados. Fê-los executar imediatamente pelos oficiais da alta justiça; depois mandou acender uma grande fogueira, colocá-los no espêto e assar como carne preparada para sua ceia e a dos seus, ordenando-lhes que se fôssem interrogados sôbre aquêle fato, respondessem dêste modo: *Os príncipes e governadores do acampamento determinaram hoje em seu conselho que todos os turcos ou seus espiões que de ora em diante*

forem encontrados em seu acampamento serão obrigados, desta maneira, a se tornar carne, tanto para os príncipes como para todo o exército."

Os servidores de Bohémond seguiram exatamente suas ordens e as instruções que lhes havia dado. Logo os estrangeiros que estavam no acampamento correram ao quarteirão do príncipe de Tarento e "quando viram o que se passava, acrescenta o nosso velho autor, ficaram fora de si pelo espanto, temendo sofrer o mesmo castigo. Apressaram-se em deixar o acampamento dos cristãos e por tôda a parte contavam o que tinham visto." Suas palavras correram de bôca em bôca, até as regiões mais afastadas: os habitantes de Antioquia e todos os muçulmanos das cidades da Síria ficaram tomados de terror e não ousaram mais aproximar-se do acampamento dos cristãos. "Por êsse meio, diz o historiador que citamos acima, aconteceu que, pela astúcia e pelo proceder do senhor Bohémond, foi eliminada do acampamento a peste dos espiões e os projetos dos cristãos, foram menos conhecidos pelos inimigos." O cronista Raudri limita-se a dizer que Bohémond tomou medidas severas para se livrar dos espiões; mas não fala dêsse meio bárbaro, citado por Guilherme de Tiro. Não podemos deixar de notar que êsse alvitre, muito bom para afastar os espiões, devia também afastar os que traziam víveres para o campo dos cristãos.

O bispo de Puy empregava a mesma astúcia, mais inocente e mais conforme ao espírito do seu ministério e de sua profissão; êle mandava lavrar e semear as terras vizinhas de Antioquia para garantir ao exército cristão a sua subsistência e para fazer os turcos pensarem que nada poderia vencer a constância dos cruzados.

No entretanto o frio, as tempestades e todos os rigores do inverno começavam a se dissipar; via-se diminuir o número dos enfermos e o acampamento dos cristãos tomava um aspecto menos lúgubre. Godofredo, que uma ferida cruel havia retido até então em sua tenda, apareceu diante do exército e sua presença fêz renascer a esperança e a alegria. O Conde de Edessa, os príncipes e os mosteiros da Armênia mandaram dinheiro e provisões para os cristãos; víveres vieram das ilhas de Chipre, de Chios e de Rodes; o exército deixou de sofrer os horrores da miséria. A melhoria da sorte dos peregrinos foi atribuída à penitência e à sua conversão; êles agradeceram ao céu por tê-los tornado melhores e mais dignos de sua proteção e de sua misericórdia. Foi então que os cruzados viram chegar ao seu acampamento embaixadores do califa do Egito. Na presença dos infiéis, os soldados cristãos procuraram esconder os vestígios e as recordações de tantas misérias que tinham sofrido: adornaram-se com suas vestes mais preciosas, apresentaram armas as mais brilhantes; os cavaleiros e os barões disputavam o prêmio da fôrça

e da habilidade nos torneios; só se viam danças e banquetes no meio dos quais parecia reinar a abundância e a alegria. Os embaixadores egípcios foram recebidos numa tenda magnífica, onde estavam reunidos os principais chefes do exército. Não dissimularam em suas palavras o extremo descaso que seu senhor tinha sempre tido por uma aliança com os cristãos; mas as vitórias que os cruzados tinham obtido contra os turcos, inimigos eternos da raça de Ali, faziam-lhes crer que Deus os havia mandado à Ásia como os instrumentos de sua vingança e de sua justiça. O califa egípcio estava disposto a se aproximar dos cristãos vitoriosos e preparava-se para entrar com seus exércitos na Palestina e na Síria. Como êle tinha sabido que todos os votos dos cruzados se limitavam a ver Jerusalém, êle prometeu reerguer as igrejas dos cristãos, proteger o seu culto e abrir as portas da cidade santa a todos os peregrinos, com a condição de que êles lá se apresentassem sem armas e que lá não se démorariam mais de um mês. Se os cruzados se submetessem a essa condição o califa prometia-lhes o mais generoso auxílio e se recusassem o benefício de sua amizade, os povos do Egito, da Etiópia, todos os que habitavam na Ásia e na África, desde o estreito de Cadiz até as portas de Bagdad, levantar-se-iam, à voz do vigário legítimo do profeta e mostrariam aos guerreiros do Ocidente o poder de suas armas.

Estas palavras excitaram violentos murmúrios na assembléia dos cristãos. Um dos chefes levantou-se para responder e dirigindo-se aos embaixadores do califa: "A religião que nós seguimos, disse-lhes, nos inspirou o desígnio de restabelecer seu império nos lugares onde Êle nasceu. Nós não temos necessidade, para cumprir nossos juramentos, do concurso dos poderosos da terra. Não viemos à Ásia para receber as leis e os benefícios dos muçulmanos. Além disso não esquecemos os ultrajes feitos aos peregrinos do Ocidente pelos egípcios; lembramo-nos ainda de que os cristãos, sob o reinado do califa Hakem foram entregues aos carrascos e suas igrejas e principalmente a do Santo Sepulcro, foram destruídas completamente. Sim, sem dúvida, nós nos propusemos visitar Jerusalém, mas fizemos também o juramento de libertá-la do jugo dos infiéis. Deus que a honrou com seus sofrimentos, ali quer ser servido por seu povo, os cristãos lhe querem ser os guardas e os senhores. Ide dizer aos que vos enviaram que escolham a paz ou a guerra; dizei-lhes que os cristãos, acampados diante de Antioquia não temem nem os povos do Egito, nem os da Etiopia, nem os de Bagdad, e que êles só se podem aliar com as potências que respeitam as leis e a justiça das bandeiras de Jesus Cristo."

O orador que assim falava expressava a opinião e os sentimentos da assembléia. No entretanto não se rejeitou de maneira absoluta a aliança dos egípcios:

foram escolhidos embaixadores no exército cristão para acompanhar os enviados do Cairo à sua volta e levar ao califa as últimas propostas de paz dos cruzados.

Apenas os deputados haviam deixado o acampamento dos cristãos, êstes obtiveram uma nova vitória sôbre os turcos. Os príncipes de Alepo, de Damasco, os emires de Schaizar, de Hierápolis, tinham reunido um exército de vinte mil cavaleiros para socorrer Antioquia. Já os guerreiros muçulmanos se haviam pôsto em marcha e se aproximavam da cidade, quando uma tropa de elite saiu do acampamento e partiu contra êles, comandada pelo infatigável Bohémond, e por Roberto, Conde de Flandres. Numa batalha que foi travada perto do lago de Antioquia, os turcos foram dispersados e perderam mil cavaleiros, com dois mil combatentes. A fortaleza de Harene, na qual o inimigo tinha em vão buscado refúgio, depois da derrota, caiu em poder dos cristãos.

Os cruzados quiseram anunciar seu novo triunfo aos embaixadores do Cairo, prestes a embarcar no pôrto de São Simeão e quatro camelos levaram a êstes últimos as cabeças e os despojos de duzentos guerreiros muçulmanos. Os vencedores atiraram outras duzentas cabeças à cidade de Antioquia, cuja guarnição esperava ainda socorros. Expuseram ainda um grande número delas sôbre postes em redor das muralhas: espalhavam assim os troféus sanguinolen-

tos de sua vitória para que êsse espetáculo, diz Guilherme de Tiro, *fôsse como um espinho nos olhos de seus inimigos*. Queriam também vingar-se dos insultos que os infiéis, reunidos nas muralhas, tinham dirigido a uma imagem da Virgem, que lhes caíra nas mãos, num combate precedente.

Os cruzados bem depressa deveriam fazer notar seu valor numa batalha perigosa e muito mais sangrenta. Uma frota de genoveses e de pisanos tinha entrado no pôrto de São Simeão. A notícia da sua chegada causou viva alegria no exército cristão; um grande número de soldados saiu do acampamento e correu para o pôrto, uns para saber notícias da Europa, outros para comprar provisões de que necessitavam. Quando voltavam carregados de víveres e a maior parte dentre êles não tinha armas, foram improvisadamente atacados e dispersados por um corpo de quatro mil muçulmanos que os esperavam à passagem. Bohémond e Raimundo de Saint-Gilles, que acompanhavam os peregrinos, não puderam defendê-los contra os inimigos, superiores em número e foram obrigados a procurar, êles mesmos, a salvação numa fuga precipitada.

A notícia dêsse desastre espalhou-se ràpidamente entre os cruzados que haviam ficado no acampamento. Imediatamente Godofredo, ao qual o perigo dava suprema autoridade, ordenou aos chefes e aos soldados que tomassem as armas. Seguido por seu irmão Eustáquio, pelos dois Robertos e pelo Con-

de de Vermandois, atravessou o Oronte e foi atrás do inimigo, ainda ocupado em gozar de sua primeira vantagem e em cortar a cabeça dos cristãos vencidos sob seus golpes. Chegando perto dos muçulmanos êle ordenou aos outros chefes que seguissem seu exemplo: lançou-se de espada na mão para o meio das fileiras inimigas. Os turcos, acostumados a combater de longe e de se servir do arco e das flechas, não podem resistir à espada e à lança dos cruzados. Fogem, uns para os montes, outros para a cidade. Accio, que da tôrre do seu palácio tinha visto o combate e o ataque vitorioso dos cruzados, manda uma tropa de elite para contê-los e reunir os que fugiam. Êle acompanha os soldados até a porta da ponte, que manda fechar, dizendo-lhes que ela não se abrirá mais para êles, senão depois da vitória.

Essa nova tropa não pode conter o choque dos cruzados. Os turcos não tinham outra esperança que voltar à praça; mas Godofredo, que tudo tinha previsto, já se havia colocado com os seus numa elevação, entre os fugitivos e a porta de Antioquia. Foi aí que recomeçou a matança: os cristãos eram animados pela vitória; os muçulmanos, pelo desespêro e pelos gritos dos habitantes da cidade, reunidos sôbre as muralhas. Nada pode descrever o espantoso tumulto dêsse novo combate. O tinir das armas, os gritos dos combatentes, não permitiam mais aos soldados ouvir a voz de seus chefes. Combatia-se corpo a corpo, sem ordem; nuvens de pó cobriam o

Batalha de Antioquia.

campo de batalha; o acaso dirigia os golpes dos vencedores e dos vencidos; os turcos apertavam-se, atrapalhando-se na fuga. A confusão era tão grande que vários cruzados foram mortos por seus próprios companheiros e irmãos. Um grande número de turcos caíu quase sem resistência sob as armas dos cristãos, mais de dois mil, que fugiam, foram afogados no Oronte. "Os velhos de Antioquia, diz Guilherme de Tiro, contemplavam do alto das muralhas essa sangrenta catástrofe, afligiam-se por ter vivido tanto tempo e as mães, testemunhas da morte dos filhos, lamentavam sua fecundidade." A matança durou todo o dia; sòmente à tarde Accio mandou abrir as portas da cidade e recebeu o resto de suas tropas perseguidas pelos cristãos.

Foi para nós, exclama Raimundo d'Agiles, um espetáculo arrebatador, ver nossos pobres peregrinos voltando do campo de luta, depois dessa vitória. Uns, que jamais tinham montado num cavalo, vinham seguidos por vários dêsses animais; outros, até então cobertos de andrajos, traziam dois ou três vestidos de sêda; alguns mostravam três ou quatro escudos tomados do inimigo; seus companheiros, que não tinham combatido, regozijavam-se com êles, e todos agradeciam à bondade divina o triunfo dos cristãos.

Os chefes e os soldados do exército dos cruzados tinham feito prodígios de valor. Bohémond, Tancredo, Ademar, Balduino de Bourg, Eustáquio,

por tôda a parte se haviam mostrado sempre à frente de seus guerreiros. Todo o exército contava os golpes de lança e os maravilhosos feitos de armas do Conde de Vermandois e dos dois Robertos. O Duque de Normandia, sòzinho, num combate contra um chefe dos infiéis que avançava no meio dos seus, com um golpe de sabre, abriu-lhe a cabeça até os ombros e o estendeu aos seus pés, exclamando: *Entrega tua alma impura às potências do inferno.* Godofredo, que, nesse dia, tinha mostrado a perícia de um grande general, mostrou sua bravura e sua fôrça, com feitos que a história e a poesia celebraram. Nenhuma armadura podia resistir ao golpe terrível de sua espada; êle fazia voar em pedaços os capacetes e as couraças. Um turco, que a todos superava por sua estatura, apresentou-se na confusão da luta e com o primeiro golpe que êle lhe desferiu, fêz em pedaços o seu escudo. Godofredo, indignado com essa ousadia, ergueu-se nos estribos, lançou-se contra o adversário e deu-lhe um golpe tão violento que dividiu-lhe o corpo em duas partes. A parte superior, dizem os historiadores, caiu por terra e a outra, prêsa à sela, ficou em cima do cavalo, que voltou para a cidade, onde aquêle espetáculo redobrou a consternação dos turcos.

Apesar de tão prodigiosos feitos, os cristãos tinham sofrido também perdas consideráveis. Celebrando o heróico valor dos cruzados, a história contemporânea admira a multidão de mártires que os

turcos mandaram para o céu e que chegando à morada dos eleitos, com a coroa na cabeça e a palma na mão, dirigiram a Deus estas palavras: "Por que não defendestes nosso sangue que correu hoje por vós?"

Os infiéis passaram a noite sepultando os seus guerreiros mortos, sob as muralhas da cidade. Enterraram-nos perto de uma mesquita, construída além da ponte do Oronte. Depois dessa cerimônia fúnebre, voltaram para Antioquia, onde reinavam o silêncio e o luto. Como os mortos, segundo o uso dos muçulmanos, tinham sido enterrados com suas armas, suas riquezas e suas vestes, êsses despojos tentaram o populacho grosseiro que seguia o exército dos cruzados. Êle atravessou o Oronte e precipitou-se em massa sôbre os sepulcros dos turcos, desenterrou os cadáveres, arrebatou-lhes as armas e as vestes de que estavam cobertos. Vieram depois exibir no acampamento vestes de sêda, escudos, dardos, ricas espadas, tiradas dos sepulcros. Êsse espetáculo não revoltou os cavaleiros e os barões. No dia seguinte à batalha e entre os despojos dos vencidos, contemplaram com alegria mil e quinhentas cabeças separadas de seus troncos, que foram levadas em triunfo ao exército, lembrando-lhes a vitória e as perdas que haviam infligido aos infiéis.

Tôdas essas cabeças lançadas ao Oronte e os cadáveres dos muçulmanos que, na véspera, haviam morrido afogados no rio, foram levar a notícia da

vitória dos cristãos aos genoveses e aos pisanos, que estavam no pôrto de São Simeão. Os cruzados, que no comêço da batalha tinham fugido para o mar e para as montanhas e cuja morte haviam lamentado, voltaram ao acampamento, que ecoava com as exclamações de alegria. Os chefes não pensaram mais, então, que em aproveitar-se do terror que tinham inspirado aos inimigos. Senhores do cemitério dos muçulmanos, os cruzados demoliram a mesquita que se elevava fora da cidade e servindo-se das pedras dos túmulos, construíram uma fortaleza diante da porta do Ponto, pela qual os turcos costumavam sair para se dispersarem pela planície e atacar de surprêsa os peregrinos.

Raimundo, Conde de Tolosa, ao qual se censurava ter até ali mostrado pouco zêlo pela guerra santa, encarregou-se de construir o forte, às suas custas, e de defendê-lo com seus provençais, que haviam sido acusados, durante todo o cêrco — *de evitar o combate para correr aos víveres*. Propuseram erguer uma nova fortaleza do lado do Oeste, na direção da porta, chamada porta de S. Jorge. Nenhum cruzado ainda havia pôsto pé naquele ponto da margem esquerda do Oronte. Era importante fechar aquela passagem aos muçulmanos; mas a emprêsa era perigosa; nenhum príncipe queria encarregar-se disso. Tancredo apresentou-se: generoso e valente cavaleiro, só lhe restava a espada e a fama; pediu dinheiro aos companheiros para executar seu

projeto. Um convento, chamado convento de São Jorge, elevava-se numa colina, à pouca distância da porta dêsse nome; Tancredo fê-lo fortificar sòlidamente, e, defendido por uma tropa de bravos, soube manter-se nesse lugar difícil. Apanhou de surprêsa os sírios que costumavam levar víveres a Antioquia e os obrigou a prover ao exército cristão; dois mil cavalos que Accio tinha mandado a um vale, a algumas léguas da cidade, caíram em poder dos cruzados e foram levados ao acampamento.

Enquanto os turcos entregavam-se ao desespêro, o zêlo e a emulação duplicavam-se entre os soldados da cruz. Os chefes davam por tôda parte o exemplo da vigilância e da atividade; um espírito de concórdia unia todos os peregrinos; restaurou-se a disciplina e a fôrça do exército aumentou com ela. Os mendigos mesmo e os vagabundos, cuja multidão gerava a desordem e multiplicava os perigos da guerra, foram empregados nos serviços do cêrco e serviam sob as ordens de um capitão que tinha o título de *rei vagabundo* ou rei dos mendigos. Êles recebiam um estipêndio da caixa geral dos cruzados e, quando estavam em condições de comprar roupas e armas, seu rei os redimia e os engajava nalgum corpo de exército. Essa medida, tirando os vagabundos de uma ociosidade perigosa, tornou-os úteis auxiliares. Como êles haviam sido acusados de violar as sepulturas e de se alimentar de carne humana, inspiravam grande horror aos infiéis e sua simples presença punha

em fuga os defensores de Antioquia, que tremiam de mêdo de lhes cair nas mãos.

Desde então os cristãos ficaram sendo senhores de tôda a parte externa da cidade sitiada; podiam locomover-se com liberdade e segurança pelos campos vizinhos. Como tôdas as portas da cidade estavam fechadas, os combates foram suspensos, mas de lado a lado fazia-se ainda a guerra por meio de atos de barbárie.

O filho de um emir caíra nas mãos dos cristãos e êstes exigiram que sua família entregasse uma tôrre de Antioquia como resgate. Como isso lhes fôsse recusado, trataram o jovem cativo da maneira mais bárbara possível. Seu suplício renovava-se todos os dias, durante um mês; por fim levaram-no para junto das muralhas onde foi imolado aos olhos de seus parentes e concidadãos.

Por seu lado, os turcos não deixavam de perseguir aos cristãos que moravam em Antioquia. Mais de uma vez o venerável patriarca dos gregos, ferido e maltratado, foi levado para junto das muralhas e exposto aos cristãos como uma vítima condenada à morte. Era principalmente contra os prisioneiros que se acendia o furor dos turcos. Levaram, um dia, para perto das muralhas, um cavaleiro cristão de nome Raimundo Porcher e ameaçaram cortar-lhe a cabeça se êle não exortasse os cristãos a resgatá-lo por uma quantia de dinheiro. Êle, fingindo obedecer, dirigiu-se aos cruzados e assim falou: "Considerem-me

como um homem morto e não façam nenhum sacrifício pela minha liberdade. Tudo o que eu lhes peço, irmãos, é que continuem os ataques contra esta cidade infiel, que não pode resistir por muito tempo e que fiquem todos firmes na fé de Cristo, pois Deus está e estará sempre conosco." Accio mandou que lhe dessem o significado daquelas palavras e exigiu que Raimundo Porcher abraçasse imediatamente o islamismo, prometendo-lhe, se o consentisse, tôda espécie de bens e honras, ameaçando-o de morte se se recusasse. O piedoso cavaleiro, então, caindo de joelhos, de olhos voltados para o Oriente, mãos juntas, pôs-se a rogar a Deus que o ajudasse e recebesse sua alma no seio de Abraão. A estas palavras, Accio, mais irritado, ordenou que lhe cortassem a cabeça: os turcos obedecem com alegria bárbara. Ao mesmo tempo os outros prisioneiros cristãos que estavam em Antioquia são levados à presença do príncipe muçulmano, que ordena aos soldados despojarem-nos de suas vestes, amarrá-los com cordas e lançá-los no meio das chamas de uma fogueira. Assim aquêles infelizes escravos receberam todos, no mesmo dia, a coroa do martírio e *levaram para o céu,* diz Tudebode, *estolas brancas ao Senhor, ao qual é devida tôda glória.*

No entretanto, Antioquia estava sob a tremenda carestia que tinha por tanto tempo amargurado os cruzados e via todos os dias diminuir o número dos seus defensores. Accio pediu tréguas e prometeu

entregar-se, se não conseguisse socorro. Os cruzados, sempre animados de cega confiança, consentiram numa paz que os devia privar das vantagens obtidas e dar ao inimigo os meios de ganhar tempo e de restaurar suas fôrças.

Depois que aceitaram as tréguas, a discórdia introduziu-se no meio dos cruzados, um dos primeiros efeitos de uma paz imprudente. Balduino, Príncipe de Edessa, tinha enviado magníficos presentes a Godofredo, aos dois Robertos, ao Conde de Vermandois, aos condes de Blois e de Chartres; distribuira grandes somas de dinheiro a todo o exército e na sua grande liberalidade tinha esquecido de propósito a Bohémond e aos seus soldados. Foi isso suficiente para fazer renascer a discórdia. Enquanto o exército cristão celebrava a liberalidade de Balduino, o Príncipe de Tarento e seus guerreiros lamentavam-se e se queixavam.

Ao mesmo tempo, uma tenda ricamente adornada, que um príncipe armênio destinava a Godofredo e que caindo nas mãos de Pancrácio foi dada a Bohémond, veio a ser um novo motivo de perturbação e de discórdia. Godofredo reclamou, com majestade, o presente que lhe era destinado; Bohémond recusou-se atendê-lo; de ambos os lados houve injúrias e ameaças; estava-se quase a tomar as armas; o sangue dos cristãos ia correr por uma miserável questão; mas por fim, o Príncipe de Tarento, abandonado pela maior parte do exército, vencido pelos

rogos dos amigos, entregou ao rival a tenda que estava em seu poder e consolou-se em seu despeito, com a esperança de que a guerra lhe ofereceria bem depressa mais ricos despojos.

Guilherme de Tiro, que nos refere êste fato, admira-se de ver que o sensato Godofredo reclama com tanto ardor um objeto tão frívolo e na sua estupefação, compara a fraqueza do herói ao sono do bom Homero. Seu pensamento teria sido mais justo, se êle tivesse comparado as discórdias e as questiúnculas dos chefes da cruzada às que perturbaram o acampamento dos gregos e que retardaram por muito tempo a tomada de Tróia.

Depois que as tréguas foram proclamadas, os cristãos entraram em Antioquia, os muçulmanos vinham ao acampamento, mas o ódio implacável, que tinha presidido à guerra, vivia ainda nos corações. Um cavaleiro, de nome Walon, tendo sido apanhado pelos turcos, num lugar afastado, foi morto e partido em pedaços. Quando a notícia dêsse horrível crime chegou ao exército, todos os cruzados foram tomados de horror e de indignação. No meio da multidão dos cristãos que pediam vingança, notava-se, com ternura a jovem espôsa de Walon, que invocava o espírito de seu marido e enchia o ar com seus gritos dolorosos: o espetáculo do seu desespêro acabou por inflamar os soldados da cruz e foi o sinal de novos combates.

Os turcos haviam aproveitado as tréguas para obter socorros e víveres necessários. Os cristãos haviam empregado junto das muralhas um trabalho improfícuo e a cidade, depois de sete meses de cêrco, podia sustentar ainda por muito tempo a fôrça de suas armas, se a ambição e a astúcia não tivessem feito pela causa dos cruzados o que não tinham podido fazer a potência e a bravura. Bohémond, que o desejo de aumentar sua fortuna tinha levado à cruzada, procurava por tôda a parte o momento de realizar seus desejos. A fortuna de Balduino tinha despertado sua inveja e o perseguia até no sono. Êle ousou lançar suas vistas sôbre Antioquia e as circunstâncias favoreceram-no muito, pois encontrou um homem que conseguiu entregar a cidade em suas mãos. Êsse homem, que se chamava *Firous,* ainda que vários historiadores o digam, de nobre origem, era filho de um armênio, fabricante de couraças. De caráter inquieto e ativo aspirava contìnuamente a mudar de condição e de estado. Tinha abjurado à religião cristã por espírito de inconstância e com a esperança de aumentar sua fortuna; era dotado de um sangue frio admirável, e de uma ousadia a tôda prova; sempre pronto a fazer pelo dinheiro o que mal se poderia esperar do mais ardente fanatismo. Para satisfazer à sua ambição e avareza, nada lhe parecia injusto ou impossível. Como êle era ativo, hábil e insinuante, conquistara a confiança de Accio, que o admitia ao seu conselho. O Príncipe de Antio-

quia tinha-lhe confiado o comando de três das principais tôrres da praça. A princípio êle as defendeu com zêlo, mas sem vantagem para sua fortuna, cansou-se de uma fidelidade estéril, e começou a pensar que a traição lhe seria mais proveitosa.

No intervalo dos combates, êle tivera várias vêzes a ocasião de ver o Príncipe de Tarento. Numa dessas vêzes, perguntara a Bohémond, segundo o monge Roberto, qual era aquêle exército coberto de túnicas e de escudos brancos como a neve, que tinha combatido com os cristãos. Bohémond explica-lhe o misterioso auxílio da milícia celeste mas, embaraçado em responder às perguntas capciosas de Firous, êle mandou chamar seu capelão, que era clérigo e muito instruído. Bohémond e Firous compreenderam-se à primeira vista e não tardaram em confiar um no outro. Firous queixou-se dos ultrajes que havia recebido dos muçulmanos; afligia-se por ter abandonado a religião de Jesus Cristo e chorou pelas perseguições que os cristãos sofriam em Antioquia. Não era preciso mais nada para o Príncipe de Tarento conhecer os pensamentos secretos de Firous; louvou seus remorsos e seus sentimentos, fêz-lhe magníficas promessas. O renegado então, abriu plenamente seu coração. Juraram êles recìprocamente uma amizade inviolável e prometeram manter ativa correspondência. Encontraram-se depois ainda várias vêzes e sempre com o maior segrêdo. A cada entrevista Bohémond dizia a Firous que a sorte dos cruza-

dos estava em suas mãos e que tocava a êle sòmente obter-lhe grandes recompensas. Por seu lado, Firous protestava seu desejo de servir aos cruzados, que êle considerava como irmãos; para assegurar ao príncipe sua fidelidade ou para desculpar-se pela traição, êle dizia que Jesus Cristo, numa visão, lhe havia aconselhado entregar Antioquia aos cristãos. O Senhor, segundo Foulcher de Chartres, tinha aparecido várias vêzes a Firous para lhe ordenar que entregasse a praça; a última vez irritou-se e disse: "Por que não fizeste o que eu ordenei?" Firous tinha revelado esta visão ao Governador de Antioquia, que lhe respondeu: "Bruto! Queres obedecer a um fantasma?"

Bohémond não tinha necessidade de uma afirmação baseada em aparições maravilhosas. Não teve dificuldade em crer o que êle desejava com ardor, e, depois de ter combinado com Firous a respeito dos meios de executar os projetos que há tanto tempo vinham premeditando, mandou reunir os principais chefes do exército cristão. Falou-lhes dos males que até então haviam afligido os cristãos e dos ainda maiores, que os ameaçavam. Acrescentou que um poderoso exército avançava para Antioquia; que a retirada poderia ser feita sem desonra e sem perigo. Que não havia mais salvação para os cristãos a não ser na conquista da cidade. Esta, é verdade, estava defendida por muralhas inexpugnáveis; mas, todos sabem que muitas vitórias não se obtém pelas armas e nos campos de batalha; as que se conseguem pela

astúcia não são as menos importantes e as menos gloriosas. Era pois necessário seduzir os que não podiam ser vencidos e preceder os inimigos, por um empreendimento corajoso e eficaz. Entre os habitantes de Antioquia, diferentes por costumes e religião, de interêsses opostos, deveria haver dos acessíveis à sedução e a promessas tentadoras. Tratava-se de um serviço tão importante para o exército cristão que era conveniente fazerem-se tôdas as tentativas. A mesma posse de Antioquia parecia-lhe um preço muito alto, para recompensar o zêlo daquele que, mais hábil ou feliz, fizesse abrirem-se as portas da cidade, aos cruzados.

Bohémond não se explicou mais claramente; mas a ambição invejosa de alguns chefes adivinhou-o, os quais, talvez, tinham os mesmos desígnios que êle. Raimundo, principalmente repeliu com fôrça as insinuações diretas do Príncipe de Tarento. "Somos todos, disse êle, irmãos e companheiros: seria injusto depois de têrmos corrido todos o mesmo risco, um sòmente dentre nós recolher o fruto das fadigas de todos. Quanto a mim, acrescentou êle, lançando um olhar de cólera e de desprêzo a Bohémond, eu não atravessei tantos países, não corri tantos perigos, derramei meu sangue, sacrifiquei meus soldados e meus bens, para pagar com o preço de nossas conquistas um artifício grosseiro, um estratagema vergonhoso, do qual devemos deixar a idéia às mulheres." Estas palavras veementes tiveram todo o efeito que deve-

riam ter entre os guerreiros acostumados a vencer pelas armas e que só tinham por conquista o que era preço da coragem. A maior parte dos chefes rejeitou a proposta do Príncipe de Tarento e uniu sua crítica e zombaria à de Raimundo. Bohémond que a história cognominou de Ulisses dos latinos, fêz tudo o que pôde para se conter e esconder seu despeito. Saiu do conselho sorrindo, persuadido de que a necessidade levaria bem depressa os cruzados à sua opinião.

Voltando à tenda, mandou embaixadores a todos os quarteirões para espalhar as notícias mais alarmantes. Como êle havia previsto, a consternação apoderou-se dos cristãos. Alguns dos chefes do exército foram mandados para averiguar a veracidade dos boatos, espalhados pelo acampamento. Logo voltaram para dizer que Kerbogá, Príncipe de Mossoul, avançava para Antioquia com um exército de duzentos mil homens, reunidos nas margens do Eufrates e do Tigre. Êsse exército, que tinha ameaçado a cidade de Edessa e devastado a Mesopotâmia, estava apenas a sete dias de marcha. Ante essa notícia, o temor se reduplica entre os cruzados. Bohémond percorre as fileiras, exagera o perigo; aparenta mais tristeza e espanto do que todos os outros; mas no fundo do coração está tranqüilo, e sorri à idéia de ver bem depressa suas esperanças realizadas. Os chefes reunem-se de novo para deliberar sôbre as medidas que deverão tomar naquela contingência, tão perigosa. Duas opiniões surgem no conselho: uns querem

que se levante o cêrco e se marche contra o inimigo; outros, que se divida o exército em dois corpos, e que uma parte marche contra Kerbogá e a outra fique de guarda no acampamento. Esta última opinião pareceu prevalecer, mas Bohémond pede a palavra. Não tem dificuldade em fazer ver os inconvenientes dos projetos apresentados. Se se levantasse o cêrco, encontrar-se-iam entre a guarnição de Antioquia e um exército formidável; se se continuasse o cêrco da cidade e a metade sòmente do exército fôsse contra Kerbogá, teriam que sofrer uma dupla derrota. "Os maiores perigos, acrescentou o Príncipe de Tarento, nos rodeiam. O tempo urge; amanhã talvez não haverá mais tempo de agir; amanhã teremos perdido todo o fruto de nossos trabalhos e de nossas vitórias. Não! Não posso pensá-lo! Deus que até aqui nos trouxe pela mão, não permitirá que tenhamos combatido em vão, pela Sua causa; Êle quer salvar o exército cristão, Êle nos quer levar até o túmulo de seu Filho. Se aceitardes a proposta que vos vou fazer, amanhã o estandarte da cruz estará flutuando sôbre os muros de Antioquia e marcharemos triunfantes para Jerusalém."

Dizendo estas palavras, Bohémond mostrou as cartas de Firous que prometia entregar as três tôrres que êle comandava. Firous declarava-se pronto a cumprir sua promessa, mas só queria tratar com o príncipe de Tarento. Exigia como prêmio de seus serviços, que Bohémond fôsse o senhor de Antioquia.

O príncipe italiano acrescentou que já tinha dado somas consideráveis a Firous, que sòmente êle tinha conseguido sua confiança, e que uma confiança recíproca, era a maior garantia do feliz êxito numa emprêsa tão difícil. "De resto, continuou êle, se encontrarem um meio melhor para se salvar o exército, estou pronto a aprová-lo e renunciarei de boa vontade à partilha de uma conquista de que depende a salvação de todos os cruzados."

O perigo tornava-se cada dia mais grave; era vergonhoso fugir, imprudente, combater, perigoso, contemporizar. O temor fêz calarem-se todos os interêsses da rivalidade. Mais os chefes antes haviam mostrado oposição ao projeto de Bohémond, mais encontravam agora razões para aceitá-lo. Uma conquista dividida não era mais uma conquista. A divisão de Antioquia poderia além disso fazer nascer uma multidão de divisões no exército e levá-lo à derrota. Só se dava o que se tinha ainda; dava-se para garantir a cidadãos cristãos. Era preferível deixar um só aproveitar do esfôrço de todos, do que perecerem todos para se opor à fortuna de um só. Ademais, a tomada de Antioquia não era o fim da cruzada; haviam tomado as armas sòmente para libertar Jerusalém; tôda demora era contrária ao que a religião esperava de seus soldados, ao que o Ocidente esperava dos seus mais bravos cavaleiros. Todos os chefes, exceto o inflexível Raimundo, reuniram-se pará conceder a Bohémond o principado

de Antioquia e rogaram-no que apressasse a execução do seu projeto.

Apenas terminada a reunião, o príncipe de Tarento mandou avisar Firous, o qual lhe manda o próprio filho como refém. A execução da trama fica marcada para o dia seguinte. Para conservar os turcos na mais perfeita tranqüilidade, decide-se que o exército cristão deixe o acampamento e marche na direção de onde deve chegar o Príncipe de Mossoul, e, à noite, reunia-se perto dos muros de Antioquia. No dia seguinte, ao raiar do dia, as tropas recebem ordem de preparar-se para a partida. Saem do acampamento um pouco antes da noite; soam as trombetas e os estandartes são desfraldados. Depois de alguns momentos de marcha regressam e entram em silêncio em Antioquia. Ao sinal do Príncipe de Tarento, detêm-se num vale ao Ocidente, perto da tôrre das Três Irmãs, onde estava Firous. Foi ali que se declarou ao exército cristão o segrêdo da grande emprêsa que lhes devia abrir as portas da cidade.

No entretanto, os projetos de Firous e de Bohémond estiveram a ponto de não se realizar. No momento em que o exército cristão havia deixado seu acampamento e tudo se preparava para a execução do plano, a notícia da traição espalhou-se por tôda Antioquia. Desconfiaram dos cristãos e dos novos muçulmanos; falava-se em Firous; acusavam-no à surdina de manter relações secretas com os cruzados. Êle foi obrigado a comparecer à presença de Accio,

que o interrogou e fixou sôbre êle seus olhos penetrantes para adivinhar-lhe os pensamentos; mas Firous dissipou-lhe tôdas as suspeitas com seu prodecer; propôs medidas contra os traidores e aconselhou seu senhor a mudar os comandantes da tôrres principais. Êsse projeto foi aplaudido e aprovado. Accio deliberou segui-lo no dia seguinte. Ao mesmo tempo, ordens foram dadas para pôr a ferros e matar mesmo, nas trevas da noite, os cristãos que estivessem na cidade. O renegado foi em seguida mandado ao seu pôsto, cumulado de elogios, por sua fidelidade e honestidade. Em chegando a noite tudo parecia tranqüilo em Antioquia, e Firous, tendo escapado ao maior perigo, esperava os cruzados na tôrre que êle lhes devia entregar.

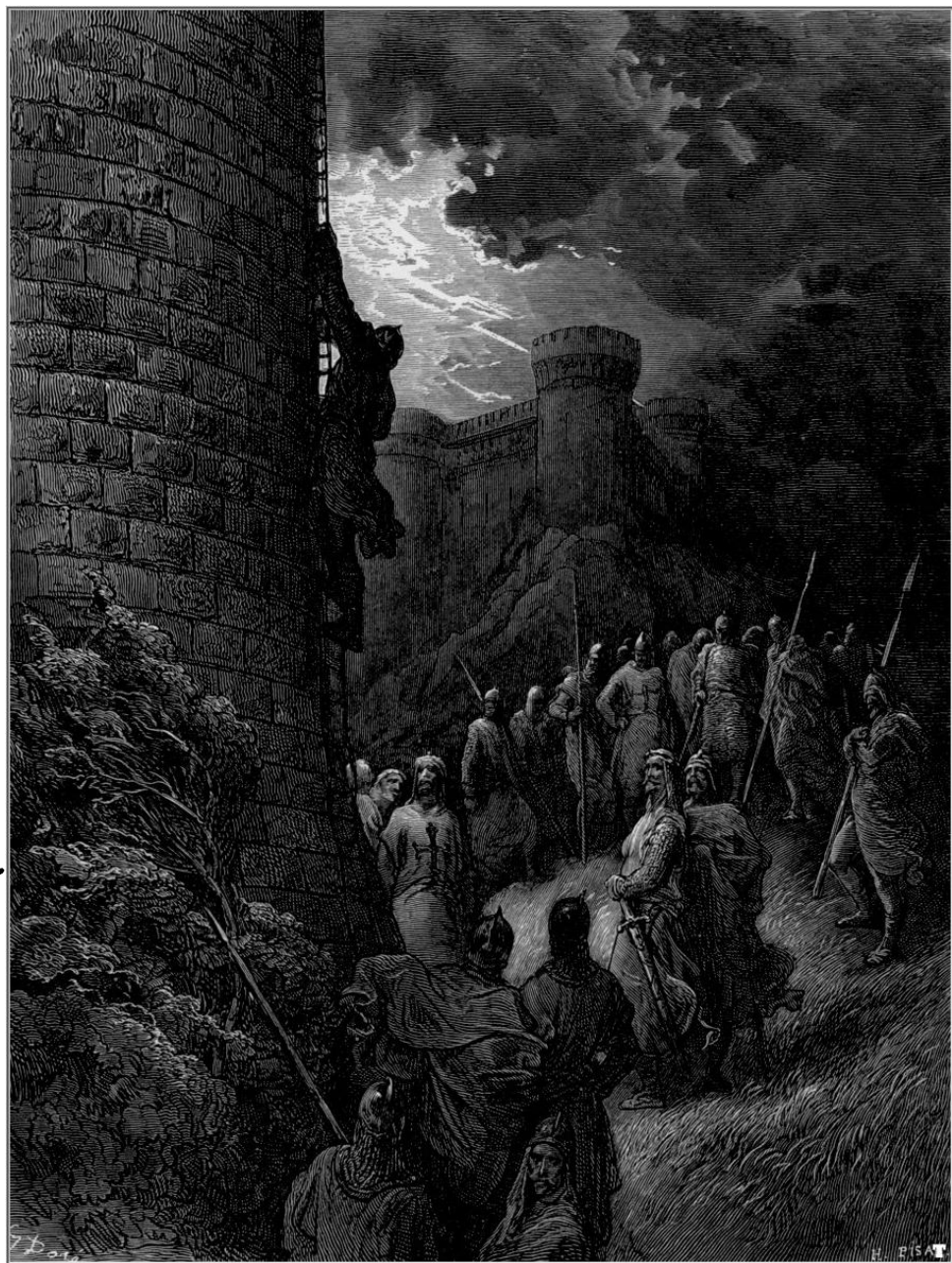
Seu irmão comandava a tôrre vizinha à sua; êle foi falar-lhe e procurou trazê-lo à conjuração. "Meu irmão, disse-lhe, bem sabeis que os cruzados deixaram o acampamento e que êles prosseguem na marcha contra o exército de Kerbogá. Quando penso nas misérias que êles sofreram e na morte que os ameaça, não posso deixar de sentir uma espécie de piedade. Vós também sabeis que esta mesma noite os cristãos que moram em Antioquia, depois de sofrer tôda espécie de ultraje, serão massacrados por ordem de Accio. Não posso deixar de lamentá-los; não posso me esquecer de que nascemos na mesma religião e que outrora fomos seus irmãos." Estas palavras de Firous não produziram o efeito que êle delas espe-

rava. "Muito me admiro, respondeu-lhe o irmão, vendo-vos lastimar homens que para nós devem ser objeto de horror. Antes de os cruzados chegarem a Antioquia, nós possuíamos tudo. Desde que êles começaram a sitiar a cidade, passamos a vida no meio dos perigos, de sustos e de alarmas. Possam os males que êles atraíram sôbre nós recair sôbre êles mesmos! Quanto aos cristãos que moram entre nós, ignorais que a maior parte dêles são traidores e que só pensam em nos entregar ao ferro de nossos inimigos?" Dizendo estas palavras, lançou sôbre Firous um olhar ameaçador. O renegado vê que êle havia suspeitado; não reconhece mais como irmão aquêle que se recusa ser seu cúmplice e como resposta, crava-lhe o punhal no coração.

Chegam por fim ao momento decisivo. A noite está escura. Uma tempestade que desabara aumentava ainda o negror das trevas; o vento levantava os telhados, os trovões e raios, não permitiam às sentinelas escutar rumor algum, junto às muralhas. O céu parecia incendiado do lado do ocidente e a vista de um cometa que então surgiu no horizonte, parecia anunciar ao espírito supersticioso dos cruzados os momentos marcados para a ruína e a destruição dos infiéis.

Êles esperavam o sinal, com impaciência. A guarnição de Antioquia estava tôda adormecida. Firous, sòmente, velava e meditava na conjuração. Um lombardo, de nome *Payen*, mandado por Bohé-

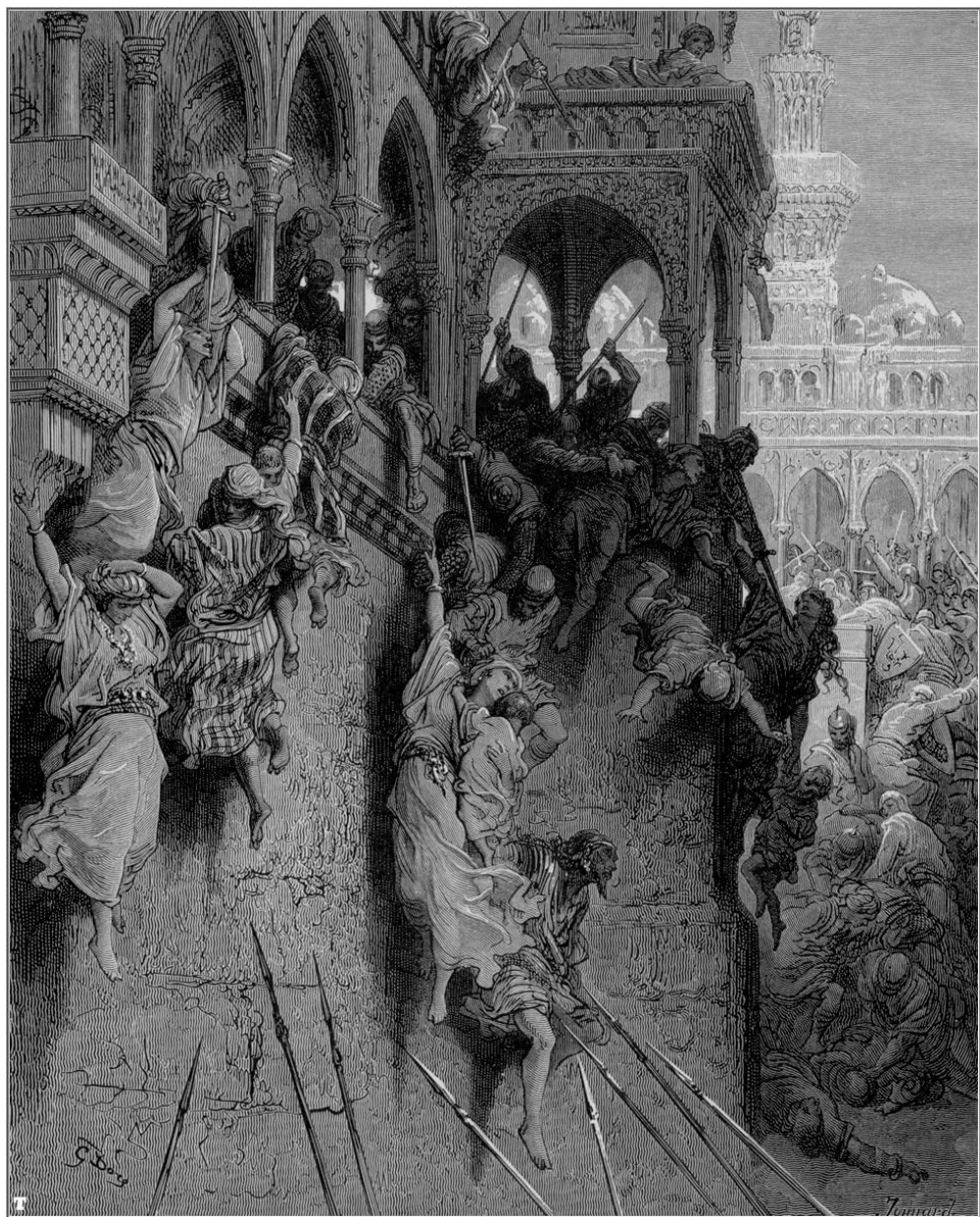
mond, sobe à tôrre por uma escada de couro. Firous recebe-o, diz-lhe que tudo está preparado e para lhe dar uma prova da sua fidelidade, mostra-lhe o cadáver do irmão que êle acabava de assassinar. No momento em que êle estava para realizar a traição, um oficial da guarnição veio visitar os postos; êle se apresentou com uma lanterna diante da tôrre de Firous. Êste, sem demonstrar a menor perturbação, escondeu o emissário de Bohémond e recebeu o oficial. Foi elogiado pela sua vigilância e o oficial procurou retirar-se enquanto êle também despedia Payen com instruções para o Príncipe de Tarento. O lombardo voltou para o exército cristão onde narrou o que tinha visto e rogou a Bohémond, da parte de Firous, que não perdesse um momento para agir.

Mas, de repente o temor apoderou-se dos soldados: no momento da execução do plano, êles viram tôda a extensão do perigo. Nenhum dêles se apresentou para escalar a muralha. Em vão Godofredo, em vão o Príncipe de Tarento empregam promessas e ameaças: os chefes e os soldados ficam insensíveis. Bohémond sobe êle por primeiro a escada de couro, na esperança de que será seguido pelos mais bravos: mas ninguém o segue: êle chega sòzinho à tôrre de Firous, que o censura pela demora. Bohémond torna a descer apressadamente para seus soldados, aos quais repete que tudo está pronto para recebê-los. Suas palavras e principalmente seu exemplo reanimam, por fim, a coragem. Sessenta cruzados apresentam-se

Bohémundo sobe, por primeiro, pela escada de couro.

para a escalada. Sobem pela escada de couro, encorajados por um cavaleiro de nome Covel, que o historiador de Tancredo compara a uma águia levando seus filhotes e voando-lhes adiante. Entre êsses sessenta bravos, estão o Conde de Flandres e vários dos principais chefes. Logo sessenta outros cruzados apresentam-se e seguem os primeiros; outros seguem a êstes, que começam a subir em grande número e com tanta precipitação que as ameias onde está prêsa a escada se rompe e cai, com a escada, causando grande estrondo, no fôsso. Os que já estavam no alto das muralhas, tornam a cair sôbre as lanças e espadas dos companheiros: a desordem, a confusão reinam entre os cristãos. No entretanto os chefes da trama tudo vêem com tranqüilidade. Firous, sôbre o corpo sangrento de seu irmão, abraça seus novos companheiros; apresenta aos seus golpes outro irmão que também comandava a tôrre próxima e entrega-lhes assim as três tôrres confiadas ao seu comando. Sete outras tôrres são logo tomadas. Firous chama então em seu auxílio todo o exército cristão; prende às muralhas uma nova escada, pela qual sobem os mais impacientes; indica aos outros uma porta que êles derrubam e pela qual penetram em massa na cidade.

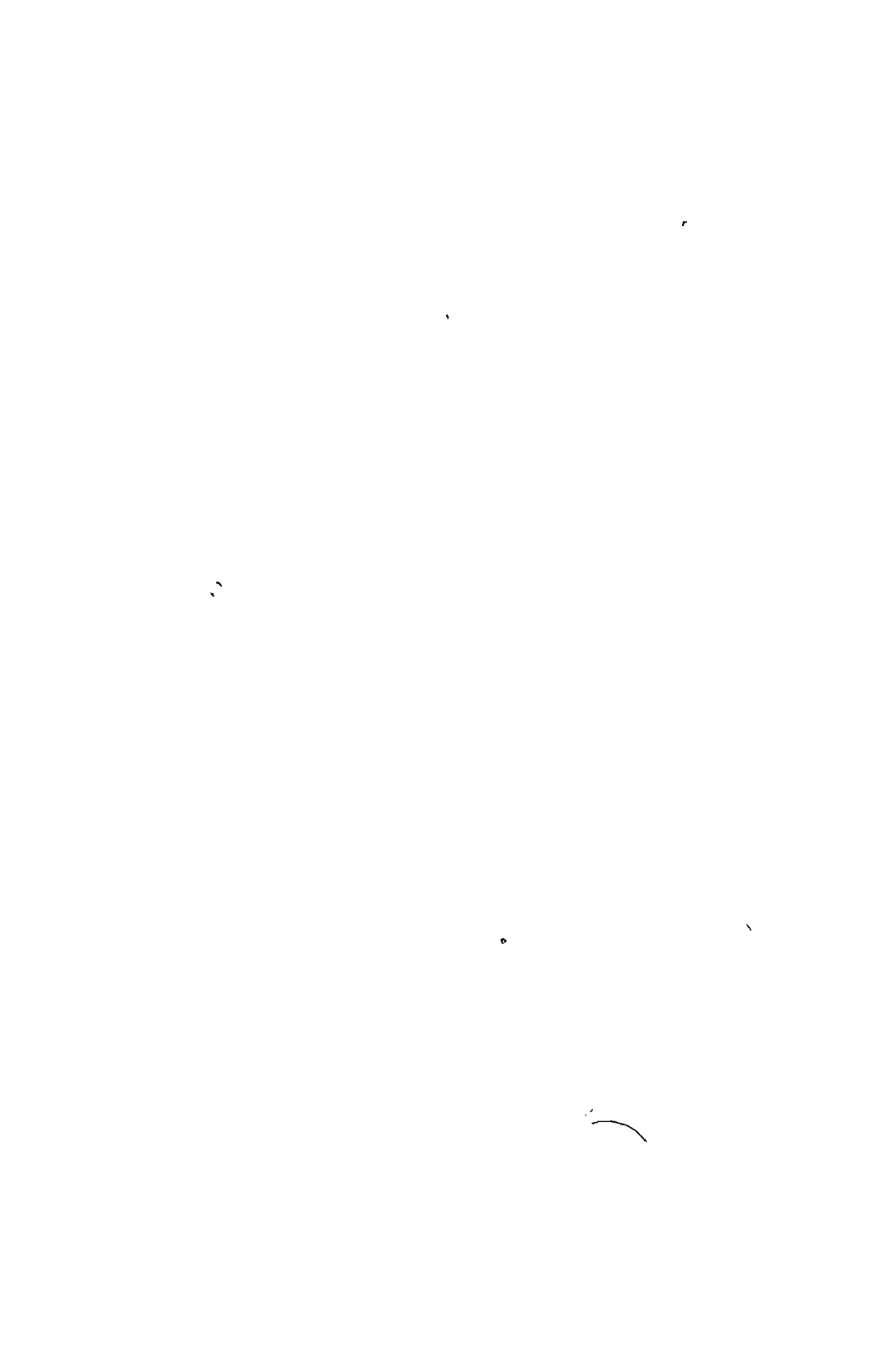
Godofredo, Raimundo, o Conde de Normandia estão nas ruas de Antioquia à frente de seus batalhões. Fazem tocar tôdas as trombetas e nas suas quatro colinas a cidade reboa com o grito terrível: *Deus o quer! Deus o quer!* À primeira notícia dêsse

ataque tumultuoso os cristãos que moravam em Antioquia julgam que chegou sua última hora e que os muçulmanos vêm para degolá-los. Êstes, ainda semi-adormecidos, saem de suas casas para indagar da causa do barulho que estão ouvindo e morrem sem saber quem são os traidores e que mão os feriu. Alguns, avisados do perigo, fogem para as montanhas onde se elevava a cidadela; outros precipitam-se para as portas da cidade; todos os que não podem fugir caem sob os golpes do vencedor.

No meio dessa sanguinolenta vitória, Bohémond não deixou de tomar posse de Antioquia e quando raiou o dia, viram sua bandeira vermelha sôbre uma das mais altas tôrres da cidade. Ante êsse espetáculo, os cruzados que tinham ficado de guarda no acampamento chegam apressadamente à praça conquistada e misturam-se nas cenas da matança. A maior parte dos cristãos, que moravam em Antioquia e que, durante o cêrco tinha sofrido muito com a tirania dos infiéis, reuniu-se aos seus libertadores; muitos mostravam os ferros de que viviam carregados; êsses castigos aumentavam ainda mais o furor dos vencedores. As praças públicas estavam cheias de cadáveres. O sangue corria como rio pelas ruas. Entram nas casas; sinais religiosos indicam as casas dos cristãos, hinos sacros dão a conhecer os irmãos. Tudo o que não está marcado com uma cruz é objeto de seu furor; todos os que não proferem o nome de Cristo são massacrados sem misericórdia.

Massacre de Antioquia.

Numa só noite Antioquia vira perecer mais de dez mil de seus habitantes. Muitos dos que haviam fugido para os campos vizinhos, foram perseguidos e reconduzidos para a cidade, onde os esperava a escravidão ou a morte. Nos primeiros momentos de desordem Accio, vendo que tinha sido atraiçoado e não ousando confiar em nenhum dos seus oficiais, havia deliberado fugir para a Mesopotâmia e apresentar-se ao exército de Kerbogá. Saindo por uma porta secreta, êle caminhava, sem escolta, pelas montanhas e florestas, quando foi encontrado por lenhadores armênios. Êles reconheceram o Príncipe de Antioquia e como êle estava sem séquito, trazendo no rosto sinais de abatimento e de dor, julgaram que a cidade tinha sido tomada. Um dentre êles aproximou-se, arrancou-lhe a espada e a fincou no ventre. Sua cabeça foi levada aos novos senhores de Antioquia e Firous pôde contemplar sem mêdo a fisionomia daquele que no dia anterior poderia tê-lo mandado para a morte. Depois de ter recebido grandes riquezas como preço de sua traição, o renegado tornou a abraçar o cristianismo que havia abandonado e seguiu os cruzados a Jerusalém. Dois anos mais tarde como sua ambição não estava ainda satisfeita, voltou à religião de Maomé e morreu desprezado pelos muçulmanos e pelos cristãos, dos quais havia abraçado e traído a causa.

Quando os cristãos se cansaram da matança, dispuseram-se a atacar a fortaleza de Antioquia, mas

esta era inexpugnável e todos seus esforços foram inúteis. Contentaram-se de a rodear de soldados e de máquinas para conter-lhe a guarnição; desceram à cidade onde se entregaram à embriaguez que lhes inspirava a vitória.

Continuação do

LIVRO TERCEIRO

Kerbogá, Príncipe de Mossoul, vem atacar os cruzados em Antioquia; carestia, deserção; Alexis Comeno chega a Filomélio e suspende a marcha; uma parte dos arrabaldes é entregue às chamas; desânimo dos cruzados; uma piedosa fraude ergue-lhes a coragem; Pedro, o Eremita, vai ter com Kerbogá; ataque geral; vitória milagrosa; embaixada enviada ao imperador grego; o exército permanece em Antioquia; grande epidemia; o emir de Hazart propõe uma aliança; tomada de Marrah; pretensões de Raimundo; os egípcios expulsam os turcos de Jerusalém; partida de Antioquia; chegada em Laodicéia; embuste de Bohémond; cêrco de Archas; política do califa do Cairo; preparativos de partida para a terra santa.

A cidade de Antioquia tinha caído em poder dos cruzados nos primeiros dias de junho do ano de 1098. O cêrco tinha começado no mês de outubro do ano precedente. Depois da conquista, os soldados cristãos passaram vários dias em festas; Raimundo d'Agiles narra que os cavaleiros e os barões deram banquetes esplêndidos nos quais havia *dançarinas dos pagãos*. Esqueciam-se assim do Deus que os havia cumulado de benefícios. Mas bem depressa o terror e o luto sucederam à alegria; um formidável exército de muçulmanos aproximava-se de Antioquia. Desde os primeiros tempos do cêrco Accio e os príncipes da vizinhança que os cristãos tinham despojado de seus estados, tinham-se dirigido a todos os poderes muçulmanos para obter socorro contra os guerreiros do Ocidente. O chefe supremo dos seldjúcidas, o sultão da Pérsia, tinham prometido ajudá-los. À sua voz, todo o Korassan, diz Mateus de Edessa, a Média, Babilônia, uma parte da Ásia Menor e todo o país desde Damasco e a costa marítima até Jerusalém e a Arábia, se tinham movimentado para atacar os cristãos. Kerbogá, príncipe de Mossoul, comandava o exército dos muçulmanos. Êsse guerreiro combatia há muito tempo, ora para o sultão da Pérsia,

(Barbiarok) ora para os outros príncipes da família de Maleck-Schah, que disputavam o império. Muitas vêzes derrotado, duas vêzes prisioneiro, tinha envelhecido no tumulto das guerras civis. Cheio de desprêzo pelos cristãos e de confiança em si mesmo, verdadeiro modêlo daquele feroz Circassiano celebrado por Tasso, êle já se considerava como libertador da Ásia e atravessava a Mesopotâmia com o aparato de um triunfador. Os príncipes de Alepo, de Damasco, o governador de Jerusalém e vinte e oito emires da Pérsia, da Palestina e da Síria, marchavam após êle. Os soldados muçulmanos eram animados pela sêde de vingança e juravam pelo seu profeta exterminar todos os cristãos.

No terceiro dia depois da tomada de Antioquia, os cristãos perceberam, do alto das muralhas vizinhas da cidadela, cavaleiros muçulmanos atravessando a planície e avançando para a cidade. Um dos mais bravos cavaleiros do exército, Roger de Barneville, saiu das muralhas para lhes dar combate, mas logo seus companheiros trouxeram para a praça seu corpo mutilado ao qual os muçulmanos haviam cortado a cabeça. Todo o povo cristão acompanhou ao túmulo o que se havia podido salvar dos restos dêsse generoso guerreiro mártir. Os mais sensatos, cheios de sombrios pressentimentos, começaram a invejar a sorte dos guerreiros que a espada dos combates havia ceifado. Não demorou muito e viram tremular ao longe inúmeras bandeiras do exército muçulmano: Em vão

Godofredo, Tancredo, o Conde de Flandres, apressaram-se em se revestir de suas armaduras para enfrentar aquela multidão de inimigos; muitos dos seus guerreiros perderam a vida no combate e sua volta precipitada à cidade, espalhou a consternação entre os peregrinos. Foi então que os novos senhores de Antioquia, com falta de provisões e não tendo recursos para sustentar um longo cêrco viram todos os perigos que os ameaçavam; os cruzados tinham que se defender contra um inimigo que ocupava perto dêles uma posição formidável, a cidadela, e contra o exército de Kerbogá, cujas tendas cobriram ràpidamente o flanco oriental das montanhas e as margens do Oronte. Não falaremos dos numerosos combates nos quais os soldados da cruz mostraram sua costumada bravura; os cruzados, no entretanto pareciam não ter mais a mesma confiança em suas armas, pois não tiveram vontade de travar uma batalha geral e decisiva, único meio de prevenir os males que estavam prestes a desabar sôbre uma cidade rodeada de inimigos e cuja população nova não tinha esperança alguma de ser socorrida com víveres nem auxiliada.

Logo começou-se a sentir a carestia: os cruzados, no meio das riquezas conquistadas aos inimigos, foram condenados a sofrer tôda espécie de miséria. Durante os primeiros dias os peregrinos, desafiando todos os perigos, iam à noite ao pôrto de São Simeão e traziam provisões que revendiam em Antioquia. Mas foram apanhados e massacrados pelos turcos;

os navios que chegavam à embocadura do Oronte apressavam-se em zarpar para se afastar das costas da Síria. Os cruzados então, encerrados na cidade que acabavam de conquistar, tiveram que lastimar o tempo, quando, êles mesmos sitiavam a praça e apertados pela carestia iam procurar longe, as provisões e quando por vêzes a vitória vinha diminuir o pêso de seus males e dava-lhes uma fartura passageira.

Os cronistas narram com pesar a carestia que assolou o povo cristão; o que, porém, parece sobretudo enchê-los de surprêsa e de terror, é a enorme soma de dinheiro que se devia dar por um pão, por um ôvo, por algumas favas, pela cabeça de uma cabra magra, ou pela coxa de um camelo. Um dêles afirma que se narram a respeito das misérias de Antioquia, coisas que fazem fremir a mesma natureza e êle mesmo parece tão assustado que não ousa revelá-las aos seus leitores. Primeiro, os cruzados mataram os animais de carga; os guerreiros, depois, mataram seus cavalos de batalha, companheiros de todos os perigos. O infeliz povo cozinhava a pele dêsses animais e temperava com pimenta e outras especiarias, encontradas no saque da cidade. Os soldados comiam o couro de seus escudos ou de seus sapatos, amolecidos na água quente. Quando êstes últimos recursos começaram a faltar, a miséria tornou-se ainda mais espantosa. Cada dia, uma multidão ávida corria à porta daqueles que ainda tinham víveres e todos os dias, aquêles de quem na véspera

se implorara a caridade, viam-se reduzidos a implorá-la também dos outros. Os soldados e os chefes, os pobres e os ricos, tôdas as classes, tôdas as condições confundiam-se na mesma calamidade; por fim o flagelo dessa horrível carestia tornou-se tão geral, que se viram príncipes e barões, possuidores na Europa de grandes cidades e vastos domínios, sofrer com todo o povo o tormento da fome e mendigar de porta em porta um alimento grosseiro, restos nojentos e desprezíveis, tudo o que podia servir para prolongar por um dia ou por uma hora a sua miserável existência.

Muitos cruzados tentaram deixar uma cidade que só lhes apresentava a imagem e a perspectiva da morte: uns fugiram para o mar, através de mil perigos; outros iam lançar-se entre os muçulmanos, onde compravam um pouco de pão, renegando a Jesus Cristo e à religião. Os soldados perderam a coragem vendo fugir pela segunda vez o Visconde de Melun que tantas vêzes enfrentara a morte nos campos de batalha, mas que não pôde suportar a fome. Os desertores escapavam durante as trevas da noite. Ora precipitavam-se aos fossos da cidade, com risco de morrer; ora desciam, com auxílio de uma corda, ao longo das muralhas. Todos os dias os cristãos viam-se abandonados por um grande número de companheiros; os desertores aumentavam o desespêro. O céu foi invocado contra os fracos; pediu-se a Deus que êles tivessem na outra vida a mesma sorte do traidor Judas. O epíteto ignominioso de *dançarinos da corda*

desonrou-lhes o nome e os votou ao desprêzo de seus contemporâneos. Guilherme de Tiro recusa-se nomear a multidão de cavaleiros que então desertaram da causa de Jesus Cristo, porque os considera como riscados para sempre do livro da vida. Os rogos dos cristãos, contra os que fugiam dos estandartes da cruz foram muito ouvidos; a maior parte pereceu na miséria, outros foram mortos pelos muçulmanos.

Enquanto os cruzados, atormentados pela fome e pelos turcos pareciam ter perdido tôda esperança de salvação, o Imperador Alexis atravessou a Ásia Menor com um exército e avançou para Antioquia. Os rumores vagos das notícias tinham a princípio anunciado as misérias que os cruzados sofriam e logo o Conde de Blois, que tinha deixado o exército cristão e voltava para o Ocidente, apresentando-se na tenda do imperador, narrou-lhe com côres fôscas a situação desesperada dos peregrinos. Os latinos que seguiam o exército dos gregos, não podiam crer em notícias tão alarmantes e perguntavam a si mesmos porque o verdadeiro Deus tinha permitido a ruína do seu povo. Entre os que se desolavam estava principalmente Guy, irmão de Bohémond. Êsse jovem guerreiro feria o rosto, rolava na lama e, entregando-se a todo excesso de desespêro, não entendia os mistérios da Providência, que assim afastava seus olhos de uma guerra empreendida em seu nome. "Oh! Deus! exclamava êle, onde está o vosso poder? Se sois ainda o Deus Todo-Poderoso, que é da vossa

justiça? Não somos vossos filhos? Não somos vossos soldados? Qual o pai de família, qual o rei que deixa perecer os seus, quando os pode salvar? Se deixais abandonados à própria sorte os que combatem por vós, quem de ora em diante ousará colocar-se sob vossas bandeiras?" Em seu desespêro completamente cego, todos os cruzados repetiam estas palavras ímpias. Tal o desânimo e a loucura em que estavam mergulhados, que, segundo as palavras dos historiadores contemporâneos, tôdas as cerimônias da religião foram interrompidas e nenhum padre latino, nenhum leigo pronunciou durante vários dias o nome de Jesus Cristo.

O Imperador Alexis, que tinha avançado até Filomélio, espantado com tudo o que tinha ouvido, resolveu suspender a marcha. Essa resolução e os motivos que as tinham ditado espalharam o terror em tôdas as províncias cristãs. Julgava-se ver chegarem os turcos, vencedores dos cruzados; os súditos de Alexis devastaram êles mesmos seu próprio território para que o inimigo, prestes a invadi-lo, só encontrasse uma região abandonada e coberta de ruínas. As mulheres, as crianças, tôdas as famílias cristãs, levando seus bens seguiram o exército do imperador, que retomou o caminho de Constantinopla. Naquele exército só se ouviam queixas, gemidos; mas os latinos mostravam maior pena. Acusavam o Conde de Blois de ter desertado do estandarte de Jesus Cristo e enganado o imperador; acusavam-se reciprocamente

de não ter precedido o exército dos gregos e de não ter chegado bastante cedo à Ásia, para se associarem aos perigos dos cruzados e morrer com êles em Antioquia.

No entretanto a carestia estendia suas desgraças por tôda a cidade sitiada. Todos os dias aumentava o desespêro dos peregrinos; seus braços debilitados mal podiam suportar a lança e a espada. No meio dessa espantosa miséria, a princípio só se viam lágrimas, só se ouviam lamentações, mas então, os choros e os gemidos tinham cessado; o silêncio era tão grande em Antioquia, como se a cidade tivesse sido sepultada numa profunda noite, ou não houvesse mais ninguém; dir-se-ia que os cruzados não sentiam mais as calamidades ou que não tinham mais necessidade de nada, tanto se quedavam imóveis, aniquilados, numa môrna indiferença. O último sentimento da natureza, o amor à vida, extinguia-se todos os dias, em seus corações. Raimundo d'Agiles diz que o irmão não olhava mais para seu irmão e que o filho não saudava mais seu pai. Os cruzados temiam encontrar-se numa praça pública e encerravam-se no interior das casas, que consideravam como seus túmulos.

As defesas da cidade eram cada dia mais ameaçadas. Os muçulmanos se haviam introduzido numa tôrre deserta; a guarnição da cidadela, que, por uma porta aberta do lado do Oriente recebia contìnuamente reforços do exército de Kerbogá, passava freqüente-

mente os fossos e as muralhas opostas aos seus ataques e levava a matança até às ruas habitadas por cristãos. Essas provocações do inimigo, a presença do perigo, os gritos dos feridos, o tumulto da guerra, nada despertava a atividade e a bravura dos cruzados, em sua maior parte. Bohémond que tinha assumido o comando da cidade, tentava inùtilmente reanimar-lhes a coragem; em vão as trombetas e os comandantes chamavam-nos à luta; para tirá-los de seus esconderijos, o Príncipe de Tarento tomou a resolução de mandar incendiar vários quarteirões de Antioquia. Raul de Caen deplora em versos pomposos o incêndio e a ruína das igrejas e dos palácios *construídos com cedros do Líbano* e nos quais brilhavam o *mármore vindo de Atlas, o cristal de Tiro, o bronze de Chipre, o chumbo de Amathonte e o ferro da Inglaterra.* Os barões que não eram mais obedecidos por seus soldados não tinham também mais a fôrça de lhes dar o exemplo. Lembravam então o castelo, a família, os bens que tinham deixado por uma emprêsa infeliz e não podiam compreender os reveses da guerra cristã e o triunfo dos inimigos de Jesus Cristo e pouco faltou, diz Guilherme de Tiro, que não acusassem o mesmo Deus de ingratidão, por ter desprezado tantos sacrifícios feitos para a glória do seu nome.

Aboulféda e Mateus de Edessa narram que os chefes propuseram a Kerbogá entregar-lhe a cidade com a única condição de que êle permitisse aos cristãos voltar ao seu país, com sua bagagem. Como

o general turco rejeitasse sua proposta, muitos, levados pelo desespêro tomaram a resolução de abandonar o exército e fugir de noite para as bandas do mar e só não o fizeram, ante as exortações de Godofredo e do Bispo Ademar, que lhes mostraram a vergonha de que se iriam cobrir, aos olhos da Europa e da Ásia.

O feroz Kerbogá apertava todos os dias o cêrco da cidade e parecia certo da vitória: considerava os cristãos como outras tantas vítimas devotadas à espada dos muçulmanos. Alguns prisioneiros cristãos levados pela fome e quase nus foram-lhe apresentados e êle ainda os insultou e zombou dêles; mandou-os com as armas cobertas de ferrugem ao califa de Bagdad para lhe mostrar que miseráveis inimigos os muçulmanos tinham de combater. Em tôdas as cidades muçulmanas da Síria contavam-se com alegria as misérias dos cristãos, anunciavam-se a ruína e a destruição próxima de todo o exército cristão; mas os infiéis e Kerbogá mesmo, não sabiam que a salvação dos cristãos poderia vir do mesmo excesso do seu desespêro e que aquêle entusiasmo crédulo, aquêle espírito de exaltação que os havia levado à Ásia e os tinha feito até então vencer todos os obstáculos, deveriam defendê-los ainda contra novos perigos e socorrê-los eficazmente nas calamidades do momento.

Todos os dias narravam-se no exército cristão, revelações, profecias e milagres. Santo Ambrósio tinha aparecido a um venerável sacerdote e lhe havia dito que os cristãos depois de terem derrotado todos os

seus inimigos entrariam vencedores em Jerusalém, onde Deus recompensaria seus feitos e suas penas. Um eclesiástico lombardo, tendo passado a noite numa igreja de Antioquia, tinha visto Jesus Cristo acompanhado pela Virgem e pelo Príncipe dos Apóstolos. O Filho de Deus, irritado com o proceder dos cruzados, rejeitava suas orações e os abandonava à sua sorte, que êles bem haviam merecido. Mas a Virgem caíra de joelhos diante de seu Filho; suas lágrimas e seus gemidos tinham aplacado a ira do Salvador: "Levanta-te, dissera o Filho de Deus ao sacerdote lombardo, vai dizer ao meu povo, da volta de minha misericórdia; corre, anuncia aos cristãos que, se se voltarem para mim, o dia de sua salvação terá chegado."

Os que Deus assim tinha escolhido, para depositários de seus segredos e de suas vontades, ofereciam, a fim de atestar a verdade de suas visões, para se precipitar do alto de uma tôrre, de passar através das chamas e de entregar suas cabeças aos carrascos; mas essas provas não eram necessárias para persuadir os cruzados, sempre prontos a crer em prodígios e feitos e mais crédulos ainda no momento do perigo e no excesso de seus males. A imaginação dos chefes e dos soldados foi bem depressa arrastada pelas promessas que lhes eram feitas em nome do céu. A esperança de um futuro melhor começou a reanimar-lhes a coragem. Tancredo, como leal e bravo cavaleiro, jurou que, enquanto lhe restassem sessenta com-

panheiros, êle não abandonaria o projeto de libertar Jerusalém. Godofredo, Hugo, Raimundo, os dois Robertos, fizeram o mesmo juramento. Todo o exército, a exemplo de seus chefes, prometeu combater e sofrer até o dia marcado para a libertação dos santos lugares.

No meio dêsse entusiasmo que renascia, dois desertores apresentaram-se ao exército cristão e contaram que, quando procuravam fugir de Antioquia, tinham sido presos, um por seu irmão, morto num combate e o outro pelo mesmo Jesus Cristo. O Salvador dos homens tinha prometido libertar Antioquia. O guerreiro que caíra sob o ferro dos infiéis tinha jurado sair de seu túmulo, com todos seus companheiros mortos como êle, para combater com os cristãos.

A fim de cumprir tôdas as promessas do céu, um padre da diocese de Marselha, chamado Pedro Barthelémy, veio revelar ao conselho dos chefes, uma aparição de Santo André, que se havia repetido três vêzes, durante seu sono. O Santo Apóstolo lhe havia dito: "Vai à Igreja de meu irmão Pedro, em Antioquia. Perto do altar-mór encontrarás, cavando a terra, o ferro da lança que feriu o lado de nosso Redentor. Em três dias, êsse instrumento da salvação eterna, será revelado aos seus discípulos. Êsse ferro místico, levado à frente do exército, realizará a salvação dos cristãos e atravessará o coração dos infiéis."

Ademar, Raimundo e os outros chefes dos cruzados, acreditaram ou fingiram acreditar nessa reve-

lação. A notícia espalhou-se bem depressa em todo o exército. Os soldados diziam entre si que nada era impossível ao Deus dos cristãos; além disso êles acreditavam que a glória de Jesus Cristo interessava também à sua salvação, e que Deus devia fazer milagres para salvar seus discípulos e seus defensores. Durante três dias o exército cristão preparou-se pelo jejum, para a descoberta da santa lança.

Na manhã do terceiro dia, doze cruzados escolhidos entre os mais respeitáveis do clero e dos cavaleiros dirigiram-se ao lugar indicado por Barthelémy, com um grande número de operários, munidos dos instrumentos necessários. Começaram a cavar a terra junto do altar-mor. Grande silêncio reinava na Igreja; a cada instante julgava-se ver brilhar o ferro milagroso. Todo o exército reunido à porta, que se havia tido o cuidado de fechar, esperava com impaciência o resultado das escavações. Os trabalhadores, depois de várias horas, tinham cavado a terra, a mais de doze pés de profundidade, sem que a lança aparecesse. Ficaram até à noite sem nada encontrar. A impaciência dos cristãos aumentava sempre mais. No meio da escuridão da noite, fizeram uma nova tentativa. Enquanto as doze testemunhas põem-se em oração à beira da escavação, Barthelémy nela se precipita e volta, algum tempo depois tendo o sagrado ferro nas mãos. Um grito de alegria eleva-se entre os assistentes; o exército repete-o, à porta da igreja e bem depressa êle percorre todos os quarteirões da

cidade. A lança, à qual estão unidas tôdas as esperanças, é levada em triunfo aos cruzados: parece-lhes uma arma celeste com a qual Deus mesmo deverá dispersar seus inimigos. Todos exultam. Não se duvida mais da proteção do céu. O entusiasmo dá nova vida ao exército cristão e restitui a fôrça e o vigor aos cruzados. Esquecem-se todos os horrores da carestia, o número dos inimigos. Os mais pusilânimes se inflamam com o sangue dos infiéis e todos pedem com grandes gritos que os levem à luta.

Os chefes do exército cristão, que tinham preparado o entusiasmo dos soldados, pensaram em aproveitá-lo imediatamente. Enviaram embaixadores ao chefe dos muçulmanos para propor-lhe um combate singular ou uma batalha geral. Pedro, o Eremita, que tinha mostrado mais vigor e entusiasmo que todos os outros, foi o escolhido para essa embaixada. Recebido com desprêzo no acampamento dos infiéis, não deixou de falar com grande ardor e altivez. "Os príncipes queridos de Deus, que agora estão reunidos em Antioquia, disse Pedro, o Eremita, falando aos chefes muçulmanos, enviam-me a vós e pedem que levanteis o cêrco da cidade. Essas províncias, essas cidades, marcadas com o sangue dos mártires, pertenceram a povos cristãos, e, como todos os povos cristãos são irmãos, nós viemos à Ásia para vingar os ultrajes feitos aos que foram perseguidos e para defender a herança de Jesus Cristo e de seus discípulos. Deus permitiu que Antioquia e Jerusalém caíssem durante

algum tempo em poder dos infiéis para castigar os crimes de seu povo; mas nossas lágrimas e nossas penitências arrancaram a espada à sua justiça. Respeitai então uma posse que o Senhor nos concedeu na sua divina clemência. Damos-vos três dias para removerdes vossas tendas e prepar ardes a partida. Se continuardes numa emprêsa injusta e reprovada pelo céu, invocaremos contra vós o Deus dos exércitos. Mas, como os soldados da cruz não querem surprêsas, e como não estão acostumados a fugir da vitória, êles vos dão a escolha do combate."

Dizendo isto, Pedro tinha os olhos fixos sôbre o mesmo Kerbogá. "Escolhei, continuou êle, os mais valentes do vosso exército, e fazei-os combater contra um igual número de cruzados; combatei vós mesmo, contra um príncipe cristão ou dai o sinal para uma batalha geral. Qualquer que seja a vossa escolha, logo sabereis quem são vossos inimigos e sabereis quem é o Deus ao qual servimos."

Kerbogá que conhecia a situação dos cristãos e que não sabia que espécie de socorro êles haviam recebido na sua miséria, ficou vivamente impressionado com semelhante linguagem. Conservou-se uns instantes calado de espanto e de furor. Mas, por fim, tomando a palavra: "Volta, disse a Pedro, para junto dos que te enviam, e dize-lhes que os vencidos devem receber condições e não ditá-las. Miseráveis vagabundos, homens esgotados, fantasmas, podem causar mêdo às mulheres. Os guerreiros da Ásia não

se assustam com vãs palavras. Bem depressa os cristãos saberão que a terra que pisamos nos pertence. No entretanto, quero ter para com êles alguma piedade: se êles reconhecerem Maomé, poderei esquecer que essa cidade devastada pela fome, está já em meu poder; poderei deixá-la em seu poder, dar-lhes armas, vestes, pão, mulheres, tudo o que êles não têm; pois o Alcorão nos manda perdoar aos que se submetem à sua lei. Dize aos teus companheiros que se apressem e que aproveitem hoje de minha clemência; amanhã, êles só sairão de Antioquia sob a espada. Verão então, se seu Deus crucificado, que não se pôde salvar da cruz, os salvará do suplício que os espera."

Pedro quis replicar; mas o príncipe de Moussoul, pondo a mão na espada ordenou que expulsassem aquêles *miseráveis mendigos que juntavam a insolência à cegueira.* Os enviados dos cristãos retiraram-se apressadamente e correram várias vêzes o risco de morrer, atravessando pelo meio do exército inimigo. De volta a Antioquia, Pedro relatou tudo o que se passara, aos príncipes e barões reunidos. Começaram então a se preparar para a luta. Os arautos de armas percorreram os vários quarteirões da cidade. Marcaram a batalha para o dia seguinte, ante o valor e a impaciência dos cruzados.

Os padres e os bispos exortaram os cristãos a se tornarem dignos de combater pela causa de Jesus Cristo. Todo o exército passou a noite em oração e

em obras de piedade. Esqueceram-se as injúrias, deram-se esmolas; tôdas as igrejas estavam cheias de guerreiros que se humilhavam diante de Deus e pediam a absolvição de seus pecados. Na véspera ainda haviam encontrado víveres e aquela inesperada abundância foi considerada como uma espécie de milagre. Os cruzados repararam as fôrças com uma refeição frugal. À noite, o que restava de pão e de farinha em Antioquia serviu para o sacrifício da missa e para a comunhão: cem mil guerreiros aproximaram-se do tribunal da penitência e receberam, com todos os sinais de piedade, o Deus pelo qual tinham tomado as armas.

Por fim raiou o dia: era a festa dos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. As portas de Antioquia abriram-se; todo o exército cristão saiu, dividido em doze corpos, que lembravam os doze Apóstolos. Hugo, o Grande, embora debilitado por uma longa doença, estava entre os primeiros e levava o estandarte da igreja. Todos os príncipes, os cavaleiros e os barões, estavam à frente de seus homens de armas. Único, de todos os chefes, o Conde de Tolosa, não estava entre os soldados; ficara retido em Antioquia ainda não refeito de seus ferimentos; êle tinha sido encarregado de conter a guarnição da cidadela, enquanto se ia combater contra o exército dos turcos.

Ademar, revestido de sua couraça e das vestes pontificais, marchava rodeado de imagens da religião

e da guerra. Raimundo d'Agiles nos diz que êle precedia o Bispo de Puy, e refere com sua costumeira singeleza: *"Eu vi o que estou dizendo, e era eu que levava a lança do Senhor.* O prelado venerável deteve-se à ponte do Oronte e dirigiu um discurso patético aos soldados da cruz, prometendo-lhes os socorros e as recompensas do céu. Todos os que ouviram as palavras do santo bispo, dobraram os joelhos e responderam: AMÉM! Uma parte do clero vinha em seguida ao legado do papa e cantava o salmo marcial: *"Que o Senhor se erga e seus inimigos sejam dispersados"*. Os bispos e os padres que tinham ficado em Antioquia, rodeados de mulheres e de crianças abençoavam do alto das muralhas as armas dos soldados cristãos e erguendo as mãos para o céu, como Moisés durante o combate dos hebreus contra os amalecitas, rogavam ao Senhor que salvasse seu povo e confundisse o orgulho dos infiéis. As margens do Oronte e os montes vizinhos pareciam responder às suas invocações e repetiam os gritos de guerra dos cruzados: *Deus o quer! Deus o quer!*

No meio dêsse concêrto de aclamações e de orações, o exército cristão avançava lentamente. Uma multidão de cavaleiros que desde a infância havia combatido a cavalo, marchava a pé; viam-se ilustres guerreiros montados em burros ou sôbre animais que não são levados habitualmente aos combates. O cavalo em que o Conde de Flandres montava, era fruto das esmolas que lhe haviam dado; senhores

ricos e poderosos estavam montados em asnos; muitos cavaleiros haviam vendido suas armas para viver e só tinham as armas dos turcos, de que mal se podiam servir. O cavalo que servia a Godofredo, pertencia ao Conde de Tolosa; o Duque de Lorena para obtê-lo, tinha sido obrigado a invocar a causa santa que os cruzados defendiam. Nas fileiras dos guerreiros viam-se doentes, homens extenuados pela fome; o pêso das armas era demasiado para sua fraqueza. Êles eram sustentados sòmente pela esperança de vencer ou de morrer pela glória de Jesus Cristo.

Os vários corpos de exército do Príncipe de Mossoul cobriam as alturas que os estendiam ao Oriente de Antioquia, diante da porta de S. Paulo; uma parte do acampamento de Kerbogá estava no lugar onde Bohémond tinha acampado no cêrco de Antioquia. No meio de diversos corpos de exército muçulmano, o de Kerbogá, diz o historiador da Armênia, parecia uma *montanha inacessível*. O general turco, que não esperava uma batalha, a princípio julgou que os cristãos vinham implorar sua clemência. Um estandarte negro, erguido sôbre a cidadela de Antioquia e que era o sinal convencional para anunciar a rendição dos cruzados, fê-lo logo compreender que êle ia tratar com suplicantes. Dois mil homens do seu exército, que guardavam a passagem da ponte de Antioquia, por onde devia passar o exército cristão, já tinham sido vencidos e dispersados pelo Conde de Vermandois. Os fugitivos levaram o terror até

a tenda do seu general, que então estava jogando xadrez. Voltando a si da sua falsa segurança, o príncipe de Mossoul mandou cortar a cabeça a um trânsfuga que lhe havia anunciado a próxima rendição dos cristãos e pensou sèriamente em combater a um inimigo que tinha como auxiliares a fome e o desespêro.

Depois de ter atravessado o Oronte, todo o exército cristão se havia colocado em ordem de batalha, de maneira a ocupar todo o vale que se estende desde a porta da Ponte até às Montanhas Negras, situadas a uma hora ao norte de Antioquia. Assim colocados, os cruzados impediam que o inimigo se apoderasse das vizinhanças da praça e que não os envolvesse. Hugo, o Grande, os dois Robertos, o Conde de Belesme, o Conde de Hainaut, puseram-se à frente da ala esquerda; Godofredo colocou-se à direita, ajudado por Eustáquio, Balduíno de Bourg, Tancredo, Renaud de Toul, Éverard de Puyset; Ademar estava no centro do exército com Gastão de Béarn, o Conde de Die, Raimbaud d'Orange, Guilherme de Montpellier, Amanjeu d'Albret; Bohémond comandava um corpo de reserva, pronto a se dirigir ao lugar onde os cristãos tivessem necessidade de auxílio.

Kerbogá, à vista das disposições dos cruzados, tinha ordenado aos emires de Damasco e de Alepo que levassem suas tropas para o caminho de São Simeão; essas tropas deviam colocar-se de tal ma-

neira, que os cristãos, vindo a fugir, não se pudessem salvar na direção do mar, nem voltar para Antioquia. Kerbogá distribuiu a maior parte de seus batalhões na margem direita do Oronte. A ala direita era comandada pelo emir de Jerusalém, que viera defender o islamismo; a ala esquerda, por um dos filhos de Accio, impaciente por vingar a morte de seu pai e a perda de Antioquia. Kerbogá ficou sôbre uma colina, de onde podia seguir com a vista todos os movimentos dos dois exércitos.

Um pouco antes da batalha, Kerbogá foi tomado de mêdo. As crônicas contemporâneas falam de predições que anunciavam uma derrota ao Príncipe de Mossoul; o monge Roberto apresenta-nos a mãe de Kerbogá, debulhada em lágrimas, querendo, em vão, deter seu filho. O general muçulmano mandou propor aos chefes cristãos, evitar-se a matança geral; que êles escolhessem alguns dos seus cavaleiros, para dar combate a um número igual de turcos. Esta proposta, que êle tinha rejeitado na véspera, não podia ser aceita pelos chefes de um exército cheio de ardor e que contava já com a vitória. Os cristãos não duvidavam de que o céu se declararia por êles e essa persuasão devia torná-los invencíveis. No seu entusiasmo, consideravam os acontecimentos mais naturais, como prodígios que lhes anunciavam o triunfo de suas armas. No mesmo momento em que êles saíam de Antioquia, uma ligeira chuva veio refrescar o ar abrasador; parecia-lhes que o céu derramava sôbre

êles sua bênção e a graça do Espírito Santo. Quando chegaram perto dos montes, um vento forte que empurrava seus dardos e retinha os dos turcos, era aos seus olhos, como o vento da cólera celeste que se levantara para dispersar os infiéis. Jamais entre os soldados cristãos a ordem e a disciplina tinham secundado a bravura e o ardor dos combatentes; à medida que o exército se afastava da cidade e se aproximava do inimigo, um silêncio profundo reinava no vale, onde brilhavam em todos os lugares as lanças e as espadas. Não se ouvia mais, nas fileiras, que a voz dos chefes, os hinos dos sacerdotes e as exortações de Ademar.

Quando o exército cristão chegou à presença do inimigo, os clarins e as trombetas ressoaram; os estandartes desfraldaram-se à frente dos batalhões, os soldados e os comandantes precipitaram-se sôbre os infiéis. Os guerreiros muçulmanos não resistiram ao ataque de Tancredo, do Duque de Normandia e do Duque da Lorena, cujas espadas rebrilhavam e feriam como raios. À medida que os outros chefes chegavam ao campo da luta, lançavam-se na refrega e a batalha durou apenas uma hora; os muçulmanos não podiam resistir ao ataque, nem à presença dos soldados da cruz. Mas, enquanto aos pés do monte a vitória parecia decidir-se em favor dos cruzados, os emires de Damasco e de Alepo, fiéis às instruções que haviam recebido e seguidos por quinze mil cavaleiros, atacaram com vantagem e apertaram com vio-

lência o corpo de reserva de Bohémond, que ficara nas vizinhanças do Oronte. Os muçulmanos procuravam envolver assim o exército cristão, esperando, diz um cronista do tempo, vencê-lo sem perigo, *esmagar o povo de Deus entre duas mós.* Godofredo, Tancredo e alguns outros chefes, avisados daquele ataque inesperado, voam em auxílio de Bohémond, cuja tropa começava a debandar. Sua presença mudou logo a face da batalha; os muçulmanos vitoriosos, são dispersados por sua vez e forçados a abandonar o campo de batalha. Como último recurso incendeiam montes de palha e de feno que estavam no vale. As chamas e a fumaça cobrem os batalhões dos cristãos; mas nenhum obstáculo os pode deter e sua tropa, animada pela matança, persegue através das chamas os inimigos que fogem, uns para o pôrto de São Simeão, outros, para o lugar onde se erguiam as tendas de Kerbogá.

O desânimo então, e o temor dominam as fileiras dos muçulmanos. Os infiéis batem em retirada em tôda a linha, confusamente, precipitadamente. Chamados ao combate pelos tambores e clarins, os mais bravos procuram reunir-se numa colina, além de um profundo barranco; os cruzados, cheios de ardor, passam o abismo que os separa dos inimigos vencidos; sua espada triunfante ceifa a todos os que pretendem resistir; os outros dispersam-se através dos bosques e precipícios; os montes, as planícies, as margens do Oronte cobrem-se de muçulmanos fugitivos que aban-

donaram suas bandeiras e se desfizeram de suas armas.

Kerbogá que tinha anunciado a derrota dos cristãos ao califa de Bagdad e ao sultão da Pérsia, foge para o Eufrates, seguido por um pequeno número de seus mais fiéis soldados. Vários emires tinham fugido antes do fim do combate. Tancredo e alguns outros montando em cavalos dos inimigos, perseguiram até à noite as tropas de Alepo e Damasco, o emir de Jerusalém e os restos do exército dispersado de Kerbogá. Os vencedores incendiaram as defesas por trás das quais se haviam refugiado os soldados da infantaria inimiga. Um grande número de muçulmanos ali pereceu no meio das chamas.

Segundo a narração de vários historiadores contemporâneos os infiéis deixaram cem mil homens no campo de batalha. Quatro mil cruzados perderam a vida nessa gloriosa jornada e foram postos no número dos mártires.

Os cristãos encontraram abundância de bens nas tendas dos inimigos. Quinze mil camelos, um grande número de cavalos, caíram em suas mãos. Segundo Alberto d'Aix, apoderaram-se também de um grande número de manuscritos onde estavam exaradas as cerimônias dos muçulmanos em caracteres *execráveis,* sem dúvida, árabes. Passaram a noite no acampamento onde admiraram com comodidade o luxo dos orientais; percorreram com surprêsa as tendas do Príncipe de Mossoul, onde brilhavam por tôda a parte o

ouro e as pedras preciosas; as tendas distribuídas em longas ruas, flanqueadas por altas tôrres, davam a idéia de uma cidade fortificada. Levaram vários dias para transportar a Antioquia os despojos dos vencidos. Entre êsses despojos estavam muitas cordas e cadeias de ferro destinadas aos soldados cristãos, se êles tivessem sido vencidos na batalha.

O aspecto interior do acampamento dos turcos, depois da vitória, mostrava bastante que êles haviam empregado mais fausto e magnificência do que verdadeira coragem. Os velhos guerreiros, companheiros de Maleck-Schah, tinham quase todos perecido nas guerras civis, que há vários anos desolavam o império dos seldjúcidas. O exército que viera em socorro de Antioquia era composto de tropas novas recrutadas às pressas, e reunia sob suas bandeiras várias nações rivais, sempre prontas a tomar as armas umas contra as outras. A história deve acrescentar que os vinte e oito emires que acompanhavam Kerbogá estavam todos ou quase todos divididos entre si e muito mal reconheciam a autoridade de um chefe. A maior união, ao contrário, reinou durante aquela jornada, entre os cristãos.

Os diferentes corpos de seu exército combateram num único ponto e prestaram-se mùtuamente auxílio, enquanto Kerbogá tinha suas fôrças divididas. Naquela batalha e principalmente nas circunstâncias que as precederam, o Príncipe de Mossoul mostrou mais presunção que habilidade. Pela vagareza de sua

marcha êle perdeu a ocasião de socorrer a Accio e de vencer os cristãos.

Podemos acrescentar que os francos obtiveram naquela contingência a vitória, pela mesma razão que os fazia temer uma derrota. Como êles haviam perdido seus cavalos, tinham-se exercitado em combater a pé; a cavalaria muçulmana não pôde triunfar sôbre uma infantaria temível, exercitada nos numerosos perigos e longos trabalhos do cêrco de Antioquia.

Muitos cruzados atribuíram a vitória sôbre os inimigos à descoberta da santa lança. Raimundo d'Agiles afirma que os inimigos não ousavam aproximar seus batalhões, dos que tinham a milagrosa arma. Alberto d'Aix acrescenta que à vista da lança, Kerbogá foi tomado de terror e *parecia ter esquecido a hora dos combates.* O monge Roberto refere uma circunstância que não é menos extraordinária: No meio da refrega viram descer do céu uma tropa celeste, coberta de uma armadura branca e comandada pelos mártires S. Jorge, S. Demétrio e São Teodoro. Essas visões que se contavam no exército cristão e que então se consideravam como mui verdadeiras, mostram assaz o entusiasmo e a credulidade que reinava entre os peregrinos. Essa credulidade e êsse entusiasmo, que teriam levado ao excesso a extrema miséria ou o desespêro dos cristãos, contribuíram sem dúvida para torná-los invencíveis e é nisso que devemos ver o milagre.

Quando o perigo passou, a santa lança, que tinha dado tanta confiança aos cruzados durante a batalha, não lhes excitou mais a veneração e perdeu sua maravilhosa influência. Como havia ficado nas mãos do Conde de Tolosa e dos Provençais, para os quais atraía uma grande quantidade de presentes, as outras nações não lhes quiseram deixar a vantagem de um milagre, que lhes aumentava a consideração e as riquezas. Não tardou, como veremos em seguida, a aparecer uma dúvida sôbre a autenticidade da lança, que tinha operado tão grandes prodígios e o espírito de rivalidade fêz o que teria podido fazer a razão num século mais esclarecido.

A vitória de Antioquia pareceu um acontecimento tão extraordinário aos muçulmanos, que muitos abandonaram a religião do profeta. Os que defendiam a fortaleza da cidade, abalados pela surprêsa e pelo terror, entregaram-se a Raimundo no mesmo dia da batalha. Trezentos dêles abraçaram a fé do Evangelho e muitos foram dizer nas cidades da Síria que o Deus dos cristãos era o Deus verdadeiro. Tal foi a vitória inspirada pela vitória de Antioquia que, segundo Raimundo d'Agiles, se os cristãos tivessem marchado imediatamente para Jerusalém, não teriam encontrado resistência alguma.

Depois dessa jornada memorável os turcos não fizeram mais nenhum esfôrço para deter a marcha dos cruzados. A maior parte dos emires da Síria, que tinham dividido os despojos do sultão da Pérsia,

consideravam a invasão dos cristãos como um flagelo passageiro e sem pensar nas conseqüências que ela podia ter para a causa do islamismo, encerrados em suas praças fortes, esperavam, para estabelecer sua dominação e proclamar sua independência, que aquela terrível tempestade levasse sua devastação a outros lugares. O vasto império fundado por Togrul, Alp-Arslan, Maleck-Schah, império formado na metade do século onze, cujo crescimento rápido tinha alarmado Constantinopla e levado o terror até os povos do Ocidente, devia logo ver outros territórios elevarem-se sôbre suas ruínas; pois, segundo a observação de um historiador, disseram que Deus se comprazia em mostrar como a terra é pouca coisa aos seus olhos, fazendo assim passar de mão em mão como um brinquedo de criança, uma potência que era monstruosa e que parecia ameaçar o universo.

O primeiro cuidado dos cruzados depois da vitória foi, se assim podemos falar, pôr a Jesus Cristo de posse dos países que êles acabavam de conquistar, restabelecendo seu culto em Antioquia. A capital da Síria teve de repente uma nova religião e foi habitada por um outro povo. Uma grande parte dos despojos dos sarracenos foram empregados em reparar e em adornar as igrejas que tinham sido convertidas em mesquitas. Os gregos e os latinos confundiram seus votos e seus cânticos e rogaram juntos ao Deus dos cristãos que os levasse à Jerusalém.

Os chefes do exército reuniram-se em seguida para dirigir aos príncipes e aos povos do Ocidente uma carta, na qual faziam a descrição de suas dificuldades e de seus feitos. "Jamais se viu alegria semelhante à que nos anima, diziam os chefes; pois, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor." Para não perturbar a alegria que deviam causar as suas vitórias tiveram o cuidado de dissimular as perdas e os desastres do exército cristão. O patriarca de Antioquia e os chefes do clero latino, que também escreveram para a Europa, tiveram a mesma precaução; mas faziam pressentir as desgraças que queriam ocultar, chamando novos cruzados à Ásia. "Vinde, diziam êles aos fiéis do Ocidente, vinde combater na milícia do Senhor. Que em cada família onde há dois homens, o mais apto para a guerra tome as armas! . . . Os que tomaram a cruz e não partiram, se apressem em cumprir seu voto; se êles não vierem unir-se aos seus irmãos da cruzada, sejam afastados da sociedade dos fiéis e a maldição do céu caia sôbre suas cabeças e a igreja lhes recuse a sepultura santa."

Assim falavam os chefes e os pastôres do povo da cruzada. Mandaram ao mesmo tempo a Constantinopla uma embaixada, composta de Hugo, do Conde de Vermandois e de Balduíno, Conde de Hainaut. Tinha a embaixada o objetivo de lembrar ao Imperador Alexis a promessa que êle tinha feito de acompanhar os cristãos a Jerusalém com um exército. O Conde de Hainaut, que marchava na frente,

atravessava as montanhas vizinhas de Nicéia, quando foi surpreendido e atacado por turcomanos. A história não sabe qual o seu fim. O Conde de Vermandois, avisado da desgraça do seu companheiro, escondeu-se numa floresta e escapou assim à perseguição dos bárbaros. Chegando a Constantinopla, esqueceu os soldados de Jesus Cristo, de quem era embaixador e não se dignou nem mesmo dar contas da sua missão. Quer, porque temia voltar a um exército onde não podia mais sustentar o brilho de sua descendência, quer, porque as dificuldades e os perigos da guerra santa tivessem cansado sua coragem, tomou a vergonhosa resolução de voltar para o Ocidente, onde sua deserção fê-lo comparar-se ao *corvo da arca.*

No entretanto, os peregrinos rogaram aos seus chefes que os levassem à cidade santa. O povo fiel estava persuadido de que o terror dos exércitos cristãos lhes abriria tôdas as portas e no caminho que lhes restava percorrer, não encontrariam uma cidade, onde ousassem *atirar-lhes uma pedra que fôsse.* Foi então que se pôde ver como é difícil manter em atividade constante uma emprêsa que exige o concurso de várias vontades. No conselho dos chefes cada qual tinha uma opinião diferente. Em vão os mais sensatos repetiam que não se devia deixar ao inimigo, tempo de retomar a coragem e restaurar suas fôrças. Os príncipes e os barões, que tudo tinham suportado até então, temeram de repente os ardores da estação e

resolveram ficar em Antioquia até o princípio do outono.

Entre os motivos dessa resolução inesperada, havia vários que não teriam sido apresentados pelos chefes do exército cristão. Devemos crer, que a vista das ricas regiões da Síria, que o exemplo de Bohémond, agora Príncipe de Antioquia, o de Balduíno, senhor de Edessa, haviam despertado sua ambição e deviam por vêzes afastar seu pensamento do piedoso objetivo de sua emprêsa.

Bem depressa os cruzados tiveram que se arrepender da determinação tomada. Uma doença epidêmica fêz grande mortandade em seu exército. "Só se viam em Antioquia, diz um antigo cronista, funerais e enterros. A morte espalhava-se, brandindo sua foice como nos dias mais sangrentos da guerra." A maior parte das mulheres e dos pobres que seguiam o exército foram as primeiras vítimas do novo flagelo. Um grande número de cruzados, que chegaram da Alemanha e de tôdas as partes da Europa, encontraram a morte à sua chegada a Antioquia. A epidemia fêz perecer em um mês mais de cinqüenta mil peregrinos. Os cristãos tiveram que lastimar entre os chefes, Henrique d'Asques, Renault D'Amerlach e vários cavaleiros, afamados por seus feitos. No meio do luto geral, o Bispo de Puy que consolava os cruzados na sua desdita, sucumbiu também a tantos trabalhos, e morreu, como o chefe dos hebreus, sem ter visto a terra prometida. Tal o

domínio que um único homem exercia sôbre a multidão dos cruzados, que, enquanto Ademar viveu, respeitou-se a lei do Evangelho e a união reinava entre os chefes; depois, porém, que êle fechou os olhos, não houve mais justiça no exército e a paz foi banida do conselho dos príncipes. Seus restos foram sepultados na Igreja de S. Pedro em Antioquia, no mesmo lugar onde a lança milagrosa fôra descoberta. Todos os peregrinos, de quem êle era o pai e que êle alimentava, segundo a expressão de um contemporâneo, com coisas do céu, assistiram debulhados em lágrimas aos seus funerais. Os chefes, que o choravam sinceramente, escreveram ao Papa para anunciar-lhe a morte do legado apostólico. Solicitaram ao mesmo tempo a Urbano que viesse se pôr à sua frente, para santificar os estandartes da cruzada e para dar a união e a paz ao exército de Jesus Cristo.

Nem mesmo o flagelo que devorava o exército cristão e cuja devastação aumentava dia a dia, não conseguiu fechar os corações nem à ambição nem à discórdia. O conde de Tolosa, que via com pesar a fortuna de Bohémond, recusou entregar-lhe a cidadela de que se tinha apoderado no dia em que os cristãos haviam destruído o exército de Kerbogá; a fim de dar à sua recusa a aparência de lealdade e de justiça, êle lembrou o juramento que o príncipe de Tarento tinha feito ao imperador Alexis e censurava-lhe o ter faltado à palavra jurada, con-

servando para si uma cidade conquistada pelos peregrinos. Por seu lado, Bohémond censurava a ambição invejosa, o caráter obstinado de Raimundo e o ameaçava de empregar a fôrça para apoiar os direitos que lhe haviam outorgado a vitória. Um dia, em que os príncipes e os chefes do exército cristão, reunidos na Basílica de S. Pedro, ocupavam-se em regular os interêsses da cruzada, sua deliberação foi perturbada pelas queixas mais violentas. Apesar da santidade do lugar, Raimundo, no meio da reunião, fêz explodir seu despeito e seu ressentimento. Aos pés mesmo do altar de Jesus Cristo, Bohémond não poupou falsas promessas para atrair os outros chefes ao seu partido e renovou várias vêzes o juramento, que êle não queria manter, isto é, o de segui-los a Jerusalém.

Para deter o progresso do contágio e prevenir a falta de víveres, os príncipes e os barões resolveram sair de Antioquia com tôdas as suas tropas e fazer excursões nas províncias vizinhas. Bohémond levou seus guerreiros para a Cilícia onde se apoderou de Tarso, de Malmistra e de várias outras cidades que reuniu ao seu principado. As tropas de Raimundo avançaram na Síria e arvoraram seu estandarte vitorioso nas muralhas de Albaria, da qual tôda a população foi passada a fio de espada. Guilherme de Tiro diz que tôda a cidade de Albaria foi confiada por Raimundo a Guilherme de Tillet, cavaleiro provençal. Deu-lhe sete lanças e trinta soldados

de infantaria: e êle se houve tão bem, diz ainda o mesmo historiador, que teve logo sob suas ordens quarenta outros cavaleiros e oitenta soldados de infantaria. A Síria, que não tinha mais exército muçulmano para sua defesa, ficou coberta de estandartes da cruz. Só se viam, de todos lados, grupos errantes, que acorriam aos lugares onde esperavam uma rica prêsa. Disputavam com armas na mão o fruto de sua coragem ou de seu saque, quando a fortuna os favorecia e viam-se atirados a todos os horrores da miséria, quando chegavam a uma região devastada ou encontravam resistência inesperada.

Os peregrinos não deixavam de mostrar seu valor costumeiro: todos os dias narravam-se feitos heróicos e aventuras maravilhosas dos cavaleiros. Os senhores e os barões, levando empós de si sua equipagem de caça e seus apetrechos de guerra, ora perseguiam os animais selvagens nas florestas, ora atacavam os muçulmanos, escondidos nas fortalezas. Um guerreiro francês de nome Guicher, se tornara célebre entre os cruzados por ter derrubado um leão. Geofroi de La Tour conquistara grande fama, por um feito que parecia, sem dúvida, incrível. Encontrou êle um dia numa floresta um leão que uma serpente enorme tinha enrolado e sufocava fortemente. O leão gemia desesperado, como implorando socorro. Geoffroi puxou do sabre e matou a serpente, salvando o leão. Se acreditarmos nas crônicas do tempo, o leão assim libertado, ficou tão afeiçoado

ao seu libertador, como a seu dono; acompanhou-o durante tôda a guerra e depois da tomada de Jerusalém, quando os cristãos embarcaram para voltar à Europa, o animal reconhecido e companheiro fiel de sua peregrinação, afogou-se no mar, seguindo o navio, no qual Geofroi havia embarcado.

Vários cruzados, esperando o sinal da partida para Jerusalém, foram visitar seus irmãos que se haviam estabelecido nas cidades conquistadas. Um grande número dêles dirigiram-se a Balduino e uniram-se a êle para combater os muçulmanos da Mesopotâmia ou para proteger seu govêrno, sem cessar ameaçado por seus novos súditos, que sua dominação violenta tinha irritado. Um cavaleiro chamado Foulque, que foi com vários de seus companheiros procurar aventuras às margens do Eufrates, foi surpreendido e morto pelos turcos; sua espôsa, que o acompanhava, foi levada ao emir de Hazart ou Ézaz, cidade do principado de Alepo. Como era de rara beleza um dos principais oficiais do emir ficou enamorado dela e a pediu em casamento ao seu senhor, que lha concedeu e permitiu desposá-la. O oficial cheio de amor por uma mulher cristã, evitou combater contra os cruzados e no entretanto, cheio de zêlo pelo serviço do emir, fêz incursões no território do príncipe de Alepo, contra quem seu senhor estava em guerra. Redouan quis vingar-se disso e se pôs em marcha com um exército de quarenta mil homens para vir atacar a cidade de Ézaz. O oficial

então, que tinha desposado a viúva de Foulque, aconselhou o emir a implorar o socorro dos cristãos.

O emir mandou propor uma aliança a Godofredo de Bouillon. Êste, a princípio, hesitou. Mas o príncipe muçulmano voltou à carga e, para dissipar tôdas as desconfianças dos príncipes cristãos, mandou-lhe seu filho Maomé, como refém. O tratado então foi assinado: dois pombos, diz um historiador latino, encarregados de uma carta, levaram a notícia ao emir e lhe anunciaram ao mesmo tempo a próxima chegada dos cristãos. O exército do príncipe de Alepo foi vencido em vários combates por Godofredo e obrigado a abandonar o território de Ézag, que começava a ser saqueado. Pouco tempo depois desta expedição, o filho do emir morreu em Antioquia de enfermidade epidêmica, que então grassava entre os peregrinos do Ocidente. Godofredo fêz, segundo o costume dos muçulmanos, envolver o corpo do jovem príncipe num rico pano de púrpura e o mandou ao pai. Os embaixadores que acompanharam êsse cortejo fúnebre estavam encarregados de levar ao príncipe muçulmano as condolências de Godofredo e de lhe dizer que seu chefe também ficara muito pesaroso pela morte do jovem Maomé, como teria ficado com a morte de seu irmão Balduino.

O tempo passava entre todos êstes empreendimentos que não tinham nenhum objetivo importante; já os cruzados tinham visto passar a época, quando deviam partir para Jerusalém. A maior parte dos

chefes se tinha dispersado e estava nas regiões vizinhas. Para adiar a partida, tinham a princípio alegado o calor do verão; alegavam agora as chuvas e os rigores do inverno que se aproximava. Êste último motivo, embora parecesse mais razoável que o primeiro, não era no entretanto suficiente para acalmar o ardor impaciente dos peregrinos; e, como o povo, no meio dessa guerra religiosa, estava sempre mais disposto a procurar as regras de seu proceder nas visões milagrosas e na aparição de corpos celestes do que nas luzes da razão e da experiência, um fenômeno extraordinário, que se ofereceu então aos olhos dos soldados da cruz, atraiu tôda a atenção e impressionou vivamente os espíritos crédulos. Os cruzados que defendiam os muros de Antioquia viram durante a noite uma massa luminosa parada num ponto elevado do céu. Parecia-lhes que tôdas as estrêlas, segundo a expressão de Alberto d'Aix, se tinham reunido num espaço que não era mais *extenso* que um jardim de três jeiras. "Essas estrêlas, diz o mesmo historiador, lançavam o mais vivo brilho e *luziam como carvões numa fornalha*. Ficaram por muito tempo suspensas sôbre a cidade; mas, o círculo que parecia contê-las, partiu-se e elas se dispersaram pelo ar. À vista dêste prodígio os guardas e as sentinelas lançaram grandes gritos e correram a despertar os cristãos de Antioquia. Todos os peregrinos saíram de suas casas e viram nesse fenômeno um sinal manifesto da vontade do céu. Uns julga-

ram que as estrêlas reunidas, eram uma imagem dos muçulmanos que se haviam juntado em Jerusalém e que se deviam dissipar à aproximação dos cruzados; outros, igualmente cheios de esperança, aí viam guerreiros cristãos reunindo suas fôrças vitoriosas e espalhando-se em seguida pela terra, para conquistar as cidades roubadas ao culto e ao império de Jesus Cristo; mas, muitos peregrinos não acreditaram nessas ilusões consoladoras. Numa cidade, em que o povo muito tinha sofrido, e vivia há vários meses entre mortos e funerais, o futuro devia se apresentar sob côres mais tristes e mais sombrias. Todos os que gemiam e que tinham perdido a esperança de ver Jerusalém, viram no fenômeno apresentado aos seus olhos um símbolo espantoso da multidão dos peregrinos que diminuía todos os dias e que bem depressa se ia dissipar como a nuvem luminosa que se tinha visto no céu. "No entretanto, diz singelamente Alberto d'Aix, as coisas aconteceram muito melhor do que se esperava; pouco tempo depois, os príncipes, de volta a Antioquia, voltaram ao acampamento e a vitória abriu-lhes as portas de várias cidades da alta Síria."

A mais importante de suas expedições foi o cêrco e a tomada de Marrah, situada entre Hamath e Alepo. Raimundo, por primeiro dirigiu-se à cidade. Os condes de Normandia e de Flandres vieram reunir-se a êle com suas tropas. O temor de experimentar a sorte dos habitantes de Antioquia tinha

reunido nas muralhas ameaçadas tôda a população da cidade, resolvida a se defender. A esperança de se apoderar de uma cidade tão rica animava os soldados cristãos. Todos os dias os soldados colocavam as escadas ao pé das muralhas, mas uma chuva de dardos e de pedras, de torrentes de betume inflamado caía sôbre suas cabeças. Guilherme de Tiro acrescenta que se lançavam também do alto das tôrres, cal viva e colméias cheias de abelhas. Os combates sanguinolentos renovaram-se durante várias semanas. Por fim, o estandarte dos cristãos esvoaçou sôbre as tôrres da cidade. Como a tenaz resistência dos muçulmanos e os ultrajes feitos durante o cêrco à religião de Cristo tivessem irritado os cruzados, tôda a população, escondida nas mesquitas ou nos subterrâneos, foi imolada ao furor da guerra. Numa cidade que tinha perdido todos os seus habitantes os vencedores sentiram falta de víveres, e, como se o céu quisesse castigar o excesso de uma barbárie, êles só encontraram, para matar a fome, os cadáveres daqueles que tinham matado, e, o que será difícil de se acreditar, muitos cruzados submeteram-se, sem repugnância a essa horrível necessidade.

Aqui as reflexões dos cronistas, são muito mais interessantes que os fatos que êles narram. Alberto d'Aix espanta-se de que os cruzados tenham comido muçulmanos mortos; mas êle se admira muito mais de que tenham comido cães. Baudi, arcebispo de Dôle, procura justificar os cruzados, dizendo que a

fome que os atormentava, êles a sentiam por Jesus Cristo e que essa causa pode torná-los escusáveis. De resto, acrescenta êle, os soldados cristãos faziam ainda guerra aos infiéis, devorando-os daquele modo.

No meio de tantas cenas revoltantes, o que a história não deve deplorar menos, é que os príncipes cristãos disputaram com infeliz obstinação a cidade mesma, cuja conquista lhes havia custado tantos males e os havia reduzido a tais extremos. Entre os cruzados vitoriosos, as queixas, e as ameaças misturavam-se com os gritos que a fome os fazia soltar. Bohémond, que tinha vindo ao cêrco, queria para si um quarteirão da cidade conquistada. Raimundo queria que Marrah lhe pertencesse inteira. Os príncipes e os barões reuniram-se perto de Rugia e procuraram restabelecer a paz, inùtilmente, porém. "Mas Deus, que era o verdadeiro chefe da grande emprêsa, diz o Padre Maimburg, reparou com o zêlo dos fracos e dos pequenos o que a paixão dos grandes e dos sábios do mundo tinha destruído." Os soldados, por fim, ficaram indignados, tendo derramado seu sangue por aquêles miseráveis debates; um sangue, que êles tinham jurado derramar, por uma causa sagrada. "Ora! diziam os peregrinos, sempre questões! Questões por causa de Antioquia! Por causa de Marrah!" Enquanto êles se desabafavam com lágrimas e queixas, souberam que Jerusalém tinha caído nas mãos dos egípcios. Êstes tinham se aproveitado da derrota dos turcos e da

funesta demora do exército cristão, para invadir a Palestina. Essa notícia redobrou o descontentamento dos cruzados! Acusaram em voz alta a Raimundo e aos que os comandavam de ter traído a causa de Deus. Manifestaram o desejo de escolher chefes entre êles mesmos, os quais não tivessem outra ambição, que levar o exército cristão à terra santa.

O clero ameaçou Raimundo com a cólera do céu; seus próprios soldados ameaçaram abandonar sua bandeira; por fim, todos os cruzados que estavam em Marrah, resolveram destruir as fortificações e as tôrres da cidade. O entusiasmo do povo era tão grande, que se viram enfermos e convalescentes arrastarem-se com o auxílio de uma bengala, até às muralhas, arrancar dos muros e fazer rolar para o fôsso, pedras *que três juntas de bois não teriam podido levar*. Ao mesmo tempo, Tancredo apoderou-se, pela fôrça, ou pela astúcia da fortaleza de Antioquia, onde recolocou a bandeira do Conde de Saint-Gilles, tirando a de Bohémond. Raimundo, ficando sòzinho, para manter suas pretensões, procurou em vão conservar os chefes do seu lado, abrindo-lhes seus tesouros e acalmar a murmuração do povo distribuindo-lhes despojos das cidades vizinhas. Mas todos ficaram insensíveis aos seus presentes como aos seus rogos. Obrigado por fim a se render ao voto do exército, êle pareceu ceder à voz de Deus. Depois de ter mandado incendiar a cidade de Marrah, êle de lá saiu à luz das chamas, descalço,

derramando lágrimas de arrependimento; na presença do clero, que cantava salmos de penitência abjurou à sua ambição e renovou o juramento, feito tantas vêzes e tantas vêzes esquecido, de libertar Jerusalém e o túmulo de Jesus Cristo.

O sinal da partida foi dado ao exército cristão. O conde de Tolosa era seguido por Tancredo e pelo duque de Normandia, impacientes por cumprir seu voto. De tôdas as partes os cristãos e os muçulmanos do país corriam à passagem dos cruzados, para implorar uns, seu auxílio, outros, sua misericórdia. Os peregrinos recebiam por tôda parte por onde passavam víveres e tributos que não lhes custavam combates. No meio de sua marcha triunfal, o fruto mais doce de suas penas e do temor que inspiravam suas armas foi a volta de um grande número de prisioneiros cristãos dos quais haviam chorado a morte e aos quais os muçulmanos se apressavam em dar a liberdade. Os companheiros de Raimundo, de Roberto e de Tancredo não tinham tomado o caminho direto para Jerusalém; tinham-se dirigido a Hama antiga Epifânia, a Emesa, chamada hoje Horm, e, aproximando-se então do mar, tinham ido sitiar Archas, cidade situada ao pé do Líbano, a algumas léguas de Trípoli.

No entretanto, os outros príncipes que haviam ficado em Antioquia, não se preparavam para se pôr em marcha e desprezavam as queixas dos peregrinos. Cada qual esperava o exemplo dos outros e

todos ficavam assim, inativos. Godofredo, que tinha ido a Edessa para visitar seu irmão Balduino, ao seu regresso ouviu os gritos e os gemidos dos cruzados, que deploravam a sua ociosidade e pediam para marchar para Jerusalém. "Não é suficiente, diziam êles, aos que Deus encarregou de nos dirigir, que tenhamos ficado aqui, mais de um ano e que duzentos mil soldados da cruz tenham sucumbido? Pereçam os que querem ficar em Antioquia, como pereceram seus habitantes infiéis! Se cada conquista é um obstáculo à nossa santa emprêsa, que Antioquia e tôdas as cidades conquistadas por nossas armas, sejam incendiadas! Dêem-nos chefes que não tenham outra ambição que a nossa e ponhamo-nos a caminho, sob o comando de Cristo, para o qual aqui viemos. Mas se Deus, por causa dos nossos pecados rejeitar nosso devotamento e nosso sacrifício, apressemo-nos então em voltar ao nosso país, antes de sermos destruídos pela carestia e por tôdas as misérias que nos oprimem." Em vão essas lamentações ecoavam pelo exército cristão; o duque de Lorena e os outros chefes hesitavam ainda em dar o sinal de partida. A maior parte dos peregrinos, que tôda espécie de atraso fazia desesperar, não pensaram mais, desde então, que em deixar a Síria, para voltar ao Ocidente; o conselho supremo foi obrigado a colocar em todos os portos das vizinhanças, guardas encarregados de deter a todos os que tentassem embarcar. Por fim, os príncipes, não podendo mais

resistir às vivas instâncias da multidão, decidiram que o exército partiria de Antioquia nos primeiros dias de março. Quando chegou a época marcada, Bohémond acompanhou Godofredo e o conde de Flandres até Laodicéia, hoje *Lattaquié,* mas apressou-se em voltar a Antioquia, temendo sempre que lhe arrebatassem o principado. Foi na cidade de Laodicéia que o exército cristão viu reunirem-se sob suas bandeiras um grande número de cruzados que estavam em Edessa e na Cilícia, ou que chegavam da Europa. Entre êstes últimos notavam-se vários cavaleiros inglêses, antigos companheiros de Haroldo e de Edgard Adeling. Êsses nobres guerreiros, vencidos por Guilherme, o Conquistador, e banidos de seus próprios lares, vinham sob as bandeiras da guerra santa, esquecer as desgraças e não tendo mais nenhuma esperança de libertar sua pátria, marchavam, cheios de zêlo piedoso, para a libertação do santo sepulcro.

Esperando a chegada de Godofredo e de seus companheiros, Raimundo tinha começado o cêrco de Archas. Para animar a coragem e o zêlo dos soldados e associá-los aos projetos de sua ambição, êle prometia o saque da cidade e a libertação de duzentos prisioneiros cristãos. Tal era a disposição dos espíritos entre os cruzados, e principalmente entre os chefes, que tôda cidade fazia esquecer Jerusalém. Saindo de Laodicéia, Godofredo e o conde de Flandres, encontraram sucessivamente no

caminho Gabala, (hoje *Djebali*), *Meracléia, (Marakia), Valenia (Banias),* e Tortosa (a antiga Antaradus); esta última cidade já tinha sido tomada por Raimundo Pelet; um grande número de rios provenientes dos flancos do Líbano, fertilizavam êsses vários países. Acusavam Raimundo de ter recebido seis mil peças de ouro para salvar uma cidade muçulmana dos perigos de um cêrco; e, quando todo o exército se reuniu perto dos muros de Archas, Godofredo e Tancredo censuraram com azedume o conde de Tolosa, de tê-los afastado de sua emprêsa pela mentira e pela traição.

Os guerreiros cristãos continuaram o cêrco de Archas. A cidade estava construída sôbre rochedos elevados e suas muralhas pareciam inacessíveis. Os cruzados invocaram a carestia contra seus inimigos, mas a miséria não tardou em afligi-los, a êles mesmos. Logo os mais pobres dos cruzados foram reduzidos, como no cêrco de Antioquia, à fome, alimentando-se apenas de raízes e disputando com os animais as plantas e as ervas selvagens. Os que podiam combater iam devastar os países vizinhos e viviam de saques; mas aquêles que pela idade ou pelo sexo não podiam usar das armas, só tinham esperança na caridade dos soldados cristãos. O exército veio em seu auxílio e deu-lhes a décima parte dos despojos conquistados aos infiéis.

Um grande número de cruzados morreu ante as fadigas do cêrco ou pereceu de fome e de doen-

ças; muitos caíram sob os golpes dos inimigos. Dentre aquêles cuja perda foi mais lamentada, a história conserva o nome de Pons de Balasun. Êle se tinha feito estimar no exército cristão por suas luzes e até à morte, tinha, com Raimundo d'Agiles, escrito a história dos principais fatos da cruzada. Os cruzados choraram também a morte de Anselmo de Ribaumont, conde de Bouchain, de quem os cronistas do tempo louvam o saber, a piedade e a bravura. Essa morte foi acompanhada de circunstâncias maravilhosas, que as crônicas contemporâneas narram e que se poderiam considerar, no nosso século, como uma invenção da poesia.

Um dia, (seguimos a narração de Raimundo d'Agiles), Anselmo viu entrar em sua tenda o jovem Angelram, filho do conde de S. Paulo, morto no cêrco de Marrah. "Como, disse-lhe êle, estais agora cheio de vida, vós que eu vi morto no campo de batalha? — Deveis saber, respondeu Angelram, que os que combatem por Jesus Cristo, não morrem. — Mas, de onde vem, disse Anselmo, êsse brilho desconhecido de que vos vejo cercado? —" Angelram, então, mostrou no céu um palácio de cristal e de diamante. "É de lá, disse êle, que me vem a beleza que vos surpreendeu; vos estão preparando um muito mais belo, onde ireis morar. Adeus! Ver-nos-emos amanhã." Ditas estas palavras, acrescenta o historiador, Angelram voltou para o céu; Anselmo, impressionado com a aparição, mandou chamar bem

cedo vários eclesiásticos, recebeu os sacramentos, e, embora estivesse cheio de saúde, despediu-se de seus amigos, dizendo-lhes que ia deixar êste mundo, onde os tinha conhecido. Algumas horas depois, os inimigos fizeram uma incursão; Anselmo correu para êles de espada na mão e foi ferido na cabeça por uma pedra, que, dizem os historiadores, o mandou para o céu, ao belo palácio preparado para êle. Êsse fato maravilhoso, muito conhecido entre os peregrinos, não é o único no gênero que a história conserva. É inútil lembrar aqui, que a extrema miséria tornava os cruzados sempre mais supersticiosos e mais crédulos.

Numa multidão entregue à indisciplina e à licença, a superstição tornava-se um meio de se fazer obedecer. Os condes e os barões tinham necessidade de exaltar a imaginação dos soldados, para conservar a autoridade. Mas, como as paixões da discórdia perturbavam sem cessar o exército dos cruzados, enquanto uns baseavam seu crédito nos milagres, outros mostravam-se às vêzes incrédulos, por espírito de contradição e de inveja. Formavam-se partidos entre os peregrinos e segundo a opinião que se havia abraçado, exaltavam-se, acirravam-se, pró ou contra, os fatos milagrosos sucedidos entre o povo agitado.

Foi no cêrco de Archas que surgiram dúvidas entre os cruzados, sôbre a descoberta da lança, que tinha erguido a coragem dos cruzados, na batalha de Antioquia. O acampamento dos cristãos viu-se

de repente, dividido em dois grandes partidos contrários. Arnould de Rohes, homem de costumes dissolutos, segundo Guilherme de Tiro, mas muito versado na história e nas letras, ousou, por primeiro, contestar abertamente a veracidade do prodígio. Êsse eclesiástico, capelão do duque de Normandia, levou ao seu partido todos os normandos e os cruzados do norte da França; os do sul agruparam-se no partido de Barthelémy, padre de Marselha, agregado ao conde de Saint-Gilles. Barthelémy, homem simples e que acreditava no que fazia os outros acreditar, teve uma nova revelação e contou no acampamento dos cristãos que tinha visto Jesus, pregado na cruz amaldiçoando os incrédulos, condenando ao suplício e à morte de Judas, os céticos ímpios cuja orgulhosa razão ousava sondar as vistas misteriosas de Deus. Essa aparição e várias outras semelhantes inflamaram a imaginação dos provençais, que não acreditavam menos, segundo Raimundo d'Agiles, nas revelações de Barthelémy, do que nos testemunhos dos santos e dos apóstolos. Mas Arnould admirava-se de que Deus se manifestasse a um simples padre, quando o exército estava cheio de virtuosos prelados, e sem negar a intervenção do poder divino êle só admitia prodígios do valor e do heroísmo dos soldados cristãos.

Como o produto das ofertas feitas aos depositários da santa lança era distribuído aos pobres, êstes, que eram em grande número no exército, prorrom-

peram em murmurações contra o capelão do duque de Normandia. Atribuíam à sua incredulidade e à de seus partidários todos os males que afligiam os cruzados. Arnould e seu partido, que cada dia aumentava, atribuíam, ao invés, as desgraças dos cristãos, à sua divisão e ao espírito turbulento de alguns visionários. No meio dessas divergências, os cruzados das províncias do norte censuravam os do sul, o não terem bravura nos combates, de serem menos ávidos de glória do que de saque, e de passar o tempo em *cuidar de seus burros e cavalos*. Êstes, por sua vez, não deixavam de criticar os partidários de Arnould por sua fé, pequena, suas zombarias sacrílegas e sem cessar, opunham novas visões aos raciocínios dos incrédulos. Ora viam S. Marcos Evangelista e a Virgem, mãe de Deus, que confirmavam tudo o que Barthelémy havia dito; ora o bispo Ademar, que tinha aparecido com a barba meio queimada e a fronte coberta de tristeza, dizendo que tinha sido retido alguns dias no purgatório, por ter hesitado um momento em prestar fé à descoberta da santa lança.

Êstes fatos só aumentaram o ódio dos espíritos. Várias vêzes a violência veio em auxílio da astúcia e da credulidade. Por fim, Barthelémy, seduzido pela importância do papel que tinha até então desempenhado e, talvez pelos fatos milagrosos de seus partidários, que podiam fortalecer suas próprias ilusões, resolveu, para terminar todos os debates,

submeter-se à prova do fogo. Essa resolução trouxe a calma ao exército cristão e todos os peregrinos foram convidados para ser testemunhas do julgamento de Deus. No dia marcado, (era sexta-feira santa) uma fogueira de galhos de oliveira foi preparada no meio de uma vasta planície. A maior parte dos cruzados reuniu-se e todos preparavam-se para a terrível prova, quando viram Barthelémy chegar, acompanhado pelos padres, que caminhavam em silêncio, descalços, revestidos de seus paramentos sacerdotais. Coberto por uma simples túnica, o padre de Marselha trazia a santa lança cujo ferro estava envolvido em um pedaço de sêda. Quando êle chegou a alguns passos da fogueira o capelão do conde de Saint-Gilles pronunciou em voz alta estas palavras: "Se êste homem viu a Jesus Cristo face a face e se o apóstolo André fê-lo encontrar a divina lança, que êle passe são e salvo através das chamas. Se, ao contrário, êle é culpado de mentira, que seja queimado com a lança que tem nas mãos." A estas palavras os presentes inclinaram-se e responderam juntos: — *Que se faça a vontade de Deus!*

Barthelémy então lança-se de joelhos, toma o céu por testemunha da veracidade de suas palavras, e, tendo-se recomendado às orações dos padres e dos fiéis, entra na fogueira, onde duas pilhas de madeira deixavam um espaço vazio para sua passagem.

Êle ficou um momento, diz Raimundo d'Agiles, no meio das chamas e depois saiu de lá, *pela*

graça de Deus, sem que sua túnica se queimasse e sem que, mesmo o véu, muito leve, que recobria a lança do Salvador, tivesse recebido algum dano. Êle fêz então, sôbre a multidão que se apertava para recebê-lo, o sinal da cruz, com a lança, e exclamou em voz alta: — *Que Deus me ajude! Deus Adjuva!* Todos queriam aproximar-se dêle e tocá-lo na persuasão de que êle havia mudado de natureza; êle foi então violentamente apertado pela multidão, e pisado; suas vestes rasgaram-se, seu corpo ficou coberto de feridas e êle teria morrido se Raimundo Pelet, seguido por alguns guerreiros, não o tivesse retirado do meio da multidão e não o tivesse salvo do perigo de vida.

O capelão do conde de Tolosa acompanha sua narração com várias circunstâncias milagrosas, que julgamos bem passar em silêncio. O cronista não pode exprimir suficientemente a dor que êle sente narrando a deplorável sorte de Barthelémy, que morreu poucos dias depois e que na angústia da morte, censurou os seus mais ardentes partidários, tê-lo pôsto na dura necessidade de afirmar a verdade de suas palavras, com uma tão temível prova.

Seu corpo foi sepultado no mesmo lugar onde se erguia a fogueira. Essa credulidade obstinada que o havia levado a se tornar mártir de suas próprias visões, fêz reverenciar a sua memória, entre os provençais; mas, a maior parte dos peregrinos não se deixou levar pelo *juízo de Deus;* recusou-se a

crer nas maravilhas que lhe haviam sido comunicadas, e a lança milagrosa deixou desde então de operar prodígios.

Quando os cruzados estavam reunidos perto dos muros de Archas, receberam uma embaixada de Alexis. O imperador grego queria governar os latinos, prometia-lhes segui-los à Palestina com um exército, se êles lhe dessem tempo de fazer os preparativos necessários. Alexis queixava-se nas suas cartas do não cumprimento dos tratados que deviam torná-lo senhor das cidades da Síria e da Ásia Menor, que haviam caído em poder dos cruzados; mas êle se queixava sem tristeza e punha nas suas queixas uma circunspeção que mostrava assaz que êle também tinha erros a reparar. Essa embaixada foi mal recebida no exército cristão. A maior parte dos chefes em vez de se justificar dos erros que se lhes imputavam, censurou o imperador pela sua fuga vergonhosa, durante o cêrco de Antioquia e o acusou de ter traído a fé jurada aos soldados cristãos.

O califa do Cairo tinha a mesma política que Alexis. Êsse príncipe muçulmano mantinha com os cruzados relações que as circunstâncias tornavam mais ou menos sinceras e que eram subordinadas ao temor que lhe inspiravam suas armas. Embora êle tratasse ao mesmo tempo com os cristãos e com os turcos, êle odiava a uns, porque eram inimigos do profeta e a outros, porque lhe haviam arrebatado a Síria. Aproveitando da decadência dos turcos, êle

se tornara senhor da Palestina e, como êle temia por suas novas conquistas, mandou embaixadores ao acampamento dos cristãos pouco depois da partida dos embaixadores de Alexis. Os francos viram ao mesmo tempo voltar ao seu acampamento os companheiros que êles tinham mandado ao Egito, durante o cêrco de Antioquia. Êstes tinham sido tratados com distinção ou com desprêzo, segundo as notícias anunciavam as vitórias e os reveses dos cristãos. Nos últimos tempos de sua missão perigosa, foram levados diante de Jerusalém, que os soldados do Cairo sitiavam e transportados em triunfo no meio dos soldados egípcios, que se vangloriavam de ter por aliada a nobre nação dos francos. À vista dêles, dizem as velhas crônicas, os turcos tomados de espanto, haviam aberto a porta da cidade aos invasores.

A multidão dos peregrinos recebeu com entusiasmo os enviados do exército cristão, dos quais já lamentava a morte ou o duro cativeiro. Interrogaram-nos sôbre os males que haviam padecido, sôbre os países que tinham percorrido, sôbre a cidade de Jesus Cristo que êles acabavam de ver; perguntava-se no acampamento qual a missão dos embaixadores do Egito, se êles traziam a paz ou a guerra. Êstes, admitidos ao conselho, depois de ter afirmado as disposições benévolas de seu senhor, acabaram por declarar em seu nome, que as portas de Jerusalém só se abririam aos cristãos desarmados. A essa proposta, que êles já tinham rejeitado no meio

das amarguras do cêrco de Antioquia, os chefes do exército cristão não puderam reter a indignação. Como única resposta, tomaram a deliberação de apressar a marcha para a terra santa e ameaçaram os embaixadores dos egípcios de levar suas armas até às margens do Nilo.

Os cruzados, então, só pensaram nos preparativos para a partida. O acampamento onde tinham sofrido tantos males foi incendiado no meio de vivas aclamações de entusiasmo e de alegria. Sòmente Raimundo ficou indignado por terem levantado o cêrco de Archas, e quando o exército cristão se afastava de uma cidade que êle queria submeter às suas armas, êle seguiu, lamentando-se e murmurando, seus companheiros, que só tinham a preocupação de libertar Jerusalém.

LIVRO QUARTO

MARCHA PARA JERUSALÉM. — CÊRCO DA CIDADE SANTA. — BATALHA DE ASCALON. — NOVA CRUZADA. — CONSIDERAÇÕES.

1099-1101

Os cruzados continuam sua marcha para Jerusalém; perfeita regularidade em seus movimentos; itinerário; entusiasmo que explode no exército quando avistam Jerusalém; notícia histórica sôbre a cidade de Davi; meios de defesa dos sarracenos; encontro com o inimigo; ataque e cêrco; fatos dolorosos dos cristãos fugitivos; insucesso no primeiro assalto; a falta de água e de víveres paralisa as operações; os genoveses trazem um socorro inesperado; cortam-se árvores para se construírem máquinas; Tancredo e Raimundo abjuram às suas inimizades recíprocas; discurso de Pedro o Eremita ante as profanações cometidas pelos inimigos; preparativos para um ataque geral.

Lembremo-nos de que Antioquia tinha visto diante de suas muralhas mais de trezentos mil cruzados em armas. Duzentos mil tinham sido ceifados pelos combates, pela miséria e pelas doenças. Um grande número de peregrinos não tinha podido suportar as fadigas da guerra santa, e, perdendo a esperança de ver Jerusalém tinha voltado ao Ocidente. Muitos tinham fixado sua residência em Antioquia, em Edessa, ou em outras cidades que êles tinham libertado da dominação dos infiéis. O exército que devia conquistar os santos lugares, tinha apenas sob suas bandeiras, cinqüenta mil combatentes.

No entretanto, os chefes não hesitaram em continuar a sua emprêsa. Os guerreiros que ainda lhes restavam tinham resistido a tôdas as provações. Não arrastavam mais empós de si, uma multidão inútil e embaraçante. Menos era numeroso, menos se tinha que temer a indisciplina, a licença e a carestia. Fortificados de algum modo pelas perdas, eram talvez mais temíveis do que no comêço da guerra. A lembrança de seus feitos sustentava-lhes a confiança e a bravura e o terror que suas armas inspi-

ravam podia fazer o Oriente acreditar que êles ainda possuíam um exército inumerável.

Depois de ter vencido o emir de Trípoli numa batalha sangrenta e de tê-lo obrigado a comprar por um tributo, a paz e a salvação de sua capital, todos os cruzados puseram-se em marcha para Jerusalém. Era o fim de maio; os adornos da primavera e os tesouros do verão cobriam os campos que se estendem entre o mar da Fenícia e as montanhas do Líbano. Messes de trigo e de cevada, já se douravam ao sol da Síria, numerosos rebanhos espalhavam-se pelos vales ou pelo declive das colinas; laranjeiras, romeiras, cujos frutos maduros lhes anunciavam a terra da promissão; a água abundante, os campos cobertos de grandes oliveiras e amoreiras, as palmeiras, que os cruzados encontravam pela primeira vez em seu caminho, tôdas as riquezas de um solo fecundo desdobravam-se aos olhos do exército, que tinha passado pelos tristes panoramas de regiões estéreis e que tinha conhecido o tormento da fome. O entusiasmo dos guerreiros da cruz reanimava-se à vista daquele Líbano de que a Escritura louva a glória, e sem dúvida mais de um peregrino procurava com os olhos, naquelas montanhas, as águias e os cedros tão famosos.

Entre as produções dos rios da Fenícia, uma planta cujo suco era mais doce que o mel, atraiu principalmente a atenção dos cruzados. Era a cana de açúcar, cultivada em várias províncias da Síria e

principalmente no território de Trípoli, onde se havia encontrado o meio de lhe extrair a substância, que os habitantes chamam de *açúcar, (zucra)*. Segundo Alberto d'Aix, ela tinha sido de grande auxílio aos cristãos perseguidos pela miséria no cêrco de Marrah e de Archas. Essa planta que é hoje uma produção tão importante no comércio, até então não era conhecida no Ocidente. Os peregrinos levaram-na para a Europa; no fim das cruzadas, foi levada para a Sicília e à Itália e os sarracenos introduziram-na no reino de Granada, de onde os espanhóis transportaram-na, em seguida, para Madeira e às colônias da América.

O exército cristão seguia a costa marítima, onde podia ser provisto pelas frotas dos pisanos e dos genoveses e pela dos piratas flamengos. Havia, diz o monge Roberto, três caminhos para Jerusalém; um por Damasco, fácil e quase sempre plano; o outro pelo Líbano, difícil para os transportes e o terceiro pela costa marítima. Foi êste último que os guerreiros da cruz escolheram. Uma multidão de cristãos e de piedosos solitários que moram no Líbano, corriam para visitar seus irmãos do Ocidente, traziam-lhes víveres e os guiavam pelo caminho.

As crônicas contemporâneas sentem prazer em elogiar a ordem admirável que reinava nesse exército tantas vêzes agitado pela discórdia. Porta-estandartes marchavam à frente dos peregrinos; vinham depois os vários corpos do exército; no meio

dêles, estava a bagagem; o clero, a multidão do povo, sem armas, fechavam a marcha. As trombetas ressoavam sem cessar e as primeiras colunas, avançavam lentamente para que os peregrinos mais fracos pudessem seguir as bandeiras. Todos vigiavam, por sua vez, durante a noite; e, quando se tinha algum motivo de temor, todo o exército estava pronto para combater. Os que faltavam à disciplina eram castigados, instruíam-se os que não conheciam as leis; os chefes e os padres exortavam a todos os cruzados a se ajudar uns aos outros, a dar o exemplo das virtudes evangélicas; todos eram corajosos, pacientes, sóbrios, caridosos, ou *esforçavam-se por sê-lo*.

Os cruzados passaram pelas terras dos Botrys (hoje *Batroun*) *de Byblos*, (*Gebail*) atravessaram o Lycus (*Hahr-el-Kelb*) na sua foz. Era tal o temor que se espalhava à sua aproximação entre os muçulmanos, que êles não encontraram inimigos nos lugares onde, segundo a narração de uma testemunha ocular, *cem guerreiros sarracenos seriam suficientes para deter o gênero humano inteiro*. Depois de terem passado os desfiladeiros da foz do Lycus, o exército cristão encontrou uma marcha fácil no rico território de Berithe, (*Beirout*), viram Tiro e Sidon e descansaram nos risonhos jardins dessas antigas metrópoles, junto de suas belas águas. Os muçulmanos, fechados dentro das muralhas, mandaram provisões aos peregrinos, pedindo-lhes que respeitassem os

jardins e os pomares, adôrno e riqueza de seu país. Antes de chegar a Tiro, êles detiveram-se três dias nas margens do *Nar-Kasemieh,* num vale muito agradável. Lá foram atacados por serpentes ou insetos que são chamados de *tarentes* cuja picada causava-lhes um inchaço repentino, com dores insuportáveis e mortais. A vista dêsses répteis que êles afugentavam atirando-lhes pedras, ou fazendo rumor com os escudos, encheu os peregrinos de mêdo e de susto; mas o que os deveria assustar ainda mais; era o estranho remédio que os habitantes lhes indicaram e que, sem dúvida, foi para êles mais um motivo de escândalo do que meio de cura. Alguns soldados muçulmanos, saindo de Sidon, ousaram ameaçar os cruzados à sua partida, e tal era a disposição dos chefes do exército cristão, que não se serviram dêsse pretexto para se apoderar da cidade ou para arrancar algum tributo aos habitantes. Nada mais o podia afastar de sua grande emprêsa. A maior parte dos príncipes que a guerra tinha arruinado não procurava mais enriquecer, por meio da guerra e das conquistas; para manter os soldados, êles eram pagos pelo conde de Tolosa, que êles não estimavam. Essa espécie de rebaixamento custou muito à sua altivez; mas, à medida que êles se aproximavam da cidade santa, dir-se-ia que êles perdiam alguma coisa da sua ambição e de seu indomável orgulho e esqueciam suas pretensões e suas questões.

Os cristãos, seguindo sempre a orla marítima, deixaram atrás de si as montanhas e chegaram a uma planície de Tolemaida, hoje São João de Acre. O emir que governava essa cidade, pelo califa do Egito, mandou-lhes víveres e prometeu ir vê-los, quando estivessem de posse de Jerusalém. Como os cruzados não tinham intenção de atacar Tolemaida, receberam com alegria a submissão e as promessas do emir egípcio; mas o acaso fê-los bem depressa saber que o governador da cidade tinha apenas a intenção de afastá-los de sua cidade e de seu território e suscitar-lhes inimigos no país que êles iam atravessar. O exército cristão, depois de se ter afastado dos campos de Tolemaida, deixara Caifa à direita e pudera contemplar o Carmelo; haviam acampado perto do lago de Cesaréia, quando uma pomba, escapando das garras de uma ave de rapina, caiu sem vida no meio dos soldados cristãos. O bispo de Apt apanhou a ave e encontrou debaixo de uma das asas uma carta escrita pelo emir de Tolemaida ao de Cesaréia: "A raça maldita dos cristãos, dizia o emir, acaba de atravessar o meu território; ela vai passar pelo vosso; que todos os chefes das cidades muçulmanas sejam avisados de sua marcha e que tomem as medidas para esmagar nossos inimigos." Esta carta foi lida no conselho dos príncipes e na presença de todo o exército. Os cruzados, ante a narração de Raimundo d'Agiles, testemunha ocular, demonstraram sua surprêsa e sua

alegria, e não duvidaram mais, de que Deus não deixaria de proteger a sua emprêsa, pois lhes mandava pássaros do céu, para lhes revelar os segredos dos infiéis.

Cheios de um novo entusiasmo, continuaram seu caminho, afastaram-se das costas marítimas e deixaram à direita Antipátrida e Joppé; avançaram através de uma vasta planície e chegaram a Lydda, a antiga Dióspolis, célebre pelo martírio de S. Jorge. Lembremo-nos de que S. Jorge era o patrono dos guerreiros cristãos e que muitas vêzes tinham julgado vê-lo, no meio das lutas, combatendo com êles contra os infiéis. Os cruzados deixaram em Lydda um bispo e padres para servir no altar do ilustre mártir e consagraram-lhe os dízimos de tôdas as riquezas tiradas aos muçulmanos. Apoderaram-se em seguida de Ramla, cidade que não está citada na Escritura Sagrada, mas que os cruzados deveriam tornar famosa. Reunidos nessa cidade que tinham achado sem habitantes, os cruzados estavam a apenas dez léguas de Jerusalém. Ter-se-á alguma dificuldade em crer no que vamos relatar. Êsses magnânimos guerreiros, que tinham vencido tantos perigos e subjugado tantos povos, para chegar até os muros da cidade santa, reuniram-se então, para saber se iriam sitiar Cairo ou Damasco. Não vendo mais em redor de si aquela multidão de soldados, que tinham conquistado Antioquia e Nicéia, a esperança da vitória pareceu abandoná-los por um ins-

tante; os perigos e as desgraças que os esperavam às portas da cidade prometida às suas armas, vieram de repente subverter-lhe os planos e com relação à última prova, êles pareciam dizer, no fundo do coração, como o Homem-Deus, no momento de terminar seu doloroso sacrifício, *que êsse cálice se afaste de mim!* No entretanto, a lembrança de seus feitos, os sentimentos que a vizinhança dos santos lugares lhes devia inspirar, venceram suas hesitações, e, a uma voz, os chefes resolveram continuar a marcha para Jerusalém.

Enquanto o exército cristão avançava, os muçulmanos que habitavam nas margens do Jordão, nas fronteiras da Arábia e nos vales de Siquém, corriam à capital da Palestina, uns para defendê-la com armas na mão, outros para aí buscar um asilo, com suas famílias e seus rebanhos. À sua passagem, os cristãos do país eram cumulados de ultrajes e carregados de ferros; os oratórios, as igrejas eram entregues ao saque e às chamas. Tôdas as regiões vizinhas de Jerusalém apresentavam o espetáculo da desolação; os campos e as cidades reboavam por tôda parte com o tumulto e as ameaças da guerra.

Partindo de Ramla e de Lydda, os cruzados aproximaram-se das montanhas da Judéia. Essas montanhas, sôbre as quais Jerusalém está situada, não são como o Taurus ou o Líbano; os cumes azulados que o sol parece ter privado de sua côr rosada, são despidos de verdura e sem sombras; essas solidões

áridas não têm outros habitantes que o javali e a gazela, a águia e o abutre. Sua fisionomia tem alguma coisa das tristezas de Israel e lembra aos viajantes a poesia austera e melancólica dos profetas. É principalmente do lado de leste e do lado do sul que a região de Jerusalém oferece ao viajante o seu aspecto pálido e despido; o lado do oeste, por onde chegavam os guerreiros da cruz, tem colinas cobertas de arbustos e alguns bosques de oliveiras anunciam a aproximação de algumas aldeias pobres.

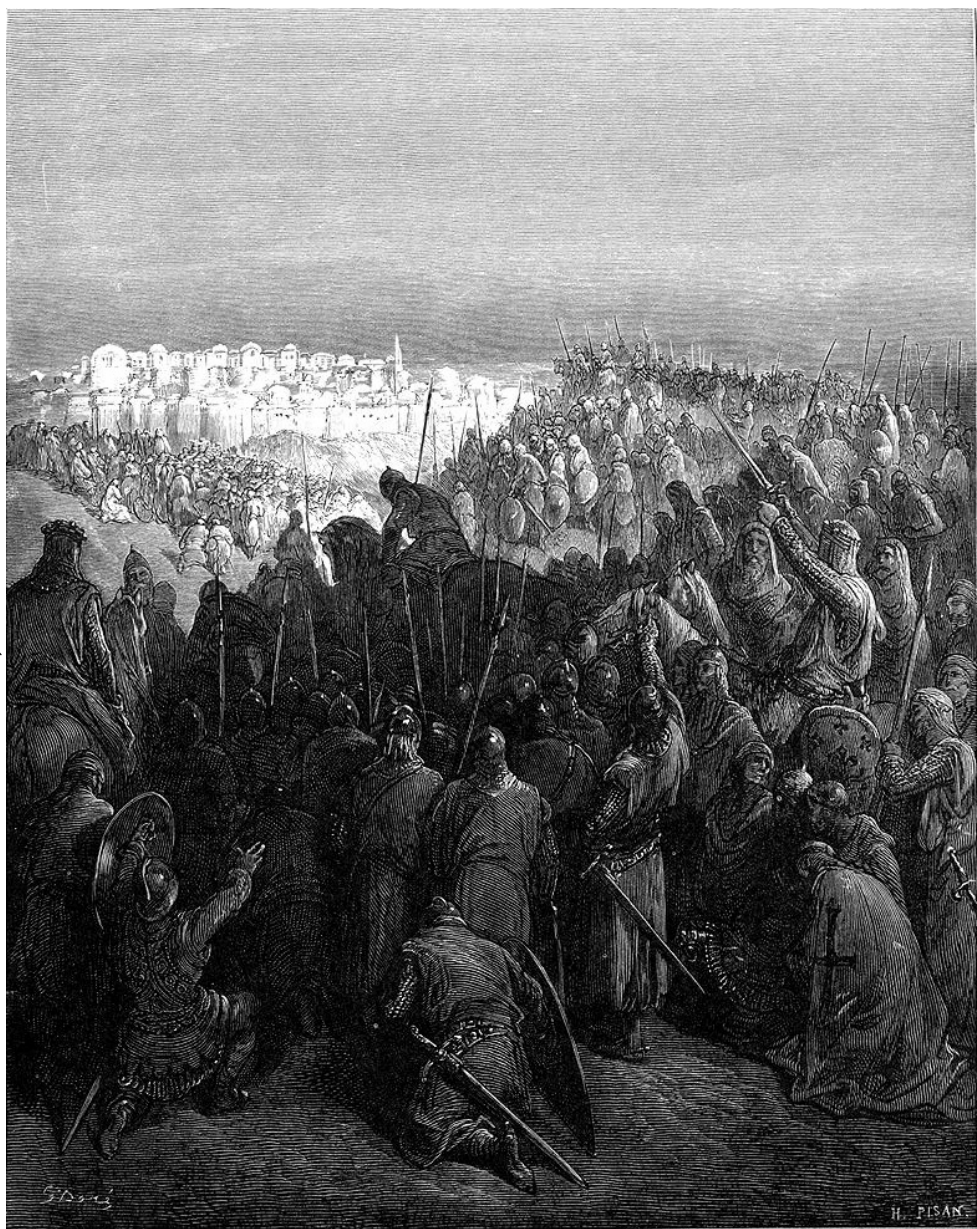
O exército cristão avançava num vale estreito, entre duas montanhas queimadas pelos raios do sol; o caminho que seguiam tinha sido cavado pelas torrentes, as chuvas tempestuosas ali haviam amontoado rochas, destacadas das montanhas. Montes de areia, abismos abertos pela rapidez das águas, fechavam às vêzes o caminho. Nessas passagens difíceis, a menor resistência dos muçulmanos poderia vencer a multidão dos peregrinos, e, se ali não encontraram inimigos, tiveram que pensar, que o mesmo Deus lhes entregava as avenidas da cidade santa.

Depois de ter marchado desde a aurora, o exército dos cruzados chegou, pela tarde, à cidade de Anathot, que Guilherme de Tiro chama erradamente de Emaús. Anathot estava situada num vale irrigado por uma nascente abundante; os cruzados resolveram aí passar a noite. Foi quando receberam notícias de Jerusalém, que estava a apenas seis milhas de distância; cristãos fugitivos contavam que as

coisas estavam perigosas na Galiléia, na região de Naplusa e nas vizinhanças do Jordão; os muçulmanos corriam com seus rebanhos para a cidade santa; à sua passagem, queimavam as igrejas, saqueavam as casas dos cristãos. Os chefes do exército receberam então uma embaixada dos fiéis de Belém, que mandavam pedir auxílio contra os turcos. Godofredo recebeu os legados e fêz Tancredo partir imediatamente com cem cavaleiros armados de couraças. Os cruzados foram recebidos em Belém com as aclamações e as bênçãos do povo; visitaram, cantando cânticos da libertação, a gruta onde nasceu o Salvador; o bravo Tancredo mandou arvorar seu estandarte sôbre a santa metrópole, na hora mesma em que o nascimento de Jesus tinha sido anunciado aos pastôres da Judéia.

Ninguém conseguiu dormir naquela noite, passada em Anathot. Um eclipse da lua espalhou de repente as trevas mais densas. A lua mostrou-se depois, como encoberta por um véu ensangüentado e os peregrinos foram tomados de terror, mas os que — *conheciam a marcha e os movimentos dos astros* — diz Alberto d'Aix, tranqüilizaram os companheiros, dizendo-lhes que um eclipse do sol teria sido muito mais funesto para os cristãos, mas que um eclipse da lua anunciava a destruição dos infiéis. Desde o raiar do dia, já todos estavam em marcha. Os cruzados deixaram à direita o castelo de Modin, famoso pela sepultura dos Macabeus; mas aquelas

ruínas veneráveis mal lhes puderam atrair a atenção, tanto os preocupava a cidade de Jerusalém. Atravessaram sem parar, o vale do Terebinto, celebrado pelos profetas; atravessaram a mesma torrente onde Davi apanhou cinco seixos com os quais derrubou o gigante Golias; à direita e à esquerda elevavam-se montanhas onde haviam acampado os exércitos de Israel e os dos filisteus; tôdas essas lembranças históricas eram inúteis para os guerreiros da cruz. Depois que venceram a última montanha que os separava da cidade santa, de repente Jerusalém apareceu diante dêles. Os primeiros que a viram exclamaram com transportes de alegria: *Jerusalém! Jerusalém!* Essa palavra voava de bôca em bôca, de fileira em fileira, e ressoava de vale em vale até onde se encontrava ainda a retaguarda dos cruzados. "Ó bom Jesus, diz o monge Roberto, testemunha ocular, quando os cristãos viram a cidade santa, quantas lágrimas correram de seus olhos". Uns desceram dos cavalos e se puseram de joelhos, outros, beijavam a terra pisada pelo Salvador, soltando longos suspiros, muitos atiraram por terra suas armas e estenderam os braços para a cidade de Jesus Cristo: todos repetem ao mesmo tempo: — *Deus o quer! Deus o quer!* — e renovam o juramento que fizeram tantas vêzes de libertar Jerusalém.

A história nos dá poucas notícias positivas sôbre a fundação e a origem de Jerusalém. A opinião comum é que Melquisedec, que é chamado rei de

Entusiasmo dos Cruzados à vista de Jerusalém.

Salem, na Escritura, lá havia fixado sua residência. Foi em seguida a capital dos jebuseus, o que lhe fêz dar o nome de *Jebus.* Do nome de Jebus e do de Salem, que significa *visão* ou *morada da paz,* formaram o nome de Jerusalém, que a cidade teve sob os reis de Judá.

Desde a mais remota antigüidade, Jerusalém não perdia em magnificência para nenhuma cidade da Ásia. Jeremias chama-a *cidade admirável* — por causa da sua beleza: Davi chama-a a — *mais gloriosa e a mais ilustre das cidades do Oriente.* Pela natureza de sua legislação, tôda religiosa, mostrou sempre um invencível apêgo às suas leis; mais freqüentemente estêve em luta contra o fanatismo de seus inimigos e de seus próprios habitantes. Seus fundadores, diz Tácito, tendo previsto que a oposição dos costumes seria uma fonte de guerras, tinham pôsto tôda a sua solicitude em fortificá-la e nos primeiros tempos do império romano era uma das praças mais fortes da Ásia.

Jerusalém, chamada pelos muçulmanos de a *Santa, Casa Santa, a Nobre,* formava no tempo das cruzadas, como hoje, um quadrado, mais longo que largo, de uma légua de perímetro. Encerra em seu recinto quatro colinas, que são como outros tantos movimentos do terreno, através a extensão da cidade; o *Moriah* onde a mesquita de Omar ocupa uma porção do edifício do templo de Salomão, o *Golgota,* sôbre o qual se eleva a igreja da Ressurreição,

o *Bezetha,* o *Acra.* Sòmente uma metade do monte Sion está encerrada nos muros de Jerusalém, do lado do sul. No tempo dos reis hebreus a cidade santa tinha maior extensão; na época de sua reconstrução por Adriano, depois das desgraças da conquista perdeu sua antiga muralha ao sul, a oeste e ao norte. O monte das Oliveiras domina Jerusalém do lado do oriente; entre o monte e a cidade, o vale de Josafat se apresenta como um grande barranco no fundo do qual está a torrente de Cedron.

Como Jerusalém, sob a dominação dos muçulmanos, excitava contìnuamente a ambição dos conquistadores e cada dia novos inimigos disputavam-lhe a posse, não se haviam descuidado de fortificá-la. Os egípcios, que acabavam de dominar os turcos preparavam-se para defendê-la não mais contra os guerreiros que êles tinham vencido, mas contra inimigos que as defesas de Antioquia e inúmeros exércitos não tinham podido conter em sua marcha vitoriosa.

À aproximação dos cruzados, o lugar-tenente do califa Iftikhar-édaulé, tinha feito encher as cisternas e se tinha rodeado de um deserto, onde os cristãos deviam se encontrar como prêsas de todo o gênero de misérias. Os víveres, as provisões necessárias para um longo cêrco, tinham sido transportadas para a praça. Um grande número de operários ocupavam-se dia e noite em cavar fossos, consertar as tôrres e as muralhas. A guarnição era de qua-

renta mil homens; vinte mil habitantes tinham tomado as armas. Os imans percorriam as ruas, exortando o povo a defender a cidade; sentinelas vigiavam sem cessar nos minaretes, nas muralhas de Jerusalém e no monte das Oliveiras.

Na noite que precedeu à chegada dos cruzados, vários guerreiros egípcios avançavam contra os cristãos. Balduino de Bourg, com seus cavaleiros foi-lhes ao encontro; Tancredo veio em seu auxílio, quando êle se viu em dificuldades por causa do número. Tancredo vinha de volta de Belém. Depois de ter perseguido o inimigo até às portas da cidade santa, o herói normando deixou seus companheiros e foi sòzinho ao monte das Oliveiras, de onde contemplou com sossêgo e à vontade a cidade prometida às armas e à devoção dos peregrinos. Foi perturbado na sua piedosa contemplação por cinco muçulmanos que sairam da cidade e vieram atacá-lo. Tancredo não procurou evitar o combate; três dos assaltantes caíram sob seus golpes e os outros dois fugiram para a cidade. Sem apressar nem diminuir a marcha, Tancredo foi em seguida reunir-se ao grosso do exército que, no seu entusiasmo, avançava sem ordem e se aproximava da cidade santa, cantando as palavras de Isaías: *Jerusalém, ergue os olhos e vê o libertador que vem quebrar teus grilhões.*

Logo no dia seguinte, à chegada, os cruzados começaram a preparar o cêrco da praça. Uma esplanada coberta de oliveiras estende-se do lado

setentrional; lá, o terreno apresenta uma superfície unida; é o lugar, em redor da cidade, que mais se presta para o acampamento de um exército. Godofredo de Bouillon, Roberto, conde de Normandia, Roberto, conde de Flandres, ergueram suas tendas no meio dessa esplanada; seu acampamento estendia-se entre a gruta de Jeremias e os sepulcros dos reis. Êles tinham diante de si a porta agora chamada porta de Damasco e a pequena porta de Herodes, hoje fechada. Tancredo levantou sua tenda à direita da de Godofredo e da dos dois Robertos, no terreno que está a noroeste das muralhas. Depois do acampamento de Tancredo, vinha o de Raimundo, conde de Tolosa, diante da porta do poente. Suas tendas cobriam as elevações chamadas agora, colina de S. Jorge, separadas das muralhas pelo estreito vale de Rafain e por uma vasta piscina. Essa posição não lhe permitia concorrer ùtilmente ao cêrco; foi o que os levou a transportar uma parte de seu acampamento para o lado meridional da cidade, sôbre o monte Sion, no mesmo lugar onde Jesus Cristo tinha celebrado a Páscoa com seus discípulos. Então, como hoje, a parte do monte Sion que não estava situada dentro da cidade, apresentava pouca extensão. Os cruzados que ali se haviam estabelecido podiam ser alcançados pelas flechas lançadas do alto das tôrres e das muralhas. As disposições militares dos cristãos deixavam livres os lados da cidade, defendidos ao sul pelo vale de Gihon ou de Siloé,

ao oriente pelo vale de Josafat. A cidade santa então foi visitada apenas pela metade pelos peregrinos. Havia-se sòmente estabelecido no alto do monte das Oliveiras um pôsto de sentinela.

Em redor de Jerusalém, cada passo que os peregrinos davam, despertava-lhes uma lembrança querida à religião. Nesse território reverenciado pelos cristãos, todos os vales e rochedos tinham seu nome na história sagrada. Tudo o que êles viam, despertava ou inflamava-lhes o entusiasmo. Mais que tudo não podiam afastar seus olhos da cidade santa e lamentavam o estado de rebaixamento em que ela tinha caído. Outrora, tão soberba parecia sepultada em suas próprias ruínas e podia-se então, para nos servirmos de palavras de José, perguntar em Jerusalém mesma, onde estava Jerusalém. Com suas casas quadradas, sem janelas, encimadas por um terraço plano, ela se oferecia aos olhos dos cruzados como uma massa enorme de pedras fincada entre os rochedos. Viam-se, cá e lá, no seu interior, alguns ciprestes, palmeiras, entre as quais erguiam-se campanários, no bairro dos cristãos e mesquitas, no dos infiéis. Nos vales e nos outeiros próximos da cidade, que as antigas tradições representavam cobertas de jardins e de bosques, mal cresciam oliveiras esparsas e arbustos espinhosos. O aspecto dêsses campos estéreis, dêsses rochedos fendidos, dêsse solo pedregoso e avermelhado, dessa natureza, queimada pelo sol, apresentava por tôda a parte,

aos peregrinos a imagem de luto e misturava uma tristeza sombria aos seus sentimentos religiosos. Parecia-lhes ouvir a voz dos profetas que tinham anunciado a escravidão e as desgraças da cidade de Deus, e, no auge de sua devoção, êles se julgavam chamados para restituir-lhe o brilho e o esplendor.

A chegada de um grande número de cristãos, vindos de Jerusalém, para se juntarem aos cruzados, animou-lhes ainda mais o zêlo pela libertação da cidade santa. Privados de seus bens, expulsos de suas casas, vinham procurar asilo e socorro entre seus irmãos do Ocidente. Narravam as perseguições que os muçulmanos haviam movido a todos os que adoravam a Jesus Cristo. As mulheres, as crianças, os velhos, eram conservados como reféns; os homens, em condições de pegar em armas, eram condenados a trabalhos que sobrepujavam suas fôrças. O chefe do principal albergue dos peregrinos tinha sido pôsto a ferros com um grande número de cristãos. Haviam saqueado os tesouros das igrejas para a manutenção dos soldados muçulmanos. O patriarca Simeão tinha ido à ilha de Chipre, para ali implorar a caridade dos fiéis e salvar seu rebanho, ameaçado de destruição, se êles não pagassem um enorme tributo impôsto pelos opressores da cidade santa. Todos os dias os cristãos de Jerusalém eram oprimidos por novos ultrajes e muitas vêzes os infiéis

tinham ameaçado entregar ao fogo e destruir completamente o santo sepulcro e a igreja da ressurreição.

Os cristãos fugitivos, fazendo aos cruzados estas dolorosas revelações, exortavam-nos a atacar o mais depressa possível Jerusalém. Desde os primeiros dias do cêrco, um solitário, que tinha pôsto o seu retiro no monte das Oliveiras, veio unir suas orações às dos cristãos, expulsos da cidade e rogou aos cruzados, em nome de Jesus Cristo, de quem se dizia intérprete, que dessem um assalto geral. Êstes, que não tinham nem escadas, nem máquinas de guerra, aceitaram os conselhos do piedoso eremita e julgaram que sua coragem e suas espadas seriam suficientes para derrubar a muralha dos inimigos. Os chefes, que tinham visto tantos prodígios operados pelo valor e pelo entusiasmo dos soldados cristãos e que não haviam se esquecido das longas misérias do cêrco de Antioquia, sem dificuldade cederam à impaciência do exército; além disso, a vista de Jerusalém tinha inflamado os cruzados de um ardor que se poderia julgar invencível e os menos crédulos não duvidaram de que Deus protegeria a sua coragem por meio de milagres.

Ao primeiro sinal, o exército cristão avançou em ordem, para as muralhas. Uns, reunidos em batalhões cerrados, cobriam-se com os escudos, que formavam por sôbre suas cabeças uma abóbada impenetrável; êles procuravam derrubar as muralhas a golpes de lanças e de martelos, enquanto os outros,

enfileirados, ficaram à distância usando a funda e a arbaleta. O óleo e o pixe ferventes, grandes pedras, enormes pedaços de madeira, caíram sôbre os primeiros soldados. Nada podia intimidar a coragem dos cruzados. Já os primeiros anteparos tinham ruído sob seus golpes; mas a muralha interior oferecia-lhes um obstáculo invencível. Havia uma única escada que mal chegava à altura dos muros; mil bravos disputam a honra de por ela subir e alguns dentre êles, chegando ao alto da muralha, combatem corpo a corpo, com os egípcios, que não podem compreender o prodígio de tão grande coragem. Sem dúvida os cruzados teriam entrado naquele mesmo dia em Jerusalém, se tivessem tido os instrumentos e as máquinas necessárias: mas os inimigos não tardaram em voltar a si do espanto: o céu não fêz os milagres esperados, nem prometidos pelo solitário; os primeiros combatentes, vencidos pelo número, não puderam ser socorridos por seus companheiros e encontraram uma morte gloriosa nos muros que tinham escalado.

Os cristãos voltaram ao acampamento deplorando a imprudência e a credulidade, que haviam demonstrado. Êsse primeiro revés ensinou-lhes que não deviam contar sempre com prodígios e que lhes era necessário antes de tudo construir máquinas de guerra. Mas era difícil encontrar a madeira de que precisavam num país onde só havia desertos e montes estéreis. Vários grupos de homens foram mandados

à procura do material. O acaso os fêz encontrar, no fundo de uma caverna, grandes pedaços de madeira, que foram levados para o acampamento. Demoliram-se várias casas e mesmo as igrejas dos arredores que não tinham sido incendiadas e tôda a madeira que fôra poupada às devastações do inimigo, foi empregada na construção das máquinas.

No entretanto, as dificuldades do cêrco e o trabalho empregado não correspondiam à impaciência dos cruzados e não podiam prevenir os males que ameaçavam ainda o exército cristão. O grande calor do verão começara no momento em que os peregrinos tinham chegado a Jerusalém. A torrente do Cedron estava sêca; tôdas as cisternas da vizinhança estavam ou entulhadas ou envenenadas. A fonte de Siloé, que corria a intervalos, não bastava para a multidão dos peregrinos. Sob um céu de fogo, no meio de uma região árida, o exército cristão viu-se bem depressa tomado dos horrores da sêde.

Foi então que os chefes e os soldados só tiveram um pensamento, procurar a água indispensável. A multidão dos peregrinos com perigo de cair nas mãos dos muçulmanos, andava dia e noite pelos montes e vales; quando encontravam uma fonte ou uma cisterna, para lá corriam todos e apertavam-se sôfregamente, muitas vêzes disputando com armas na mão algumas gôtas de água barrenta. Os habitantes da região traziam ao acampamento odres cheios de uma água, que tinham haurido em velhas

cisternas ou nos pantanais; a multidão ansiosa apertava-se em redor dêles e os mais valentes dos peregrinos davam duas moedas para obter uma bebida fétida, onde havia vermes de doenças perigosas e sanguessugas, que lhes causavam doenças mortais. Quando se apresentava aquela água aos cavalos, êles a cheiravam e mostravam logo o desagrado, rejeitando-a com um sôpro forte das narinas. Longe, das verdes pastagens, tristemente estendidas sôbre o solo poeirento dos campos, êles não se entusiasmavam mais ao som do clarim e não tinham fôrças para sustentar seus cavaleiros nos combates. Os animais de carga abandonados a si mesmos, pereciam miseràvelmente, e seus cadáveres, apodrecidos repentinamente, espalhavam pelo ar exalações venenosas.

Cada dia trazia novos males aos que já atormentavam os cruzados. Todos os dias o calor do meio-dia tornava-se mais ardente; a aurora não tinha orvalho, a noite não tinha frescor. Os mais robustos guerreiros definhavam imóveis em suas tendas, implorando as tempestades ou os milagres, com que o Deus de Israel tinha feito jorrar a água fresca dos rochedos do deserto. Todos amaldiçoavam o céu estrangeiro, cujo primeiro aspecto os tinha enchido de alegria e desde o comêço do cêrco parecia derramar sôbre êles tôdas as chamas do inferno; os mais fervorosos admiravam-se sobretudo por sofrerem assim, à vista da cidade da salvação; mas nada perdendo de seu entusiasmo e não buscando outra

coisa que a morte, às vêzes êles eram vistos correr para as muralhas da cidade de Deus e beijar com transportes, as pedras insensíveis, exclamando com voz entrecortada de soluços: *Jerusalém! recebe nosso último suspiro, que tuas muralhas caiam sôbre nós e que a santa poeira que te rodeia cubra nossos ossos.*

A calamidade da sêde era tão grande, que mal se percebia a falta de víveres. Todos os gêneros de miséria se haviam reunido para oprimir os cruzados. Se os egípcios, então, tivessem atacado o exército cristão, teriam fàcilmente triunfado sôbre êles; mas o Oriente não havia esquecido as brilhantes vitórias dos soldados da cruz e essa lembrança os protegia em suas misérias. Conheceram êles um momento de desespêro, jamais, porém, o temor. Sua segurança heróica no meio de tantos males e perigos fê-los respeitados por seus inimigos, que temiam ainda a sua presença, julgando-os sempre invencíveis.

Enquanto os cristãos deploravam sua miséria e principalmente se entristeciam por não terem muitas máquinas de guerra para dar um assalto, chegou-lhes de repente um auxílio com que não contavam. Souberam que uma frota genovesa tinha entrado no pôrto de Joppé, carregada de munições e de provisões de tôda espécie. Essa notícia despertou um pouco a alegria entre os peregrinos. Um grupo de trezentos homens, comandados por Raimundo Belet, partiu do acampamento para ir ter com o comboio

que o céu parecia mandar ao exército cristão. Êsses trezentos cruzados, depois de ter, nas vizinhanças de Lidda, batido e dispersado os muçulmanos, entraram na cidade de Joppé, abandonada por seus habitantes. A frota cristã tinha sido surpreendida e incendiada pela dos infiéis, mas haviam tido tempo de retirar muitos víveres e uma grande quantidade de instrumentos próprios para a construção de máquinas de guerra; tudo o que se pôde salvar foi transportado para o acampamento dos cristãos; atacados várias vêzes pelos infiéis, puderam, porém, chegar até às muralhas de Jerusalém, seguidos por um grande número de carpinteiros e engenheiros genoveses, cuja presença despertou bastante a emulação e a coragem dos cruzados.

Como não tinham madeira suficiente para a construção das máquinas, um sírio, segundo Guilherme de Tiro, ou o mesmo Tancredo, se acreditarmos em Raul de Caen, levou os cruzados a algumas léguas de Jerusalém, para a região da Samaria e território de Gaboan, famoso pelo milagre do sol, detido em seu curso. No tempo dos Juízes e dos reis de Israel, era de lá que se tirava a madeira para os sacrifícios do Templo; hoje, como no tempo dos hebreus, como no tempo das cruzadas, o país de Naplusa ou de Siquém, é ainda em vários lugares cheio de florestas. Ali, os cristãos encontraram a floresta de que fala Tasso na *Jerusalém Libertada;* não oferecia o aspecto misterioso e terrível que lhe

dá a imaginação do poeta italiano; os soldados da cruz lá penetraram sem temor algum e sem encontrar obstáculos. Os pinheiros, os ciprestes e os abetos não foram poupados pelos machados nem pelos encantamentos de Ismen, nem pelas armas dos muçulmanos. Os carros aos quais se haviam atrelado camelos, transportaram ao acampamento os abetos abatidos; à medida que a madeira ia chegando era empregada nos trabalhos do cêrco. Como os chefes não tinham dinheiro, o zêlo e a caridade dos peregrinos vieram em seu auxílio. Muitos ofereceram o que haviam conservado dos despojos do inimigo. Ninguém ficou inativo: os cavaleiros e os barões puseram-se também ao trabalho; todos os braços foram ocupados e tudo se movimentou no exército cristão. Enquanto uns construíam aríetes, catapultas e galerias cobertas, outros, levavam caibros de madeira; alguns iam buscar um pouco de água na fonte de Elpiro, no caminho de Damasco, na dos Apóstolos, além da cidade de Betânia, na fonte situada no vale que é chamado deserto de S. João, e numa outra fonte, que está a oeste de Belém, onde o diácono São Felipe batisou, diz-se, o escravo de Candace, rainha da Etiópia. Alguns preparavam as peles tiradas dos animais de carga, que tinham morrido de sêde, para cobrir as máquinas e prevenir os efeitos do fogo; outros percorriam as planícies e os montes vizinhos, e ajuntavam, para fazer feixes, galhos de figueira, de oliveira, e arbustos da região.

Embora os cristãos ainda tivessem muito que sofrer de fome e de sêde, do calor da estação e do clima, a esperança de ver logo terminarem seus males dava-lhes fôrça para suportá-los. Os preparativos do ataque apressavam-se com incrível rapidez. Todos os dias erguiam-se máquinas formidáveis que ameaçavam as muralhas dos muçulmanos. A construção era dirigida por Gastão de Béarn, de quem os historiadores louvam a bravura e a habilidade. Dentre essas máquinas, notavam-se três enormes tôrres, de nova estrutura: cada uma delas tinha três andares, o primeiro destinado aos operários que lhe dirigiam os movimentos; o segundo e o terceiro aos guerreiros que deviam dar o ataque. Essas três fortalezas rolantes eram muito mais altas que as muralhas da cidade sitiada. Haviam-lhes adaptado no vértice, uma espécie de ponte levadiça, que se podia fazer descer sôbre a muralha e que devia abrir caminho para se penetrar dentro da cidade.

Mas êsses poderosos meios de ataque não eram os únicos que iriam secundar os esforços dos cristãos; o entusiasmo religioso de onde haviam nascido tantos prodígios, devia ainda aumentar-lhes o ardor e preparar-lhes uma nova vitória. O clero espalhou-se pelos quarteirões, exortando os peregrinos à penitência e à concórdia. A miséria, que gera quase sempre as queixas e as murmurações, tinha-lhes exasperado o coração; tinha semeado a divisão entre os chefes e os soldados. Em outros tempos, os guer-

reiros cristãos teriam disputado entre si, cidades e províncias; agora disputavam as coisas mais comuns e tudo era para êles um motivo de inveja e de briga. Os mais respeitáveis dos bispos conseguiram restaurar o espírito de paz e de fraternidade entre os cruzados. O solitário do monte das Oliveiras, veio acrescentar suas exortações às do clero, e dirigindo-se aos príncipes e ao povo: "Vós que viestes, disse-lhes êle, das regiões do Ocidente para adorar a Jesus Cristo, em seu túmulo, amai-vos como irmãos e santificai-vos pelo arrependimento e pelas boas obras. Se obedecerdes às leis de Deus, Êle vos fará senhores da cidade santa; se lhe resistirdes, tôda Sua cólera cairá sôbre vós." O solitário aconselhou aos cruzados fazer uma procissão em redor de Jerusalém invocando a misericórdia e a proteção do céu.

Os peregrinos, persuadidos de que as portas da cidade sitiada, não se deviam menos abrir à devoção do que à bravura, escutaram com docilidade as exortações do Solitário e todos procuraram logo seguir seu conselho, que êles consideravam como sendo a voz mesma de Deus. Depois de três dias de rigoroso jejum, êles saíram com armas, de seus quarteirões, e marcharam, descalços, cabeça descoberta, para as muralhas da cidade santa. Eram precedidos por seus sacerdotes, vestidos de branco, que levavam as imagens dos santos e cantavam salmos e loas. Os estandartes estavam desfraldados, o rumor dos tímbalos e das trombetas ressoava ao longe. Assim

haviam feito os hebreus, outrora, à volta de Jericó, cujas muralhas se tinham desmoronado ao som de uma música belicosa.

Os cruzados, tendo partido do acampamento de Godofredo, ao norte da cidade santa, desceram ao vale de Josafá, passaram entre o túmulo da Virgem e o hôrto das Oliveiras e subiram em seguida o monte sagrado da Ascensão. Chegando ao cume do monte, um espetáculo assaz imponente se lhes antolhou; ao oriente, o Mar Morto desenhava-se no vale como um espelho brilhante e o Jordão como uma fita de prata. Os montes da Arábia estendiam-se no horizonte como muralhas azuladas; ao ocidente, os peregrinos puderam contemplar aos seus pés, Jerusalém e as pálidas colinas da Judéia. Reunidos no mesmo lugar de onde Jesus Cristo subiu ao céu, e no qual os cruzados julgavam ver ainda os vestígios de seus pés, êles ouviram as últimas exortações dos sacerdotes e dos bispos.

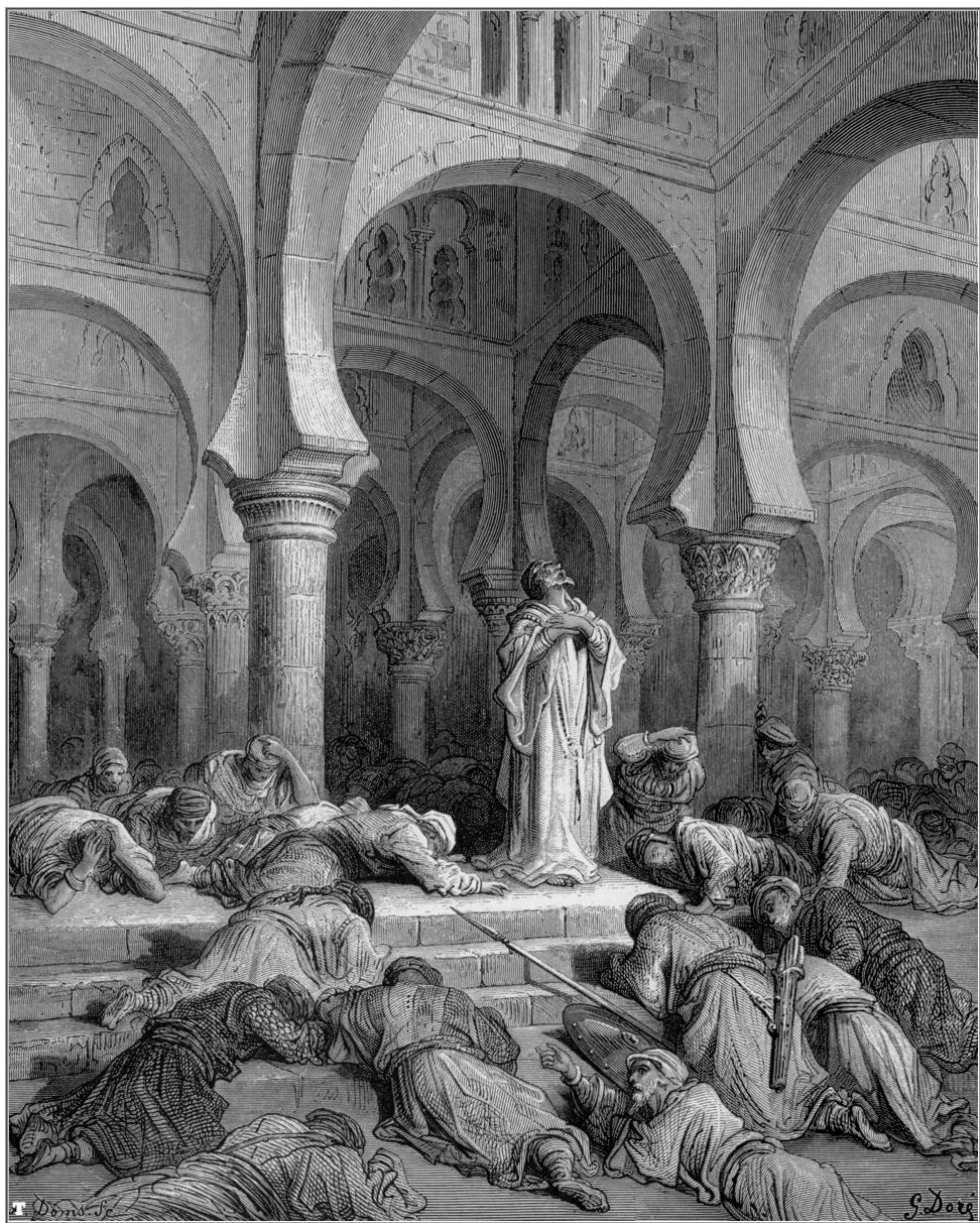
Arnould de Rohes, capelão do duque da Normandia, dirigiu-lhes um discurso patético e rogou-lhes que duplicassem o zêlo e a perseverança. Terminando seu discurso, êle se voltou para Jerusalém. "Vós vêdes, disse-lhes êle, a herança de Jesus Cristo, pisada pelos ímpios; eis enfim o prêmio digno de todos os vossos trabalhos e esforços; eis os lugares onde Deus vos perdoará todos os vossos pecados e abençoará as vossas vitórias." À voz do orador os

defensores da cruz humilhavam-se diante de Deus e punham seus olhos sôbre Jerusalém.

Arnould convidou-os, em nome de Jesus Cristo a esquecer as injúrias, a se amarem recìprocamente; Tancredo então, e Raimundo, que haviam tido graves rixas e dissensões, abraçaram-se na presença de todo o exército cristão. Os soldados e os outros chefes seguiram-lhes o exemplo. Os mais ricos prometeram aliviar com suas esmolas os pobres e os órfãos que levavam a cruz. Todos esqueceram suas discórdias fatais e juraram permanecer fiéis aos preceitos da caridade evangélica.

Enquanto os cruzados entregavam-se assim a transportes de piedade, os egípcios, reunidos nas muralhas de Jerusalém erguiam para o ar cruzes que êles profanavam com seus ultrajes, insultavam com gestos e clamores as cerimônias dos cristãos. "Estais ouvindo, disse-lhes depois Pedro o Eremita, estais ouvindo as ameaças e as blasfêmias dos inimigos do verdadeiro Deus. Jurai defender a Jesus Cristo perseguido, crucificado uma segunda vez pelos infiéis. Vêdes que Êle expira novamente sôbre o Calvário para resgatar vossos pecados." A estas palavras, o cenobita foi interrompido por gemidos e gritos de indignação. Todo o exército está impaciente por vingar os ultrajes feitos ao Filho de Deus. "Sim, eu juro, por vossa piedade, prosseguiu o orador, juro-o por vossas armas, o reino dos ímpios está tocando o seu têrmo. O exército do Senhor deve

aparecer e todo êsse vão amontoado de muçulmanos dissipar-se-á como a sombra. Hoje, ainda cheios de orgulho e de insolência, amanhã, vê-los-eis tomados de terror e sôbre êste Calvário de onde dareis o assalto, vê-los-eis diante de vós, como os guardas do sepulcro, que viram suas armas escapar-se-lhes das mãos, caindo mortos de terror, quando o tremor de terra anunciou a presença de um Deus ressuscitado. Ainda alguns momentos, e essas muralhas, por tanto tempo, abrigo de um povo infiel, tornar-se-ão a morada dos cristãos; essas mesquitas que se elevam sôbre ruínas cristãs, servirão de templos ao verdadeiro Deus e Jerusalém só ouvirá os louvores do Senhor."

A estas últimas palavras de Pedro, os mais vivos transportes explodem no meio dos cruzados; êles exortam-se recìprocamente a suportar juntos as fadigas e os males de que iriam, por fim, receber a gloriosa recompensa. Os cristãos descem do monte das Oliveiras para contemplar seu acampamento e, tomando o caminho do sul, atravessam o vale de Siloé, passam perto da piscina onde Jesus deu a vista a um cego de nascimento. Passam o monte de Sião, onde outras recordações lhes vêm aumentar o entusiasmo. Naquela piedosa marcha, o grupo dos peregrinos encontrou-se exposto aos dardos que os egípcios lançavam do alto de suas muralhas e vários, feridos mortalmente, morreram no meio de seus irmãos, bendizendo a Deus, e implorando sua justiça contra os inimigos da fé. À noite, o exército

Invocação a Maomé.

cristão chegou aos seus quarteirões repetindo estas palavras do profeta: *Os do Ocidente temerão o Senhor e os do Oriente verão sua glória.* Voltando ao acampamento, a maior parte dos peregrinos passou a noite em oração; os chefes e os soldados confessam seus pecados aos sacerdotes e recebem na Santa Comunhão, o mesmo Deus cujas promessas os enchiam de confiança e de esperança.

Enquanto o exército cristão assim se preparava para o combate, o mais profundo silêncio reinava em tôrno das muralhas de Jerusalém; esperava-se sòmente de hora em hora, os homens, que do alto das mesquitas da cidade, chamavam os muçulmanos à oração. Os infiéis corriam em massa aos templos para ali implorar a proteção do seu profeta; juravam pela pedra misteriosa de Jacó defender a cidade que êles chamavam de *casa de Deus.* Os egípcios e os cruzados tinham o mesmo desejo de combater e de derramar seu sangue; uns, para conservar Jerusalém, outros, para conquistá-la. O ódio que os animava era tão violento que, durante todo o cêrco, nenhum embaixador muçulmano veio ao acampamento dos cristãos e os cristãos não intimaram a guarnição a se entregar. Entre tais inimigos, o choque devia ser terrível e a vitória, implacável.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

ÍNDICE

LIVRO PRIMEIRO

Origem e progresso do espírito das Cruzadas (300 — 1095)

LIVRO SEGUNDO

Partida e marcha dos Cruzados no império grego através da Ásia Menor (1096 — 1097)

Continuação do LIVRO TERCEIRO

LIVRO QUARTO

Marcha para Jerusalém. — Cêrco da Cidade Santa. — Batalha de Ascalon. — Nova Cruzada. — Considerações.

(1099 — 1101)